

# TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

---

VOLUME XXI

Comemorativo do

CINQUENTENÁRIO DA SOCIEDADE

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO DE ALTA CULTURA,  
PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
E JUNTA DA PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL

---



PORTO — 1969

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

Trabalhos de Antropologia e Etnologia



# TRABALHOS

DE

# Antropologia e Etnologia

Publicação da  
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

Volume comemorativo do  
CINQUENTENÁRIO DA SOCIEDADE

---

VOLUME XXI

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO DE ALTA CULTURA,  
PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
E JUNTA DA PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL

---

PORTO

Sede da Sociedade: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

## Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1918-1968)

*Cinquenta anos na vida de uma Sociedade Científica, que, além de mais, leva publicados 20 volumes da sua revista, é facto que não podia deixar de ser condignamente assinalado.*

*Por isso o Conselho Director na sua reunião de 25-X-1967, considerando que tal efeméride não devia passar sem o merecido realce, resolveu que tal facto fosse assinalado com uma sessão solene de homenagem aos três Presidentes, Professores Luís Viegas, Mendes Correia e Hernâni Monteiro, que tanto a prestigiaram, e também com a publicação de um volume da revista da Sociedade.*

*A sessão solene não pôde realizar-se no dia 26 de Dezembro de 1968, data precisa do cinquentenário, pelo facto de tal dia cair em plenas férias de Natal.*

*Por isso, o ilustre Reitor da Universidade do Porto, Professor Manuel Correia de Barros e o Prof. Jaime Rios de Sousa, ilustre Director da nossa Faculdade de Ciências, onde a Sociedade tem a sua sede, acordaram que a sessão solene de homenagem aos três referidos Presidentes se fizesse no dia 7 de Janeiro de 1969.*

*A esta sessão solene se dignou presidir o senhor Reitor da Universidade e a ela assistiram, honrando-nos com a sua presença, alguns Professores da Faculdade de Ciências, com seus trajas académicos.*

*Para o volume consagrado ao cinquentenário foi pedida a colaboração dos sócios que, dada a sua actividade científica, se nos afigurou se prestariam a colaborar com trabalhos de cada uma das suas especialidades.*



*Àqueles que, gentilmente, corresponderam ao nosso convite, e enviaram os trabalhos que neste volume se publicam, os nossos agradecimentos.*

*A modesta situação económica da Sociedade obrigou-nos a solicitar ajudas indispensáveis à publicação do volume projectado.*

*Este volume é publicado mercê dos subsídios concedidos pela benemérita Fundação Calouste Gulbenkian (60 000\$00 esc.) do Instituto de Alta Cultura (17 500\$00 esc.) e da Junta Provincial do Douro Litoral (10 000\$00 esc.), pelo que lhes manifestamos o nosso agradecimento.*

*Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências da Universidade do PORTO  
30 de Junho de 1969*

O CONSELHO DIRECTOR

# DISCURSOS

# Sessão Solene Comemorativa do Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

*No dia 7 de Janeiro de 1969, no salão nobre da Faculdade de Ciências do Porto, às 21 horas, sob a Presidência do Magnífico Reitor da Universidade do Porto, realizou-se a sessão solene em que foi prestada homenagem aos três Presidentes da Sociedade, Profs. Luís Viegas, Hernâni Monteiro e Mendes Correia.*

*Foram oradores os Profs. Luís de Pina, Santos Júnior e Abel Tavares.*

*Pronunciaram os discursos que a seguir se publicam.*

## O Professor Luís Viegas, 1.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Não há dúvida que o Homem, neste infinito Universo, é bem a medida da todas as coisas ou, como dissera S. Paulo, «por um pequeno momento inferior aos Anjos». Daí o interesse cuidado, curiosidade, necessidade de conhecê-lo bem, pela Teologia e pela Ciência, em tantos dos seus ramos, da Arqueologia à Filosofia.

Pondo-se de banda o que a tal respeito se sabia entre os Gregos antigos e pelas eras fora até ao setecentismo, como no-lo aponta breve, mas ponderosamente, o sábio mestre de Cambrígia,

Alfred Haddon (1), atentemos no século XVIII em que Sperling ou Havorth e Tyson nos deram, entre mais, promissores estudos acerca do *Homo sapiens*, que Buffon, Lineu e Blumenbach ilustraram com saber ainda do nosso espanto, com este último investigador a perscrutar proficientemente o crânio e a face de exemplares da nossa espécie, como o garantem o seu *Decas collectionis suae craniorum diversarum gentium illustrata*.

Depois, ou pela mesma quadra do tempo, Barclay, Walter ou Serres, como Daubenton, Retzius ou Grattan, Meigs, Quatrefages, Broca ou Topinard, com Galton, Virchow, Hamy, White, Semmering, Purkinje e tantos outros, dedicaram a vários aspectos do corpo humano ou diferenças raciais importantes especulações.

Entre nós, as primícias datam do médio século de oitocentos, de que se evidenciam nomes como Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e Nery Delgado. Em 1885, como se sabe e só então, aparece entre as cátedras conimbricenses a de Antropologia.

Aqui, no Porto, a Sociedade Carlos Ribeiro, dois anos depois, criada e estimulada por estudantes, começaria os seus estudos nesse capítulo, em que se realçam os de Fonseca Cardoso, portuense que, como o lisboeta Ferraz de Macedo, serão afanosos bandeirantes, tal o haviam sido em 1880 os promotores e animadores do 9.º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia realizado em Lisboa.

Brevíssimas aí ficam as circunstâncias que muito mais tarde haveriam de inspirar alguns pesquisadores e estudiosos portuenses a começar especulações do género dessas que acabamos de expor.

*Era o ano de 1918, corridos quase século e meio depois dos estudos de Blumembach, que intitulou «De Generis Humani Varietate Nativa».*

\*

Serena e impressiva neste enquadramento paisagístico e histórico da Cordoaria, esta velha casa da Academia conta uma intranquila passagem da sua vida, em que se tentara suprimi-la dos então poucos dons culturais do burgo portuense. Conta-o excelen-

---

(1) Alfred Haddon. *History of Anthropology*. Londres, 1949.



PROF. DR. LUÍS VIEGAS

temente Magalhães Basto <sup>(2)</sup>, na crónica desta casa em que estamos, anos de vida dura, sobressaltada, mas impertérrita, indomável, tanto que sobreviveu a variados ataques demolidores. Vida heróica, em que, de 1762 a 1911 da primitiva Escola Náutica à Universidade — toda uma vida de sacrifício e de labor honroso — foi de tempos a tempos, enevoada por tudo aquilo que seria longo contar, mas que o sempre lembrado cronista portuense acentua no Cap. xv da sua obra, que intitulou «*Extinga-se a Academia Politécnica*», antecessora, como se disse, desta Universidade. Assim se pretendia, em celebrado e fúnebre *Projecto de Lei* de 3 de Fevereiro de 1854 do visconde de Vila Maior. *Nada menos do que se eliminar esta Escola Politécnica, a nossa Escola Médico-Cirúrgica (hoje Faculdade de Medicina) e a nossa Escola de Belas-Artes!*

Gritara logo bem alto contra esta hecatombe a Academia portuense como o provou a sua *Memória* concludentíssima de 1 de Maio desse ano. A vaga sufocante enrodilhou-se, esmoreceu na apreciada praia do bom senso. O nome de Parada Leitão, defensor proficientíssimo desta Academia estava entre os responsáveis do protesto justíssimo, deles o primeiro que o subscreveu e em boa parte o elaborara. É este, sem dúvida, um nome sobredoirado do tempo da legítima defesa de tão invicto templo de estudo. E quantos outros, de Venceslau de Lima, Azevedo Albuquerque, Bento Carqueja, Elvino de Brito e mais, nomeados pelas forças vivas da cidade, e, desta liça, cujos nomes não devem deixar de escrever-se a letras doiradas na História desta Casa onde, não muitos anos dobados, haveria de surgir, como se disse, a *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, que neste em que vivemos perfaz meio centénio de vida.

\*

E passemos, já, a meritório lanço da vida de Luís Viegas, como insigne dermatologista e sifilógrafo. Sabe-se que alguns dos lusos médicos antigos roçavam o seu saber e a sua curiosidade nos arcanos, então obscuríssimos, das doenças de pele, tais um

---

<sup>(2)</sup> A. de Magalhães Basto. *Memória histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto, 1937.

Valesco, o próprio Pedro Hispano ou Pedro Julião (Papa João XXI), o Amato, o outro hebreu Zacuto, o grande Ribeiro Sanches, que tanto pugnou por uma Universidade verdadeiramente nova e nacional, um Brás Luís, o Castro Sarmiento e outros; se, até ao século XVIII, foi Bernardino Gomes, lisbonense, criador da especialidade (que ao tempo se não designava assim), já no centénio imediato, era campo estreito a que outros logo acorreram, como Caitano Beirão, a carrear ensinamentos de um Betman ou de um Willan, abrindo-se no Hospital de S. José, de Lisboa, uma clínica dermatológica.

Foi então que Luís Viegas, já no cabo do século XIX, especializado em Paris, nessa medicina espectacular e difícil, viria, em 30 de Julho de 1918, reger na Faculdade a clínica de *Dermatologia e Sifilografia*, o que aliás, fazia *gratuitamente* desde há 16 anos. Oficialmente, este foi o geradoiro, no Porto e dentro dos muros do Hospital de Santo António, desta importante especialidade médica.

Foi ali, nesse confinado laboratório e em acanhada clínica que eu e tantos outros médicos aprendemos com Luís Viegas as bases daquele saber. E já bem doente o ouvimos nós, a pouco tempo de a Morte o arrancar da vida, às 10 horas da manhã do dia 29 de Fevereiro de 1928.

Saber bem praticado, lisura de convívio, olímpica autoridade pedagógica, distinção de modos, larga clínica social, de par com fomentador e estimulador da vida católica. Estas as marcas salientes da sua delicada personalidade, que todos admiravam e respeitavam.

\*

Parece que estamos a fazer uma biografia do distintíssimo primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, ao tempo professor de Anatomia na nossa Faculdade.

Mas é uma espécie literária esta tão difícil, ponderosa e grave, essa delicadíssima arte da Biografia com história estiradíssima, de Xenofonte, Timeu, Laércio ou Plutarco, entre os helenos, aos latinos, Tácito, Cornélio, Suetónio ou Júlio Capitolino, passando por tantos compendiosos enfeixamentos de Bibliotecas, Dicionários, Histórias ou Enciclopédias, lembrando os *Vitae et resgestae*

*pontificium romanorum*, de Ciaconius ou a *Histoire des membres de l'Academie française*, de d'Alembert, correndo centos de obras similares de todo o Mundo, sem esquecer, entre nós e entre tantos, os biógrafos quinhentistas e seiscentistas de quilate invulgaríssimo, possivelmente Fernão Lopes e a sua *Crónica do Condestável*, a celeberrima *Vida de D. João de Castro*, por Jacinto de Andrade ou, ainda, João de Barros e Frei Luís de Sousa, aos hodiernos Oliveira Martins, Lúcio de Azevedo ou conde de Ficalho, e mais do nosso tempo, do lado de lá das fronteiras, um Rolland, um Zweig, um Ludwig e tantos outros.

Sem esquecer que Sainte-Beuve dissera que «as mulheres nunca deveriam ter biografia, vil palavra para uso dos homens», embora hoje as tenhamos de relevante quilate, desde a escrita sobre Maria Curie por sua ilustre filha Eva, a de Luísa Santullano sobre Santa Teresa d'Ávila ou de Garcia Marti sobre Rosalia.

No vastíssimo rol das biografias de homens das Ciências, até onde iríamos nós: sobre Cláudio Bernard, de Foster; sobre Brown, de Gosse; sobre Cullien de Harvey, por Garcy Power; de Jenner, por Baron; de Pasteur, por Bally-Radot; e outras muitas!

Se, como disse Gonçalves Viana <sup>(3)</sup>, em edição lusa dos *Varões ilustres*, de Plutarco, que para isto relemos, *não é possível haver História sem biografia*, também é bem certo que não pode haver biografias sem História. Sabêmo-lo há muito e estamos a senti-lo e a vivê-lo em nossos dias, contemplando tantos grandes homens e mulheres que se salientam desta massa vasta e facetada plurimultidão que é a Humanidade.

Os momentos que aqui agora se vivem a relembrarmos vida e obra daqueles que fundaram e mantiveram a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, desde o seu começo em 1918, exigiam esta fugacíssima invocação histórica da Biografia, já que de biografia temos a missão de tratar, fundamentalmente, este que é o ramo mais delicado e decisivo de toda a História. Isto aí fica para me perdoardes a pretensão de bosquejar, apenas bosquejar, a de uma das mais eminentes figuras de portuenses.

---

(3) In Plutarco. *Varões ilustres*. (Demóstenes e Cícero). Porto, 1944.



\*

Quando se rematava a revisão da página quadragésima terceira do *Anuário* da Faculdade de Medicina do Porto, impressa em 1928, morria Luís de Freitas Viegas. Assim o informa no seu rodapé o compilador do volume. E é nesse livro que pode ler-se a biografia académica e social do meu relembrado mestre de Dermatologia.

A notícia devida, «condigna à memória», como ali se diz, do ilustre mestre, sairia num dos «próximos anuários daquela Escola». Aquele, porém, foi o derradeiro que ela publicou. E jamais vimos a anunciada necrologia em tradicionais *Anuários*, mas sim em outro lugar de revista portuense.

É no entanto, naquele volume de 1928, que se imprime ou reimprime uma biografia do ilustre mestre, por onde se pode saber que nascera no Porto em 14 de Julho de 1869 (faz dentro de meses cem anos esta data) e se formara na Escola Médico-Cirúrgica em 26 de Julho de 1893. Seis anos depois, em 23 de Março do último ano do século XIX, era nomeado lente demonstrador, lugar de que tomou posse em 11 de Abril seguinte, passando a lente substituto em 11 de Agosto de 1900. Três anos corridos era lente proprietário da 1.<sup>a</sup> Cadeira da Escola, a tenebrosa *Anatomia Descritiva*. Um ano transposto seria confirmado por nova disposição legal e geral este cargo. E foi em 1918 que o Conselho Escolar de 30 de Julho lhe entregou o cargo de regentar aquela Cadeira.

A sua carreira pedagógica e científica está ali bem definida, em poucas palavras, as que sobejam para o apresentar como esse de quem os Profs. Alfredo de Magalhães e Alberto de Aguiar disseram ser «professor ilustre, clínico de renome, chefe de família exemplar, figura eminente e de relevo no nosso meio» (4). Essas palavras são as que passo a repetir, não só para lembrá-las, mas para ser curto no discurso:

«Antigo médico-antropologista criminal da 2.<sup>a</sup> circunscrição médico-legal; director da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia experimental e Identificação Civil; membro do Conselho

---

(4) Vide Hernâni Monteiro. Biografia de Luís Viegas. «Ilustração moderna». Porto, 1928.

médico-legal; professor de Antropologia Criminal e Psicologia judiciária do Curso Superior de Medicina Legal; Director de Enfermaria no Hospital Geral de Santo António e dos Serviços externos de Dermatologia e Sifiligrafia do mesmo Hospital; presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; ex-Presidente da Associação Médica Lusitana. Afora isto, presidiu à Secção de Dermatologia e Sifiligrafia do XV Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa em 1906. Sócio correspondente do Instituto de Coimbra, da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e da Sociedade Francesa de Dermatologia e Sifiligrafia. Foi Governador do Distrito de Vila Real, ao tempo de João Franco e comendador da Ordem de Santiago do Mérito Científico, Literário e Artístico. Foi o representante de Portugal no Congresso Internacional de Medicina reunido em Londres em 1913. Não esqueçamos que regeu Física no Instituto Industrial e Comercial.»

Depois, o mesmo livro regista os seus principais estudos de 1897-1898 a 1925, a que juntaremos o que vai em primeiro lugar:

*Dicionário de abreviaturas e classificações cromáticas e descritivas adoptadas no Posto Antropométrico (Cadeia Civil)*, Porto, 1953.

*Oração de Sapiência* (Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1907-1908).

*Moluscum fibrosum desenvolvido sob um extenso naevus pigmentar* (Gazeta Médica do Porto, 1897-1898).

*Dermatite de origem brômica* (Idem, 1898-1899).

*Erupções devidas à acção local do salol* (Idem, 1898-1899).

*A Zona* (A Medicina Moderna, 1912).

*O Impetigo* (Jornal dos Médicos e Farmacêuticos, 1912).

*Favus* (Gazeta dos Hospitais do Porto, 1912).

*Contribuição ao estudo da Doença de Recklinghausen* (Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto, 1914-1915).

*Pitíriase versicolor* (Idem, 1914-1915).

*A medicação do prurido* (Jornal dos Médicos e Farmacêuticos, 1916).

*Guia de Terapêutica das Doenças da Pele*. Porto, Imprensa Nacional, 1916.

*Medicações dermatológicas.* Porto, Editores Lopes & C.<sup>a</sup>, Sucessores, 1920.

*Panegírico de Aarão de Lacerda*, na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

*A Sífilis — Suas manifestações tegumentares.* Porto, 1925, 1 vol. de 330 págs. + 10 inumeradas, ilustrado com 103 figuras.

E tantos mais, de diversa feição, dispersos por lugares vários e alguns não publicados.

Ao ilustre anatómico e meu mestre Prof. Hernâni Monteiro, que nos deixou um brevíssimo necrológico do ilustre mestre, devemos esta lembrança:

«Os últimos dias de Luís Viegas foram de crudelíssima tortura: no sábado anterior recebia a inesperada notícia de que o seu Jorge quase súbitamente falecera, em Viseu, e o próprio Pai, preso no leito com uma crise cardíaca, nem pode sequer despedir-se do filho que estremecia, dizer-lhe adeus, dar-lhe o derradeiro beijo. A morte de Luís Viegas revestiu-se, pois, de um aspecto profundamente dramático e a cidade do Porto vibrou perante a Dor atroz a que não pôde resistir o coração daquele Pai. Como não?

*Em tudo quanto existe o Sofrimento imprime uma augusta expressão...»,*

evocava o também chorado mestre de Anatomia (há tão poucos anos levado para Deus) o mavioso poeta que foi António Feijó»<sup>(5)</sup>.

A saudosíssima caneta do meu muito insigne e sempre presente Prof. Joaquim Pires de Lima, em notícia lida na prometida sessão em honra de Luís Viegas, cujo retrato a óleo então se inaugurou, pintado por Joaquim Lopes, escrevia que o distintíssimo dermatólogo lhe confessara após certa crise do mal que sofria: *antes quero morrer abafado do que perder a lucidez do meu espírito. E morreu abafado, poucos dias depois.*

Pires de Lima, que bem o conheceu e não era pródigo em panegíricos, chamou-lhe prelector de raro mérito, elegantíssimo, de linguagem clara e singela, espírito clínico sagaz, de «memória

---

(5) Id. Id.

privilegiada e inflexível austeridade no julgamento dos alunos», sobrepondo a conveniências e amizade os deveres da justiça. Considerava-o orador de raça e similar no talento e aptidões ao grande clínico que foi Roberto Frias.

«Sempre o mesmo através da sua vida», indiferente a críticas (6).

Um seu dilecto Assistente, Vilas Boas Neto, que falou na mesma sessão, depois de aludir ao estoicismo de Viegas ante o sofrimento físico revelava:

*«Junto da dor e da miséria, sabia acudir às feridas alheias, encobrendo tantas vezes, com o bálsamo das suas palavras o movimento da mão que dava a esmola; e, na ofensa recebida, para ele, era mais nobre o esquecimento que o perdão»* (7).

Não podemos relatar, no pouco tempo que nos dispensaram, tudo o que teríamos a dizer sobre Luís Viegas escritor. Se uma biografia tendenciosa é censurável e uma biografia errada é digna de condenação, uma biografia incompleta é intolerável. A que estamos a expor-vos é desta última categoria, para o que sòmente os exíguos minutos que nos concederam para a dizer podem perdoar nossa falta.

Todavia, como desculpar-nos se não vos apresentasse, ao menos, um passo de discurso seu de 1907, com que começava a «Oração inaugural» da Escola Médica do Porto, para dar ligeiríssima nota do quilate da sua prosa, ao abrir do referido discurso:

«Derrama a eterna ampulheta do tempo a areia dos annos e a cada grão que cae o mundo toma um novo aspecto. O tempo que é, como disse Le Bon, o unico creador e o unico destruidor, que fez as montanhas com grãos de areia e elevou até à dignidade humana a obscura cellula dos tempos geológicos, o tempo, que tem poder modificador sobre tudo o que existe, não o teve sobre o coração do homem, que ficou o mesmo através das éras.

Sucederam-se as gerações e com ellas os systemas philosophicos, as instituições e as ideias. Tudo evolucionou, a ponto de hoje se não

---

(6) J. Pires de Lima, Biografia de Luís Viegas. «Ilustração moderna». Porto, 1928.

(7) Vilas-Boas Neto. Apenso ao artigo anterior.

poder bem comprehender o que ellas foram, porque carecíamos de estar nas mesmas condições mesológicas, origem dos successos que a história aponta e que a nossa crítica mal alcança, pois de erros pôde vir pejada, porquanto divisamos os factos a uma luz differente da que os alumiou. Ora se os grandes successos históricos não os sentimos bem, pela grande distância que nos separa, se não sentimos a indignação do povo romano ao vêr a capital do mundo preza das chammas que a mão de Nero ateiou, nem ululamos de rancor com a turba que se dirigia à Bastilha, comprehendemos bem o grito da mãe que a sentença de SALOMÃO ia ferir e o despenhar da poetisa de Lesbos, dos rochedos de Leucáde nas ondas do Mediterrâneo.»

\*

E anotemos, agora, outra das mais precoces actividades do sábio mestre.

Antecederam a doutrina da Antropologia Criminal de César Lombroso (1875) certas previsões de autores notórios e arcaicos, de um S. Boaventura ou Francisco Ximenes a Porta, a Lavater e a Gall, dos mais modernos; este muito recentemente alçado a precursor do mesmo Lombroso e de excelente mérito, pela pena sábia e tão estimada de Henri Vallois, de quem tive a honra de ser discípulo em Tolouse e que foi Director do *Museu do Homem*, de Paris.

Outros vieram após Lombroso, de Garófalo a Ferri, a estimularem a génese da escola positiva penal, que tantos milhares de páginas compeliu a dar a lume em todo o mundo culto, e que haveria de em Portugal culminar com remodeladoras concepções a que o nosso Mendes Correia chamou *Nova Antropologia criminal*. E porque continuava a não se encontrar uma ou algumas das motivações criminais a que se devesse, sem hesitação, attribuir-se as explosões criminais de todos os dias, surge, agora, a doutrina genética do cromossomo XYY a pretender explicar o triste fenómeno de agressividade delitual. Aguardam-se confirmações da teoria anunciada pelos microbiologistas e tendentes, em grande parte, a dar razão a Lombroso.

Mas, voltemos à Antropologia Criminal no nosso país, em que Ferraz de Macedo e Fonseca Cardoso, este portuense, foram

bandeirantes entusiásticos, e que Mendes Correia viria a cultivar e animar de modo singular na Sociedade de Antropologia e Etnologia, que surgira e se fundara em 26 de Dezembro de 1918, para em breve deitar ao prelo a sua revista própria, bem conhecida. Logo encontrou nos Profs. Luís Viegas e Aarão de Lacerda, como no Engenheiro Rocha Ferreira, bons e activos cirreus. De todos se destaca Viegas a presidir à nova Sociedade durante quase 10 anos, cargo que, se o não esmaltou com muitos estudos próprios, sempre a sua figura e o seu espírito a alentaram e honraram de modo inesquecível. Lembremos, de passagem o seu apreciado discurso sobre o Prof. Aarão de Lacerda.

É neste cargo que Luís Viegas compartilha esforços com a sua *Repartição de Antropologia Criminal e Psicologia Experimental*, lugar que dirigiu até 1928 e que também nascera naquele mesmo ano de 1918, três meses antes da Sociedade que ora aqui festejamos, embora enxertada no velho Posto Antropométrico de 1899.

Dos primeiros ensaios antropológicos no Porto podem apontar-se os desse Posto Antropométrico que, assim, é pioneiro dos respectivos estudos nesta cidade. Dos seus cultores, relativamente à sua aplicação à Antropologia criminal, têm de ser recordados dois nomes: o do Dr. António Ferreira Augusto, magistrado no Porto, entusiasta pioneiro por tais especulações, de que nos deixou vários estudos, e o do Prof. Luís Viegas, em breve tempo a ele associado, para que o primitivo Posto Antropométrico da Cadeia, para serviço dos Tribunais, se erguesse aos visos que teria de ocupar e hoje existe sob o nome de *Instituto de Criminologia*, que tenho a honra de dirigir.

Parece ser tempo de dizer que à Escola Médica e sua sucessora Faculdade portuense, pertenceu sempre a Direcção de tais serviços, à falta de uma Faculdade de Direito. A Luís Viegas sucedeu, em 1928, o Prof. Joaquim Pires de Lima e em 1936 este obscuríssimo orador que estais a ouvir e que ali trabalhou como Chefe de Serviço desde 1929. Ao fim de 39 anos que levo nesta repartição médico-judicial, onde comecei por aquele cargo, honro-me sobremaneira ao evocar estes meus ilustres Mestres e antecessores no cargo da sua direcção.

Mas, abreviemos, para vincar tal passo de vida de Luís Viegas, sumamente ignorado, recordando o que há cerca de 9 anos escrevemos em também breve trabalho:

«A Carta de Lei de 17 de Agosto de 1899 criou, no nosso país, 3 Circunscrições Médico-Legais: da Faculdade de Medicina de Coimbra e das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto (com seus Conselhos Médico-Legais), e, também, os lugares de Médicos Antropologistas Criminais, junto das Cadeias Civis de Lisboa e Porto (2 e 1, respectivamente).

*Esta iniciativa foi o primeiro ensaio da aplicação da Antropologia Criminal em Portugal.*

Os referidos médicos deviam proceder ao estudo antropométrico, biológico e social dos criminosos; proceder à organização da estatística criminal, e apresentar à Direcção Geral, de Lisboa, um relatório anual contendo todas as medidas que a prática dos Serviços e o progresso da Ciência antropológica aconselhassem para ser aplicada entre nós. Deviam também prestar aos tribunais e Conselhos Médico-Legais a sua colaboração especial.

Esta lei foi assinada pelo Rei D. Carlos I e pelos ministros José Luciano de Castro e José Maria Alpoim.

No mesmo ano de 1899 (16 de Novembro) foi publicado outro Decreto, que continha o Regulamento dos Serviços Médico-Legais, criados pela anterior Carta de Lei. Nos seus artigos 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 96.º, 97.º e 99.º se determinam as providências necessárias sobre a instalação dos Serviços de Antropologia Criminal (Postos Antropométricos), deveres dos Médicos antropologistas, suas relações com as Morgues (Serviços de Identificação), exame obrigatório dos delinquentes, compra dos livros, instrumentos, etc.

Este Decreto foi assinado pelo Rei e pelo Ministro Campos Henriques.»

Em 1901, o Decreto de 21 de Setembro publica o verdadeiro regulamento dos Postos Antropométricos, criados, como se disse, em 1899, que dá a estes organismos uma utilização eficiente.

O exame dos delinquentes, resumia-se, então à identificação antropométrica; não se utilizava o verdadeiro estudo da Antropologia Criminal, iniciada em Itália por César Lombroso.

Afirmávamos nós, então, referindo-nos a este inovador:

«Quer isto dizer que as suas ideias não chegaram com grande atraso a Portugal. Vê-se que, no Porto, foram adoptadas apaixonadamente por um aluno da Escola Médico-Cirúrgica, 5 anos depois do aparecimento do *Uomo Delinquente*, Roberto Frias, que seria, mais tarde, um dos mais sábios professores dessa Escola portuense (faleceu em 1918, ano da fundação da Sociedade de Antropologia).

Em 1900, o citado Dr. Ferreira Augusto, ilustre Procurador Régio junto da Relação do Porto, publicava um livro onde indicou a existência de rudimentares serviços de Antropometria judiciária em Lisboa (em duas das suas cadeias). Em 1895, porém, havia já preconizado o mesmo Dr. Ferreira Augusto a criação oficial dos Postos Antropométricos.»

Em Julho do referido ano de 1902 publicavam estes dois criminólogos o primeiro número de uma revista — *Revista de Antropologia Criminal*, cuja redacção era no Posto Antropométrico. Esta revista, a primeira que existiu em Portugal sobre o assunto, desapareceu depressa; publicaram-se, apenas, dois fascículos.

O seu Director, depois de 1902, Luís Viegas, dedicou-se a estudos sobre delinquentes e à Dactiloscopia judicial, que não se publicaram. Este último e novo método foi ali, desde logo, por si experimentado e utilizado.

Recorde-se que o Dr. Ferreira Augusto, baseando-se na observação de alguns criminosos, afirmava, em 1900 (*op. cit.*), que a doutrina de Lombroso não era segura, nem absoluta.

O Prof. Viegas pensou na utilidade de executar, juntamente, o exame antropológico e psicológico dos delinquentes. Ele foi o inspirador do Ministro da Justiça, em 1918, concernentemente à reforma do Posto Antropométrico do Porto, que passou a ser *Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto*.

É curioso notar que, num dos livros de serviço respeitante àquele Posto, datado dos primeiros anos do século, já se designa como *Repartição de Antropologia Criminal*, embora o título não estivesse oficialmente autorizado. O Decreto de 20 de Setembro



de 1918 ampliou, desta maneira, os Serviços do velho Posto Antropométrico, cujo regulamento é datado de 10 de Setembro do mesmo ano.

\*

Eis, em curtíssimo conto, o que teríamos de relembrar na vida do distintíssimo mestre que foi o portuense Dr. Luís Viegas.

Ao cabo deste pobre discurso poderia eu aqui repetir as palavras do colono romano em África, Lúcio Apuleio, ao clamar que se devem evitar estes dois defeitos: — *não nos demorarmos, sendo chamados; e não nos apressarmos, sem sermos mandados* (8).

De mim, não me demorei, quando chamado; e se não esperava a honra de ser mandado para esta tarefa, também me não apressei para cumpri-la.

Mas umas outras derradeiras palavras haverão de rematar esta insípida oração, não palavras minhas, mas de D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, ao Beatíssimo Padre Inocêncio 8.º, palavras que hoje aqui poderia proferir o Prof. Luís Viegas, e ao que eu me atrevo, dizendo-as em sua vez:

«A nenhum homem é lícito tratar de seus louvores e quanto um é mais ilustre e valoroso, tanto deve ser mais modesto e comedido na lembrança de seus feitos e é bem que antes as obras fiquem desconhecidas que de seu próprio autor serem louvadas;

contudo mais me parece que se deve agradecer que culpar a aquele que, ofendido e injuriado, contar, em defesa de sua causa, alguma coisa de valor que tenha feito.»

Disse.

Prof. Doutor LUÍS DE PINA  
Catedrático da Fac. de Medicina  
da Univ. do Porto

---

(8) Lúcio Apulcio. *O asno de ouro*. S. Paulo, 1936.

## O Professor Hernâni Monteiro, 3.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

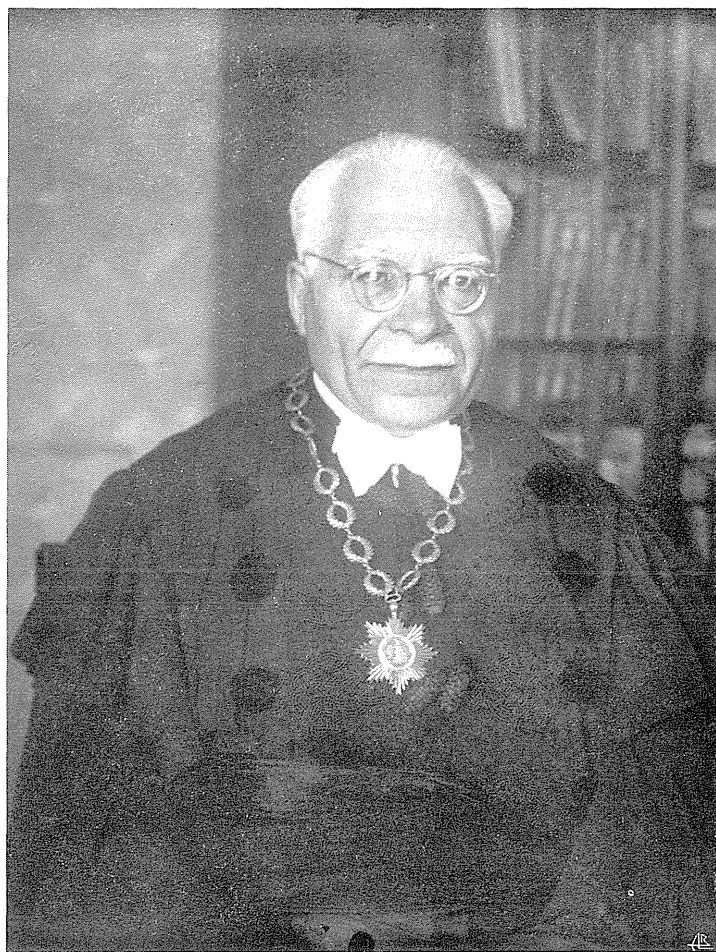
Cabe-me a honra de evocar novamente em público e no âmbito da Universidade, que tanto honrou e tão amorosamente serviu, a figura distinta de professor e a personalidade invulgar de investigador e de cientista, do meu saudoso Mestre, o professor Hernâni Monteiro, que sucedeu ao grande e sábio antropologista Mendes Correia, na presidência da Sociedade Científica cujo cinquentenário com grande júbilo estamos a celebrar. E traduzo precisamente pelas próprias palavras do lembrado e ilustre Professor, e que são igualmente muito próprias, o sentimento que me domina nesta ocasião solene. Assim escreveu um dia, em versos ainda inéditos:

*«Uma ideia me conduz:  
Recordar os que morreram  
Mas que no Mundo souberam  
Deixar um rasto de luz.»*

Deixarei praticamente de lado a sua obra como Mestre insigne de Medicina, chefe de escola invulgarmente fecundo, pioneiro da Cirurgia Experimental, cujas investigações, pessoais e dos seus discípulos, nos domínios dos sistemas linfático e neuro-vegetativo, especialmente, deram merecida fama, aquém e além-fronteiras ao Instituto de Anatomia portuense. Não me deterei a recordar os seus méritos de anatomista actualizado, que na actividade científica e no ensino se não limitava à consideração das formas macroscópicas imobilizadas, mas antes as entendia e interpretava, dentro da normalidade, ao longo do desenvolvimento embrionário, das idades e das situações funcionais, tendo sido o iniciador entre nós, no ensino anatómico, da ministração prática de noções válidas e sistemáticas de anatomia de superfície e de anatomia radiológica. Não será também a ocasião de agradecer o muito que conseguiu pelo seu trabalho, mérito e prestígio para a promoção do ensino médico, especialmente através da acção, tão zelosa e tão eficaz,

exercida como membro da Comissão Técnica dos Novos Hospitais e da Comissão Instaladora do Hospital S. João. Não poderei dar merecido relevo à sua cultura literária e humanística, à sua sensibilidade de poeta, ao seu gosto pela música, à sua primorosa educação (que não era mero verniz de superficial e inútil convencionalismo), aos delicados sentimentos que transpareciam no diário convívio que pude usufruir durante alguns anos e que tanto enriqueceu os seus discípulos e colaboradores. Não poderão ser enaltecidos os trabalhos conscienciosos de história médica e de índole deontológica que publicou ao longo da sua prestimosa carreira. Ficarão em velada penumbra, embora não sejam das menos vincadas entre as suas virtudes de professor, inteiramente votado ao ensino e à pesquisa científica, a confiança na juventude, o amor aos estudantes, os cuidados dispensados à elevação cultural dos universitários, do fundador do Teatro Universitário e Consultor Artístico do Centro. Pouco ou nada direi das distinções de que foi alvo por parte das Universidades de Santiago e de Salamanca, do Governo Francês que lhe conferiu o grau de Cavaleiro da Legião de Honra e do Governo da Nação que o condecorou com as Ordens da Instrução Pública e de Santiago da Espada. Dispensar-me-ei de enumerar a lista das Sociedades Científicas que se honraram de o ter entre os seus membros, entre as quais no entanto cito a Academia das Ciências de Lisboa (de que foi sócio correspondente), o Instituto de Coimbra, a Sociedade de Antropologia de Paris, a «American Anthropological Association», a nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, a Sociedade Portuguesa de Biologia. Não mencionarei os congressos numerosos e as reuniões científicas em que marcaram posição de relevo as investigações do seu serviço, porque, se de tudo é merecedora a indelével memória do professor Hernâni Monteiro, me parece que nesta noite me cabe sobretudo a obrigação de focar de modo especial as relações do professor Hernâni e da sua actividade científica e da dos membros da sua Escola com as Ciências Antropológicas e com a Sociedade a cujos destinos presidiu na sucessão do professor Mendes Correia e até pouco antes da sua morte, em 16 de Novembro de 1963.

Têm sido íntimas e fecundas as relações científicas e humanas entre o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências e o



PROF. DR. HERNÂNI MONTEIRO

Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina. Era médico e diplomado pela Faculdade de Medicina do Porto o insigne pioneiro e promotor entusiasta dos estudos antropológicos na nossa Universidade, o professor Mendes Correia, tal como o Prof. Santos Júnior, seu ilustre e actual sucessor na Cátedra e na presidência da Sociedade. Foi professor distinto de Anatomia o primeiro presidente da Sociedade de Antropologia e Etnografia, o professor Luís Viegas. Não há que estranhar estes factos, nem as relações a que aludi e que estou certo perdurarão, para benefício de ambas as partes. Pois não estarão os médicos, pela sua formação específica, em excelentes condições de compreender e estudar o Homem integral, nas modalidades diversas do seu aspecto, constituição física e particulari-



O Prof. Abel Tavares lendo a sua alocução

dades biológicas, nas múltiplas tonalidades do seu temperamento, nas suas reacções psicológicas, tão variadas e tão complexas, de apreciar e fundamentar a expansão da civilização e da cultura nos diversos pontos do planeta e as suas influências recíprocas, de interpretar costumes, tradições, lendas, de analisar as diferenças morfológicas das diversas raças humanas actuais ou desaparecidas? Quem melhor do que o médico poderá e deverá amar o Homem, esse ser único na criação dotado com a possibilidade de se interrogar sobre a sua origem e destino, com capacidade para investigar, conhecer, dominar e aproveitar as leis que regem o Universo para o progresso das sociedades que sãbiamente constituiu?

Bem sabemos que a utilização positiva das forças que foi capaz de sujeitar e orientar tem sido muitas vezes por ele deliberadamente desviada em sentido diametralmente oposto, mas a livre possibilidade de escolha e actuação dá aos seus actos um valor moral de subido merecimento.

E entre os médicos, não serão os anatómicos os mais bem situados para, com o resultado das suas pesquisas, com a preparação especializada que adquiriram, com a recolha paciente e conservação cuidada de peças do esqueleto e das partes moles, aumentarem o tesouro dos conhecimentos sobre que assentam os fundamentos físicos das ciências antropológicas?

A valorização da mão, por exemplo, como factor do progresso e das possibilidades do Homem, a sua completa interpretação antropológica poderá processar-se independentemente do conhecimento das particularidades miúdas da sua conformação ósteo-artro-muscular, da sua irrigação e inervação, das características dos invólucros tegumentares, da representação cortical motora e sensitiva respectivas, das vias e mecanismos neurológicos que possibilitam a harmonia dos movimentos, e sem entrar em linha de conta com o progressivo desenvolvimento de todas essas estruturas e capacidades?

Peço que me desculpem V. Ex.<sup>as</sup> de me ter desviado do objectivo que me propusera ao evocar a memória do professor Hernâni Monteiro como Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Mas, foi precisamente este desvio que me trouxe nesta altura à lembrança uma composição poética, relativa à mão,

bem impregnada de sentido antropológico, da autoria do professor Hernâni Monteiro e dedicada ao prof. Victor Fontes, quando este apresentou, como dissertação para o concurso ao lugar de professor extraordinário de Anatomia, o seu conhecido trabalho sobre os músculos intrínsecos da mão. Peço licença para a ler:

*Já cai paralisada a mão pálida e fria,  
Que pelo Mundo espalha o Bem mais o pecado,  
A mão segura a enxada, a mão dirige o arado,  
E assim ganha, contente, o pão de cada dia.*

*Dá-nos brandindo a espada, a glória que inebria,  
E faz a casa e o templo, o esquiße e o berço amado;  
Com ela o sábio escreve, ou o artista inspirado  
Difunde, pela terra, o sonho e a fantasia.*

*Movimenta-se no ar e a mão, então é fala;  
Vede como ela ri, vede como ela chora;  
Esconde-a o criminoso e a mão logo se cala.*

*Levanta-a o Santo a Deus, cuja clemência implora,  
A mão nos abençoa, a mão nos apunhá-la;  
A mão é luz que brilha ou sombra que apavora.*

E recordo ainda com compreensível saudade que, ao dar entrada, em Novembro de 1944, como 2.º Assistente, no Instituto de Anatomia, o primeiro trabalho científico cuja realização me propôs o professor Hernâni Monteiro foi um estudo antropológico, precisamente sobre a mão, a análise da proeminência relativa do segundo e do quarto dedos e que levei a cabo em delinquentes, por amável deferência do senhor professor Luís de Pina, director do Instituto de Criminologia. E não posso deixar de sublinhar que para a efectivação deste trabalho e para mais adequada interpretação dos resultados (e o mesmo se passou com outras modestas pesquisas de índole antropológica posteriormente realizadas), de muito me valeu o apoio eficaz e competente de dedicados colaboradores do Instituto de Antropologia, o saudoso Dr. Alfredo Ataíde

e a Ex.<sup>ma</sup> Doutora Leopoldina Ferreira Paulo, que nessa época ultimara a sua dissertação de doutoramento, precisamente sobre a mão dos portugueses.

Não sendo pròpriamente um antropologista, o professor Hernâni Monteiro, seguindo na esteira do professor Joaquim Alberto Pires de Lima, seu antecessor na direcção do Instituto de Anatomia, publicou variados trabalhos com grande interesse antropológico, especialmente no dominio das partes moles e que, perfilhando os pontos de vista de Chudzinski, de Henrique de Vilhena, de Loth, realizou com o objectivo de possibilitar melhor apreciação das estruturas não ósseas através dos diversos aspectos que porventura se encontrassem e pudessem ser relacionados com a raça ou a constituição individual dos seres humanos <sup>(1)</sup>. Por isso se devem apreciar neste sentido os estudos exaustivos de Miologia realizados nos portugueses pelo Professor Vilhena e seus discípulos, mas que também no Porto foram, há algumas décadas, cultivados com carinho, tendo o professor Hernâni Monteiro incluído na sua maior parte, observações pessoais muito curiosas, em múltiplas das suas notas anatómicas, publicadas no Arquivo de Anatomia e Antropologia e nos Annaes Scientificos da Faculdade de Medicina do Porto e nos Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

São dessa época as dissertações dos professores Amândio Tavares e dos Drs. Espregueira Mendes e Silva Leal, respectivamente sobre variações musculares do tórax, o músculo pequeno palmar e o bicipite braquial, além de muitas outras publicações, entre as quais se devem registar as realizadas pelos professores Pires de Lima e Luís de Pina. O professor Hernâni Monteiro e seus colaboradores deram também achega digna do maior apreço para o conhecimento antropológico do sistema nervoso periférico e igualmente, por estudos osteológicos e de anatomia radiográfica, contribuíram com sucesso para aquisições de interesse nos domínios da antropologia física. Quando na sessão de 7 de Março de 1952,

---

(1) Em relação com este ponto, estudos relativamente recentes, entre os quais me cumpre destacar os do Prof. J. Bauman e sua Escola, de Genebra, conduziram a conclusões de muito interesse, tendo podido até surpreender diferenças constitucionais a nível tecidual.



da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, o professor Hernâni Monteiro evocou a memória do professor Pires de Lima, falecido havia escassos meses, recordou precisamente os trabalhos feitos neste campo, utilizando as peças osteológicas do Museu de Anatomia, que possui uma valiosa colecção de crânios, de sexos e idades perfeitamente conhecidos e que, em época recente, possibilitou, além de outros, os pacientes trabalhos, com inegável interesse antropológico que tornaram possível a redacção das dissertações de doutoramento do professor Pinto Machado Correia da Silva, sobre o andar posterior da base do crânio e do Doutor Levi Guerra, acerca do buraco lácero anterior; foi posto igualmente em relevo o labor desenvolvido com base no estudo dos crânios de negros das nossas províncias de além-mar, que se conservam também no Museu do Instituto, e não deixou de salientar os múltiplos e curiosos trabalhos do Prof. Pires de Lima, só ou de colaboração, sobre assuntos de etnografia, que muito o interessaram e distintamente valorizaram o seu grande currículo científico.

Preocupa-me que se torne fastidiosa a enumeração mesmo rápida de trabalhos científicos, mas não vejo método mais exacto para dar a V. Ex.<sup>as</sup> uma ideia da contribuição directa ou indirecta do professor Hernâni Monteiro e seus colaboradores e da sua Escola para o desenvolvimento do conhecimento científico nos domínios da Antropologia. Serei forçosamente incompleto ao citar os trabalhos publicados, mas creio serem os principais os que a seguir se mencionam:

*Hernâni Monteiro* — Une observation portugaise d'hypertrichose sourcilière («Pierre aux deux moustaches»), Bull. et Mém. Soc. d'Anthrop. de Paris, 1921.

*Hernâni Monteiro* — Sobre anomalias dentárias em indivíduos portugueses, Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Ano vi, 1922.

*Hernâni Monteiro* — Mutilações dentárias da região do Humbe, Trab. Soc. Port. Antrop. Etn., vol. 1, Fasc. 4, 1922.

*J. A. Pires de Lima, Hernâni Monteiro e Constâncio Mascarenhas* — Contribuição para o estudo antropológico do angolense, I Congresso de Med. Tropical da África Ocidental, 1923.

*Hernâni Monteiro* — Cas portugais de transposition de viscères, C. R. Assoc. Anat., vol. 18, 1923.

*Hernâni Monteiro* — L'arc axillaire musculaire chez les portugais, Bull. Soc. Port. Sc. Naturelles, vol. 9, 1922-24.

*Hernâni Monteiro* — L'arc axillaire musculaire et ses relations avec les faisceaux pectoraux aberrants, C. R. Assoc. Anat., vol. 21, 1926.

*Hernâni Monteiro, Amândio Tavares e Óscar Ribeiro* — Quatre nouveaux cas portugais de muscle présternal. Bull. Soc. Sc. Naturelles, vol. 10, 1928.

*Hernâni Monteiro, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira* — Os nervos esplanchnicos, frênicos e descendente interno nos portugueses (Considerações sobre antropologia dos nervos periféricos). Arq. Anat. e Antrop., vol. 13, Lisboa, 1929-30.

*Hernâni Monteiro, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira* — Sur l'anthropologie des nerfs périphériques, XV Congrès Int. d'Anthrop. et d'Archéol. Préhist., Coimbra e Porto, 1930.

*Hernâni Monteiro* — Fréquence de l'occipitalisation de l'atlas chez les portugais, C. R. Assoc. Anat., Lisboa, 1933.

*Hernâni Monteiro, Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira* — O valor antropológico dos nervos periféricos, Actas do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, Porto, 1934.

*Hernâni Monteiro e Mello Adrião* — Mutilações dentárias, Actas do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, Porto, 1934.

*Hernâni Monteiro e Albano Ramos* — Metopismo e seios frontais, Acta Ibérica Radiológica Cancerológica, vol. 2, 1953.

*Mello Adrião e Lino Rodrigues* — Sobre o valor antropológico do fígado, Arq. Anat. Antrop., vol. 14, 1932.

*Mello Adrião* — Metopismo em crânios senis, Med. Contemporânea, n.º 4, 1937.

*Roberto Carvalho e Mello Adrião* — O valor dos métodos de Broca, de Poll e de Businco para avaliação da capacidade craniana, Arq. Anat. Antrop., vol. 57, 1935.

*Alberto de Sousa* — A importância das modelações anatómicas e da pintura a cera corada na Anatomia e na Antropologia, Arq. Anat. Antrop., vol. 17, 1935.

*Roberto Carvalho e Silva Pinto* — Estudo morfológico dos seios frontais, *Med. Contemp.*, n.º 36, 1938.

*Roberto Carvalho e Silva Pinto* — Alguns aspectos morfológicos da sela turca, *Med. Contemp.*, n.º 51, 1938.

*Mello Adrião* — Sobre a occipitalização do atlas, *Med. Contemp.*, n.º 7, 1938.

*Abel S. Tavares* — Sobre o alongamento respectivo do 2.º e 4.º dedos da mão (Estudo feito em delinquentes). *F. Anat. Univ. Conimb.*, vol. 20, 1945.

*Abel S. Tavares* — As relações entre o índice condilo-occipital e a inclinação do buraco occipital, *Estudos de Morfologia (Homenagem ao Prof. J. A. Pires de Lima)*, 1947.

*Abel S. Tavares* — Algumas observações de músculo pré-esternal, *Folia Anat. Univ. Conim.*, vol. 21, 1948.

*Abel S. Tavares* — O alongamento respectivo do 2.º e 4.º dedos da mão (estudo radiológico), *F. Anat. Univ. Conimb.*, vol. 30, 1950.

*Abel S. Tavares* — Anomalias múltiplas (Uma observação curiosa), *Trab. Antrop. e Etnol.*, vol. 13, 1951.

*Albano Ramos e Abel S. Tavares* — As relações entre a estatura e a diáfise dos ossos longos na 3.ª infância (Estudo em rapazes entre os 12 e os 14 anos), *Acta Ibérica Radiológica Cancerológica*, vol. 2, 1953.

*Abel S. Tavares* — Proéminence relative des extrémités distales ds 2º et 4º doigts et troubles de croissance des os du métacarpe, *C. R. Assoc. Anat.*, 44ª Reunião, Leida, 1957.

*Pinto Machado C. Silva* — Contribuição anatômica para o estudo antropológico do occipital, *Trab. Antrop. e Etnol.*, vol. 17, 1959.

*Pinto Machado C. Silva* — Fossae Cranii occipitales inferiores, *Dissert. de Doutoramento*, Porto, 1961.

*Pinto Machado C. Silva* — A fosseta cerebelosa mediana, estudo descritivo e considerações morfogenéticas, *Trab. Antrop. e Etnol.*, vol. 19, 1962.

*Levi Guerra* — Foramen Lacerum, *Dissert. de Doutoramento*, Porto, 1963.

*Levi Guerra* — Sexologia em Medicina, «O Médico», n.º 683, 1964.

*Levi Guerra* — A biologia da puberdade feminina, «O Médico», n.º 684, 1964.

*Rui Abrunhosa* — Um aspecto da anatomia funcional da mandíbula (Nota prévia), «O Médico», n.º 799, 1966.

*Luís Marvão* — Duas observações de músculos supranumerários do dorso da mão, F. Anat. Univ. Conimb., n.º 38, 1966.

*Pinto Machado C. Silva* — A sinostose da sutura etmoido-frontal anterior, Trab. Antrop. e Etnol., vol. 20, 1966.

*Pinto Machado C. Silva* — Sinostose das suturas do crânio e idade (Revisão histórica, crítica e contribuição pessoal), Trab. Antrop. e Etnol., 1967.

Os últimos destes trabalhos foram elaborados e publicados anos após a morte do professor Hernâni Monteiro, índice de que a fecunda preocupação antropológica sobrevive na Escola que tanto enobreceu e valorizou. O intercâmbio entre a Anatomia e a Antropologia é no Porto, bem o sabemos, anterior à sua actuação como notável chefe de escola do nosso Instituto Anatômico; existe em muitas outras partes, por ser absolutamente lógica a condução paralela ou concomitante de pesquisas em campos tão afins e às vezes difíceis de extremar. Mas nem por isso perde mérito a sua notabilíssima acção e o seu alto exemplo no engrandecimento de uma útil e louvável tradição, que nos cumpre manter e ampliar para bem dos nossos serviços e da própria Universidade. Se as necessidades e exigências da investigação científica, vão conduzindo os seus cultores para sectores e subsectores cada vez mais restritos, bom é que a nível universitário haja maior preocupação e cada vez mais oportunidades de que pesquisas em vários domínios se confrontem, conjuguem e completem em sínteses susceptíveis de abrir novos e férteis rumos e de compensar, dentro de alguma medida, os inconvenientes reconhecidos da fragmentação de interesses, da especialização das competências e da diferenciação das técnicas.

O Professor Hernâni Monteiro teve, entre muitos outros encargos, o de Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropo-

logia e Etnologia. Personificou dignamente esta prestimosa agremiação científica, cujos membros, dispersos, dentro e fora da Universidade, qualificados ou não com graus ou postos académicos, se ocupam interessadamente do Homem, procurando desvendar as suas origens e evolução, estudar as civilizações actuais e aquelas que as precederam, as suas relações recíprocas, conhecer as diferenças de costumes, das manifestações artísticas ou literárias, das características somáticas dos seres humanos, etc. A vasta cultura médica, morfológica e humanística do Professor Hernâni Monteiro, a sua contribuição científica para o melhor conhecimento do Homem, em vários domínios que abordou, conferiram-lhe toda a autoridade para ocupar tão honrosa situação; os seus predicados morais, a sua distinta presença, primorosa educação e apurada sensibilidade, a sua atitude permanente de serviço, deram à actuação do grande Mestre ainda maior prestígio. Mas eu creio bem que toda a sua autenticidade como membro e presidente ilustre desta Sociedade, assentaram no seu amor pelos homens, de que nunca dizia mal, que perfeitamente compreendia e cujos defeitos e deslizes julgava com grandeza e perdoava como cristão. Já disse noutra parte, e estou disso profundamente convencido, de que o grande êxito das iniciativas do Prof. Hernâni Monteiro não foi apenas o resultado da sua elevada craveira científica, duma cultura médica excepcional, da rara preparação geral que possuía e da invulgar devoção pelo seu Serviço, mas ainda e em grande parte, a consequência do ambiente de serena amizade e camaradagem que soube criar à sua volta. Afável e acolhedor, mesmo para os mais humildes dos seus colaboradores, preocupava-se em extremo com as infelicidades alheias, com injustiças sociais, com a pobreza e com a ignorância.

Tinha grande respeito e alta estima pelos outros professores e venerava carinhosamente a memória dos seus Mestres. Comovia a ternura respeitosa com que se referia ou que consagrava a velhos professores, ou antigos médicos, que achava dignos de, pelas suas qualidades de carácter, correcção e competência, serem apontados à juventude como altos exemplos a seguir. Nunca lhe ouvi palavras de impaciência, expressões indelicadas; não se deixava dominar

pela ira, era inacessível à inveja e cativamente simples, apesar do seu alto prestígio social e elevada posição acadêmica e das importantes missões que lhe confiaram. Nunca procurou enriquecer e serviu sempre, por isso, com a maior independência e assiduidade. Em linguagem poética, exortou assim, em 1944 os estudantes de Compostela:

*Rapazes, acreditai  
A riqueza  
Não é dispor de dinheiro  
Mas abrir a alma à Beleza  
Sentindo-a no Mundo inteiro.*

*Nobre empenho de beber,  
Sem nunca ser saciado,  
No vasto mar do Saber  
Em tanto livro arquivado.*

*Ter, assim, todo o Passado  
Sempre vivo na lembrança;  
Ver o futuro esboçado  
Em mais Sonho e mais Esperança.*

*E, nos mistérios do Mundo,  
Por qualquer porta entreaberta,  
Penetrar até ao fundo  
No anseio da Descoberta.*

A sua vida dedicou-a com efeito plenamente à ciência e nunca se afastou, por outro lado, dos caminhos do bem. Professor completo, poderá mostrar-se às gerações futuras como um nobre exemplo da humanidade da nossa época, como um belo espírito que se consagrou inteiramente à pesquisa infatigável e apaixonada da Verdade e se distinguiu no culto da Beleza e da Virtude. A sua vida e a sua preparação, tão completa, constituem só por si preciosa lição no mundo de hoje, excessiva, estreita e áridamente técnico.

Justo é pois que lembremos nesta hora com recolhimento e gratidão a memória imperecível do homem bom, do universitário distinto, do Mestre exemplar que foi o Professor Hernâni Bastos Monteiro, 3.º Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Para concluir, desejo formular nesta hora solene, em que, sob a égide da Universidade, comemoramos o meio século da prestimosa actividade científica da referida Sociedade, os meus melhores votos pelo seu desenvolvimento e projecção e testemunhar a esperança de que nunca lhe hão-de faltar homens que a dirijam com entusiasmo e competência e meios materiais que lhe garantam condições de vitalidade e eficácia.

Prof. ABEL TAVARES

Catedrático da Fac. de Medicina  
da Univ. do Porto

## O Professor Mendes Correia, fundador e 2.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

A Sociedade Portuguesa de Antropologia foi criada na Faculdade de Ciências do Porto, em 26 de Dezembro de 1918.

Isto significa que a Sociedade nasceu há 50 anos.

Não há nascimento sem gérmen e sem condicionalismos apropriados à sua evolução.

O gérmen da Sociedade de Antropologia, pode afirmar-se, não surgiu pròpriamente em 1918. É mais antigo, e o seio materno que o gerou e agasalhou foi esta nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto.

O Porto é não só a cidade laboriosa, onde o trabalho é timbre de honra e dignidade pessoal, mas é também a cidade que se ufana de acalentar as nobres manifestações de ordem espiritual e cultural.

No Porto viveram e trabalharam os gloriosos pioneiros da PORTUGÁLIA, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso e José Fortes.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia teve raízes germinais na PORTUGÁLIA, essa monumental revista que foi uma alvorada esplendorosa no culto das virtualidades do povo português.

Com os notáveis estudos nela publicados, mostrou-se que as raízes da nacionalidade portuguesa se inserem nos castros e citânias onde os nossos avoengos lusitanos hauriram a seiva das qualidades de valentia, corajosamente postas frente ao conquistador romano.

Mas a PORTUGÁLIA foi mais longe. Pelos seus estudos da pré-história, nomeadamente da cultura megalítica, mostrou que o gérmen do povo português vem mais de trás, é multimilenário.

É que antas e dólmenes, tão abundantes em Portugal e no Noroeste peninsular, testemunham um verdadeiro império de há mais de quatro mil anos, que, pela sua irradiação para norte,



assinala, como disse Mendes Correia, uma velha talassocracia atlântica.

Se os elementos germinais são a base estrutural indispensável para que nasça o quer que seja, visto que não há nascimento sem gérmen, são necessários condicionalismos à sua efectivação e à sua vivência.

Tais condicionalismos existiram. Por um lado, como já referi, por a cidade do Porto sempre acalentar as manifestações de ordem espiritual e cultural. Por outro lado, na época em que a Sociedade foi criada, a investigação científica era brilhante na nossa Faculdade de Ciências, com um Gomes Teixeira, um Ferreira da Silva, um Augusto Nobre e um Gonçalo Sampaio.

Observaram-se, é certo, os condicionalismos referidos. Mas foi a vontade decidida, o querer de Mendes Correia, que fizeram nascer a Sociedade Portuguesa de Antropologia.

Mendes Correia, homem de espírito superior, de personalidade forte e de inteligência viva, soube congregar à sua volta um grupo de homens superiores, Aarão de Lacerda, pai, Luís Viegas e Bento Carqueja, três distintos professores da nossa Universidade do Porto que, com Mendes Correia, constituíram o núcleo inicial da Sociedade.

A estes três professores se juntou um notável grupo de sócios fundadores, que criaram mais um excelente condicionalismo ao nascimento vivedoiro da Sociedade de Antropologia.

Na acta da Assembleia Geral de 26 de Dezembro de 1918, lê-se, a pág. 5: «Aprovados os estatutos supra, foram pelo Senhor Mendes Correia apresentadas as adesões à nova Sociedade, dos Senhores:

Doutor José Leite de Vasconcelos — Prof. da Faculdade de Letras de Lisboa e do Museu Etnológico Português.

Vergílio Correia — conservador do Museu Nacional de Arte Antiga e director da «Terra Portuguesa»;

Doutor Eusébio Tamagnini Matos Encarnação — professor de Antropologia da Faculdade de Ciências de Coimbra;

Doutor Baltasar Osório — professor de Antropologia da Fac. de Ciências de Lisboa;



PROF. DR. MENDES CORREIA

- Doutor Henrique de Vilhena — prof. da Faculdade de Medicina de Lisboa;
- Manuel Valadares — director do Arquivo Central de Identificação e Estatística Criminal de Lisboa;
- Cláudio Basto — director da «Lusa», de Viana do Castelo;
- António Aurélio da Costa Ferreira — director da Casa Pia de Lisboa;
- Padre António de Oliveira — superintendente das Escolas de Reforma de Lisboa;
- Joaquim Fontes — médico e arqueólogo, de Lisboa;
- José Tomás Ribeiro Fortes — redactor da antiga revista «Portugália»;
- Doutor Abel de Lima Salazar — professor de Histologia da Faculdade de Medicina do Porto;
- Alfredo Mendonça da Costa Ataíde — bacharel em Ciências Histórico-Naturais, do Porto;
- José de Sousa Machado Fontes — bacharel em Direito, secretário da Sociedade Portuguesa da Ciência Social, do Porto;
- Eduardo de Sousa Soares — capitalista, do Porto;
- José Álvares de Sousa Soares — médico, do Porto;
- Filinto Elísio Vieira da Costa — professor de ensino livre, de Famalicão;
- António Ferreira Loureiro — bacharel em Matemática e Filosofia e professor do Liceu Alexandre Herculano, do Porto;
- João Grave — director do Museu Municipal do Porto;
- Joaquim Costa — bacharel em Direito e subdirector do mesmo museu;
- Doutor Bento Carqueja — professor de Economia Política da Universidade do Porto;
- Francisco dos Santos Pereira de Vasconcelos — advogado e antigo magistrado, do Porto;
- António Correia da Costa e Almeida — advogado, de Ermesinde;
- José da Rocha Ferreira — engenheiro e Assistente de Paleontologia da Faculdade de Ciências do Porto;
- Doutor Aarão Ferreira de Lacerda — professor de Paleontologia da mesma Faculdade;

Doutor Luís de Freitas Viegas — médico antropologista e director do Posto Antropométrico do Porto, professor da Faculdade de Medicina;

Padre Cláudio Nazaré Brites — missionário, do Lubango (Angola);

António Mesquita de Figueiredo — advogado e arqueólogo, de Lisboa;

Visconde de Guilhomil — advogado, do Porto;

Capitão António Leite de Magalhães — capitão-mor dos Dembos (Angola).

Foram 30 os sócios fundadores da Sociedade.

Na 1.<sup>a</sup> reunião da Sociedade de Antropologia, foi eleito para o ano de 1919 o seguinte Conselho Director:

Presidente — Prof. Luís Viegas

Vice-presidente — Prof. Bento Carqueja

Secretário — Doutor António Augusto Mendes Correia

Tesoureiro — Eng.<sup>o</sup> José da Rocha Ferreira

Vogal — Abel de Lima Salazar

e criadas as secções de arqueologia Pré-Histórica e a de Etnografia, com a seguinte constituição:

*Secção de Arqueologia Pré-Histórica:*

Presidente — José Fontes

Vice-presidente — Joaquim Fontes

Vogais — Vergílio Correia e

— António Mesquita de Figueiredo

*Secção de Etnografia:*

Presidente — Vergílio Correia

Vice-presidente — Cláudio Basto

Vogais — Padre Cláudio de Nazaré Brites

— Capitão António Leite de Magalhães e

— António da Costa e Almeida.

É de inteira justiça uma referência especial ao Dr. Alfredo Ataide e ao Eng.<sup>o</sup> Rui de Serpa Pinto. O 1.<sup>o</sup>, Secretário-Geral da Sociedade durante mais de 30 anos e o 2.<sup>o</sup> seu vogal bibliotecário e, nessa qualidade, organizador da Biblioteca da Sociedade.

Mas, repito, é a Mendes Correia que, fundamentalmente, se deve a criação da Sociedade de Antropologia, e criação numa dupla finalidade: a de a criar «*ab initio*» e a de a criar, amparando-a, dando-lhe condições de vida.

A sua brilhante inteligência, o seu vasto saber, a sua profunda cultura nos vários capítulos da Antropologia e as suas notáveis e aliciantes qualidades pessoais de afabilidade de trato, deram à Sociedade a vivência de que são prova flagrante os 20 volumes até agora publicados e o grande número de conferências feitas e de comunicações apresentadas em sessões científicas da Sociedade.

Os homens morrem.

A morte é o fim certo, inexorável, de cada homem. Mas as criações de ordem superior, quer sejam de natureza religiosa, artística, política ou científica, quando ditadas por estados de espírito em que rebrilham a bondade, a harmonia, a beleza, a justiça e a verdade, irmanadas num amplo sentido de humanidade — atentas à vida terrena, mas com os olhos de quando em quando voltados para o Céu — tais criações gozam de tal vivência que a sua vida transcende a vida dos homens que as criaram.

Assim sucedeu com a Sociedade de Antropologia, que vive vivedeira, apesar de Mendes Correia ter morrido no dia 7 de Janeiro de 1960.

Faz hoje precisamente 8 anos.

Permita-se-me que, em alguns momentos de recolhimento, preste a homenagem da minha veneração à memória do fundador da nossa Sociedade de Antropologia, que foi o meu querido Mestre.

.....

Minhas senhoras e meus senhores:

O Prof. Mendes Correia, de seu nome completo, António Augusto Esteves Mendes Correia, nasceu no Porto, em 4 de Abril de 1888, e morreu em Lisboa, em 7 de Janeiro de 1960.

Estudou no Porto, sua cidade natal, a que muito queria, e foi aluno distinto, quer no liceu quer na Universidade.

Em 1911, é nomeado Assistente de Ciências Biológicas na Faculdade de Ciências do Porto.

Em 1912, inicia o ensino da Antropologia, matéria por cujo estudo, através da Psiquiatria e da Antropologia Criminal, já se interessava desde o seu tempo de estudante.

Regeu durante mais de 40 anos a cadeira de Antropologia, à qual, dada a sua vasta cultura, imprimiu um alto nível e um lugar de realce entre as Ciências Humanas.

Organizou o Laboratório Antropológico e fundou o Museu, que está repartido por duas salas, a de Antropologia Metropolitana e a de Antropologia Ultramarina.

Em qualquer destas salas se conservam valiosas colecções, todas fruto da actividade própria ou organizadora de Mendes Correia.

Muito havia a dizer sobre a vida deste ilustre professor, que foi estudante distinto, jornalista, conferencista, político, professor dotado de excepcionais qualidades pedagógicas, investigador de notáveis méritos e perspicaz argúcia e, sobretudo, Mestre, um grande Mestre que soube fazer discípulos e criar a Escola Antropológica do Porto, que continua a tradição do núcleo da PORTUGÁLIA.

O Prof. Mendes Correia foi sócio de grande número de sociedades científicas nacionais e estrangeiras, foi distinguido com várias condecorações nacionais e estrangeiras e foi doutorado «honoris causa» pelas Universidades francesas de Lyon e Montpellier e pela Universidade sul-africana de Witwatersrand (Joanesburgo).

Há que, forçosamente, reduzir o muito que havia a dizer sobre este querido Mestre.

Algumas notas apenas, e rápidas, sobre a sua prodigiosa actividade como investigador.

A dissertação que, em 1911, apresentou na antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, como conclusão do seu curso de Medicina, intitula-se *O Génio e o Talento na Patologia*. Foi classificada com 19 valores.

É longa a lista dos trabalhos que publicou.

Nada menos de 387.

O primeiro *A nossa Instrução Primária Oficial (Breves notas sobre alguns dos seus mais graves defeitos)* foi publicado em 1909, era Mendes Correia estudante do 3.º ano de Medicina, e constituiu comunicação apresentada ao 2.º Congresso Pedagógico, realizado em Lisboa, em Abril de 1909.

O último, da *Antropologia Ultramarina*, foi publicado em 1962, dois anos depois da sua morte. Foi o tema duma sua lição num dos cursos de aperfeiçoamento sobre Etnologia do Ultramar Português, organizados em Fevereiro de 1959 pelo Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar. Está publicado no volume *Introdução à Antropologia Tropical*, n.º 95, da série Estudos, Ensaios e Documentos, págs. 145 a 268, da «Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1942.

Organizou o Laboratório Antropológico e fundou o Museu, de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, que está repartido por duas salas, a da Antropologia Metropolitana e a da Antropologia Ultramarina.

Em qualquer destas salas se conservam algumas muito valiosas colecções, todas ou quase todas, fruto da actividade própria ou organizadora do Prof. Mendes Correia.

O labor do Prof. Mendes Correia foi verdadeiramente excepcional.

Fundamentalmente antropologista, repartiu a sua prodigiosa actividade pela Criminologia, pela Pré-História e Proto-História, pela Demografia, pela Biologia Humana e pelos apaixonantes problemas das origens.

Sobre a origem do homem manifestou-se evolucionista e monogenista.

Combateu as doutrinas de Lombroso, do criminoso nato, estudou as produções literárias e artísticas dos alienados, alguns deles criminosos loucos; no vasto campo da Criminologia em geral e no campo restrito da Penologia, realçou a extraordinária importância que há em definir com precisão a personalidade bio-psico-moral do criminoso.

Em Pré-História e Proto-História publicou muitos e importantes trabalhos.

Estabeleceu a individualidade antropológica do tipo humano predominante nos concheiros de Muge, tipo que designou por *Homo afer taqanus*.

Admitiu a antiguidade pré-celta dos Lusitanos considerando-os como o principal elemento etnogénico do povo português.

Estudou as origens da cidade do Porto, considerando-a de fundação anterior aos Romanos e aos Suevos, e cujo núcleo inicial existiu no morro da Cividade.

Formulou uma nova hipótese da penetração de alguns elementos australianos e melanésios na América do Sul, alvitando uma via de penetração através das terras antárcticas em condições geográficas e climáticas diferentes das actuais. Fundamentou a sua nova hipótese do povoamento primitivo da América do Sul em factos de ordem geológica, paleogeográfica, paleontológica, biogeográfica e antropológica.

Formulou a hipótese de que a mais antiga referência literária a Lisboa está no texto de Platão sobre a Atlântida.

Ocupou-se de problemas de Biologia Humana como os grupos sanguíneos, as constituições, a masculinidade dos nascimentos, etc.

Fez numerosas investigações de osteometria portuguesa, numa série de esqueletos recolhidos em vários cemitérios do Porto e que organizou em colecção osteológica do nosso Museu de Antropologia. Ocupou-se da antropologia das colónias portuguesas, e a ele se deve, fundamentalmente, a organização das Missões Antropológicas à Guiné Portuguesa e a Moçambique. Estudou a antropologia dos *sambaquis* brasileiros. Fez e orientou escavações nos concheiros de Muge, em dólmenes, castros, necrópoles e outras estações arqueológicas, tendo descoberto alguns documentos de grande interesse para a Pré-história dos portugueses.

No livro *Em face de Deus* refere, com desassombro e grandeza de ânimo, a evolução das suas ideias no campo da Filosofia e em matéria religiosa, a par de algumas páginas das suas memórias e impressões de convívio com algumas individualidades superiores do país e do estrangeiro.

A actividade mental do Prof. Mendes Correia foi, sem dúvida, extraordinária e notável sob múltiplos aspectos.



Dotado de objectividade na pesquisa, foi sempre guiado por atitudes de escrupuloso anseio da Verdade, nunca esquecendo a certeza antecipada da transcendência e vastidão do ignoto em face dos limites do cientificamente conhecido.

No prólogo do seu livro *Gérmens e Cultura*, diz que aquele livro «é o singelo depoimento dum cientista, mas dum cientista que não esquece a multifacetada complexidade — na vasta integração universal — dos factos aparentemente mais simples e elementares, como não esquece também os seus próprios deveres para com a Pátria, para com todos os seres humanos, para com os princípios ecuménicos e eternos da Verdade e da Justiça».

O Prof. Mendes Correia foi um homem superiormente dotado. Pelas suas extraordinárias qualidades, marcou uma posição de assinalado relevo. No seu nobre espírito, existia fervente o querer inquebrantável.

Foi um homem superior.

Estudioso, superiormente inteligente e activo, não é de estranhar o fulgor que atingiu a sua carreira de homem de Ciência que muito honrou a nossa Faculdade, a nossa Universidade e o nosso país.

No exemplo dos 50 anos de vida da Sociedade de Antropologia, procuremos o alento para prosseguir na empresa nobre e altamente patriótica do estudo do povo português, na sua pré-história e proto-história e nas suas capacidades físico-bio-psíquicas, que se patenteiam no conjunto das suas virtualidades.

Será a melhor maneira de se homenagear a memória de Mendes Correia, que foi um grande professor, um grande cientista e um grande Mestre.

Prof. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Catedrático da Fac. de Ciências  
da Univ. do Porto

## TRABALHOS ORIGINAIS

# Contribuição para o estudo da Antropologia Física da Tribo Pombo (Angola)

POR

**Alexandre Sarmiento**

Médico do Q. S. do Ultr. e da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

e

**F. Figueira Henriques**

Médico do Q. S. do Ultramar

## 1 — Situação geográfica e população

O presente trabalho — que os Autores gostosamente elaboraram para participar na publicação do número especial da revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, editado em comemoração do Cinquentenário desta prestimosa Instituição — tem como objectivo trazer uma pequena contribuição para o estudo da Antropologia física da tribo Pombo.

Anteriormente, tivemos já oportunidade de publicar um outro trabalho sobre índices antropobiométricos nesse mesmo grupo étnico, sendo portanto o presente estudo a continuação da apresentação das nossas observações efectuadas há anos.

Tais observações foram feitas na área do concelho do Alto Cauale, do distrito do Congo, em Angola.

Este concelho foi formado por desdobramento do do Pombo e fica situado no noroeste daquela província ultramarina, tendo uma área aproximada de dez mil quilómetros quadrados.

Além do posto-sede, tem mais outros dois (os de Caiongo e do Bengo), e confina com os concelhos do Pombo, Negage, Macocola, Duque de Bragança e Camabatela.

No que diz respeito à população autóctone, recordaremos que as tribos do Congo português são subdivisões de dois grandes grupos linguístico-etnográficos existentes na província de Angola: o quicongo e o quimbundo.



Fig. 1 — Situação do concelho do Alto Cauale em Angola e no continente africano

Ao primeiro grupo pertencem, como tribos principais, os Musucos, Pombos, Muxicongos, Sossos, Cacongos, Muiacas, Muzombos e Mussorongos.

No segundo estão compreendidos os Jingas, Mahungos e Ngolas.

No ponto de vista étnico, o concelho do Alto Cauale é predominantemente habitado por gente das seguintes tribos: Pombos, Jingas e Mahungos.

Os primeiros, como já dissemos, pertencem ao grupo quicongo e habitam as áreas de Alto Cauale, Uamba, Sanza, Macocola e Cuila-Futa.

As nossas observações, como já tivemos ocasião de referir, dizem apenas respeito a essa tribo (Pombos) e foram todas efectuadas na área do concelho do Alto Cauale, cuja sede funciona na povoação de Cangola.

## 2 — Material e métodos

Para o nosso estudo examinámos 123 indivíduos adultos, do sexo masculino, todos pertencentes à tribo Pombo.

Apresentamos neste nosso trabalho os resultados referentes a algumas dimensões e índices corporais (estatura, altura do busto, comprimento dos membros inferiores, perímetro torácico e índice cormico) e crânio-faciais (comprimento e largura da cabeça, índice cefálico, altura e largura do nariz e índice nasal), reservando para outra oportunidade a apresentação de mais outros elementos também de grande interesse para o estudo antropológico desta mesma tribo.

## 3 — Estatura

Entre os casos extremos e isolados da mais alta e da mais baixa estatura (150 e 179 cm, respectivamente) há uma amplitude de 29 cm.

Todavia, na seriação a uma unidade, a maioria dos valores oscila entre 160 e 170 cm, sendo os seguintes os resultados obtidos no estudo deste importante carácter antropológico:

|                                |        |    |
|--------------------------------|--------|----|
| Média .....                    | 164,66 | cm |
| Desvio padrão .....            | 5,83   |    |
| Máximo .....                   | 179    | cm |
| Mínimo .....                   | 150    | cm |
| Classe de maior frequência ... | 165    |    |

Classificando os valores da estatura, obtemos para a nossa série de 123 Pombos a seguinte divisão:

|                                 |          |         |
|---------------------------------|----------|---------|
| Estaturas baixas .....          | 21 casos | 17,07 % |
| Estaturas abaixo da média ..... | 35 casos | 28,29 % |
| Estaturas acima da média .....  | 40 casos | 32,52 % |
| Estaturas altas .....           | 27 casos | 21,95 % |

#### 4 — **Altura do busto**

Encontrámos para esta dimensão os seguintes valores:

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Média .....                    | 86,11 cm |
| Desvio padrão .....            | 3,46     |
| Máximo .....                   | 93 cm    |
| Mínimo .....                   | 77 cm    |
| Classe de maior frequência ... | 85-86    |

Deduzindo à estatura a altura do busto, obtemos o comprimento médio dos membros inferiores, nesta designação se considerando a parte do corpo que medeia entre o chão e o plano horizontal bi-íscuiático.

Na nossa série, o valor médio dos membros inferiores é, pois, segundo a regra indicada, de 78,55 cm.

#### 5 — **Índice córico**

Para este índice, calculado em função da estatura e altura do busto, encontrámos os seguintes resultados:

|                                |       |
|--------------------------------|-------|
| Média .....                    | 52,09 |
| Desvio padrão .....            | 1,82  |
| Máximo .....                   | 58,8  |
| Mínimo .....                   | 44,7  |
| Classe de maior frequência ... | 52    |

Agrupando os nossos valores segundo a classificação mais geralmente adoptada, obtivemos estes resultados:

|                                  |          |        |
|----------------------------------|----------|--------|
| Braquicormos (busto curto) ..... | 33 casos | 26,8 % |
| Metriocormos (busto médio) ..... | 75 casos | 60,9 % |
| Macroscormos (busto comprido)... | 15 casos | 12,1 % |

#### 6 — Perímetro torácico

Os valores obtidos foram estes:

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Média .....                    | 82,36 cm |
| Desvio padrão .....            | 3,76     |
| Máximo .....                   | 93 cm    |
| Mínimo .....                   | 72 cm    |
| Classe de maior frequência ... | 82-83    |

#### 7 — Comprimento da cabeça

Valores obtidos:

|                                |           |
|--------------------------------|-----------|
| Média .....                    | 186,72 mm |
| Desvio padrão .....            | 6,08      |
| Máximo .....                   | 205 mm    |
| Mínimo .....                   | 170 mm    |
| Classe de maior frequência ... | 184-185   |

#### 8 — Largura da cabeça

Obtivemos os seguintes resultados:

|                                |                   |
|--------------------------------|-------------------|
| Média .....                    | 141,32 mm         |
| Desvio padrão .....            | 4,92              |
| Máximo .....                   | 155 mm            |
| Mínimo .....                   | 127 mm            |
| Classe de maior frequência ... | 139-140 e 145-146 |

## 9 — Índice cefálico

Calculado com base nas duas mensurações anteriormente referidas, os nossos resultados para o índice cefálico dos Pombos foram os seguintes:

|                                |      |
|--------------------------------|------|
| Média .....                    | 75,8 |
| Desvio padrão .....            | 0,78 |
| Máximo .....                   | 87,0 |
| Mínimo .....                   | 68,2 |
| Classe de maior frequência ... | 76   |

Fazendo agora o agrupamento dos valores obtidos segundo a divisão mais habitual do índice cefálico, teremos:

|                          |          |         |
|--------------------------|----------|---------|
| Hiperdolicocéfalos ..... | 9 casos  | 7,31 %  |
| Dolicocéfalos .....      | 57 casos | 46,34 % |
| Mesocéfalos .....        | 47 casos | 38,21 % |
| Braquicéfalos .....      | 10 casos | 8,11 %  |

## 10 — Altura do nariz

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Média .....                    | 42,52 mm |
| Desvio padrão .....            | 3,19     |
| Máximo .....                   | 52 mm    |
| Mínimo .....                   | 35 mm    |
| Classe de maior frequência ... | 42       |

## 11 — Largura do nariz

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Média .....                    | 42,64 mm |
| Desvio padrão .....            | 3,08     |
| Máximo .....                   | 55 mm    |
| Mínimo .....                   | 35 mm    |
| Classe de maior frequência ... | 45       |



## 12 — Índice nasal

Para este índice, de tão grande interesse no estudo antropológico dos melano-africanos, encontrámos os seguintes valores:

|                               |        |
|-------------------------------|--------|
| Média .....                   | 100,85 |
| Desvio padrão .....           | 9,86   |
| Máximo .....                  | 125,6  |
| Mínimo .....                  | 77,0   |
| Classe de maior frequência... | 94-95  |

Escalonando agora os valores desta série pelas diversas categorias em que se divide a classificação do índice nasal, obtemos os seguintes valores absolutos e percentuais:

|                         |          |         |
|-------------------------|----------|---------|
| Mesorríneos .....       | 6 casos  | 4,87 %  |
| Platirríneos .....      | 52 casos | 42,27 % |
| Hiperplatirríneos ..... | 65 casos | 52,84 % |

Como se vê, domina a hiperplatirrínia, não havendo qualquer caso de leptorríneos.

## 13 — Conclusões

Em relação aos caracteres merísticos estudados nesta série de 123 adultos masculinos da tribo Pombo, podemos tirar as seguintes conclusões:

- I — A estatura média é de 164,66 cm, dentro portanto dos valores habitualmente encontrados na sub-raça congoleza.
- II — O valor médio da altura do busto é de 86,11 cm.
- III — O valor médio do comprimento dos membros inferiores é de 78,55 cm.
- IV — O valor médio do índice còrmico é de 52,09.
- V — O valor médio do perímetro torácico é de 82,36 cm.

- VI — O comprimento médio da cabeça é de 186,72 mm.  
VII — A largura média da cabeça é de 141,32 mm.  
VIII — O valor médio do índice cefálico é de 75,8.  
IX — A largura média do nariz é de 42,64 mm.  
X — A altura média do nariz é de 42,52 mm.  
XI — O valor médio do índice nasal é de 100,85.  
XII — O tipo médio do homem da tribo Pombo caracteriza-se, pois, por:
- a) Estatura abaixo da média (164,66 cm), embora se note grande incidência de valores acima da média.
  - b) Metriocormia (índice córmico médio de 52,09).
  - c) Dolicocefalia (75,8), com certa tendência para a mesocefalia.
  - d) Hiperplatirrinia (100,85).

#### 14 — Bibliografia

- H. V. VALLOIS — *Technique Anthropométrique*, Paris, 1948.  
H. ESTEVES FELGAS — *As populações nativas do Congo Português*, 1960.  
ALEXANDRE SARMENTO e F. FIGUEIRA HENRIQUES — *Subsídios para o estudo de alguns índices antropobiométricos na tribo Pombo*, Lisboa, 1960.

# Contribuição para o estudo do sistema ABO em Chineses de Macau

POR

António de Almeida,  
Maria Emília de Castro e Almeida  
e Miguel Vieira

Do Centro de Estudos de Antropologia  
Junta de Investigações do Ultramar — Lisboa

A Missão Antropológica de Timor (1953-1954), R. Vieira (1956 e 1960-1966) e a Brigada de Estudos Antropobiológicos de Macau (1966) — a primeira e última chefiadas por um de nós — observaram grupos sanguíneos do sistema ABO em Chineses naturais de Macau e regiões vizinhas e de Dili (Timor Português) na totalidade de 1657 indivíduos. Os primeiros elementos de R. Vieira, separadamente, e associados aos da Missão Antropológica de Timor, foram publicados, respectivamente, por Almerindo Lessa (1956) e por António de Almeida e Maria Emília de Castro e Almeida (1959).

O presente trabalho ocupa-se do estudo, em conjunto, dos grupos sanguíneos do sistema ABO, dos Chineses de Macau até agora determinados, no Timor Português pela respectiva Missão Antropológica, e em Macau por R. Vieira, espontâneamente ou a pedido da Brigada de Estudos Antropobiológicos, sob o patrocínio do Governo da Província.

\*

O estudo realizado sobre a série composta pelos dados obtidos por R. Vieira (1956) e pelos da Missão Antropológica de Timor, elaborado por António de Almeida e Maria Emília de Castro e Almeida, levou aos seguintes resultados:

QUADRO I

| Grupos | Frequências observadas | Percentagens |
|--------|------------------------|--------------|
| A      | 118                    | 24,33        |
| B      | 131                    | 27,01        |
| AB     | 27                     | 5,57         |
| O      | 209                    | 43,09        |
| Totais | 485                    | 100,00       |

QUADRO II

| Parâmetros | Valores provisórios | Correcções | Valores corrigidos |
|------------|---------------------|------------|--------------------|
| p          | 0,16272             | + 0,00016  | 0,16288            |
| q          | 0,17888             | + 0,00017  | 0,17905            |
| r          | 0,65645             | + 0,00162  | 0,65807            |

A discrepância calculada mostrou-se igual a + 0,00195 e o erro-médio dos parâmetros a 0,00632 e, por conseguinte:

$\frac{D}{m} = 0,30854$ , valor que conduz, nas tabelas respectivas, para um grau de liberdade, a uma probabilidade de  $50\% < P < 60\%$ , o que equivale a dizer que a série está, estatisticamente de acordo com a hipótese génica de Bernstein.

\*

As frequências e as percentagens da série dos grupos do sistema ABO, obtidos pela Brigada de Estudos Antropobiológicos de Macau (1966) figuram no quadro seguinte:

QUADRO III

| Grupos | Frequências observadas | Percentagem |
|--------|------------------------|-------------|
| A      | 139                    | 25,98       |
| B      | 142                    | 26,54       |
| AB     | 31                     | 5,79        |
| O      | 223                    | 41,69       |
| Totais | 535                    | 100,00      |

Analisando estatisticamente a série, a fim de verificar-se a sua concordância ou não com a hipótese de Bernstein, servindo-nos do critério matemático do erro-médio, obteve-se:

QUADRO IV

| Parâmetros | Valores provisórios | Correcções | Valores corrigidos |
|------------|---------------------|------------|--------------------|
| p          | 0,17402             | + 0,00025  | 0,17427            |
| q          | 0,17742             | + 0,00026  | 0,17768            |
| r          | 0,64562             | + 0,00242  | 0,64804            |

Estes dados estatísticos permitiram os seguintes resultados:

$D = + 0,00294$  e  $m = 0,00632$ , e portanto,  $\frac{D}{m} = 0,46519$ , valor correspondente, nas tabelas respectivas a uma probabilidade de  $60\% < P < 70\%$ . Por consequência, a série em estudo está estatisticamente em concordância com a teoria de Bernstein.

\*

As frequências e as percentagens da série dos grupos sanguíneos do sistema ABO de R. Vieira (1960-1966) constam do quadro seguinte:

QUADRO V

| Grupos | Frequências observadas | Percentagens |
|--------|------------------------|--------------|
| A      | 170                    | 26,69        |
| B      | 166                    | 26,06        |
| AB     | 50                     | 7,85         |
| O      | 251                    | 39,40        |
| Totais | 637                    | 100,00       |

Utilizando o critério estatístico do erro-médio, encontrou-se:

QUADRO VI

| Parâmetros | Valores provisórios | Correcções | Valores corrigidos |
|------------|---------------------|------------|--------------------|
| p          | 0,1                 | - 0,00054  | 0,19037            |
| q          | 0,18704             | - 0,00053  | 0,18651            |
| r          | 0,62772             | - 0,00460  | 0,62312            |

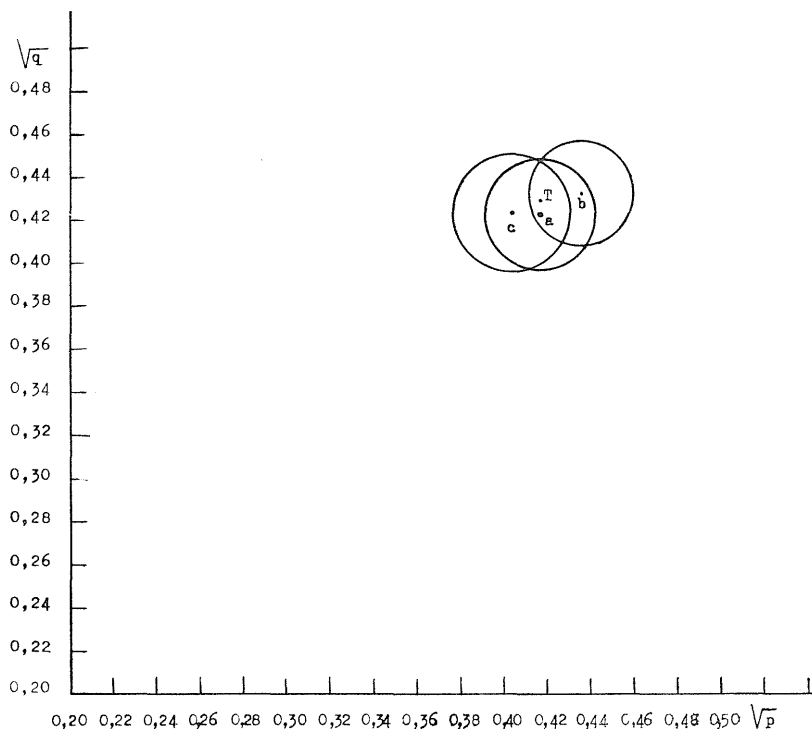
A discrepância calculada foi igual a - 0,00567 e o erro-médio dos parâmetros a 0,00632 e, por conseguinte:

$\frac{D}{m} = 0,89715$ , valor que nas tabelas respectivas, conduz a uma probabilidade de  $30\% < P < 40\%$ , prova de que a série está de acordo com a hipótese de Bernstein.

Após termos verificado que as três séries dos Chineses em estudo estão de acordo com a hipótese génica de Bernstein, procurámos reconhecer se todos são amostras de uma mesma população, utilizando quer os círculos de Stevens, quer comparando-as duas a duas, para o que nos servimos do teste de significância das diferenças entre dois grupos do mesmo autor.

Representando as três séries pelos respectivos círculos, obtivemos:

QUADRO VII



Na realidade as três séries pertencem à mesma população.

Aplicando o teste da significância das diferenças entre dois grupos à série de R. Vieira (1960-1966) e à de António de Almeida e Maria Emília de Castro e Almeida (1959) obtiveram-se os seguintes resultados:

QUADRO VIII

| Séries  |       | $p$       | $q$     | $\frac{1}{N}$ | $Np$      | $Nq$      |
|---|-------|-----------|---------|---------------|-----------|-----------|
| R. Vieira (1960-1966)                                   | 637   | 0,19037   | 0,18651 | 0,00157       | 121,26569 | 118,80687 |
| A. de Almeida e Maria Emília de Castro e Almeida (1959) | 485   | 0,16293   | 0,17902 | 0,00206       | 79,02105  | 86,82470  |
| Totais  | 1 122 |           |         | 0,00363       | 200,28674 | 205,63157 |
| Diferenças  |       | + 0,02744 |         |               |           |           |
| Médias  |       | 0,17851   |         |               |           |           |

Os valores da matriz de informação correspondente a  $p$  e  $q$ , segundo as tabelas de Stevens, são:

$$ipp = 12,85642$$

$$ipq = 2,48800$$

$$iqq = 12,43520$$

O qui-quadrado, para dois graus de liberdade, é igual a 3,14050, correspondente a uma probabilidade de  $20\% < P < 30\%$ , prova evidente de que as duas séries em confronto pertencem a uma única população.



Os resultados da aplicação do mencionado teste às séries da Brigada de Estudos Antropobiológicos de Macau (1966) e de R. Vieira (1960-1966) figuram no quadro seguinte:

QUADRO IX

| Séries  | N     | p         | q         | $\frac{1}{N}$ | Np        | Nq        |
|---|-------|-----------|-----------|---------------|-----------|-----------|
| Chineses (Brigada de Estudos Antropobiológicos, 1966) | 535   | 0,17427   | 0,17768   | 0,00187       | 93,23445  | 95,05880  |
| R. Vieira (1960-1966)                                 | 637   | 0,19037   | 0,18651   | 0,00157       | 121,26569 | 118,80687 |
| Totais  | 1 172 |           |           | 0,00344       | 214,50014 | 213,86567 |
| Diferenças  |       | - 0,01610 | - 0,00883 |               |           |           |
| Médias  |       | 0,18302   | 0,18248   |               |           |           |

Os valores da matriz de informação correspondente a  $p$  e  $q$ , calculada a partir das tabelas de Stevens, são:

$$ipp = 12,53961$$

$$ipq = 2,48800$$

$$iqq = 12,48904$$

O qui-quadrado, para dois graus de liberdade, é igual a 1,43314, valor que corresponde a uma probabilidade de  $30\% < P < 50\%$ , demonstração de que se trata de duas amostras de uma só população.

Aplicando agora o mesmo teste à série da Brigada de Estudos Antropobiológicos de Macau e à de António de Almeida e Maria Emília de Castro e Almeida, obtivemos os seguintes resultados:

QUADRO X

| Séries  | N     | p         | q         | $\frac{1}{N}$ | Np        | Nq        |
|---|-------|-----------|-----------|---------------|-----------|-----------|
| Chineses (Brigada de Estudos Antropobiológicos de Macau | 535   | 0,17427   | 0,17768   | 0,00187       | 93,23445  | 95,05880  |
| A. de Almeida e Maria Emilia de Castro e Almeida (1959) | 485   | 0,16293   | 0,17902   | 0,00206       | 79,02105  | 86,82470  |
| Totais  | 1 020 |           |           | 0,00393       | 172,25550 | 181,88350 |
| Diferenças  |       | + 0,01134 | - 0,00134 |               |           |           |
| Médias  |       | 0,16888   | 0,17832   |               |           |           |

Os valores da matriz de informação, correspondente a  $p$  e  $q$ , obtidos a partir das tabelas de Stevens, são:

$$ipp = 13,44720$$

$$ipq = 2,46500$$

$$iqq = 12,76357$$

O qui-quadrado, para dois graus de liberdade, iguala-se a 0,42748, valor correspondente a uma probabilidade de  $80\% < P < 90\%$ , prova de que as duas amostras fazem parte da mesma população.

\*

Verificado que as três séries de Chineses de Macau e vizinhanças obedecem à teoria de Bernstein e dado que todas elas são amostras de uma única população, e dado que não há dupli-

cação de indivíduos estudados, reunimo-las numa só, cujas frequências observadas e respectivas percentagens figuram no quadro seguinte:

QUADRO XI

| Grupos | Frequências observadas | Percentagens |
|--------|------------------------|--------------|
| A      | 427                    | 25,77        |
| B      | 439                    | 26,49        |
| AB     | 108                    | 6,52         |
| O      | 683                    | 41,22        |
| Totais | 1 657                  | 100,00       |

O emprego do critério estatístico do erro-médio, a esta série para efeito de saber se está ou não de acordo com a hipótese de Bernstein deu os seguintes resultados:

QUADRO XII

| Parâmetros | Valores provisórios | Correcções | Valores corrigidos |
|------------|---------------------|------------|--------------------|
| p          | 0,17712             | - 0,00006  | 0,17706            |
| q          | 0,18153             | - 0,00006  | 0,18147            |
| r          | 0,64202             | - 0,00055  | 0,64147            |

A discrepância é igual a  $-0,00067$  e o erro-médio dos parâmetros a  $0,00374$ . Por consequência,  $\frac{D}{m} = 0,17914$ , valor que nas tabelas respectivas, para um grau de liberdade, corresponde a uma probabilidade de  $80\% < P < 90\%$ , testemunho de que a série está em concordância com a hipótese de Bernstein.

A aplicação do teste do qui-quadrado, leva a idênticas conclusões. Os valores calculados constam do quadro seguinte:

QUADRO XIII

| Grupos | Frequências observadas | Frequências teóricas | $\chi^2$ |
|--------|------------------------|----------------------|----------|
| A      | 427                    | 428,34709            | 0,00424  |
| B      | 439                    | 440,34195            | 0,00409  |
| AB     | 108                    | 106,48239            | 0,02163  |
| O      | 683                    | 681,82860            | 0,00201  |
| Totais | 1 657                  |                      | 0,03197  |

A pequenez dos qui-quadrados parciais evidencia uma concordância perfeita entre os valores observados e os teóricos. O qui-quadrado total, corresponde a uma probabilidade  $80\% < P < 90\%$ , demonstra que esta série pode considerar-se bem representativa da população dos Chineses de Macau e arredores.

### Conclusões

Neste trabalho estudou-se serològicamente o (sistema ABO) em duas séries de Chineses de Macau, constituídas respectivamente por 535 e 637 indivíduos.

Aplicando-se métodos estatísticos adequados, concluiu-se existir concordância de ambas com a hipótese génica de Bernstein.

Dado que não havia repetição dos indivíduos analisados, e após ter-se verificado estatisticamente, que as duas pertenciam a uma mesma população formou-se uma nova série de 1172 indivíduos. Um trabalho anterior, realizado por dois de nós, orientado do mesmo modo, tinha-se ocupado de uma série de 485 Chineses de Macau. Interessava pois investigar se esta amostra e a actual

faziam parte ou não da mesma população. Perante a afirmativa formou-se uma nova série, agora de 1657 indivíduos, a qual obedecia à hipótese génica de Bernstein, e que forneceu para valores dos parâmetros  $p$ ,  $q$  e  $r$ , respectivamente de:

$$p = 0,17706; \quad q = 0,18147; \quad r = 0,64147$$

### Résumé

On a fait l'étude sérologique (ABO) de deux séries de Chinois de Macao constituées respectivement par 535 et 637 individus.

En appliquant les méthodes statistiques adéquats, on a conclu de la respective concordance avec l'hypothèse génique de Bernstein.

Étant donné qu'il n'y avait pas répétition des Individus analysés, et après avoir vérifié statistiquement, que les deux échantillons appartenaient à une même population on a formé une nouvelle série de 1172 individus. Un travail antérieur, accompli par deux d'entre nous, orienté dans le même sens, avait traité une série de 485 Chinois de Macao. L'intérêt était de rechercher si cet échantillon et l'actuel faisaient partie ou non de la même population, et devant l'affirmative on a formé, une nouvelle série, maintenant de 1657 individus, laquelle, obéissant à l'hypothèse génique de Bernstein, nous a fourni pour valeurs des paramètres  $p$ ,  $q$  et  $r$ , respectivement:

$$p = 0,17706; \quad q = 0,18147; \quad r = 0,64147$$

### Bibliografia

- ALMEIDA, António de — *Contribuição para o estudo da antropologia serológica dos nativos de Timor Português, de Macau e de S. Tomé e Príncipe*. «Estudos Ultramarinos», Vol. v, Lisboa, 1955.
- ALMEIDA, António & ALMEIDA, Maria Emília de Castro e — *Contribuição para o estudo seroantropológico dos Macaenses*. «Memórias da Junta de Investigações do Ultramar», Lisboa, 1959.

- BOYD, W. C. — *Genétique et races humaines*. Paris, 1952.
- FISHER, R. A. — *Statistical methods for research workers*, 9th ed. London, 1944.
- KOSSOVITCH, N. & RIVIÈRE, Dujaric de la — *Les groupes sanguins*. Paris, 1956.
- LESSA, Almerindo — *A individualidade bio'ológica do sangue*. Porto, 1956.
- LOHOVARY, N. — *Le sang des peuples*. Paris, 1959.
- MOURANT, A. E. — *The distribution of the human blood groups*. Oxford, 1954.
- SNEDECOR, G. W. — *Métodos estatísticos*. Ed. portuguesa, Lisboa, 1954.
- SNYDER L. H. — *Human blood groups: their inheritance and racial significance*. «Americ». *J. Physi. Anthropol.* 9. London, 1926.

# Diagnostics typologiques sur profils

PAR

U. Bohny et G. Baumann

Institut d'Anatomie de la Faculté de Médecine

(Dir.: Professeur J.-A. Baumann)

Université de Genève

Le nombre des typologies est grand, si nous considérons toutes celles qui sont apparues depuis la haute Antiquité et celles qui ont cours actuellement.

Suivant les critères employés, on peut les répartir en 4 classes: morphoscopiques, métriques, physiologiques, caractérologiques. Beaucoup d'entre elles, d'ailleurs, se réclament de deux ou plusieurs de ces catégories.

Dans notre laboratoire nous cherchons une méthode simple pour établir des diagnostics constitutionnels individuels. Or, nous nous sommes heurtés à des difficultés que nous résumons rapidement:

Les méthodes purement morphoscopiques font appel à un «coup d'oeil» qui introduit obligatoirement un élément subjectif. Et par là, elles sont difficiles à transmettre à des élèves, car elles nécessitent un assez long entraînement. Si elles permettent de repérer les types extrêmes, leur appréciation des cas intermédiaires, ou des dysplasies, manque de rigueur.

Nous avons écarté d'emblée les méthodes physiologiques et caractérologiques. Le développement de ces disciplines rend obligatoire la collaboration de plusieurs spécialistes.

D'autres méthodes tiennent compte presque uniquement des mesures anthropobiométriques et surtout des indices (rapports entre 2 mesures). Nous voulons mentionner celles de G. Viola et de M. Barbara qui nous paraissent les mieux élaborées. Bien appli-

quées elles donnent un grand nombre de renseignements qui permettent de «typer» les individus.

Mais, pour le but que nous nous sommes fixé, elles sont trop complètes et déterminent un grand nombre de constitutions différentes avec toutes leurs variétés intermédiaires. Car nous voulons avant tout pouvoir séparer, par une représentation graphique simple, les 3 types fondamentaux; nous croyons ainsi que l'application pratique pourra en être beaucoup plus large et facile.

Nous ne faisons pas une revue de toutes les typologies, ni leur critique. Elles ont chacune leur intérêt. Mais aucune ne répond parfaitement à notre propos. C'est pourquoi nous avons essayé de choisir quelques indices présentant deux qualités:

- 1 — mesures faciles à prendre, donc «points» faciles à repérer.
- 2 — bonne différenciation typologique et détermination facile des classes suivant l'âge et le sexe.

Nous avons ajouté au profil de ces indices la notation morphoscopique de W. H. Sheldon. Les travaux de Sheldon font intervenir à la fois morphoscopie et mesures. Nous ne pouvons prendre ces dernières en considération car les mensurations sont faites sur photos et celles-ci exigent une installation fixe.

De plus, nous établissons le morphogramme de J. Decourt et D. Doumic qui apprécie surtout la composante sexuelle; ce morphogramme nous a toujours fourni des renseignements précieux à condition d'avoir d'abord fait le diagnostic constitutionnel.

Enfin, il nous paraît utile de mesurer le pli cutané, que J. Vague a si bien étudié; pour mieux juger les indices de corpulence et les périmètres.

Le choix de nos critères n'est pas nécessairement définitif. Mais voici, avec les quelques données que nous utilisons actuellement, comment 3 types différents, assez purs, peuvent être facilement déterminés sur profil.

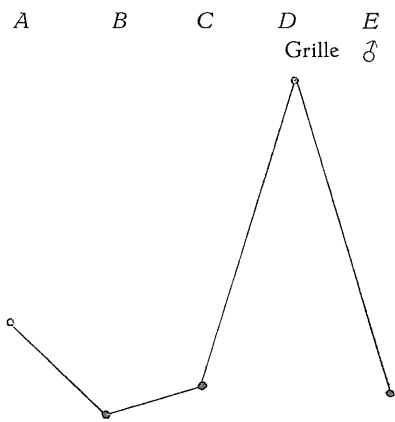
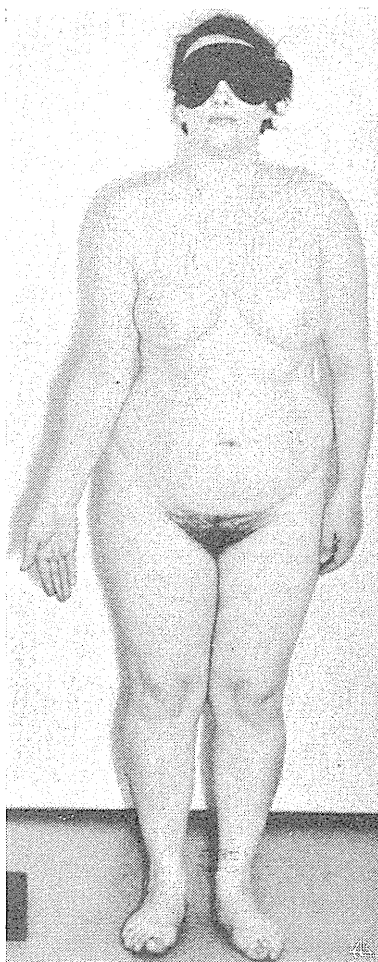
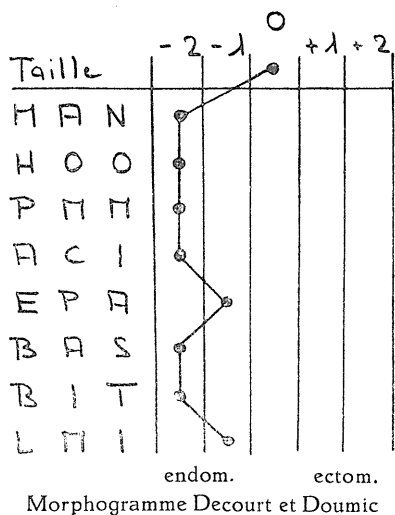
### **Cas 382 (planche 1)**

Le profil typologique montre que cette femme est de taille plutôt petite, d'un type endomorphe très accusé.



Profil typologique

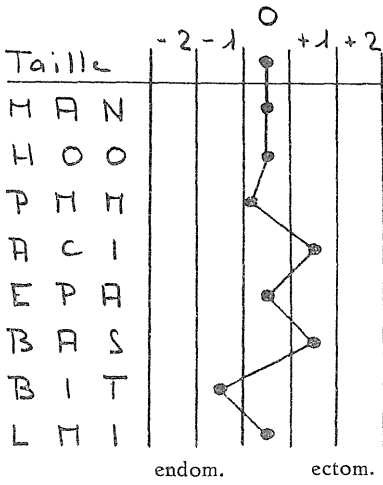
Cas 382



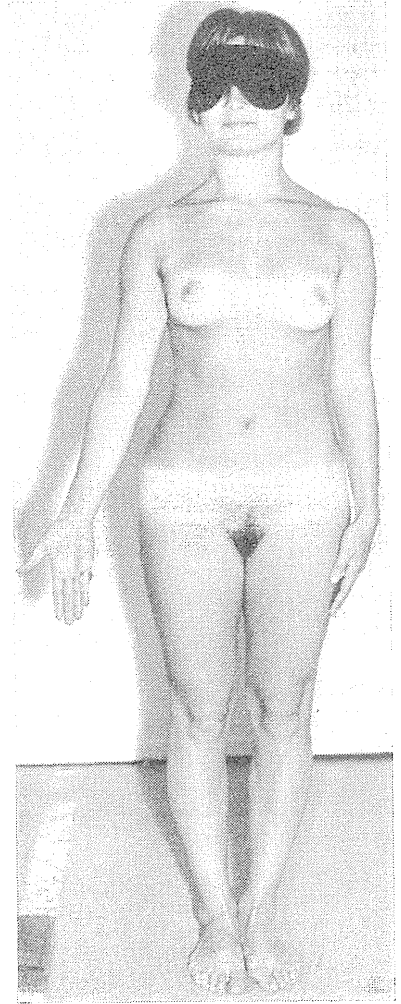
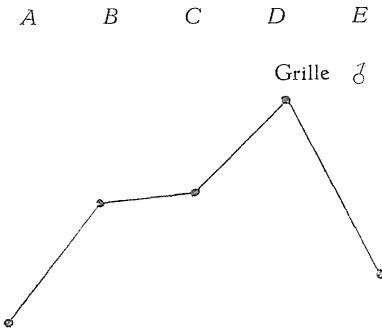
S/Sheldon 6.3.3

Profil typologique

Cas 379



Morphogramme Decourt et Doumic



S/Sheldon 4.4.4

Son obésité dépasse certainement les limites physiologiques de ce type.

La notation de Sheldon est de 6.3.3. (endomorphie, mésomorphie, ectomorphie).

### **Indices typologiques**

*L'indice de la taille* montre une taille un peu en-dessous de la moyenne.

*L'indice skélique de Manouvrier (MAN)* (proportion membre inférieur/taille) est en accord avec son type et sa taille, et montre une brachyskélie.

*L'indice de Hooton (HOO)* (indice de corpulence) dépasse de  $2\sigma$  dans le sens de l'endomorphie. La cote de Parnell/Sheldon est de 1. Son rapport poids/taille est alourdi d'une obésité.

*Périmètre musculaire moyen (PMM)* est élevé, mais il dépend ici de l'obésité, et non de la mésomorphie.

*L'indice acromio-iliaque (ACI)* (forme du tronc) est dévié dans le sens de l'endomorphie.

*L'indice de largeur des épaules (EPA)* s'accorde bien au type endomorphe.

*L'indice de largeur du bassin (BAS)* s'accorde bien au type endomorphe.

*L'indice de largeur bitrochantérienne (BIT)* est aussi très dévié dans le sens de l'endomorphie.

*L'indice de longueur du membre inférieur (LMI)* indique un membre inférieur court, qui s'accorde aussi avec le type et la taille.

### **Morphogramme de Decourt et Doumic**

Ce morphogramme est centré autour de la taille (point C) et indique une bonne différenciation dans le sens féminin et une brachyskélie normale pour le type endomorphe. A ce type s'ajoute une forte obésité.

*La hauteur du point A* = périmètre thoracique: est élevée, du fait de l'obésité et du type.

*La hauteur du point B* = hauteur du grand trochanter: est abaissée à cause du type (brachyskélie).

*La hauteur du point C* = taille: montre une taille plutôt en dessous de la moyenne.

*La hauteur du point D* = largeur bitrochantérienne: est beaucoup trop élevée, même pour une endomorphe, car, à un bon déterminisme féminin et au type, s'ajoute l'obésité.

*La hauteur du point E* = largeur bihumérale: est due au type endomorphe et aussi un peu à l'obésité.

### Cas 379 (planche 2)

Le profil typologique montre que cette femme est d'une taille moyenne, avec un indice de Manouvrier moyen pour sa taille, donc normoskèle et d'un type moyen (intermédiaire entre l'endo- et l'ectomorphie) très pur, ce qui est rare, type qui correspond peut-être au type chordoblastique de Martini.

La notation de Sheldon est de 4.4.4. (endomorphie, mésomorphie, ectomorphie).

### Indices typologiques

*L'indice de la taille*: la taille est dans la moyenne pour son sexe.

*L'indice skélique de Manouvrier* (MAN) est dans la moyenne, donc cette femme est normoskèle.

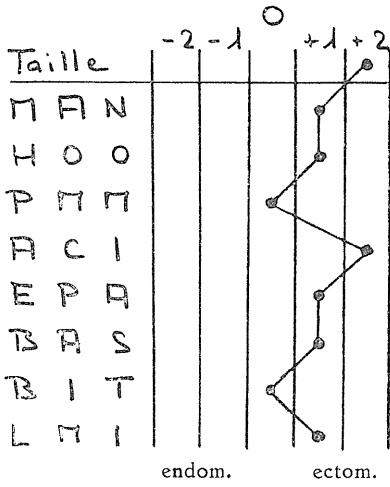
*L'indice de Hooton* (HOO) (indice de corpulence) est parfaitement dans la moyenne, la cote d'ectomorphie étant de  $3\frac{1}{2}$ .

*Périmètre musculaire moyen* (PMM) est dans la moyenne et indique pour une femme qui n'a pas d'obésité un petit élément de mésomorphie qui accompagne en général ce type.

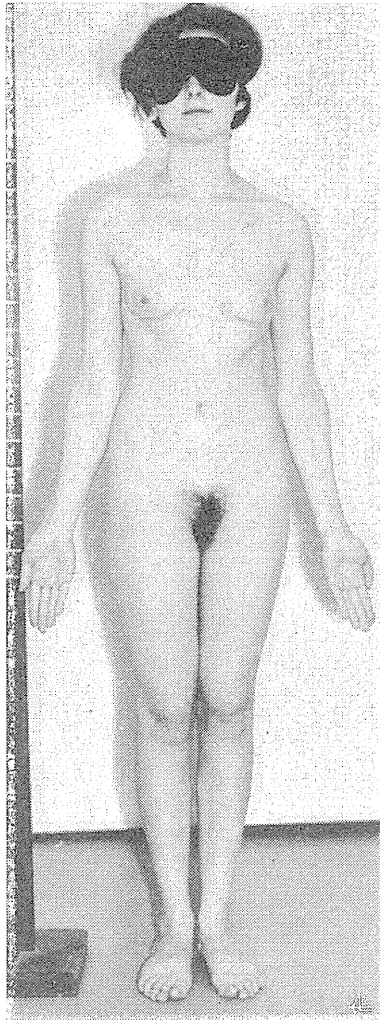
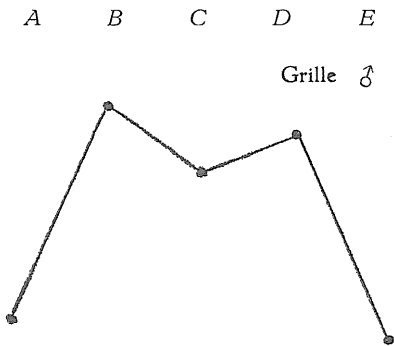
*L'indice acromio-iliaque* (ACI) (forme du tronc) montre un tronc un peu trapézoïde.

Profil typologique

Cas 359



Morphogramme Decourt et Doumic



S/Sheldon 2.3.6

*L'indice de largeur des épaules (EPA)* est dans la moyenne; c'est fréquent pour ce type.

*L'indice de largeur du bassin (BAS)* montre un bassin étroit dans le sens de l'ectomorphie.

*L'indice de largeur bitrochantérienne (BIT)* montre des hanches assez larges pour le type, mais normales pour le sexe.

*L'indice de longueur du membre inférieur (LMI)* est dans la moyenne, parfaitement en accord avec le type.

### **Morphogramme de Decourt et Doumic**

Ce morphogramme centré autour de la taille (point C) est typique pour une normoskèle avec une légère touche de mésomorphie.

Il est rare d'avoir un morphogramme aussi parfait.

*La hauteur du point A* = périmètre thoracique: indique une touche de mésomorphie puisqu'il n'y a pas d'obésité.

*La hauteur du point B* = hauteur du grand trochanter: est très juste pour une normoskèle.

*La hauteur du point C* = taille: indique une taille dans la moyenne.

*La hauteur du point D* = largeur bitrochantérienne: et la pente C-D, indiquent une parfaite orthogonie.

*La hauteur du point E* = largeur bihumérale: placée un peu trop haut, montre un élément de mésomorphie.

### **Cas 359 (planche 3)**

Le profil typologique montre une femme de grande taille, macroskèle, un peu maigre pour son type, de type ectomorphe très pur.

La notation de Sheldon est de 2.3.6. (endomorphie, mésomorphie, ectomorphie).

## Indices typologiques

*L'indice de la taille*: la taille est grande, normale pour une macroskèle et ectomorphe.

*L'indice skélique de Manouvrier (MAN)* (proportion membre inférieur/taille) indique une macroskélie.

*L'indice de Hooton (HOO)* (indice de corpulence) montre un rapport poids/taille dans le sens de l'ectomorphie.

*Périmètre musculaire moyen (PMM)*, dans la moyenne, est, pour une femme grande, maigre et ectomorphe, assez élevé; cet indice montre un type sthénique.

*L'indice acromio-iliaque (ACI)* apprécie la forme du tronc, comparant la largeur des épaules et la largeur du bassin; il montre un tronc trapézoïde, normal pour le type.

*L'indice de largeur des épaules (EPA)* est normal pour une femme grande et ectomorphe.

*L'indice de largeur du bassin (BAS)* indique un bassin étroit, normal pour une femme ectomorphe.

*L'indice de largeur bitrochantérienne (BIT)* est dans la moyenne, donc: hanches étroites de type ectomorphe.

*L'indice de longueur du membre inférieur (LMI)* indique la macroskélie (voir aussi MAN).

## Morphogramme de Decourt et Doumic

Ce morphogramme est centré autour de la taille (point C) et montre une macroskélie chez une femme maigre.

*La hauteur du point A* = périmètre thoracique: est normale pour la taille, la macroskélie et l'ectomorphie.

*La hauteur du point B* = hauteur du grand trochanter: est très élevée et dépend de la grande taille et de la macroskélie.

*La hauteur du point C* = taille: indique une grande taille.

*La hauteur du point D* = largeur bitrochantérienne: est normale pour le type ectomorphe, la grande taille et la macroskélie.

*La hauteur du point E = largeur bihumérale*: est assez normale étant donné le type maigre et ectomorphe.

Nous espérons pouvoir nous servir de ces profils de base, non seulement pour les diagnostics rapides des types fondamentaux, mais pour le classement objectif des constitutions intermédiaires ou dysplasiques, et aussi pour des appréciations cliniques.



# Las Noches de Tobías en las costumbres matrimoniales de Galicia

POR

Fermin Bouza-Brey y Trillo

Da Socied. Portug. de Antrop. e Etnol.

Es conocida entre los etnógrafos la continencia conyugal durante un período subsiguiente al matrimonio con el nombre de «Noches de Tobías», costumbre sobre la cual ha publicado el ilustre investigador francés P. Saintyves, seudónimo literario del director de la *Revue Antropologique* Emilio Nourry, un bello estudio que resulta clásico en la materia por su documentación y sus conclusiones (1).

El nombre de «Noches de Tobías» o también «Las Tres Noches de Tobías» toma su fundamento en la tradición bíblica, la cual, en la historia del matrimonio del joven Tobías con su prima Sara, relata como Rafael, arcángel, al ordenarle que la obtenga en nupcias y ser objetado por el mancebo de que habían sido muertos por el demonio siete maridos anteriores, le dice que, para evitar esta desdicha, entre con la esposa en continencia y no haga sino rogar a Dios en unión de ella, durante tres días, al cabo de los cuales no solo habrá huido el espíritu infernal, sino que Tobías será admitido en el seno de los santos Patriarcas y recibirá la bendición del Señor a fin de que tenga hijos vigorosos. Siguieron

---

(1) P. Saintyves — *Les trois nuits de Tobie ou la continence durant la première ou les premières nuits du mariage*. «Revue Antropologique», Paris (Nums. 10-12, Oct.-Dez., 1934, pp. 266-296).

los consejos del Arcángel después de su matrimonio, guiándose durante él, después de guardar los tres días de continencia sexual, mas por el deseo de tener hijos que por la baja pasión concupiscente <sup>(2)</sup>.

Pero con la introducción de esta historia de Tobías que es, por lo visto, un cuento traído de Caldea, la Iglesia ha querido cristianizar una práctica pagana antigua <sup>(3)</sup>. Así es señalada la abstinencia en el uso del débito conyugal durante los primeros días matrimoniales en la India antigua y moderna, en el Iran, el Punjab y otros pueblos asiáticos; entre los semicivilizados de Africa, América y Oceanía, con amplias referencias de pueblos, y, en fin, en buena parte de Europa y muy especialmente en la Bretaña francesa, como recoge el gran etnógrafo citado <sup>(4)</sup>.

La Iglesia en el curso de su historia ha recomendado la práctica de esta continencia, con mas o menos extensión, desde el IV Concilio de Cartago en 398 hasta el Concilio de Trento en el siglo XVI en que no se presenta la continencia de las tres primeras noches como obligación sino como consejo, pasando por un canon español del año 633, de tal suerte que «pendant la plus grande partie du moyen âge l'absténencia des trois nuits fut la règle dans toute la chrétienté» <sup>(5)</sup>.

Pues bien. En Galicia también existe la costumbre de guardar las «Tres Noches de Tobías». Tratamos aquí de reunir algunas referencias que han llegado a nuestro conocimiento, con las variantes que ofrecen en los distintos lugares donde fueron recogidas

<sup>(2)</sup> El texto bíblico mas concreto a nuestro objeto lo hallamo dentro del *Libro de Tobías*, VIII, 4, de la traducción latina de San Jerónimo o la Vulgata: *Tunc hortatus est virginum Tobías, dixitque ei: — Sara, exurge et deprecemur Deum hodie, et cras et secundum cras: quia his tribus noctibus Deo iungimur: tertia autem transacta nocte, in nostro erimus coniugio*. Es de advertir, como cosa no vista por Saintyves, que lo relativo a continencia conyugal durante tres noches no aparece en las versiones directas del hebreo hechas actualmente sino en el texto latino de la Vulgata solamente.

<sup>(3)</sup> Saintyves — *op. cit.*, p. 286.

<sup>(4)</sup> Saintyves — *op. cit.*, cap. I, II, y VIII.

<sup>(5)</sup> Saintyves — *op. cit.*, p. 289.

aquéllas. Son breves papeletas dispersas, dos de ellas inéditas, en las que se refleja aquel propósito de guardar castidad inmediatamente después de celebrado el rito matrimonial durante uno o varios días.

La primera referencia nos la dá el folclorista Casas Gaspar, en 1947, al citar dos lugares de Galicia, diagonalmente opuestos en la geografía gallega, como asiento de esta continencia nupcial. Nos dice que en Mondoñedo (Lugo) mientras la novia pasa la noche de bodas acompañada de la madrina, el novio la pasa acompañada del padrino de la ceremonia, y que en Celanova (Orense) los novios se recogen en sus respectivas casas e viven separados uno del otro durante los ocho o quince días subsiguientes a la celebración de las nupcias <sup>(6)</sup>. No nos dice el escritor la procedencia de las noticias antecedentes.

Antes de él, ya el investigador D. Eugenio Carré Aldao, al tratar de las costumbres de boda en Galicia dice en general que los contrayentes del matrimonio, juntamente con sus padres e invitados, «tienen otra gran comida durante tres días. Terminadas éstas — añade — al retirarse los invitados, también lo hace el novio, quien no pasa a recoger a la que ya es su esposa hasta pasados ocho días» <sup>(7)</sup>. También es lástima que no localice la costumbre, pues, avidentemente, no puede aplicarse a todo el territorio gallego.

Por nuestra parte podemos señalar la existencia de la continencia post-matrimonial en la parroquia de Cabo de Cruz (Boiro, La Coruña), en donde los novios que acuden a contraer matrimonio, si no hacen viaje de bodas, permanecen durante tres días cada cual en sus respectivas casas sin llevar a cabo el préstamo conyugal. Nos informan que es costumbre que desaparece poco a poco. Es de notar que, así como las demás referencias que anotamos son de

---

<sup>(6)</sup> Enrique Casas Gaspar — *Costumbres españolas de nacimiento, noviazgo, casamiento y muerte*, Madrid, 1947, 303.

<sup>(7)</sup> E. Carré Aldao — *Prácticas y Costumbres*, capítulo en la «Geografía del Reino de Galicia», dirigida por Carreras Candi. Tomo de «Generalidades», p. 740 (Barcelona,, s. a.).

pueblos de tierra adentro, ésta de Cabo de Cruz corresponde a un pueblo marinero de la Ria de Arosa <sup>(8)</sup>.

Tambien nos informa Vicente Risco, con una falta de detalle extraña en tan erudito mitógrafo, que en Galicia «hai sitios onde os recen casados, dempois das bodas, vanse cada un pra a casa dos seus pais, como sempre, e de iste xeito están uns cantos dias, oito polo regular, enantes de se axuntaren» <sup>(9)</sup>. Tal falta de precision nos hace pensar que su referencia pueda proceder da la de Carré Aldao antecedente.

Pero la mas exacta noticia sobre la vigencia de la costumbre en Galicia la hallamos en la parroquia de San Félix de Donís, en la montaña del ayuntamiento de Cervantes (Lugo), ya en el límite con la provincia de Leon, pues ha sido recogida en el año 1968 y observada en seis bodas celebradas consecutivamente antes de la recoleccion folclórica. Allí, la ceremonia se celebra con gran aparatosidad, y durante la primera noche se prolonga la cena hasta altas horas de la madrugada en casa del novio, tras lo cual éste se acuesta con el padrino y la novia con la madrina. Al dia siguiente se van las personas invitadas, y, entonces, el novio invita esa segunda noche a cenar tambien a su casa a todos los que en la aldea habian quedado sin invitar, volviendo a repetirse lo de la noche antecedente, esto es, que el novio duerme otra vez con el padrino y la novia con la madrina, y los novios no se acuestan juntos hasta la tercera noche <sup>(10)</sup>.

Como podemos observar, en las anteriores papeletas varía el número de dias de abstencion en el uso del matrimonio despues de contraído éste. El periodo de continencia menor es de un dia y el mayor es, dubitativamente, de quince. Pero parecen predominar

<sup>(8)</sup> Nos ha sido comunicada esta papeleta por el distinguido sacerdote y escritor don José Ramon Barreiro Fernandez, professor del Seminario Conciliar de Santiago, al que publicamente rendimos gracias.

<sup>(9)</sup> Vicente Risco — *Etnografía: Cultura espritoal*, en la «Historia de Galiza» (Buenos Aires, 1966), p. 566.

<sup>(10)</sup> Ha sido nuestro comunicante D. José Manuel Vázquez Varela, alumno de la Seccion de Historia de la Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Santiago o de Compostela, a quien expresamos nuestra gratitud.

los períodos de ocho y de tres días, con la variante en este último de juntarse los novios al tercer día que ya no es de continencia.

Por otra parte es de notarse como para impedir la union de los ya cónyuges en la noche de bodas se les pone como guardianes a los propios padrinos de la ceremonia religiosa, lo que confirma el caracter de práctica propugnada por la Iglesia con obligatoriedad hasta el Concilio de Trento. Después de Trento todavía, segun cita Saintyves, San Carlos Borromeo, que presidía el V Concilio de Milan, recomendaba a sus sacerdotes que insistiesen cerca de los fieles para que reservasen a Dios las noches de Tobías; y San Francisco de Sales, ya en el siglo xvii, indicaba que los sacerdotes sugiriesen a los esposos que no consumasen el matrimonio y que permaneciesen en estado de virgindad la noche inmediatamente despues de haberlo recibido <sup>(11)</sup>.

Esta reduccion de la abstinencia a una sola noche que consta en las *Constitutions synodales génevoises*, recuerda, a uno de los casos citados en Galicia.

El estudio de esta práctica en todo el mundo hace decir al estudioso francés tan citado que «on ne saurait imaginer une coutume dont l'évolution soit plus parfaitement jalonnée, depuis l'antique barbarie orientale, qui la reçut du fétichisme et l'imposa à la fois au Judaïsme et au Christianisme, jusqu'à la civilisation contemporaine de l'Europe occidentale, héritière du christianisme et des premiers habitants de l'Europe» <sup>(12)</sup>.

Sobre los móviles de esta costumbre, se manifiesta con criterio un tanto simplista el insigne etnógrafo Vicente Risco al entender, cuando relata la vuelta de los novios despues del casamiento a casa de sus respectivos padres, al decir que «fan esto pra facer ver, a muller sobre todo, que non teñen ansia de se arredaren dos pais e da casa, anque de certo o estean desexando. Iste *paripé* — prosigue — non debe ser tomado como hipocresía sinon que é un símbolo mais da forza que no noso pobo ten o vencello familiar; si non se sinte o que se quer facer ver, é que se sinte, ó

---

(11) Saintyves — *op. cit.*, p. 291.

(12) Saintyves — *op. cit.*, p. 295.

menos, o respeto polo que debera ser» (13). Realmente, despues de lo investigado, se advierte que el motivo inmediato de la costumbre en los países europeos es la imposicion primero y la recomendacion despues de la Iglesia sobre la continencia *post connubii*, mientras que la causa remota es la preocupacion de la misma Iglesia y con ella las otras religiones, incluso de las mas primitivas, por la felicidad de los esposos y de la fecundidad, fuentes, como dice el tan citado Presidente de honor de la Sociedad de Folklore francés, de la riqueza y de la pujanza de la tribu. Por lo tanto concluiremos con otra observacion del eminente investigador sobre este hecho social que revela tal costumbre:

«Les directeurs d'âmes ont très vite pensé que, e faisant, ils travaillaient à rendre l'homme plus maitre de soi et capable de régler et de modérer l'usage du mariage» (14).

FERMIN BOUZA-BREY Y TRILLO

Director de la Seccion de Arqueología y Prehistoria  
del «Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos». —  
Santiago de Compostela. Galiza — Espanha

---

(13) Risco — *loc. cit.*,

(14) Saintyves — *op. cit.*, p. 295.

# The Mediterranean race in Asia before the iron age

BY

Mário Cappieri

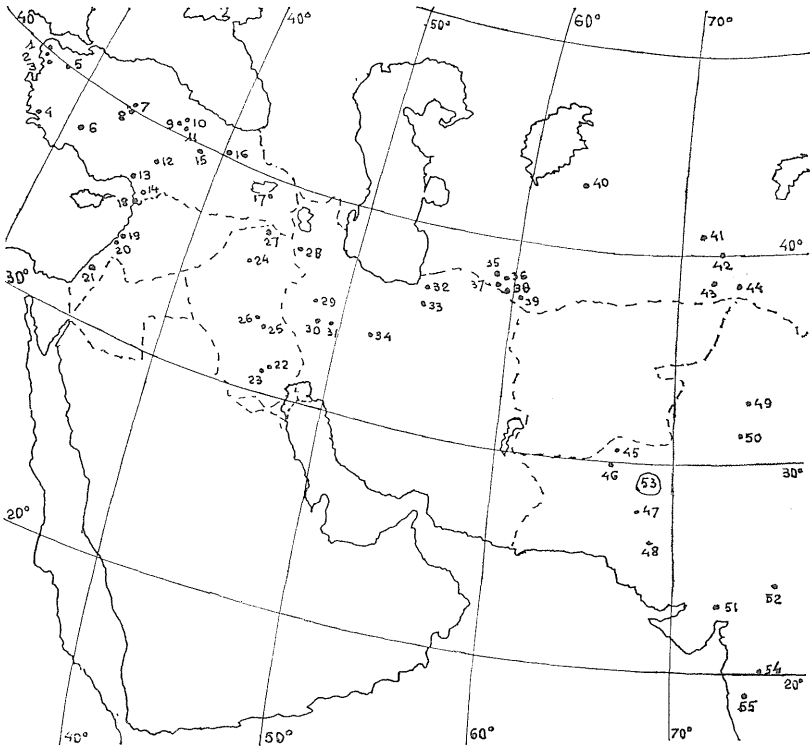
Prof. de Antropologia na Univ. de Roma

My study treats of the homogeneity of the Proto-Mediterraneans of Western Asia living in the Late Neolithic, Chalcolithic and Bronze Age. Their anthropological position and structure, from approximately the VI to the middle of the II millennium B. C., is of utmost interest, because splendid civilizations (as the Hittite, the Sumerian, and the Harappan) rose among them. In the times covered by my study their settlements extended from the Aegean and Phoenician Seas to the Ganges in India, and from the Caspian Sea and Turkestan to the river Tungabhadra in Deccan. From the study of their skeletal remains I assert that this population was comparatively homogeneous with a high degree of somatic similarity. The recognition of this Asian Proto-Mediterranean Stock is subject to difficulties and uncertainties not only on account of its conceptual implication, but also from its morphological and biometrical aspects. In fact, on one hand there is the complex of physical characters in a field of extensive variety of permutations and combinations and, on the other hand, the initial isolation of strongly endogamous human groups in particular habitats. This two-fold aspect explains the undeniable variability of their somatic characters and their differentiation into some Regional Varieties or Types.

My pertinent considerations were based on: a) the static existence of their settlements; b) their isolation and independence in various degrees; c) the absence of migration and/or invasions;

*d*) the phenomenon of progressive brachycephalization; *e*) the morphological study of the skeletal remains; *f*) the biometrical calculation of the anthropometrical data. The Regional Type represents a biological series in which I am able to define a certain morphological distinction from similar others, taking into account both the elements of the social and/or cultural isolation of the population, and the effects of its genetical segregation. The successive biometrical calculation of data shows whether it is a sample taken at random, and further which are the variations from the normal model and/or mean, and what value have the differences shown by the various tests. Generally the series of skulls representing a settlement, and further the complex of settlements forming up a Regional Type, are small and often so small as to make impossible any biometrical calculation of data. While the so-called «ethnic types» are, in my opinion, rather the statistical complex of a series of independent variabilities, these Regional Types represent groups of individuals with similar somatology, and my attempt is to summarize in a single expression both a phenotypical group of biological unities and a genetical distribution. In my study the Type represents the effective grouping of individuals of the same racial unity, living in the same region and habitat (in a wide sense) in the same (relatively) chronological period with very similar or generalized factors of culture. I describe it by some expressions, which can be synthetical, i. e. by mean-values and other biometrical constants and analytical, i. e. by classes of individuals. Then the result of the calculation of data corroborates the assumption of the morphological homogeneity of the Types and of their racial unity. Following the convergence of the cultural elements and the concentration of the biometrical values around some model of uniform settlement, I distinguished among these Asians seven Regional Types which, for short, I called: Troad, Anatolian (Hittite civilization), Syro-Palestinian, Mesopotamian (Sumerian civilization), Iranian (Elamitic civilization), Turkmenian, and Indian (Harappan civilization). Four subjects of discussion must be outlined, even summarily. They are: *a*) The brachycephalization process; *b*) The problem of the Hittites; *c*) The Sumerian problem; *d*) The Indus population and its civilization.





Settlements

(In alphabetical order)

- |                                |  |                                     |
|--------------------------------|--|-------------------------------------|
| 12 Acem Höyük                  | 28 Hasanlu   | 11 Osmankayasi                      |
| 7 Ahlatli Bel                  | 33 Hissar vide Tepe H.   | 8 Polatli Höyük                     |
| 10 Alaca Höyük                 | 2 Hissarlik  | 45 Quetta                           |
| 15 Alishar Höyük               | 30 Jamshidi vide Tepe J.                                       | 18 Ras Shamrah                      |
| 16 Altin Tepe                  | 26 Jemdet Nasr   | 39 Serakhs                          |
| 23 al'Ubaid                    | 20 Kafer eaj-Djarra  | 32 Shah Tepe                        |
| 38 Anau                        | 35 Kara Tepe   | 14 Sheyh Höyük                      |
| 24 Assur                       | 25 Kish  | 49 Sialkot                          |
| 5 Baba Köy                     | 40 Koktcha   | 34 Siyalk vide Tepe S.              |
| 31 Bad Hora vide Tepe Bad Hora | 1 Kum Tepe   | 44 Takhirbay                        |
| 11 Boghaz Köy vide Osmankayasi | 6 Kusura   | 14 Tell esh-Sheikh vide Sheyh Höyük |
| 9 Büyükl Gültücek              | 51 Lothal  | 31 Tepe Bad Hora                    |
| 19 Byblos                      | 29.30.31 Lurisan vide Tepe Giyan, Tepe Jamshidi, Tepe Bad Hora | 27 Tepe Gawra                       |
| 55 Chandoli                    | 18 Minet el-Beida vide Ras Shamrah                             | 29 Tepe Giyan                       |
| 48 Chanhu daro                 | 21 Megiddo   | 33 Tepe Hissar                      |
| 41 Choust                      | 47 Mohenjo daro  | 30 Tepe Jamshidi                    |
| — Evdi Tepesi                  | 4 Múskebi  | 34 Tepe Siyalk                      |
| 27 Gawra vide Tepe G.          | 46 Nal   | 17 Tilki Tepe                       |
| 53 Gedrosia                    | 37 Namazga Tepe  | 13 Tupkhona                         |
| 36 Geoksur                     | 54 Nevasa  | 18 Ugarit vide Ras Shamrah          |
| 29 Giyan vide Tepe G.          |  | 22 Ur                               |
| 3 Hanai Tepe                   |  | 42 Vuadil                           |
| 50 Harappa                     |  | 13 Yümük Tepe                       |

### The Brachycephalization process

The greater number of the skulls of the Asian Proto-Mediterranean are dolichocephalic, but there are also mesocephalic and brachycephalic skulls. In fact, in the total of their cranial indices which I could calculate, 61.1 % are dolicho-, 28.1 % meso-, and 10.8 % brachycephalic. Brachycephalization does not appear in the various Regional Types on the same chronological level. It appears very early in the Troad Type (towards the middle of the IV millennium), in the Anatolian Type (towards 2500 at Alishar Höyük), in the Mesopotamian Type (ca. 1900 at Kish), and much later in the Syro-Palestinian Type (towards 1500 B. C.). In my opinion brachycephalization consists in an evolutive continual movement subsequent to the long-headed forms of the Palaeolithics and Neolithics and is essentially the constant flexible settlement of the various cranial unities through the aggregate morpho-architectural forces which respond to the anatomical and functional factors in reciprocal adaptation; as such, it represents a phylogenetic evolution independent from any racial difference. I therefore reject the thesis which, particularly for Asia, has been propounded in many instances, i. e. that the Brachycephals formed a population of their own with their own centres of irradiation, and that they had migrated in various directions during the Late Neolithic and Chalcolithic times, and that there are two brachycephalic races, the Alpine and the Armenoid. My own views are: (1) there is no evidence of brachycephalic populations in the period covered by my study which might have influenced the local fundamental dolichocephaly; (2) there is no element proving migration of population from one region to another in the mentioned period; (3) the Alpines and Armenoids represent morphological or morpho-architectural aspects or developments of the brachycephalization and are no independent genetic unities, thus not at all Races or Sub-races. As I admit that the large form of the skull represents an evolutive effect, I incorporate this concept into the general dynamism of human evolution. The concept of evolution means both development and expansion, and it is equivalent to the other concept of descent with modifications. Evolution does not auto-

matically imply a process of improvement, but merely a process of change (differentiation). It is obvious though that evolution is directed towards a higher stage of organization.

### The Problem of the Hittites

There is a theory affirming that the Hittite civilization was the product of the highly developed culture of a rather small population extraneous to the genetical type of the Anatolian Proto-Mediterraneans. Such a theory is very elaborate, as it involves the hypothesis of a long mass-migration of a compact group of tribes from very distant regions up to the Anatolian Central Plateau through difficult and tortuous routes. It is an archaeologists and ethnologists theory supported by cultural elements and pottery comparisons to which the physical anthropologists give less importance. The many remains of this civilization show a distinctive cultural stage of high level, which compares favourably with the coeval or nearly coeval civilizations of the Mediterraneans, as the Egyptian, the Minoan, the Sumerian, and the Harappan. The function of the ruling caste was very advanced, so were military affairs, political organization, legislation and justice. However we must remember that it is a rather recent civilization, as the beginning of its development can be approximately dated to 1700 B. C. and its summit to about 1500. From such a time it declined constantly and dwindled away at about 1200 B. C. In my opinion, this civilization is essentially the result of a constant progression of cultural achievements of the whole population. Therefore it is not necessary to attribute it to another genotype than the Anatolian. The term «Hittite» is to be used for cultural elements, and not as a distinctive genetic division of the Anatolian population of the period covered by my study. My thesis is supported by the anthropometric data which show «no significant» <sup>(1)</sup>, differen-

---

(1) With Student's t-test (which derives from the «small samples theory») we ascertain whether a difference between two means be real or casual. The t-values indicate the degree of probability with which the casual values can

tiation among the various local varieties, and no special aspect of the population of the so-called «Hittite settlements» in the Northern Plateau which show themselves as randomized samples of the Anatolian Regional Type.

### **The Sumerian Problem**

The skeletal remains of the city-states of al'Ubaid and Ur represent the so-called Sumerian population which has developed a refined culture turned into one of the most advanced civilizations of the Mediterranean Basin and Near East, as evidenced by the Royal Tombs of 3200 B. C. Some scholars assume that the Sumerians formed a distinct population from the rest of the Mesopotamians and that they have migrated into the Euphrates-Tigris valley. I find no element to corroborate such a thesis and I insist that «Sumerian» is a term to indicate culture (religion, language, legislation, military facts, etc.) but not a population. I am of the opinion that the al'Ubaid and Ur inhabitants were of the same stock of all the dwellers of the other settlements. My biometrical analysis of data shows that these individuals were fundamentally of a same type and that the differentiations are not morpho-architectural but merely metrical, arising from the normal group-variability. In addition I note that Keith who examined the skeletal remains, considered (together with Buxton) the skulls of al'Ubaid, Ur, and Kish, to belong to the Mediterranean race. Their view is that the population was the same, only divided into three local groups.

### **The Indus population and its civilization**

The Indus civilization, surely one of the greatest of the Asian Proto-Mediterraneans, extended from Iran to Bengal, from the

---

produce a difference analogous to that we have found. We assume, by convention, that a difference be «significant» when the value of the said probability reaches the figure of 5/100 or 0.05.

Pamirs to the Arabian Sea and to Krishna river in South India. Its settlements, as well as the cities of Harappa and Mohenjo daro, were flourishing some millennia before any Aryans-speaking people has entered India, an event which took place about the middle of the II millennium. At about this time the civilization seems to interrupt itself, and from that time onwards there is a dark period. Converging elements have surely caused its disappearance, as great floods of the rivers Ravi and Indus, and clash and wars between these populations and the Aryan-speaking tribes. Some scholars, basing themselves on the comparative variability of some skulls found in the various settlements, advanced the thesis that there was a composite population represented by a certain number of types, even attributing them to so-called races Alpine, Armenoid, Proto-Dravidian, Australoid, and even to Nordic. My study and examination of the skeletal remains, but particularly the result of the biometrical calculation of data, lead me to oppose it *totis viribus*. There is sufficient corroboration of the degree of somatic homogeneity; the tests of intra- and inter-group somatic variability prove a rather good uniformity. I consider this population as the eastern branch of the Asian Proto-Mediterraneans.

### Discussion of data and conclusions

I give in the next lines some essential data for each Regional Type:

*Troad.* This Type is represented by 35 adult skulls found in the settlements of Hanai Tepe (15), Hissarlik (12), Kum Tepe (4), Müskebi (3), and Baba Köy (1). They belong to a period from approximately 3200 to 1500 B. C. I assign them with much caution: two to Late Neolithic, nine to Copper Age, 5 to Early Bronze, and 19 to Recent Bronze.

*Anatolian.* This Type is represented by 93 adult skulls found in the settlements of: Alishar Höyük (27), Osmerkayasi-Boghaz Köy (16), Alaca Höyük (13), Tilki Tepe (12), Sheyh Höyük (5), Kusura (5), Ahlatli Bel (5), Yümük Tepe (3), Polatli Höyük (2), Altin Tepe (2), Büyük Gülücek (1), Acem Höyük (1), and Evdi

Tepeşi (1). They belong to a period from approximately 3750 to 1300 B. C. (but the skulls of Altin Tepe are much older). I assign them with much caution: eleven to Late Neolithic, 47 to Copper Age, three to Early Bronze, and 32 to Recent Bronze.

*Syro-Palestinian.* This Type is represented by 78 adult skulls found in the settlements of: Ras Shamrah-Minet el-Beida (33), Megiddo (32), Byblos (10), and Kafer edj-Djarra (3). They belong to a period from approximately 3000 to 1500 B. C. I assign them with much caution: ten to Late Neolithic, 18 to Copper Age, and 50 to Recent Bronze.

*Mesopotamian.* This Type is represented by 56 adult skulls found in the settlements of: Kish (22), Ur (14), al'Ubaid (12), Tepe Gawra (4), Assur (3), and Jemdet Nasr (1). They belong to a period from approximately 4800 to 1500 B. C. I assign them with much caution: 28 to Late Neolithic, nine to Copper Age, nine to Early Bronze and ten to Recent Bronze.

*Iranian.* This Type is represented by 189 adult skulls found in the settlements of; Tepe Hissar (156), Tepe Siyalk (14), Shah Tepe (11), Hasanlu (5), and Luristan — Tepe Bad Hora, Tepe Giyan, Tepe Jamshidi — (3). They belong to a period from approximately 4100 to 2000 B. C. I assign them with much caution: 32 to Late Neolithic, 144 to Copper Age, and 13 to Early Bronze.

*Turkmenian.* This Type is represented by 77 adult skulls found in the settlements of: Kara Tepe-Geoksur (37), Koktcha (28), Takhirbay (3), Serakhs (2), Namazga Tepe (2), Anau (2), Tupkhona (1), Choust (1), and Vuadil (1). They belong to a period from approximately 4000 to 1200 B. C. (the Anau skulls are surely older). I assign them with much caution: 39 to Late Neolithic, four to Early Bronze, and 34 to Recent Bronze.

*Indian.* This Type is represented by 103 adult skulls found in the settlements of: Harappa (64), Mohenjo daro (12), Langhnaj (8), Lothal (8), Nevasa (4), Gedrosia (2), Chanhudaro (1), Chandoli (1), Nal (1), Sialkot (1), and Quetta (1). They belong to a period from approximately 3000 to 1500 B. C. I assign them with much caution: 92 to Copper Age, 10 to Early Bronze, and one to Recent Bronze.

Summing up I indicate the essential data as follows:

| Regional Types   | Skulls |             |           |          |          | Approx.<br>period B.C. |
|------------------|--------|-------------|-----------|----------|----------|------------------------|
|                  | N      | Assigned to |           |          |          |                        |
|                  |        | Late Neol.  | Copper A. | Early B. | Recent B |                        |
| Troad . . .      | 35     | 2           | 9         | 5        | 19       | 3200-1500              |
| Anatolian . .    | 93     | 11          | 47        | 3        | 32       | 3750-1300              |
| Syro-Palestinian | 78     | 10          | 18        | —        | 50       | 3000-1500              |
| Mesopotamian .   | 56     | 28          | 9         | 9        | 10       | 4800-1500              |
| Iranian . . .    | 189    | 32          | 144       | 13       | —        | 4100-2000              |
| Turkmenian . .   | 77     | 39          | —         | 4        | 34       | 4000-1200              |
| Indian . . .     | 103    | —           | 92        | 10       | 1        | 3000-1500              |
| Total .          | 631    | 122         | 319       | 44       | 146      | 4800-1200              |

I indicate in Table 1 the values of a few constants for the essential characters of each Regional Type.

The Asian Proto-Mediterraneans, owing to the enormous area of residence and many millennia of development, show a certain degree of somatic variability in their skeletal remains. It is evident that such differences have great importance, particularly when, in some settlements, there were two or more series of skulls of various chronological levels. I studied this problem and made appropriate comparisons. The phenotypical differences found for each level were for the most part negligible, apart the increasing value of the cranial index (and its two terms) due to the brachycephalization process. The result of this examination shows a continuity of the somatic characteristics of the local populations, which is a proof of both uninterrupted settlement and genetic homogeneity (no immigration). In these small populations or tribes isolation has greatly favoured the reduction of variability. In fact there is in my opinion, a direct relation between genetic isolation and demogenetic homogeneity and, on the other hand, between specialization of the environment (progressive culture) and characterization of the physical aspect of the population whose size has a decisive importance; the smaller it is, the swifter is the reduction of its somatic variability.

TABLE 1 — The seven Regional Types of the Asian Proto-Mediterraneans

| Martin | Troad |       |      | Anatolian |       |     | Syro-Palestinian |       |     | Mesopotamian |       |     | Iranian |       |     | Turkmenian |       |      | Indian |       |     |
|--------|-------|-------|------|-----------|-------|-----|------------------|-------|-----|--------------|-------|-----|---------|-------|-----|------------|-------|------|--------|-------|-----|
|        | N     | A     | SD.  | N         | A     | SD. | N                | A     | SD. | N            | A     | SD. | N       | A     | SD. | N          | A     | SD.  | N      | A     | SD. |
| 1      | 19    | 186.0 | 9.3  | 52        | 184.5 | 7.8 | 29               | 183.6 | 7.0 | 27           | 188.5 | 7.5 | 121     | 189.1 | 6.4 | 30         | 180.1 | 11.6 | 46     | 187.2 | 7.5 |
|        | 14    | 183.6 | 6.6  | 32        | 178.1 | 6.8 | 34               | 179.0 | 5.1 | 16           | 182.3 | 7.9 | 57      | 179.9 | 6.2 | 38         | 183.1 | 7.5  | 48     | 179.7 | 5.7 |
| 8      | 13    | 141.1 | 7.3  | 52        | 140.6 | 5.3 | 30               | 139.7 | 5.2 | 28           | 136.8 | 5.4 | 121     | 134.4 | 5.1 | 30         | 135.7 | 6.4  | 44     | 136.0 | 5.1 |
|        | 20    | 138.5 | 7.2  | 32        | 136.0 | 6.4 | 34               | 135.3 | 5.6 | 17           | 134.2 | 5.7 | 56      | 132.9 | 4.6 | 38         | 134.4 | 5.9  | 40     | 131.8 | 7.1 |
| 20     | 10    | 118.2 | 3.8  | 45        | 113.7 | 3.8 | 6                | 112.0 | 7.1 | 23           | 118.0 | 4.2 | 114     | 116.0 | 4.3 | 21         | 117.7 | 5.8  | 40     | 117.1 | 5.2 |
|        | 4     | 117.0 | 4.1  | 23        | 109.2 | 5.7 | 2                | 100.0 | 1.4 | 17           | 113.8 | 5.1 | 49      | 112.0 | 4.1 | 27         | 115.6 | 5.2  | 39     | 111.3 | 5.3 |
| 17     | 10    | 137.4 | 4.8  | 26        | 133.4 | 5.7 | 19               | 131.8 | 7.3 | 12           | 136.4 | 7.1 | 101     | 135.2 | 5.2 | 15         | 138.3 | 6.9  | 35     | 134.4 | 4.6 |
|        | 3     | 134.0 | 5.3  | 5         | 130.0 | 5.5 | 20               | 129.3 | 6.9 | 7            | 130.0 | 7.2 | 42      | 129.0 | 4.1 | 22         | 136.4 | 7.1  | 33     | 128.6 | 6.3 |
| 48     | 6     | 68.3  | 4.5  | 26        | 67.9  | 4.2 | 17               | 67.3  | 4.4 | 13           | 70.3  | 5.8 | 116     | 70.9  | 5.1 | 30         | 70.4  | 5.4  | 38     | 69.7  | 4.3 |
|        | 3     | 63.7  | 4.2  | 9         | 65.4  | 3.4 | 13               | 68.5  | 4.9 | 5            | 64.4  | 1.4 | 47      | 67.1  | 3.9 | 37         | 68.5  | 3.3  | 34     | 63.6  | 4.3 |
| 45     | 6     | 131.2 | 3.2  | 27        | 129.2 | 4.5 | 18               | 130.8 | 6.8 | 15           | 129.5 | 4.9 | 105     | 128.0 | 6.2 | 30         | 129.7 | 6.4  | 22     | 130.1 | 6.2 |
|        | 3     | 123.3 | 10.1 | 15        | 118.9 | 3.9 | 18               | 125.4 | 5.8 | 5            | 120.0 | 5.6 | 39      | 121.6 | 4.7 | 36         | 127.0 | 7.3  | 21     | 122.5 | 4.6 |
| 55     | 6     | 51.8  | 3.2  | 25        | 50.6  | 3.6 | 17               | 50.6  | 3.2 | 15           | 53.2  | 2.7 | 112     | 51.1  | 3.6 | 27         | 50.7  | 2.7  | 41     | 51.0  | 3.3 |
|        | 3     | 47.0  | 3.6  | 9         | 48.1  | 2.9 | 13               | 50.4  | 4.2 | 6            | 47.0  | 2.8 | 46      | 48.6  | 3.0 | 31         | 49.8  | 2.5  | 45     | 46.6  | 3.5 |
| 54     | 6     | 23.6  | 0.8  | 26        | 25.3  | 1.9 | 17               | 24.5  | 2.3 | 16           | 25.6  | 2.0 | 106     | 25.3  | 1.9 | 27         | 25.6  | 1.8  | 42     | 25.9  | 2.1 |
|        | 3     | 23.7  | 1.2  | 11        | 23.7  | 1.9 | 13               | 24.0  | 1.7 | 10           | 23.8  | 1.0 | 43      | 24.3  | 1.7 | 31         | 24.3  | 2.1  | 42     | 24.3  | 2.1 |
| I 1    | 12    | 74.8  | 6.1  | 54        | 76.3  | 4.2 | 35               | 75.5  | 3.8 | 28           | 72.6  | 3.7 | 127     | 71.5  | 3.2 | 30         | 71.8  | 5.0  | 44     | 72.8  | 4.3 |
|        | 18    | 75.3  | 3.2  | 36        | 76.7  | 4.5 | 39               | 75.2  | 4.1 | 17           | 74.9  | 4.2 | 60      | 73.8  | 3.1 | 38         | 73.4  | 3.8  | 38     | 73.6  | 4.2 |
| I 39   | 6     | 53.0  | 3.6  | 25        | 53.2  | 4.4 | 16               | 52.1  | 2.3 | 12           | 54.2  | 5.4 | 102     | 55.1  | 4.0 | 30         | 54.8  | 4.9  | 22     | 53.5  | 5.2 |
|        | 3     | 52.0  | 7.2  | 10        | 54.0  | 2.9 | 14               | 55.2  | 2.1 | 4            | 52.7  | 2.8 | 39      | 55.3  | 3.1 | 35         | 54.2  | 4.0  | 17     | 52.7  | 3.2 |
| I 48   | 6     | 45.5  | 3.3  | 22        | 49.1  | 4.0 | 16               | 47.6  | 3.3 | 15           | 48.5  | 4.2 | 111     | 50.3  | 4.4 | 29         | 50.1  | 3.9  | 41     | 50.8  | 4.4 |
|        | 3     | 50.7  | 2.6  | 10        | 49.2  | 1.4 | 12               | 48.1  | 3.1 | 6            | 50.3  | 3.8 | 45      | 49.5  | 3.7 | 36         | 48.7  | 4.6  | 41     | 52.0  | 4.3 |

For each character the first horizontal line-values concern male skulls, the second one female skulls



I considered for comparison eleven essential characters, arranged in logical couples as follows: a) the two cranial measurements, length and breadth and their index (Martin's numbers 1, 8, I 1); b) the two vault heights, auricular and basibregmatic (M 20-21, 17); c) the two face-measurements, upper facial height and bi-zygomatic breadth, and their index (M 48, 45, I 39); d) the two nasal measurements, height and breadth of the apertura piriformis, and their index (M 55, 54, I 48). To make comparisons more precise and indicative I calculated and used inter-sex values of means and SDs., because the sex-diagnosis is generally uncertain (vide Table 2).

I indicate in the following table the mutual differences of mean in «discrete» figures:

| Regional Types                     | Characters : Martin's numbers |     |     |     |     |     |     |     |     |      |      |
|------------------------------------|-------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|
|                                    | 1                             | 8   | 20  | 17  | 48  | 45  | 55  | 54  | I 1 | I 39 | I 48 |
| Troad against Anatolian            | 2.6                           | 0.7 | 5.7 | 3.8 | 0.5 | 3.1 | 0.2 | 1.3 | 1.4 | 0.9  | 1.9  |
| Syro-Palestinian                   | 3.6                           | 2.1 | 8.9 | 6.1 | 1.0 | 0.5 | 0.3 | 0.7 | 0.4 | 0.9  | 0.6  |
| Mesopotamian                       | 1.5                           | 3.7 | 1.7 | 2.5 | 1.9 | 1.5 | 1.2 | 1.3 | 1.5 | 1.2  | 1.8  |
| Iranian                            | 0.2                           | 5.8 | 3.0 | 4.5 | 2.2 | 3.8 | 0.3 | 1.2 | 2.3 | 2.6  | 2.7  |
| Turkmenian                         | 1.2                           | 4.5 | 1.4 | 0.5 | 2.6 | 0.4 | 0.0 | 1.2 | 2   | 3    | 1.9  |
| Indian                             | 1.2                           | 5.6 | 3.7 | 5.1 | 0.1 | 2.3 | 1.4 | 1.5 | 1.8 | 0.5  | 4.2  |
| Anatolian against Syro-Palestinian | 1.0                           | 1.4 | 3.2 | 2.3 | 0.5 | 3.1 | 0   | 5   | 0.6 | 1.0  | 0.1  |
| Mesopotamian                       | 4.1                           | 3.0 | 4.0 | 1.8 | 1.4 | 1.6 | 1.4 | 0.0 | 2.9 | 0.3  | 0.1  |
| Iranian                            | 2.4                           | 5.1 | 3.8 | 0.7 | 1.7 | 0.7 | 0.1 | 0.1 | 3.7 | 1.7  | 0.8  |
| Turkmenian                         | 3.8                           | 3.8 | 4.3 | 4.3 | 2.1 | 2.5 | 0.2 | 0.1 | 3.7 | 1.0  | 0.2  |
| Indian                             | 1.4                           | 4.9 | 2.0 | 1.3 | 0.6 | 0.8 | 1.2 | 0.2 | 3.2 | 0.4  | 2.3  |
| Syro-Palestinian against Mesopot.  | 5.1                           | 1.6 | 7.2 | 3.6 | 0.9 | 1.0 | 6.9 | 0.6 | 1.9 | 0.3  | 1.2  |
| Iranian                            | 3.4                           | 3.7 | 5.0 | 1.6 | 1.2 | 3.3 | 0.6 | 0.5 | 2.7 | 1.7  | 2.1  |
| Turkmen.                           | 4.8                           | 2.4 | 7.5 | 6.6 | 1.6 | 0.1 | 0.3 | 0.5 | 2.7 | 1.0  | 1.5  |
| Indian                             | 2.4                           | 3.5 | 5.2 | 1.0 | 1.1 | 1.8 | 1.7 | 0.8 | 2.2 | 0.4  | 3.6  |
| Mesopotamian against Iranian       | 1.7                           | 3.1 | 2.2 | 2.0 | 0.3 | 2.3 | 1.5 | 0.1 | 0.8 | 1.4  | 0.9  |
| Turkmenian                         | 0.3                           | 0.8 | 0.3 | 3.0 | 0.7 | 1.1 | 1.2 | 0.1 | 0.8 | 0.7  | 0.3  |
| Indian                             | 2.7                           | 1.9 | 2.0 | 2.6 | 2.0 | 0.8 | 2.6 | 0.2 | 0.3 | 0.7  | 2.0  |
| Iranian against Turkmenian         | 1.4                           | 1.3 | 2.5 | 5.0 | 0.4 | 3.4 | 0.3 | 0.0 | 0.0 | 0.7  | 0.6  |
| Indian                             | 1.0                           | 0.2 | 0.2 | 0.6 | 2.3 | 1.5 | 1.1 | 0.3 | 0.5 | 2.1  | 1.5  |
| Turkmenian against Indian          | 2.4                           | 1.1 | 2.3 | 5.6 | 2.7 | 1.9 | 1.4 | 0.3 | 0.5 | 1.4  | 2.1  |

These values are in mm. for the metrical measurements, and in «unities of index» for the three indices.

TABLE 2 — The seven Regional Types of the Asian Proto-Mediterraneans  
Inter-sex values for the eleven essential characters

| Martin | Troad |       |     | Anatolian |       |     | Syro-Palestinian |       |     | Mesopotamian |       |     | Iranian |       |     | Turkmenian |       |     | Indian |       |     |
|--------|-------|-------|-----|-----------|-------|-----|------------------|-------|-----|--------------|-------|-----|---------|-------|-----|------------|-------|-----|--------|-------|-----|
|        | N     | A     | SD. | N         | A     | SD. | N                | A     | SD. | N            | A     | SD. | N       | A     | SD. | N          | A     | SD. | N      | A     | SD. |
| 1      | 33    | 184.7 | 7.7 | 84        | 182.1 | 7.4 | 63               | 181.1 | 6.0 | 43           | 187.2 | 7.6 | 178     | 184.5 | 6.3 | 68         | 185.9 | 9.4 | 94     | 183.4 | 6.6 |
| 8      | 33    | 139.5 | 7.1 | 84        | 138.8 | 5.7 | 64               | 137.4 | 5.4 | 45           | 135.8 | 5.4 | 177     | 133.7 | 4.9 | 68         | 135.0 | 6.1 | 84     | 133.9 | 6.1 |
| 20     | 14    | 117.9 | 3.7 | 68        | 112.2 | 4.6 | 8                | 109.0 | 5.9 | 40           | 116.2 | 5.0 | 163     | 114.0 | 4.2 | 48         | 116.5 | 5.4 | 79     | 114.2 | 5.3 |
| 17     | 13    | 136.6 | 4.7 | 31        | 132.8 | 5.6 | 39               | 130.5 | 7.0 | 19           | 135.1 | 6.8 | 143     | 132.1 | 4.7 | 37         | 137.1 | 6.9 | 68     | 131.5 | 5.5 |
| 48     | 9     | 66.8  | 4.1 | 35        | 67.3  | 4.0 | 30               | 67.8  | 5.8 | 18           | 68.7  | 4.9 | 163     | 69.0  | 4.5 | 67         | 69.4  | 4.3 | 72     | 66.7  | 4.3 |
| 45     | 9     | 128.6 | 5.7 | 42        | 125.5 | 4.2 | 36               | 128.1 | 6.2 | 20           | 127.1 | 4.9 | 144     | 124.8 | 5.5 | 66         | 128.2 | 6.9 | 43     | 126.3 | 5.4 |
| 55     | 9     | 50.2  | 3.2 | 34        | 50.0  | 3.4 | 30               | 50.5  | 3.6 | 21           | 51.4  | 2.6 | 158     | 49.9  | 3.3 | 58         | 50.2  | 2.5 | 86     | 48.8  | 3.4 |
| 54     | 9     | 23.6  | 0.9 | 37        | 24.9  | 1.9 | 30               | 24.3  | 2.0 | 26           | 24.9  | 1.7 | 149     | 24.8  | 1.8 | 58         | 24.8  | 2.0 | 84     | 25.1  | 2.1 |
| I 1    | 30    | 75.0  | 4.5 | 90        | 76.4  | 4.4 | 74               | 75.4  | 3.9 | 45           | 73.5  | 3.9 | 187     | 72.7  | 3.2 | 68         | 72.7  | 4.3 | 82     | 73.2  | 4.3 |
| I 39   | 9     | 52.6  | 4.6 | 35        | 53.5  | 3.9 | 30               | 53.5  | 2.2 | 16           | 53.8  | 4.7 | 141     | 55.2  | 3.6 | 65         | 54.1  | 4.4 | 39     | 53.1  | 4.2 |
| I 48   | 9     | 47.2  | 2.9 | 32        | 49.1  | 3.4 | 28               | 47.8  | 3.2 | 21           | 49.0  | 3.9 | 156     | 49.9  | 4.1 | 65         | 49.3  | 4.2 | 82     | 51.4  | 4.4 |

Most differences are practically negligible, as shown also by the values of their SDs which I indicate as follows:

**Martin's numbers (characters)**

| 1   | 8   | 20  | 17  | 48  | 45  | 55  | 54  | 11  | 139 | 148 |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 1.4 | 1.7 | 2.3 | 1.9 | 0.8 | 1.1 | 1.5 | 0.4 | 1.1 | 0.7 | 1.1 |

I calculated for the eleven essential characters nearly 3000 differences of mean between each Regional Type and the others, in succession, and — for a large number of Local Types (settlements) — between each Type and the others. Most differences — 84.3 % — were «not-significant» <sup>(1)</sup>; this is an additional important evidence of the genetic and somatic homogeneity of these Asian Proto-Pediterraneans.

I calculated also, for the various characters, the differences of mean between each Type and the correspondent mean value of the Asian skulls pooled together. The value of these differences is also practically negligible, as shown by the following figures (metrical measurements in mm. and indices in «unities of index».

**Martin's numbers**

| 1   | 8   | 20  | 17  | 48  | 45  | 55  | 54  | 11  | 139 | 148 |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 1.5 | 1.9 | 2.2 | 2.1 | 0.9 | 1.2 | 0.5 | 0.4 | 1.3 | 0.6 | 0.9 |

Mean difference (measurements) mm. 1.3; mean difference (indices) «unities» 0.9, with a SD. for the former 0.7, for the latter 0.4.

I checked also the values of the measurements and indices with the «Sigma-test» <sup>(2)</sup>. All the mean values of the Regional

<sup>(1)</sup> Vide p. 87.

<sup>(2)</sup> The Sigma-criterion or test ( $\sigma$ ) derives from the concept that the curve of the values of the characters of homogeneous biological unities is

Types fall within the limits of Mean  $\pm$  1 $\sigma$  of the Asian Proto-Mediterranean Complex (all skulls pooled together), which is a further corroboration of my thesis.

I calculated afterwards all the indices of somatic variability: a) within the Local Types, i. e. intra-group index; b) between Local Types of the same Regional Type, and between Regional Types, i. e. inter-group index. All the values I obtained indicate modest rate of variability. In order to judge about the level of the intra-group variability, I compared the single figures with a standard series of inter-racial values which I calculated on some very old or prehistoric series of skulls indicated by Hambly. These standard intersex values are:

#### Martin's numbers

|     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 1   | 8   | 17  | 48  | 45  | 55  | 54  | 11  | 139 | 148 |
| 5.5 | 4.6 | 5.0 | 4.1 | 4.7 | 2.7 | 1.6 | 2.7 | 4.7 | 4.1 |

mean (measurements) mm. 4.0, (indices) «unities of index» 3.8.

The result of the comparisons shows a very close adaptation to the standard figures.

---

generally «normal» or «nearly normal»; in this case the area under the curve indicates «probability», and 99.75 % of this area remains between the values of three times the SD. (or  $\sigma$ ) of the arithmetic mean ( $\bar{A}$ ) of the series. By convention, therefore, it is assumed that a given value or a sample belongs to the series when its value falls within its mean  $\pm 3\sigma$ , i.e.  $\bar{A} \pm 3\sigma$ . There is also a very useful index of dispersion — the oscillation field of the theoretical mean — The narrower the field is, the more the two means — theoretical and observed — meet each other or coincide. This field is formed by adding to or subtracting from the value of the arithmetic mean ( $\bar{A}$ ) the value of three times its «probable error» (PE), i.e.  $\bar{A} \pm 3PE$ . The theoretical mean has a probability of 95 % to fall within these limits, and conversely, the observed mean has the same probability to fall into an interval of 3PE over or under the theoretical mean. I call this field «Delta» ( $\Delta$ ).

The inter-groups index of somatic variability <sup>(1)</sup> shows strong homogeneity in all the Types, being particularly high in the Troad and Anatolian Types with a figure of 93.0.

All characteres show regular frequency distribution of their values, so that these can be represented by normal or nearly normal curves, as the following graphs show. The closeness with which the frequency polygon fits the normal curve gives a good estimate of the homogeneity of the group for that character.

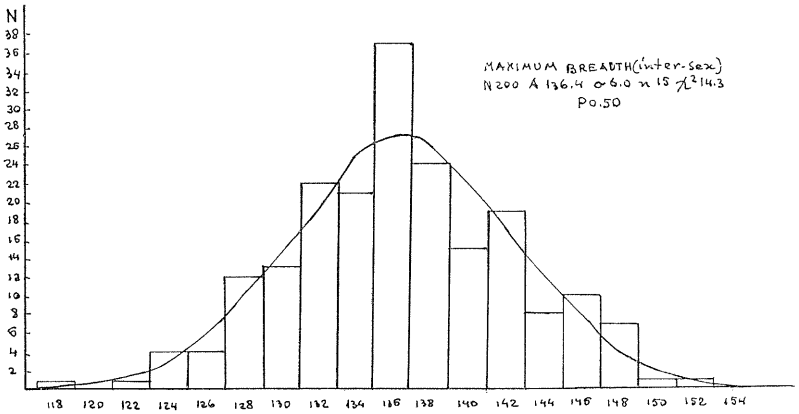
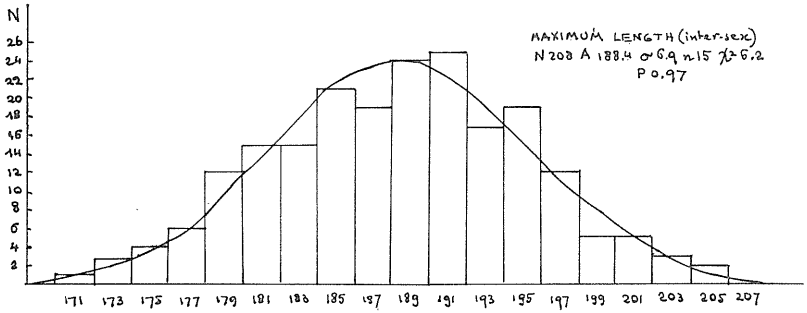
In the following table I give some essential data from the result of my calculations.

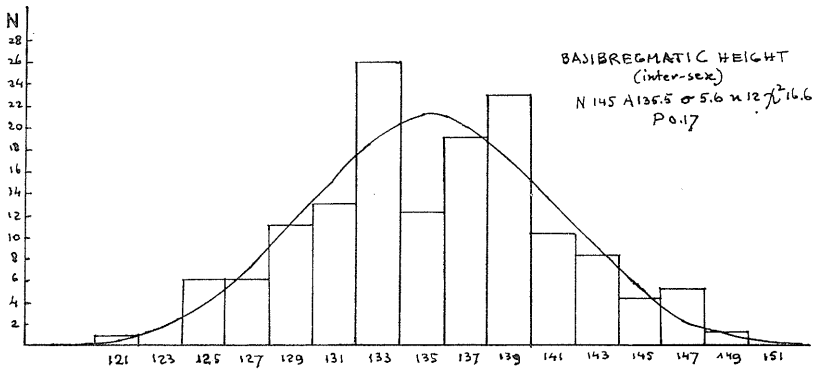
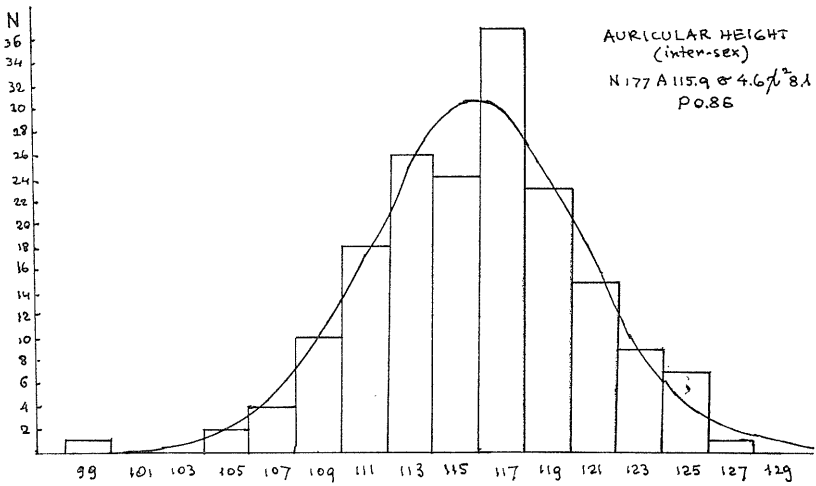
| Regional Types   | Percentage of skulls |       |        | Percentage of not-significant differences of mean | Indices of somatic variability |               |
|------------------|----------------------|-------|--------|---|--------------------------------|---------------|
|                  | Dol-                 | Meso- | Brachy |   | Within the Type                | Between Types |
| Troad . . .      | 55.2                 | 24.1  | 20.7   | 81.0  | 4.5                            | 92.9          |
| Anatolian . .    | 46.9                 | 32.8  | 20.3   | 83.3  | 4.4                            | 92.9          |
| Syro-Palestinian | 44.6                 | 46.0  | 9.4    | 88.6  | 4.7                            | 89.4          |
| Mesopotamian .   | 67.4                 | 21.7  | 10.9   | 82.5  | 4.7                            | 81.8          |
| Iranian . . .    | 81.1                 | 17.3  | 1.6    | 81.7  | 4.2                            | 85.7          |
| Turkmenian . .   | 66.2                 | 29.4  | 4.4    | 89.6  | 5.1                            | 88.5          |
| Indian . . .     | 65.9                 | 25.6  | 8.5    | 83.7  | 4.7                            | 79.0          |

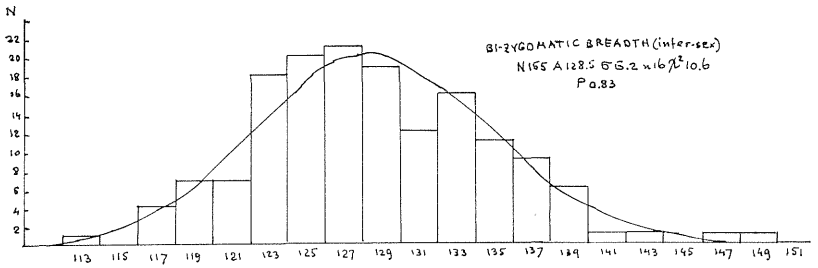
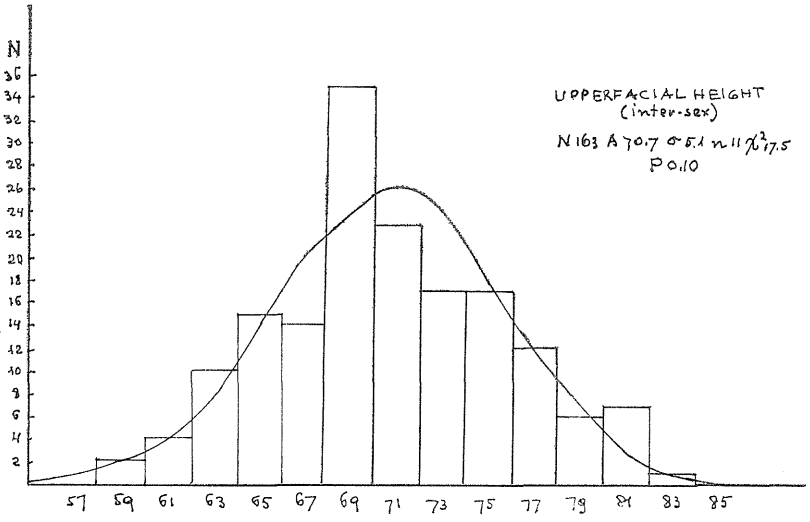
All the evidence and anthropometrical data collected up to now prove that at the end of the Neolithic time and before the Iron Age a branch of the Mediterranean Race inhabited Western Asia, from Aegean Sea to Bengal, and from Caspian Sea to Krishna river in Deccan, and that they were the only inhabitants of this enormous territory.

<sup>(1)</sup> The analysis of variance permits us to calculate the level of variability, as in the following paradigm:

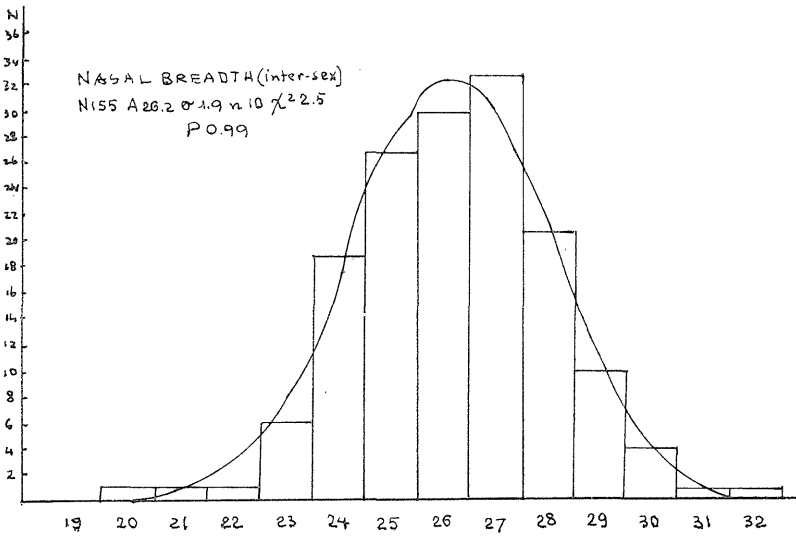
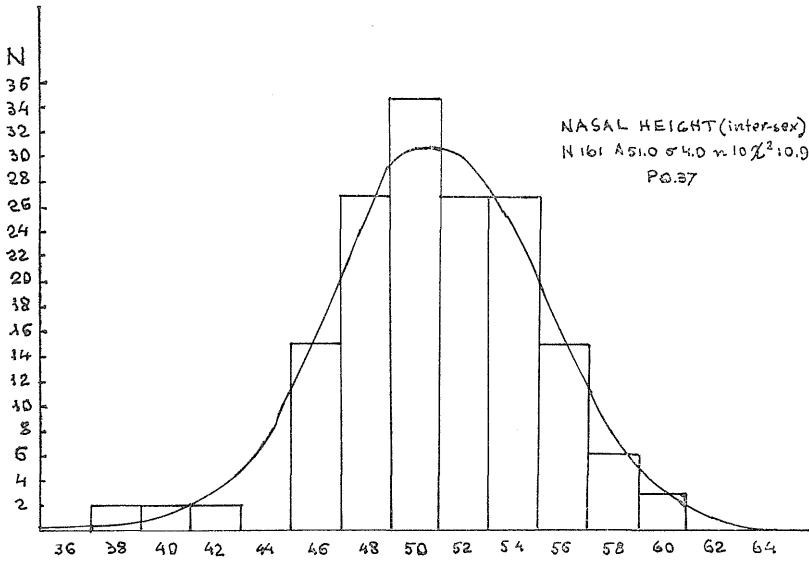
| Source of variability                 | Sum of squares | Degree of freedom (n) | Variance estimate |
|---------------------------------------|----------------|-----------------------|-------------------|
| Within samples, i. e. intra-group v.  | a              | b                     | a/b = w           |
| Between samples, i. e. inter-group v. | c              | d                     | c/d = z           |

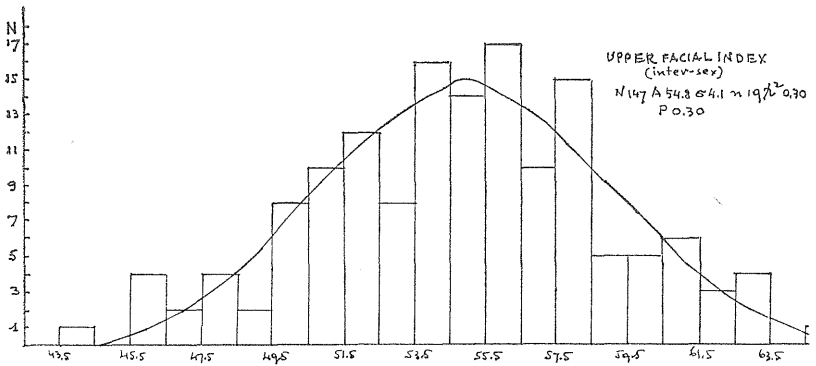
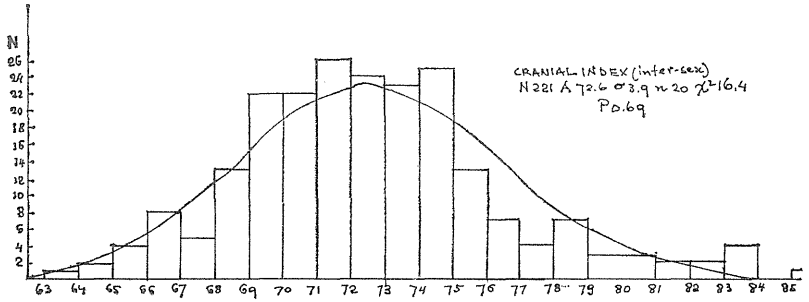


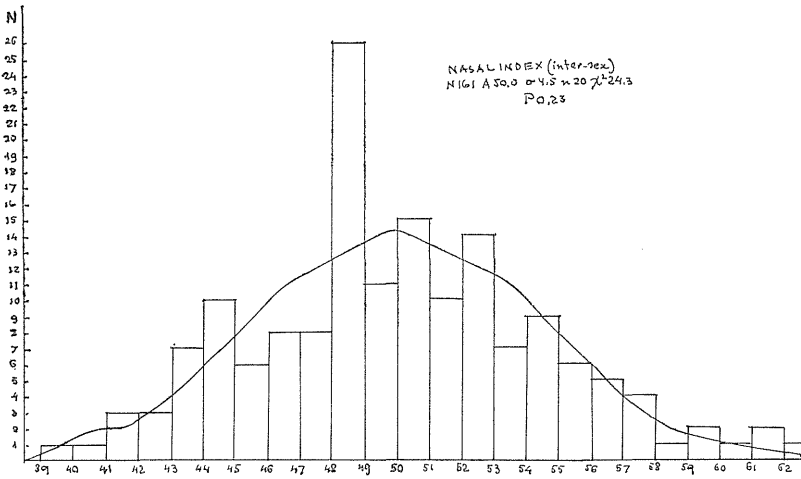












# Les types humaines au Mexique d'après E. Domenech (1865) <sup>(1)</sup>

PAR

**Juan Comas**

Prof. de Antropologia. Universidad Nacional de México

Pendant le XIX<sup>e</sup> siècle, avec les matériaux recueillis et donnés ou vendus par les aventuriers, voyageurs, explorateurs et hommes de science intéressés à ces questions, furent commencées, provenant d'outre-mer, les collections ostéologiques, ethnographiques et archéologiques qui font partie des Musées d'Europe.

De là notre désir de faire connaître ce que l'un de ces voyageurs, Emmanuel H. D. Domenech, informa après un long séjour au Mexique, en prenant pour base ses observations faites sur le vivant et sur les restes osseux qu'il collectionna et qui aujourd'hui sont en partie déposés au Musée de l'Homme à Paris.

Au sujet d'une recherche commencée en 1967 dans ce Musée, j'ai eu l'opportunité de connaître la série de crânes recueillis par Domenech et remise au Museum d'Histoire Naturelle le 1<sup>er</sup> Mai 1866. Cette série se compose de 33 pièces dûment mises en inventaire.

Emmanuel-Henri-Dieudonné Domenech, né à Lyon, France, le 4 Novembre 1825, arriva pour la première fois en Amérique en 1846, avec Monseigneur Odin, vicaire apostolique du Texas. Il réalisa plusieurs voyages desquels sont le fruit les si variées publications dont il est auteur. Entre 1862 et 1866 il vecut au Mexique comme aumônier de la Première Division de l'Armée

---

(1) Ceci n'est qu'un résumé. Le travail *in extenso* sera publié en espagnol dans *Anales de Antropologia*, México.

expéditionnaire française, et plus tard comme directeur du Bureau de presse de l'Empereur Maximilien. Il mourut en France à la fin de 1903 ou début de 1904.

En revisant dans le Musée de l'Homme un petit archive qui est dans le département d'Anthropologie Physique, nous trouvons une lettre signée par Domenech le 20 Juin 1865, à Durango, et adressée au Docteur A. Pruner-Bey qui cette année était le Président de la Société d'Anthropologie de Paris. Ce document là, inédit jusqu'à présent, dit:

«Durango 20, Juin, 1865»

«Monsieur le docteur Pruner-Bey  
Place St. Victor, 28.  
Paris.»

«Monsieur et cher Docteur:

«Selon la promesse que je vous ai faite à Paris, je me suis immédiatement occupé dès mon arrivé à Mexico, de l'anthropologie mexicain. Mes travaux passés, sur l'Amérique du nord, sur l'Irlande et vos savants leçons m'ont permis de faire déjà des collections plus precieuses que celles que j'avais faites sur les races celtiques. Je ne vous envoie pour le moment qu'un aperçu rapide, mais très exact, de ce que j'ai vu, étudié, collectionné. Mes notes et collections de cheveux et de crânes me coûtent trop de fatigues, d'ennuis et d'argent, pour les exposer à se perdre. Je les rapporterai avec moi cet hiver ou au printemps prochain à Paris. Il est étonnant comment les études *de visu, minutieuses et détaillées* donnent des renseignements différents de ce qu'on apprend ordinairement dans les livres. Vous vous rappelez, à ce sujet, les notes importantes que j'ai rapporté de l'Irlande sur les dolicho-céphales et les brachycéphales celtés. Au point de vue scientifique comme au point de vue politique, ce pays a été *vu* d'une manière tellement superficielle, que je ne crois plus que ce que je vois, et je ne me fie à personne pour m'aider dans mes

collections. Cheveux, crânes, vases anciens à figures ou médaillons en relief, idoles, etc., je n'accepte que ce que je prends moi-même et dont je suis sûr.»

«Mes notes, je les ai pris jour par jour et presque heure par heure; j'ai mis cinquante deux jours pour aller de Mexico à Durango, par conséquent j'ai du bien voir, et comme il m'est indifférent qu'un Indien ait le crâne, le *facies* et la couleur d'une manière plutôt que d'une autre, qu'il s'agissait de constater une situation et non pas d'appuyer un système, vous pouvez croire à l'exactitude de mes renseignements. J'ai fait beaucoup moins que ce que j'aurai voulu faire, mais lorsque vous saurez que je n'avais personne pour m'aider et partager mon travail, que je n'avais d'autre ressource pécuniaire que l'argent de ma solde, que je n'avais d'autres instruments que deux boussoles, trois hypsomètres et un thermomètre donnés par M. D'Abbadie, vous comprendrez que mes moyens d'action ont été très limités. Si j'avais 4 ou 5.000 piastres à ma disposition je serais revenu avec des crânes et des momies en assez grande quantité pour compléter les collections du Jardin des Plantes et de la Société d'Anthropologie, des vases et toutes sortes d'antiquités pour former un petit musée aztèque, qui aurait rivalisé d'intérêt avec le musée Campana, mais il y a bien des choses que je n'ai pu prendre, faut d'argent pour payer les moyens de transpor. J'ai pourtant déjà plus de crânes aztèques, otomites et chichimèques que n'en contenait la collection celte que je vous ai rapporté d'Irlande. J'ai pareillement des grammaires, vocabulaires et catéchismes en Aztèque et en Otomite. L'étude de l'Otomite au point de vue anthropologique et linguistique vous ménagera plus d'une surprise.»

«Je ne vous parle pas de l'histoire des peuples anciens du Mexique et de l'Amérique centrale, parce que cela m'entraînerait trop loin. Je vous dirais seulement que les histoires récentes qui en ont été faites sont des tissus de fables puisées dans les auteurs espagnols du XVI et du XVII siècles qui ont tout falsifié en voulant tout latiniser, c'est-à-dire en mêlant l'idée chrétienne aux traditions indiennes. Mais comme il est

plus facile de traduire des compilations d'ouvrages espagnols peu connus, que d'étudier les langues indiennes, et de s'habituer à l'interprétation des signes hiérophiques, on a fait avec ces ouvrages des histoires des nations de l'Amérique espagnole qui passent en France pour des précieux monuments historiques. Leurs auteurs deviennent des autorités incontestables; pour affaiblir la critique qui pourrait venir, ils affirment qu'eux seuls connaissent le Mexique et que les Mexicains n'en savent pas le premier mot. Tout cela est faux. J'ai trouvé ici des hommes aussi remarquables, aussi savants et aussi peu connus en Europe que ceux que j'ai trouvés en Irlande. La facilité avec laquelle nous prenons des fables pour de l'histoire, nous a fait beaucoup de tort dans l'esprit de ces savants que se tiennent sur la réserve, ne nous prenant pas au sérieux. C'est pourquoi je vous prie de m'attendre avant de statuer définitivement sur les races indiennes et primitives du Mexique. Du reste, je vais partir pour San Luis Potosí, et avant de revenir en France j'aurais considérablement augmenté mes collections et mes notes.»

«Au point de vue des origines, le nombre des tribus primitives est très limité, à en juger par le nombre des langues typiques. Il est vrai que plusieurs de ces langues se sont perdues, mais étaient-elles complètement différentes ou seulement des patois des langues typiques?, c'est ce que l'on ignore en gran partie. Sur toutes ces questions je vous donnerai des renseignements et des livres précieux qui vous édifieront d'une manière assez satisfaisante.»

«Arrivons à mon voyage de Mexico à Durango.»

«Sur ma route, voici les types que j'ai vu: aztèques, otomites (et leurs variations), tarascos, chichimèques, acaxetes et tepehuanes. A part les acaxetes et les tepehuanes qu'on ne trouve guère que dans l'Etat de Durango, et les tarascos que je n'ai vu que sur les frontières de Mexico et du Michoacan, j'ai trouvé les autres indiennes sur toute la route. Les notes que j'envoie à M. D'Abbadie, au revers de la topographie du chemin, vous donnent les noms et un tableau numérique des types. Le tableau comparatif numéro 2 que je joins à cette

lettre, malgré la grossièreté du tracé, vous donne une idée exacte de la proportion des grandes lignes de chaque type. Si j'avais eu le temps je vous aurais envoyé des figures bien dessinées et colorées, mais la brièveté de mon séjour à Durango m'a obligé à ne m'occuper que des mesures, des chiffres et des traits généraux typiques. J'ai remarqué quatre types bien différentiels; la proportion de leur nombre est indiqué dans les notes de M. D'Abbadie. Vous verrez que les deux premiers sont les plus considérables. Quant aux couleurs vous avez également un tableau comparatif et proportionnel pour chacun des types et pour chaque Etat. L'altitude n'a rien à faire avec la couleur. Mes observations hypsométriques m'ont démontré que la route ondulait constamment entre 1900 et 2000 m. au dessus du niveau de la mer. Mes observations hygrométriques, m'ont pareillement démontré que la température et la sécheresse de l'air étant à peu près les mêmes sur tout la longueur du chemin, elles ne pouvaient avoir d'influence sur la variété des couleurs.»

«On exagère énormément la quantité de mélange du sang espagnol et du sang nègre parmi les Indiens. En consultant, non pas les étrangers résidant au Mexique depuis plus ou moins de temps, ni les petits savants que parlent de tout, mais des vieillards pauvres ou riches, je me suis convaincu que ce mélange ne dépasse de 2 à 5 % et que ce qu'on appelle des *indiens mélangés* ont au moins de 15 à 20 % de sang indien, s'ils ne sont pas purs. La longueur du visage ou la couleur de la peau sont pour moi des caractères ou des accidents et non une preuve de mélange. Pour s'en convaincre il suffit de voyager dans l'intérieur du pays, d'examiner attentivement des individus, n'avoir aucune idée préconçue à ce sujet, être très désintéressé dans la question.»

«Le tableau comparatif numéro 1 vous donne la mesure exacte du crâne des 4 principales variétés des types indiens que j'ai mesuré jusqu'à présent. J'ai pris comme longueur la distance entre l'épine nasal et la protubérance occipital; comme hauteur la distance entre la médiane de la suture pariétale et la partie antérieure du trou occipital; en fin comme diamètre



transverse la distance de la portion pètrée du temporal à l'autre aplatissement. Une chose remarquable au crâne indien et qui est assez général au crâne mexicain c'est un aplatissement à partir de la suture lambdoïde jusqu'au bas de l'occiput; c'est ce que j'appelle occiput applatie. J'ai voulu savoir si cet aplatissement était acqui ou naturel, car on me disait qu'il pouvait provenir de l'habitude de coucher les enfants à terre, dès leur naissance. J'ai vu des enfants qui venaient de naître, j'en ai vu étendus à terre et j'ai acquis la certitude que cet aplatissement est naturel et non obtenu. Il en est de même de l'os frontal, généralement très bas, chez les Indiens, et souvent applati. Cela provient, dit-on, de la coutume de porter, dès l'enfance, des fardeaux, sur les épaules par un courroie qui passe sur le front. J'ai peut-être tort de n'en pas croire un mot. Parce qu'un enfant même de 4 à 5 ans portera de la sorte, de temps à l'autre, un fardeau proportioné à son âge, la courroie aura-t-elle le don d'aplatir le front?. Plus tard l'os frontal n'a-t-il pas une force de résistance assez grande pour ne pas être influencé par un poids même lourd? Vous repondrez mieux que moi à ces deux questions.»

«Les cheveux et les yeux claires sont excessivement rares chez les Indiens. Je n'en ai jamais vu dans les deux premiers types. Leur cheveux sont noirs, touffus et épais. Leurs yeux sont également noirs. On en recontre assez fréquemment qui sont un peu obliques. Cette obliquité tient surtout des paupières qui se relevent vers leur jonction extérieure.»

«Les pommettes sont plus saillantes chez les aztèques et les otomites, c'est-à-dire avec les visages triangulaires ou ronds (types 1 et 2), que dans les autres types, mais elles sont toujours visibles.»

«Le nez typique des deux premiers types est court, aplati et très large vers les narines; les nez droites et bien faites ne sont pourtant pas rares, même dans ces deux premiers types. Les visages allongés (types 3 et 4) ont le nez d'une forme moins générale et plus variée; quelques uns l'ont très bien fait et me rappellent les beaux types indiens de l'Amérique du Nord.»

«La bouche des 4 types est toujours grande, sauf de très rares exceptions; les lèvres sont fortes surtout dans les premiers, un peu relevées de manière à voir facilement les dents. Quant aux mâchoires, elles sont très fréquemment, mais non pas généralement, avancées.»

«Avant d'abandonner la tête des indiens je dois vous dire qu'ils sont très inférieures au point de vue moral aux Peaux-Rouges de l'Amérique du Nord. Ce qu'a dit M. Costa au corps législative relativement aux Indiens, est presque aussi faux, ou du moins aussi exagérée, que se qu'il a dit du Mexique et des Mexicains. Vous comprendrez, en effet, qu'un homme qui va de Vera-Cruz à Mexico en diligence, qui reste 3 ou 4 mois dans cette ville, tantôt malade, tantôt étudiant M. de Humboldt ou cherchant à démeler quelque chose de positif dans l'embrouillamini [sic] des finances et de l'administration mexicains, puis revient en diligence à Vera-Cruz s'embarquer, ne peut absolument rien savoir du Mexique, des Mexicains et encore moins des Indiens.»

«J'aime beaucoup les Indiens, parce qu'ils sont très à plaindre, mais je dois avouer qu'ils sont d'une intelligence excessivement bornée; ils sont laborieux par nécessité, mais peu actifs; plus braves que les mexicains, ils sont néanmoins très poltrons et très timides. Pas un d'eux a la hauteur comme intelligence, énergie et bravoure des Peaux-Rouges du Nord. Retournons au physique.»

«En général les aztèques et les otomites sont d'une taille un peu au dessous de la moyenne; les autres indiennes que j'ai vu sont un peu plus grands.»

«A partir de l'État de Guanajuato on en voit beaucoup qui sont d'une assez belle stature, même avec un teint très foncé. Leur poitrine est très bien bombée; leurs membres sont généralement forts, mais il y a plus de chair et moins de muscles que chez les Peaux-Rouges. Leurs épaules sont larges, mais le bassin assez étroit; les attaches [sic] larges, ainsi que les pieds et les mains, mais bien moins larges que celles des yankees et même des Peaux-Rouges. Ils n'ont pas de poil sur la poitrine ni sur les jambes; quand ils ont de la barbe, ce

qui n'est pas commun du tout, c'est une barbe dans le genre de celle des chinois, c'est-à-dire, clairesemée et droite.»

«*Particularités.* Dans l'Etat de Querétaro, j'ai vu des indiens n'ayant pas plus d'un mètre 20, de hauteur, peau presque noire. Sur les frontières de Michoacán et dans l'Etat de Guanajuato, j'en ai vu de forts beaux, avec une peau jaune, quelques uns avec le corp brun et les bras noirs. Dans ces deux Etats, comme dans celui de Zacatecas, j'en ai vu dont le front n'avait pas 2 centimètres de hauteur (50 sur 1000).»

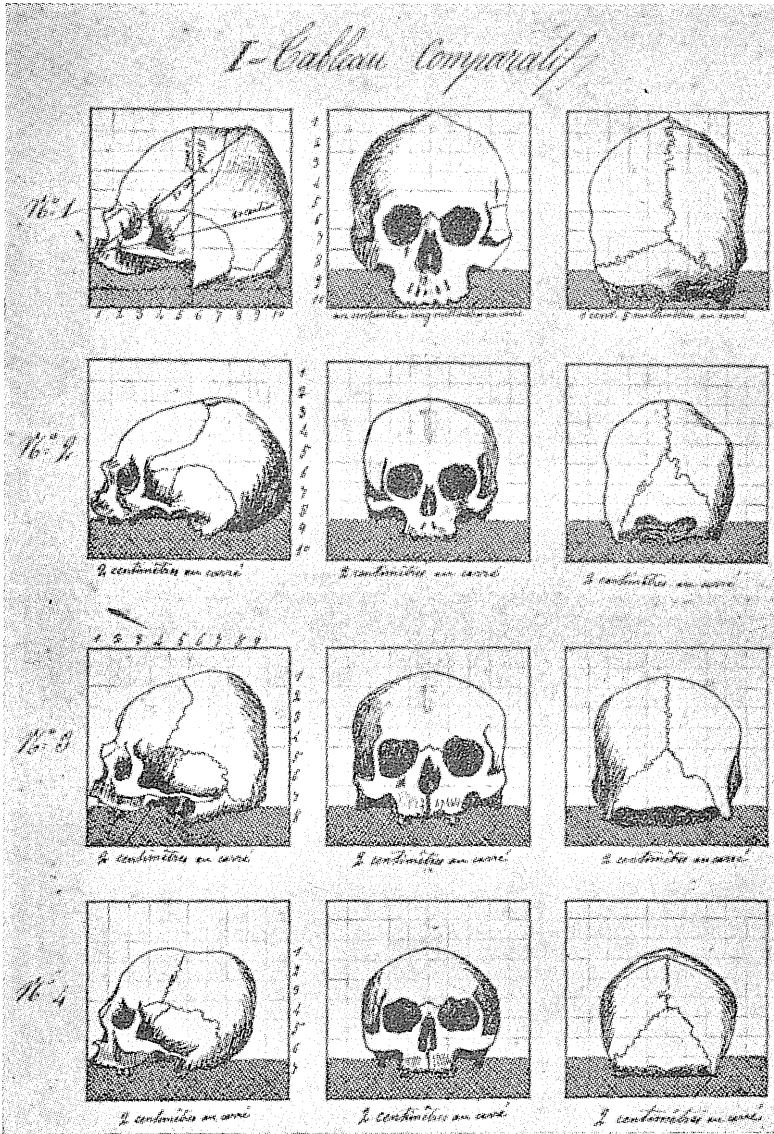
«Je pars demain pour étudier d'autres Indiens, dont les villages se trouvent dans les montagnes sur la route de Mazatlán. J'espère augmenter chez eux mes collections de cheveux et peut-être de crânes, quoique ce soit très difficile, très ennuyeux et souvent même dangereux, à cause des idées superstitieuses qui les dominent. Il ne me reste plus qu'à vous faire mes excuses. Veuillez, cher Docteur, agréer l'assurance de ma considération distinguée et de mon respect très affectueux.»

EMMANUEL DOMENECH

Aumônier de la Premier Division militaire  
au Mexique

«Les 4 types Indiens decrits par Domenech sont:

- «*Type 1.* Cheveux noirs, épais et durs; front bas; yeux noirs, quelque fois avec des paupiers obliques; nez large, épaté; bouche grande; lèvres épaisses; menton un peu pointu; pas de poil, ou peu, au visage et sur le corps; teint presque noir, ou brun foncé ou verdâtre (olivâtre); visage triangulaire; pommettes saillantes.»
- «*Type 2.* Cheveux noirs, épais et durs; front bas; yeux noirs; nez large; bouche grande; lèvres épaisses; menton rond; pas de poil, ou peu, au visage et sur le corps; teint brun foncé, quelque fois jaunâtre; visage rond; profil droit; pommettes peu saillantes.»



- «*Type 3.* Cheveux noirs, rarement claires (1 sur 10.000); front élevé, un peu fuyant; yeux noirs, rarement claires (1 sur 1.000); nez droit, quelque fois aquilin; bouche grande, moyen chez les femmes; lèvres ordinaires; menton un peu pointu; peu de poil; visage ovale, profil fuyant; pommettes très peu saillantes; teint brun, jaunâtre ou rougeâtre.»
- «*Type 4.* Cheveux noirs, rarement claires (1 sur 6.000); front droit; yeux noirs; nez bien fait et moyen; bouche grand, moyenne chez les femmes; lèvres ordinaires; menton rond; peu de poil; teint brun clair, quelque fois jaunâtre ou rougeâtre; allongé, presque aussi large en bas qu'en haut; pommettes presque invisibles.»

\*

\*      \*

Il semble convenable de commenter quelques uns des points que Domenech mentionne, en considérant le moment où ils furent exposés:

a) Il signale à juste titre le danger que présentent ceux qui, après des visites éclair, osent donner, à la légère, son opinion, écrire et généraliser sur des caractères, habitudes et modes de vie de certains groupes de population; en conséquence il réitère le besoin d'observer, examiner et essayer d'interpréter la vie des peuples (dans ce cas des indigènes mexicains) avec le plus d'objectivité possible, sans dire à l'avance des résultats et sans prétendre, en aucune façon, que les observations servent d'appui à des thèses ou hypothèses anticipés.

b) Nous manquons de renseignements sur Antoine D'Abbadie, de qui Domenech parle plusieurs fois; nous le trouvons comme membre titulaire de la Société d'Anthropologie de Paris, à partir du 6 Juillet 1867. Nous savons aussi qu'à ce moment là il était membre de l'Institut et de la Société de Géographie de Paris. Nous n'avons non plus réussi à trouver les cahiers ou notes d'information que Domenech dit avoir remis à D'Abbadie et qui

sans doute renfermaient de nombreux renseignements, resultat de ses observations sur le terrain.

c) Domenech précise la technique utilisée pour mesurer les diamètres antéro-postérieur, transversal et hauteur du crâne. Si l'on pense à ce que la craniométrie était à ses débuts et à ce que les Instructions anthropométriques et osteométriques de Broca parurent plus tard, il faut reconnaître dans Domenech un vrai précurseur dans ce genre de recherches (et justement dans notre pays).

Malheureusement nous ne disposons pas des tables craniométriques que sans doute Domenech avait obtenues, d'accord avec ce que son Rapport spécifie, et nous ignorons l'existence de travaux postérieurs se rattachant à la série de 33 crânes qu'il donna au Musée de l'Homme. On a trouvé seulement le tableau I que nous reproduisons; le tableau II c'est sans doute perdu dans les archives.

d) Domenech nie que l'action du milieu (altitude, température, humidité) puisse modifier les caractères somatiques et surtout la couleur de la peau.

e) Il prend une position claire et définie en refusant la possibilité de ce que certains changements dans la forme du crâne soient dues à des actions extérieures, comme façon de dormir des enfants ou la pression d'une courroie (mecapal) destinée à soutenir sur le front le poids chargé sur le dos. Les crânes reproduits dans le tableau I montrent certainement quelques cas de déformation artificielle, mais Domenech n'en parle pas ni essaye d'expliquer de telles déformations moyennant des techniques appropriées au lieu du «Mecapal». Apparemment notre auteur n'a pas eu l'opportunité de connaître les travaux qu'avaient publié, sur déformation crânienne artificielle, S. G. Morton (1839), L. A. Gosse (1855 et 1861) et d'autres.

f) La typologie raciale de Domenech, en ce qui concerne les indiens mexicains se limite aux groupes de population qu'il connut directement dans certaines régions du pays, sans prétendre généraliser ses conclusions à tout le territoire: voilà une preuve de son objectivité.

g) Ses affirmations sur «l'infériorité morale» et «l'intelligence très limitée» des indiens mexicains, sont très subjectives et person-

nelles. Nous ignorons comment Domenech put faire ces appréciations sur cette limitation intellectuelle et encore plus sur le bas niveau moral. Il n'était pas en possibilité à cette époque, d'estimer ces caractères psychiques, et à plus forte raison quand aujourd'hui nous connaissons très bien les problèmes qui existent pour les quantifier dans des populations de plusieurs cultures, différentes à la notre, c'est-à-dire à la culture occidentale.

h) Quand il critique le fait de ce que beaucoup de livres de l'époque prétendaient faire connaître les populations indigènes d'Amérique et en particulier celles du Mexique, en prenant pour base des suppositions très éloignées de la réalité, il revendique avec une juste impartialité le secteur intellectuel mexicain en tant que «hommes très remarquables, très savants et pourtant en même temps, très peu connus en Europe».

Pour pouvoir estimer comme il faut l'importance des observations somatiques de Domenech sur les indigènes mexicains, nous ne devons pas oublier que sa lettre est adressée à Pruner-Bey, l'un des plus prestigés médecins-anthropologues de l'époque, comme en sont la preuve ses nombreux travaux présentés à la *Société d'Anthropologie de Paris* de laquelle il fit part depuis sa fondation, en 1859, et plus tard, en 1865, il arriva à en être le président.

L'intérêt de Pruner-Bey pour déterminer et interpréter les variations des cheveux et les nuances dans la couleur de la peau, en tant qu'éléments essentiels dans la différenciation raciale et comme preuve du métissage, répercute en Domenech qui — comme nous l'avons déjà vu — insiste sur ces deux caractères.

Il est normal, qu'aujourd'hui, à un siècle de distance, les observations, interprétations et conclusions de cet auteur nous semblent anachroniques. Cela n'est pourtant pas un obstacle pour reconnaître dans Domenech un *précurseur* de l'anthropologie physique mexicaine, avec un point de vue scientifique, qui était alors si peu fréquent.

# The bloodstone source of metallurgy

BY

Raymond A. Dart

Prof. of Anatomy of the Medical School  
University of Witwatersrand  
Johannesburg — South Africa

## Introduction

Participating in the Jubilee celebrations of the *Institute de Antropologia «Dr. Mendes Correia»*, affords me great pleasure because the distinguished Portuguese scientist who founded the Society and whose name has been incorporated in its title was also the first anthropologist on the continent of Europe to accept the significance of *Australopithecus africanus* in throwing new light upon human prehistory (Dart, 1959: 457). Still more compelling is the long friendship enjoyed with Professor J. R. dos Santos Junior, the reigning president of the Society, which has been such a source of reciprocal pleasure ever since our first meeting in Johannesburg over forty years ago. Sharing the hospitality of his home and family at Quinta Judith, Moncorvo in the latter part of October 1956 is an outstandingly happy and ineradicable memory for both my wife and myself.

Journeying then with Dr. dos Santos Junior through the corn-oak grove over the ore-strewn hill side above his homestead — much of whose ore had traditionally been exported to England — had carried my memory at that time, a quarter of a century back. I had already written (Dart 1929) about the making of bronze in South Africa. Whilst traversing Africa from Johannesburg to Cairo, I had also investigated and later described (Dart 1934)



the first stone age mine hitherto described for manganese. But I had little expectation when in Portugal a decade ago that the subject of prehistoric mining would soon again become one of my major archaeological concerns. Meantime Professor dos Santos Junior himself has been placing on record the folk-lore of village bread ovens in trás-os-Montes (J. R. dos Santos Junior 1965-66: 120-146) and has been excavating the Castro de Carvalhelhos (J. R. dos Santos Junior 1965-66: 181-190) amongst his other numerous interests during the intervening years. So once again it is about another of these shared interests that I am writing.

### **The excess of haematite, or blood storage in slags**

The most fascinating feature to me of the chemical analysis of the slag excavated at Castro de Carvalhelhos was that which had excited comments from its investigators viz: the presence of 2.03 % tin and traces of copper, although iron oxide accounts for 64.43 % of the slag. H. Maia e Costa (1965-66: 173-180) who carried out the microscopic examination, found that the compact fraction of the slag revealed that the furnace must have reached elevated temperatures ( $> 1,300^{\circ}\text{C}$ ) at which normally tin would have been released. He therefore concluded that using the *excess of iron oxide* in view of the high content of silica (21.46 %) in the slag was an *ingenious way of recovering the tin* in the absence of a knowledge about the chemical composition of its ore. He thus corroborated the observation that had been made on the chemical analysis furnished by Prof. A. H. de Carvalho Director of the Laboratório do Serviço do Análises do Instituto Superior Technico de Lisboa. The observation made was that although the analysis dealt with a product rich in iron, it did not eliminate the hypothesis that it concerned a slag of tin metallurgy in view of the obvious presence of that element which was not normally present in iron ores. The italics above are mine because what interests me chiefly is that *excess of iron oxide* for I think that our recent work on prehistoric mining here in Southern Africa may assist in explaining its presence.

Both Portugal and South Africa share backgrounds of ancient mining but the Iberian peninsula seems to be recognised only as having been a focus of attraction for Mediterranean traders, smelting locally and carrying metals of to historical metallurgical centres. On the other hand smelted metals older than the iron of  $400 \pm 60$  A. D. found by Beaumont at Ngwenwya Iron Mine (see Dart 1967: 266) have not as yet been discovered in South Africa. However, proof has recently been furnished by radiocarbon dating of *mining for iron ores* at Ngwenwya in Swaziland — which lies between Portuguese East Africa and the Transvaal province of South Africa — that goes back in time further than has hitherto been provided by a mine in any other part of the world.

That very ancient (over 40 millennia) mining for haematite date is why I became deeply interested in the presence of this vast excess of *iron ore* in the slag of an ancient smelting operation in northern Portugal probably intended for the extraction of tin which is a rare metal and of immense value for the making of hard bronze. The suspicion has arisen in my mind through the much earlier mining for iron ore than for tin ore that, whatever the modern reasoning of metallurgists trained in modern chemistry may be about the mixing of ores to make slags, the employment of iron ores by Portuguese, and other metallurgists in Bronze Age times for such a purpose were more likely to have been based upon ancient traditions of an alchemical or religious ritual character handed down by their predecessors than upon a real knowledge, even if of an empirical nature. So it seemed useful to use the present opportunity to set that idea on record.

Theodore A Wertoime (Science 1964: 1257) states «We surmise today that the discovery of smelting did not revolve merely about copper, the first industrial metal but that it engaged man in chemistry that divulged in relatively quick sequence, the existence of lead, silver, tin and probably iron. Tin revealed itself as the ideal alloy in bronze only after long and often unintentional trials with impurities such as arsenic and antimony.

W. Culican (1961: 1137) attributes the overrunning of Syria, Palestine and Egypt (1700 B. C.) to the Hyksos metallurgy of iron, horses and chariots. But a lump of smelted iron (according

to Wertime 1964: 1262) was found at Chagar Bazar in North-east Syria in a level dated provisionally between 3000 and 2700 B. C. and a dagger or sword fragmented (dated C 2700 B. C.) was found at Tell Asmar 350 miles or more down the Tigris river not far from Baghdad, Iraq's capital today. Similar or even earlier dates are assumed for 4th and 6th dynasty iron in Egypt. So iron was being produced, either accidentally or deliberately for at least a thousand years or more before, to use M. Eliade's (1962: 23) words: «Unlike copper and bronze the metallurgy of iron very soon became industrialized. Once the secret of smelting magnetite or haematite was learnt (or discovered) there was no difficulty in procuring large quantities of metal because deposits were rich and easy to exploit».

Amongst the earliest known copper objects discovered are the «copper tubes decorating the end of string skirts found by Mellaart in 1962 at Lakal Huyuk on the Komya plain in Turkey». These may belong to the beginning of the 6th millennium B. C. and thus have an age corresponding with that of the presumed fertility shrine belonging to the second Neolithic phase of Jericho (see J. Mellant 1961: 47). At any rate the use of red ochre (haematite i. e. iron ore) was characteristic of neolithic funerary and ritual practices throughout the Near East and also of the neolithic pottery painting that spread from Mainland Greece to Cyprus and through Anatolia and the Levant to the Persian Gulf and the Red Sea (see Mellaart *op. cit.*).

Although red ochre (i. e. haematite or bloodstone) was the favourite pigment of late palaeolithic man in Europe it was not the only one used in mural art; the blue-black of manganese oxide was also a favourite pigment. But the iron carbonates gave many more colours ranging from yellow to dark orange and even black. It was natural that iron ores of other colours were used as the mural art developed, because the presence of haematite in Mousterian sites such as La Chapelle-aux Saints shows that it was the first pigment known to have been used in burial ritual. The reason for this according to Breuil and Lantier (1965: 249 seq) was that «Primitive man's way of likening red colouring to blood conferred on it the powers of a source of life and strength!»

Sprinkling all the body or only part of it with red ochre which has left its traces on the skeletons — nearby objects like the offerings of food and drink would «help the dead to find the strength to carry on life beyond the grave». As Elliot Smith (1927-30: 356) also expressed it «red ochre was put there as a *substitute for blood*, which was regarded as the life stuff, and the shells as a symbol of birth or life-giving. Both red ochre and shells were amulets believed to be capable of adding to the deceased's vitality — in other words of increasing his chance of prolonging existence» (*italics mine*).

This practice of employing red ochre, i. e. haematite, or blood stone (which is the native red oxide of iron and also occurs in the glittering black micaceous form of specularite, or '*looking-glass*' ore in burial and other ritual spread during late Palaeolithic times right across Europe from Wales in England to the Atlas Mountains and became prevalent both in the region around the Cote d'Azur in the Western Mediterranean and in the Near East in the Eastern Mediterranean especially in Mesolithic times. As soon as pottery making began there in the Neolithic era the application of brilliant red and black and even other pigments to ceramics played a functional and ritualistic as well as aesthetic role comparable only to that which these pigments had exercised in late palaeolithic mural art.

So it is obvious that the greater heats involved in producing better ceramics led through these metallic pigments to glazes and finally to the metals, of which copper was the first to attract attention probably because of its own redness, which it transmitted also to bronze.

Whether these ritual practices (centred primarily around *bloodstone*) arose in the west and spread to the east along with the feminine fertility cult of the late palaeolithic era can only be resolved by radio-carbon dating. That is what makes the facts about Ngwenya Iron Mine in Swaziland so important. As these matters have already been discussed in several previous publications (Dart 1967, 1968a, 1968b, Dart and Beaumont 1967, 1968, 1969 in press C. A.) I will not discuss them in detail now but

merely give a list of the Ngwenya radiocarbon datings from the Yale (Y) and Groningen (GRN) Laboratories:

|                 |          |               |        |            |               |      |
|-----------------|----------|---------------|--------|------------|---------------|------|
| Y1712           | Sample 1 | Castle Cavern | 1550   | $\pm$ 60   | B.P. = 400    | A.D. |
| Y1713           | > 2      | Lion Cavern   | 9640   | $\pm$ 80   | B.P. = 7690   | B.C. |
| Y1714           | > 3      | Banda Cave    | 5890   | $\pm$ 80   | B.P. = 4940   | B.C. |
| GRN 5022        | Ngwenya, | Castle Cavern | 1535   | $\pm$ 30   | B.P. = 415    | A.D. |
| Y1829           |          | Castle Quarry | 3970   | $\pm$ 120  | B.P. = 2020   | B.C. |
| GRN 5022        |          | Castle Quarry | 2860   | $\pm$ 35   | B.P. = 1910   | B.C. |
| Y1827           |          | Lion Cavern   | 22,280 | $\pm$ 400  | B.P. = 20,330 | B.C. |
| GRN5620         |          | Lion Cavern   | 28,130 | $\pm$ 260  | B.P. = 26,180 | B.C. |
| GRN (Feb. 1968) |          | Lion Cavern   | 43,200 | $\pm$ 1300 | B.P. = 41,250 | B.C. |

The last date has come from the bedrock stratum of a trench carried out to the margin of the cliff whose outcrop of specularite seems to have attracted what is so the earliest and longest sustained interest of these miners during the period extending from 43,200 to 9,640 B. P. i. e. from the 44th to the 10th millenium before the present. The work there probably ceased at some time after that date not because of a loss in interest for specularite but because of the fall of a five ton block of haematite lying across the cavern entrance. The first, or Y1713 date was obtained from bedrock on the cavernside of that block; the two (Y1827 and GRN 5620) dates from bedrock underneath that block; and the last date, as stated, from bedrock between that block and the cliff margin. The stone cultural objects and mining tools found were described in *Nature* (Dart and Beaumont 1967) and in the *South African Journal of Science* (Dart and Beaumont 1968). Some possibly Later Stone Age tools were found along with mining tools in the 6-8ft layer of the rubble under the fallen block but the 8-11ft deeper bedrock layer yielded 23,000 artefacts belonging unquestionably to the middle stage of the Middle Stone Age. The investigation of the cultural material from the bedrock layer of the trench beyond has not hitherto evinced any striking divergence from the Middle Stone Age material found in the bedrock layer below the haematite block.

Unfortunately this is the only mining site from which hitherto radiocarbon dates have been recovered. So we can only speak

hypothetically about the probable lines of the dispersal of the haematite mining industry across Asia and Indonesia that carried the religious ritual use of red ochre to every tribe in Australia and Tasmania and also across the Atlantic, or the Pacific ocean or both of them to the Red Indians and Tierra del Fuegians. It seems patent that the dispersal of such rituals involving an industry of mining and concepts about life and death at the intercontinental stage could only have been effected with the aid of water vehicles and the industry of making them; but at what time in the past Australia and America received the impulse only the dating of ochre mines and of the cave or open deposits, where it has been found can tell us.

Haematite occurred in the lowest stratum of Pomongwe Cave near the Matopos in Rhodesia. The same stratum contained a Proto-Stillbay Middle Stone Age culture and has been radiocarbon dated at Salisbury as 40,000 B. C. So it is obvious that mining sources of an age as great as, or even greater than that of Ngwenya will be found both to the north in Rhodesia and also to the south in the Cape Province. Shell midden sites yielding Middle Stone Age culture and dates of 30,000 and 33,950 years B. P. have also been reported from the vicinity of Lourenço Marques itself (M. Louis Lecte: personal communication).

But until cave deposits and more especially mining sites in Southern Europe and Asia for haematite have been radiocarbon dated we will not know for certain whether Western Europe or Southern Africa was the earlier to begin this mine for pigments. It would also be fascinating to learn how far back in time the prehistory of mining can be traced in Portugal and Spain, for this would illuminate the history of metallurgy throughout the Mediterranean area, particularly during the copper and bronze age, for my opinion is that copper and its alloys attracted the early metallurgists first simply because of their red colour. The ambition of making that red metal as hard and strong as possible would then attract major attention.

But two other incidents had awakened my interest in this *excess of iron oxide* before the Castro de Carvalhelhos report. The first was having read Mircea Eliade's (1962) splendid work

on *The Forge and the Crucible*; the second was having learnt from the above-mentioned work of T. A. Wertime (1964: 1262) that «In traditional Iranian practice, lead ores are reduced by a process known as the *iron ore flux process* in which iron oxide is added to the charge»; (italics mine) and from the conclusion he arrived at as a result of his later practical expenditure in Persia (1968: 935) «that iron ore may have been added at a very early date, possibly even before men tried to smelt the sulphide galena».

As Wertime had pointed out (1968: 931 seq) «Iron ore ( $F_2O_3$ ) was used as an additive in both copper smelting and lead smelting, a practice which was also noted in Palestine by Rothenburg and which was of utmost importance in that it stimulated the identification and ultimate exploitation of iron and advanced the use of sulphide ores of lead and copper «(see R. F. Tylecote, A. Lupu and B. Rothenburg 1967). Indeed, Wertime himself was so struck by the regular use of iron oxide in ancient and recent Iran that he posed the critical question himself (1948: 935): «Was iron ore added as flux from the beginning?» When I looked up my old paper (Dart 1929) I saw that the Rooiberg Transvaal bronze slags were «embedded in an iron-rich slag» also.

So we know today that iron oxide i. e. haematite, or bloodstone was being used from the earliest times not only in Persia for smelting lead, copper and other metals and in Palestine for the recovery of copper but also in Portugal for the recovery of tin and in ancient Transvaal furnaces for the alloying of tin with copper to make bronze. In other words red iron ore was used as an additive in prehistoric metallurgy irrespective of the particular metal it was hoped to recover or the alloy that was being made, but because of the inherited virtue believed by the primitive metallurgists to reside in the *bloodstone* itself.

The excellence of Eliade's (1962) work lies in its professed purpose (*op. cit.* 24) which was «solely to reveal the symbolism and magico-religious complexes which became a reality during the Metal Age, especially after the industrial triumph of iron. For the Iron Age, before it became a factor in the military and political history of humanity, gave rise to spiritual entities. Before changing the face of the world the Iron Age engendered a large

number of rites, myths and symbols which have reverberated throughout the spiritual history of humanity».

I will not discuss Eliade's book in detail here but it is relevant to say that while agreeing with his (*op. cit.* 23) suggestion that «the 'celestial' origin of iron is perhaps attested by the Greek *sideros* which has been related to *sidus*, *-eris*, meaning 'star', and the Lithuanian *vidu*, 'to shine' and *videti* 'shining'. I do not agree with his idea that the Hittite kings use of 'black iron from the sky' had anything to do with meteorites or meteoric iron. It seems far more probable that these primitive 'celestial' ideas arose from the black, crystalline or micaceous form of iron ore, known as *specularite*, or 'looking-glass' ore. Specularite crumbles into a sparkling powder which when spread with a fatty substance over the face or body, transfigures its appearance with a 'celestial' or shimmering, star-like glitter. This black and red colour divergence and transfiguring power of haematite also accounts for the Kitara tribe's division of ores into male and female. The former, hard and black, are found on the surface; the latter, soft and red, are extracted from inside the mine. The mingling of the two sexes is indispensable to fruitful fusion (*Eliade, op. cit.* 36).

The identification of *bloodstone* as the 'blood of Mother Earth' has been dealt with elsewhere (Dart 1968c). The concepts of generative stones, of metals growing in mines, of the earth's and of the furnace's being gestational wombs, of human and other sacrifices to the furnace, etc. with which Eliade deals, can all be traced back to their common source in that ancestral concept symbolized in the name *haematite* and recognised not only by Breuil and Elliot Smith but also by W. J. Sollas (1911) R. R. Marrett (1927-30: 297) as a substitute for blood and thus a symbol of fertility. The breath being invisible, *blood* or a *substitute for it* was to primitive mankind the only visible and tangible substance of life.

For forty thousand years — perhaps longer, since it goes back to Mousterian times — human beings had been using this red ochre and glittering black specularite as a life giving substance in burials, in mural art, in sacred ritual, and in the decoration of their pottery, shrines and dwellings. Seeing that in Eliade's own



words (*op. cit.* 9) «chemistry was born from alchemy, or more precisely, it was born from the disintegration of the ideology of alchemy» during the last three centuries of our era, it is self evident that man's earliest metallurgical activities must have been steeped in the germinal ideas inherited from the multimillennial past of red metals in general and of *bloodstone* in particular.

### Conclusion

The discovery that mining in Africa south of the Limpopo river, which separates South Africa from Rhodesia and enters the Indian Ocean about 120 kilometres north-east of Lourenco Marques, goes back 43 millenia before the present, has shown that mining is one of the oldest industries of *Homo sapiens*. It has also shown that the search for, and the bartering, or exchange of red pigment was just as characteristic of Middle Stone Age mankind in South Africa as it was of Mousterian and Aurignacian mankind in Europe. It has revealed how little is known about the origin and dispersal of this mining habit and how important a part this *bloodstone* pigment has played in leading mankind to the search for all metals from red copper to glittering silver, yellow gold, toughening tin and their alloys as well as to iron itself and all the rites and mysteries connected therewith. In particular through the appearance of an *excess of iron oxide* in slags of metals from Portugal to Iran and from Israel to the Transvaal it indicates that a common culture background of *bloodstone* was inherited by metallurgy wherever it penetrated throughout the Old World.

### Bibliography

BREUIL, H. and LANTIER, R.

1965 *The Men of the Old Stone Age*, London, Harrap, 272 p.

DART, R. A.

1929 The Bronze Age in Southern Africa, *Nature*, **123**: 495-96.

1934 Discovery of a stone age manganese mine at Chowa, Northern Rhodesia. *Trans. Roy. Soc. S. Africa*, **22**: 55-70.

- 1959 Human figurines from Southern Africa. *Soc. Portug. Antrop. Etnol. Fac. Cienc. Hom. M. Correa, Porto*, 451-73.
- 1967 The antiquity of mining in South Africa. *S. A. J. Sci.*, **63**: 264-67.
- 1968a The multimillennial prehistory of ochre mining. *N. A. D. A.*, **9**: 7-13.
- 1968b The birth of symbology. *African Studies*, **27**: 15-27.
- DART, R. A. and BEAUMONT, P.
- 1967 Amazing antiquity of mining in Southern Africa. *Nature*, **216**: 407-08.
- 1968 Ratification and retrocession of earlier Swaziland iron ore mining radio-carbon datings. *S. Afr. J. Sci.*, **64**: 241-46.
- 1969 Evidence of iron ore mining in Southern Africa in the Middle Stone Age. *C. A.* (in press).
- DOS SANTOS JÚNIOR, J. R.
- 1965-66 Dois «fornos do povo» em Trás-os-Montes. *Trab. Antrop. Etnol. Soc. Portug. Antrop. Etnol. Porto*, 119-45.
- 1965-66 Duas campanhas de escavações no Castro de Carvalhelhos (1965-1966). *Trab. Antrop. Etnol. Soc. Portug. Antrop. Etnol. Porto*, 181-190 pp.
- ELIADE, MIRCEA
- 1962 *The Forge and the Crucible*. London Rider, 208 p.
- MAIA, E. COSTA, HORÁCIO
- 1965-66 Nota sobre as escórias encontradas no Castro de Carvalhelhos. *Trab. Antrop. Etnol. Soc. Portug. Antrop. Porto*, 173-180.
- MARETT, R. R.
- 1927-30 Primitive crafts in peace and war in *Universal History of the World* (J. A. Hammerton ed.), 241-300.
- MELLAART, JAMES
- 1961 The beginning of village and urban life in *The Dawn of Civilization*. (S. Piggott ed.), pp. 41-64.
- SMITH, G. ELLIOT
- 1927-30 The idea of the supernatural in human development in *Universal History of the World* (J. A. Hammerton ed.) pp. 349-64.
- TYLECOTE, R. F. LUPU A., ROTHENBURG, B.
- 1967 A study of early copper smelting and working sites in Israel. *J. Inst. Metals.*, **95**: 235-243.
- WERTIME, T. A.
- 1964 Man's first encounter with metallurgy. *Science*, **146**: 1257-1267.
- 1968 A metallurgical expedition through the Persian desert. *Science*, **159**: 927-935.

# Deux crânes d'enfants provenant de Moita do Sebastião

(Epipaléolithique, Portugal)

PAR

**Denise Ferembach**

Maitre de Recherches au

Centre National de la Recherche Scientifique

(Paris)

C'est en 1952 que l'Abbé J. Roche et O. da Veiga Ferreira ont mis au jour à Moita do Sebastião, gisement mésolithique de la basse vallée du Tage, les deux crânes d'enfants (n° XXIII et XXIV) objets de cette note.

Le crâne XXIV avait été particulièrement déformé dans la terre. Le front apparaissait anormalement fuyant (planche 1), la voûte crânienne très basse, très allongée, était remplie d'un conglomérat de coquilles liées tantôt par un ciment calcaire se dissolvant dans l'acide acétique, tantôt par un ciment excessivement dur, difficile à user même avec la fraise de dentiste, inattaquable aux acides, même l'acide chlorhydrique.

Le dégagement et la reconstitution, que nous avons effectués à Lisbonne, au Laboratoire du Service Géologique du Portugal, ne sont donc pas parfaits, d'autant plus que la région temporo-pariétale présentait certaines parties trop écrasées pour pouvoir être remises en place et que quelques fragments avaient subi une déformation dans le sol. Des os wormiens faisaient défaut dans la région occipitale.

Nous avons rétabli, avec du plâtre, l'incurvation du pariétal gauche, dont la surface avait été enfoncée.

Enfin, nous n'avons pas essayé de reconstituer la moitié droite de la face, très écrasée, et nous n'avons pas non plus détaché la mandibule du maxillaire supérieur, son côté droit étant aussi très endommagé.

Pour définir l'âge de cet enfant, le degré de développement des dents apporte le principal argument.

Au maxillaire supérieur, les deux incisives et la première molaire déciduale sont en place. La canine a fait éruption, mais n'a pas achevé sa croissance et la deuxième molaire déciduale n'en est encore qu'à l'état de bourgeon, dans l'alvéole.

A la mandibule, nous retrouvons les deux incisives et la première molaire déciduales fonctionnelles (on ne peut rien préciser en ce qui concerne le degré de calcification des racines, pas plus que pour le maxillaire supérieur). La canine avait dû faire éruption; la deuxième molaire déciduale a sa face masticatrice tangente au bord alvéolaire.

Ces indications font penser que cet enfant est mort vers 18 mois. La présence d'une fontanelle bregmatique non entièrement fermée (elle s'ossifie généralement entre 2 et 3 ans) ne va pas contre cette supposition. L'absence de suture métopique, sauf sur une petite hauteur au-dessus du nasion, pourrait peut-être nous obliger à le vieillir: on admet classiquement que cette suture se synostose entre deux et trois ans. Mais pour certains auteurs la soudure commencerait au cours de la première année pour s'achever vers la fin de la seconde (Maeckel), ou encore elle s'effectuerait entre le 9ème et le 12ème mois (Welcker, etc.). Selon E. Augier (1931) dès le stade foetal on peut observer, rarement bien sûr, la fermeture de la suture métopique. La synostose de la suture n'est donc pas déterminante pour préciser l'âge d'un crâne.

Nous conserverons donc l'âge de 18 mois avancé plus haut pour ce fossile. Une observation nous y incitera encore plus: sur le crâne de l'enfant plus jeune encore de cette série (n° XXIII) ayant probablement aux environs de 10 mois (les incisives lactéales supérieures ont fait éruption alors que les autres dents sont à l'état de bourgeon et la fontanelle bregmatique se montre vaste), la suture métopique ne subsiste que sur une courte hauteur au-dessus du nez.

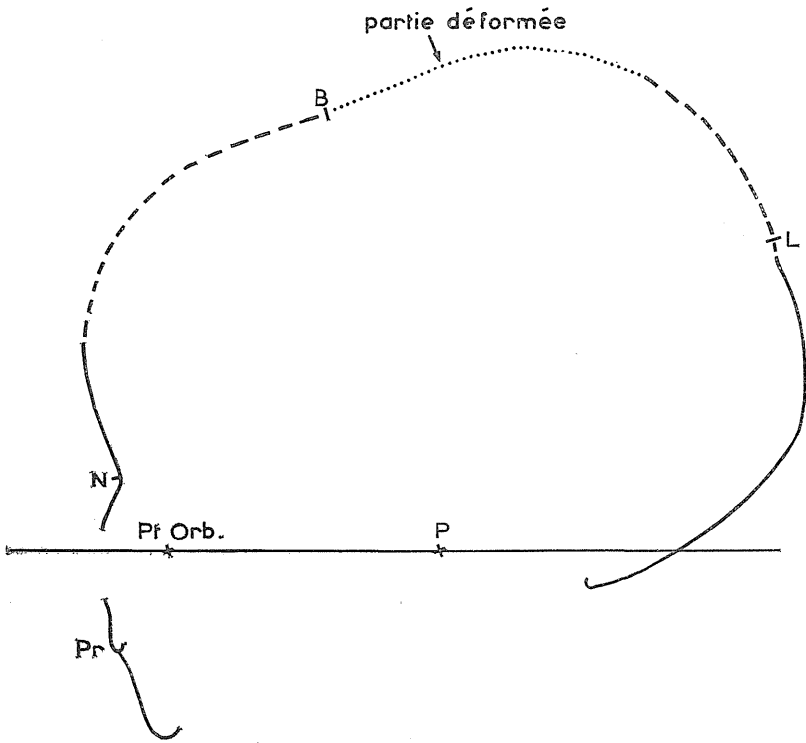


Fig. 1 — Profil sagittal du crâne XXIII.

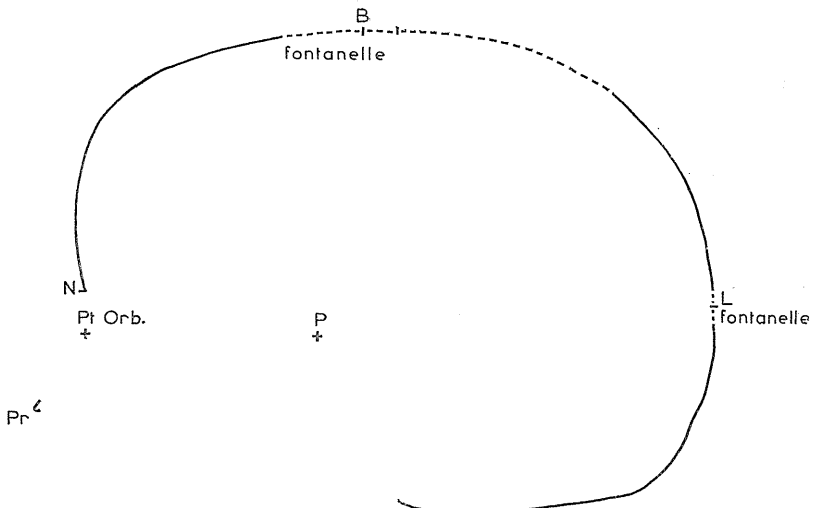


Fig. 2 — Profil sagittal du crâne XXIV.

Dans le tableau I sont indiqués les mesures et les indices du crâne cérébral et de la face de ces enfants fossiles. En ce qui concerne le n° XXIV, nous avons précisé la position du bregma en comblant la fontanelle bregmatique avec de la plastiline et prolongé sur cette dernière la direction des sutures coronale et sagittale. La position du lambda a été définie approximativement en tenant compte de l'existence des os wormiens.

TABLEAU I — Mesures et indices du crâne et de la face

|                               | XXIV  | XXIII |                      | XXIV   | XXIII  |
|-------------------------------|-------|-------|----------------------|--------|--------|
| Long. max. . . . .            | 153   | 139   | Ind. crânien         | 79,7   | 77,7?  |
| Larg. max. . . . .            | 122?  | 108?  | Ind. haut.-long.     | 71,9   | 70,5?  |
| Haut. Ba.-Br. . . . .         | 110?? | 98?   | Ind. haut.-larg.     | 90,2   | 90,7?  |
| Larg. fr. min. . . . .        | 84??  | 73    | Ind. moy.-haut.      | 80,0   | 79,4   |
| Arc frontal . . . . .         | 111   | 100   | Ind fr.-par. transv. | 68,9   | 67,6   |
| Arc pariétal . . . . .        | 122   | —     | Ind. front.-sagitt.  | 81,1   | 82,0   |
| Arc occipital . . . . .       | 107   | 94    | Ind. pariet-sagitt.  | 85,2   | —      |
| Corde frontale . . . . .      | 90    | 82    | Ind. occip.-sagitt.  | 82,2   | 83,0?  |
| Corde pariétale . . . . .     | 104   | 90?   | Capacité crânienne   | 950,6? | 681,10 |
| Corde occipitale . . . . .    | 88    | 78?   |                      |        |        |
| Haut. fac. sup. . . . .       | 36    | 37?   | Ind. fac. sup.       | 34,6?  | —      |
| Haut. fac. alvéol. . . . .    | 10    | —     | Ind. orbit. droit    | —      | 90,0?  |
| Larg. bizygomatique . . . . . | 104?? | —     | Ind. orbit. gauche   | 85,7?  | 93,1   |
| Larg. interorbit. . . . .     | —     | 16    |                      |        |        |
| Larg. biorbit. . . . .        | —     | 69    |                      |        |        |
| Haut. orbit. gauche . . . . . | 24    | 27    |                      |        |        |
| Haut. orbit. droite . . . . . | —     | 27?   |                      |        |        |
| Larg. orbit. gauche. . . . .  | 28?   | 29    |                      |        |        |
| Larg. orbit. droite . . . . . | —     | 30    |                      |        |        |

Ces deux spécimens se montrent mésocrânes, orthocrânes et tapinocrânes. L'indice moyen de hauteur classe le n° XXIV à la limite inférieure des crânes moyennement hauts et le n° XXIII parmi les crânes bas, mais près de la limite supérieure de cette catégorie. L'indice frontal sagittal correspond à un front bombé, l'indice fronto-pariétal transverse à un front métriométopé.

TABLEAU II — Mesures et indices de crânes d'enfants modernes

| Auteur   | Âge           | Sexe  | L                       | l                       | H   | Ic   | H/L  | H/l  | CC   |
|--|---------------|-------|-------------------------|-------------------------|-----|------|------|------|------|
| E. Patte   | 2 ans         | M     | 158                     | 124                     | 110 | 78,5 | 69,5 | 88,7 | —    |
| O. Ranke   | 2 ans         | M     | 166                     | 137                     | —   | 82,5 | —    | —    | —    |
| Wünsche  | 2 ans         | M     | 161                     | 137                     | —   | —    | —    | —    | —    |
| D. Ferembach   | 1 an 8 mois   |       | 140                     | 129                     | 105 | 92,1 | 75,0 | 81,4 | 878  |
| »  | 2 ans         |       | 161                     | 127                     | 110 | 78,9 | 68,3 | 86,6 | 1041 |
| »  | 2 ans 8 jours |       | 153                     | 135                     | 117 | 88,2 | 76,5 | 86,7 | 1119 |
| C. R. Barber & D. Hewitt <sup>(1)</sup> <sup>(2)</sup> | 18 mois       | F + M | 166                     | 132                     | —   | —    | —    | —    | —    |
| A. A. J. Jansen <sup>(1)</sup> <sup>(3)</sup>          | 18 mois       | F + M | 161 (33) <sup>(6)</sup> | 120 (33) <sup>(6)</sup> | —   | —    | —    | —    | —    |
| H. V. Meredith <sup>(1)</sup> <sup>(4)</sup>           | 1 an          | M     | —                       | 128-132 (11 séries)     | —   | —    | —    | —    | —    |
| »  | 18 mois       | M     | —                       | 130-135 ( 9 séries)     | —   | —    | —    | —    | —    |
| »  | 1 an          | F     | —                       | 124-127 (11 séries)     | —   | —    | —    | —    | —    |
| »  | 18 mois       | F     | —                       | 123-131 ( 8 séries)     | —   | —    | —    | —    | —    |
| M. Dokladal <sup>(1)</sup> <sup>(5)</sup>              | 1 an          | M     | 148,4                   | 133,1                   | —   | —    | —    | —    | —    |
| »  | 18 mois       | M     | 154,2                   | 136,1                   | —   | —    | —    | —    | —    |
| »  | 1 an          | F     | 146,5                   | 130,2                   | —   | —    | —    | —    | —    |
| »  | 18 mois       | F     | 150,5                   | 131,4                   | —   | —    | —    | —    | —    |

<sup>(1)</sup> Mesures prises sur le vivant

<sup>(2)</sup> Anglais. Cité par Jansen

<sup>(3)</sup> Papous

<sup>(4)</sup> Série d'Américains d'origines diverses

<sup>(5)</sup> Tchécoslovaques.

<sup>(6)</sup> Nombre d'individus

On ne dispose que de peu de renseignements sur les dimensions des crânes des enfants ayant un âge comparable à ceux des deux spécimens étudiés. La plupart, de plus, se rapportent au vivant. Nous en tiendrons néanmoins compte pour nos comparaisons, en le signalant, l'épaisseur de la peau et des muscles intervenant moins à cet âge et d'autant plus aussi que, à cette période, la croissance est accélérée et la variabilité dans les mesures élevée.

Le tableau II montre que les principales mesures des enfants mésolithiques ne diffèrent pas de celles des enfants modernes. En ce qui concerne la capacité crânienne, la même remarque peut être faite: pour des enfants français des deux sexes de 9 à 11 mois, R. Lichtenberg (1960) a obtenu une moyenne de  $990\text{cc} \pm 118$ ; pour des garçons de 13 à 18 mois,  $1124\text{cc} \pm 69,9$ , et pour des filles du même âge  $1075\text{cc} \pm 97,5$ .

Le tableau III donne les mesures prises sur les mandibules.

TABLEAU III Mesures et indices des mandibules

|                            | XXIV | XXIII  |                  | XXIV  | XXIII |
|----------------------------|------|--------|------------------|-------|-------|
| Long. max. . . . .         | 70   | —      | Ind. long. larg. | 87,5  | —     |
| Long. corps . . . . .      | 51   | —      | Ind. br. mont.   | 69,0  | 87,5  |
| Larg. bicond. . . . .      | 80?? | 71     | Ind. largeur     | 67,5? | 80,3  |
| Larg. bigon. . . . .       | 54?  | 57     | Ind robust.      | 73,3  | —     |
| Haut. br. mont. g. . . . . | 29   | 24 (d) |                  |       |       |
| Larg. br. mont. g. . . . . | 20   | 21 (d) |                  |       |       |
| Haut. symphyse. . . . .    | 17   | 19     |                  |       |       |
| Haut. ml-m2. . . . .       | 15   | —      |                  |       |       |
| Ep. réelle ml-m2 . . . . . | 11   | —      |                  |       |       |

Les deux mandibules présentent un menton triangulaire, net, bordé latéralement de deux fossettes situées au-dessus du bourrelet de base. Le bord inférieur du spécimen XXIV est rectiligne avec un angle goniale régulièrement arrondi. L'incisure sous-mentale se montre très légèrement marquée.

Un certain nombre de caractères descriptifs peuvent aussi être notés sur les crânes.



Soulignons que le fort prognathisme alvéolaire du sujet XXIV est, en partie, dû à l'écrasement vertical subi par la pièce lors de son séjour dans la terre. Une certaine projection du massif facial vers l'avant devait néanmoins exister.

Le relief musculaire, les saillies, sont évidemment très peu marqués sur ces crânes de jeunes enfants.

Les détails suivants vont nous permettre, avec une certaine probabilité, de rapporter ces spécimens à l'une des trois races présentes parmi les adultes mis au jour dans ce gisement: le crâne des enfants étant encore plus arrondi que celui des adultes, nous écarterons une affinité alpine pour ces deux sujets au crâne mésocéphale. La hauteur des orbites, la largeur de la face, qui n'est pas excessive et dont les pommettes ne sont pas rejetées latéralement, exclut une appartenance au groupe cromagnoïde et milite par contre en faveur d'un rapprochement avec les méditerranéens.

Nous avons déjà souligné combien, très tôt au cours de l'ontogénèse, les caractères raciaux se manifestaient. Nous en trouvons ici un autre exemple.

Le sujet XXIII ne présente rien de particulier; par contre la morphologie du n° XXIV appelle quelques remarques.

On sait que la face des enfants est, relativement au crâne cérébral, moins développée que chez l'adulte. Mais, chez cet enfant fossile, la face se montre particulièrement réduite. Le front, bien développé, bombe vers l'avant, caractère infantile aussi, mais qui paraît particulièrement accusé sur ce spécimen où il surplombe nettement le massif facial.

Vu par-dessus, le crâne montre une forme pentagonale; les bosses pariétales y apparaissent nettement saillantes. L'occipital est de taille sensiblement normale; toutefois, il présentait des os wormiens à la suture lambdoïde.

Un certain nombre de caractères n'ont pu être relevés sur cette pièce en raison de son état de conservation. Mais il semble que le crâne cérébral qui, selon l'expression de E. Augier (1931), «bombe de tous côtés» présente des traits d'hydrocéphalie. Cette anomalie a dû se manifester après la naissance et non au stade foetal: le volume crânien ne présente pas un développement exagéré

et les traits caractéristiques de cette malformation, due à un excès de liquide céphalo-rachidien, ne sont pas accusés.

Dans un précédent travail (D. Ferembach, 1968) nous avons décrit un crâne hydrocéphale exhumé du gisement néolithique portugais de Mélidès; nous avons à ce propos constaté que peu de crânes présentant cette anomalie n'étaient signalés provenant de gisements préhistoriques. Ce sujet mésolithique vient s'ajouter, avec le précédent, aux quelques pièces pré- ou protohistoriques signalées: l'enfant mésolithique de 7 ans environ trouvé en Allemagne, à Ofnet (K. Saller, 1962), celui du Néolithique mis au jour dans le même pays, à Seeburg (H. Grimm & H. Plathner, 1952) et le crâne n° 382 de l'Age du fer (D. L. Risdon, 1939), dont l'hydrocéphalie est d'ailleurs douteuse, provenant de Tell Duweir (Lachish, Israël).

### Conclusion

Les deux crânes d'enfants décrits dans cette note ont été trouvés dans le kjoekkenmoedding portugais de Moita do Sebastião (Muge). L'un (n° XXIII) est mort alors qu'il avait environ 10 mois; le second (n° XXIV) était atteint d'une légère hydrocéphalie lorsqu'il est décédé, vers 18 mois. Tous deux peuvent être rattachés à la race méditerranéenne dont plusieurs représentants ont été signalés parmi les squelettes d'adultes mis au jour dans ce gisement.

### Bibliographie

- AUGIER (M.) — Squelette céphalique. *Traité d'anatomie humaine*. Paris, Masson & Cie, 1931.
- DAVENPORT (C. B.) — Developmental curve of head height/head length ratio and its inheritance. *American Journal of Physical Anthropology*, t. 26, n° 1, pp. 187-190, 1940.
- DOKLADAL (M.) — Growth of the main head dimensions from birth up to twenty years of age in Czechs. *Human Biology*, vol. 31, n° 1, pp. 90-190, 1959.
- FEREMBACH (D.) — Un crâne Néolithique hydrocéphale du Portugal. In *Anthropologie und Humangenetik*, Gustav Fischer Verlag, Stuttgart, pp. 136-141, 1968.

- FEREMBACH (D.), LEGOUX (P.), FENART (R.) & VLČEK (E.) — Nouvelle étude anthropologique de l'enfant néandertalien du Pech de — l'Azé. A paraître dans les *Annales de l'Institut de Paléontologie Humaine*, mémoire n.° 13, 1970.
- GRIMM (H.) et PLATHNER (C. H.) — Über einen jungsteinzeitlichen Hydrocephalus von Seeburg im Mansfelder Seekreis und sein Gebiss. *Dtsch. Zahn — , Mund — und Kieferheilkunde*, t. 15, 1952.
- JANSEN (A. A. J.) — Skull growth from birth to adulthood in Papuans from the island of Biak (West New Guinea). *Tropical and Geographical Medicine*, t. 14, pp. 334-340, 1962.
- LICHTENBERG (R.) — *Radiographie du crâne de 226 enfants normaux de la naissance à 8 ans*. Thèse soutenue à Paris, 1960, Faculté de Médecine.
- MARTIN (R.) & SALLER (K.) — *Lehrbuch der Anthropologie in systematischer Darstellung*. Stuttgart, t. I, 1957, t. II, 1959.
- MEREDITH (H. V.) — Growth in head width during the first twelve years of life. *Pediatrics*, t. 12, pp. 411-429, 1953.
- PATTE (E.) — *L'enfant néandertalien du Pech-de-l'Azé*. Paris, Masson & Cie, 230 p., 1957.
- RISDON (D. L.) — A study of the cranial and other human remains from Palestine excavated at Tell Duweir (Laschish) by the Welcome-Marston Archaeological Research Expedition. *Biometrika*, t. 31, p. 99, 1939.
- SALLER (K.) — Die Ofnet-Funde in neuer Zusammensetzung. *Zeitsch. für Morphologie und Anthropologie*, t. 52, p. 11, 1962.
- VALLOIS (H. V.) — Malformations crâniennes consécutives à l'hydrocéphalie tardive. *Bulletin de la Société des Sciences Médicales de Montpellier*, 1912-1913, 8 p.



Fig. 3 — En haut, à gauche, vue latérale du crâne XXIII ;  
A droite, vue latérale du crâne XXIV ;  
En bas, le crâne XXIV avant sa reconstitution.



Fig. 4 — A gauche, vue faciale et supérieure du crâne XXIII ;  
A droite, vue faciale et supérieure du crâne XXIV.

# Algo mas sobre los bailes populares de la region de Miranda do Douro: «O Galandum» y «O Pingacho»

POR

Fernando O. Assunção  
Da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Como consecuencia del interés que tenían para nosotros, en las investigaciones y estudios sobre orígenes de bailes populares iberoamericanos y en especial de algunos rioplatenses, en oportunidad de nuestro viaje a España y Portugal, continentales e insulares, entre febrero y abril de 1967, y siguiendo la pista ya abierta por los investigadores lusitanos Dr. Joaquin Rodrigues dos Santos Júnior y R. Padre Antonio M. Mourinho, llegamos hasta Tras-os-Montes, en procura de oír y ver los bailes populares de la región de Miranda, llamados respectivamente «O Pingacho» y «O Galandum». Sobre ellos, como decimos, había despertado nuestra curiosidad una nota, escrita por el antropólogo argentino, actual Director del Instituto de Musicología, Prof. Bruno Jacovella.

Consecuencia de ese viaje e investigación de campo, y de todas las investigaciones subsidiarias bibliográficas, emerográficas, documentales, fué un trabajo, publicado en el fascículo 3-4 del Volumen X, de estos mismos «Trabalhos de Antropología e Etnología», titulado «En torno a bailes populares de Tras-os-Montes y el Rio de la Plata» —«Sus orígenes en el Siglo de Oro».

Más tarde y en oportunidad de publicarnos en los «Anales Históricas» del Municipio de Montevideo, en su Tomo V, 1968, el estudio general sobre la especialidad «Orígenes de los Bailes

Tradicional en el Uruguay», incluimos en el capítulo «Orígenes de los bailes de dos», todo el material de referencia, pero en sus «Conclusiones», pudimos agregar algunos nuevos aportes al asunto.

Aunque hemos proseguido nuestras tareas de investigación antropológica por otras sendas y hacia nuevas publicaciones, no por ello, y como corresponde al investigador que desea ser probo, hemos dado por cerrado o terminado ese capítulo de estudio e investigación.

Lejos de ello, hemos tratado de aprovechar cuanta oportunidad se nos ha presentado, desde aquella fecha, para ampliar las aportaciones, afinar y aclarar los conceptos y, aún, si así lo hubieran requerido nuevas pruebas, contradecir alguno de nuestros acertos de entonces (lo que no ha ocurrido).

Por todo lo dicho y con motivo de un nuevo viaje, que incluyó investigaciones bibliográficas, documentales, comparativas y aún de campo, esta vez en México, el Suroeste de los Estados Unidos (California, Nuevo México y Texas) y Lima (Perú), hemos podido, realmente, ampliar esas pruebas, aumentar las aportaciones documentales y ajustar conclusiones y conceptos. Todo lo cual y en la forma más clara y sintética que sea posible, hemos de exponer en el presente trabajo.

Las conclusiones a que habíamos arribado oportunamente y que hacen referencia a los bailes trasmontanos, de la región de Miranda do Douro, el Pingacho y el Galandum, pueden resumirse así:

1) Son individuos pervivientes de una generación de «bailes de dos» (es decir de una pareja, hombre-mujer, bailando enfrentados) que tuvo su momento cenital o de mayor auge en el llamado Siglo de Oro español.

2) Fué aquella (y éstos lo son) una familia de bailes apicados y vivos, desgarrados (improvisados) y libres, que se bailaban cantando y cuyo canto, en general, marcaba las figuras del baile. Estos bailes fueron la expresión coreográfica más característica del llamado «barroco», lo que ya está dando idea de su carácter «mestizo» (iberoamerindio, iberonegroide), que se ha de traducir en algunas de las figuras del baile: ombligadas, nalgadas (saluta-

ciones e invitaciones con carácter ceremonial en las danzas africanas que, transculturadas, adquieren sentido erótico y lúbrico en las formas mestizas, europeas y criollas), y también en las coplas del canto o en sus nombres: «Guilindón», «Zambapalo»; el habla en «gerigonza» (a imitación de las lenguas «bárbaras» y de los «bozales»), y la utilización, alternados con los iberos (crótalos o palillos; panderos; flautas; gaitas), de otros instrumentos de origen africano, tambores y tamboriles de madera con, o no, un parche de cuero para percudir, templado al fuego, que se batían o sonaban con ambas manos, o con una mano y un batidor (palo) de madera y cabalgando sobre el instrumento que se colgaba del ejecutante por medio de tiras de cuero (nos permitimos recordar al lector, en este momento, el grabado de los alrededores de Cádiz en 1585, que insertamos en nuestro mencionado anterior trabajo sobre este tema). Tamboriles llamados: zamba, palo, llama o llamada (chama en portugués), etc., lo que en muy buena medida justificaría los nombres de algunos bailes, como «zambapalo», etc. El nombre zamba o zambé, es africano, y del instrumento pasó a denominar el baile que con él se ejecutaba, aunque en forma bastante genérica, y acabó siendo, como en muchos otros casos que hemos estudiado (pericón, milonga) sinónimo de todo baile o batuque.

3) Esta generación coreográfica tuvo sus orígenes en canciones de bailar de carácter profano que se agregaban a las elementales representaciones teatrales en muchas ceremonias religiosas y festividades de la iglesia (Corpus, etc.) desde la Edad Media, y en cuya realización o participando de las cuales intervenían aún sacerdotes, frailes y monjas.

4) Que las características satíricas de estas canciones de bailar, se acentuaron por influencia de ese propio teatro popular elemental que se desarrollaba, todo lo cual, naturalmente, se agudizó e hipertrofió con el barroco y además por el teatro de entremeses que contribuyó a su vigencia, a su difusión y aún a su redistribución en nuevas y mayores áreas, en la Península y en Iberoamérica, desde México y el Caribe hasta Brasil y Chile.

5) Que estas formas de baile, como señalamos, tuvieron su período de auge mayor en la tercera parte del siglo XVI y hasta casi todo el XVII, en particular en su primera mitad.



6) Que sus ejemplos más famosos y difundidos fueron la zarabanda, la chacona y el lundú u ondú, existiendo otros como el escarramán, el guilindón, guilindaina (hoy llamado «galandum»); la «gerigonza»; el zambapalo, etc.

7) Que esta generación de bailes cristalizó en algunas formas populares perviventes aún, o hasta hace muy poco tiempo, en la Península y en América española, como el Pingacho y el Galandum (Portugal, Tras-os-Montes); Tras-trasero (España, Asturias); La Firmeza (Río de la Plata); Tras-tras o Zapatero (Chile); etc., etc. O contribuyó a originar nuevas y ricas generaciones de bailes de dos, de carácter amatorio y aún erótico, con diversidad de individuos y aún de caracterizaciones locales — ya en el siglo XVIII y hasta en el XIX — tanto en uno como en otro extremo del Atlántico, a saber: lundú, fado, charambas (Portugal); fandango y seguidillas (con todas sus ramificaciones) en España y en Portugal, y éstos en América, como huapangos, sones, rumbas, zamacuecas, gatos, resbalosas, «os» sambas y batuques, etc., etc.

8) Que estas formas, en su definitiva obsolescencia, pero como recuerdo de su pasado auge y como ocurriera con tantos otros elementos patrimoniales de la cultura popular (mitos, leyendas, creencias, danzas, rondas, cantos), pasaron al dominio de la cultura infantil, transformados en juegos, rondas y cantos que, no obstante esta suerte de transfiguración redentora de su pecaminoso pasado, siguen transparentando el carácter y aún las formas originales (saludos, reverencias, cortejos, escondites, nalgadas, saltos, abrazos y besos), de los bailes en los que se inspiraron.

Los nuevos aportes que hoy damos, como probanzas y acentuación de todas las conclusiones anotadas, con los siguientes:

A) Referente a los juegos y cantos infantiles, iberos e iberoamericanos en que perviven las características de aquellos bailes, según dejamos indicado en el numeral 8, tenemos:

a) En el Uruguay, Zahara Zaffaroni Bécker, en su folleto «Poesía Folklórica Infantil del Uruguay» (Ed. C. E. F. U., Mon-

tevideo, 1956), nos trae en la página 15, los siguientes versos de ronda, bajo el título de «Paloma Blanca»:

Estando paloma blanca  
 A la sombra de un verde limón  
 Con las alas se corta la rama  
 Con el pico se corta la flor  
 Ay! Ay! Ay! cuándo la veré yo.  
*Me arrodillo* a los pies de mi amante  
 Me levanto constante, constante.  
*Daremos la media vuelta,*  
*Daremos la vuelta entera,*  
*Haremos la reverencia*  
 Y daremos *la penitencia.*  
*Dame una mano*  
*Dame la otra*  
*Dame un besito*  
 sobre tu boca.

(Los subrayados son nuestros).

b) En México, don Vicente T. Mendoza, en su «Lírica Infantil de México», registró esta versión de la «Pájara Pinta», con el N° 113:

Estaba la pájara pinta  
 sentadita en un verde limón,  
 con el pico recoge la hoja,  
 con las alas recoge la flor.

!Ay si! ¿Cuándo la veré yo?  
 !Ay si! ¿Cuándo la veré yo?

Me arrodillo a los pies de mi amante,  
 fiel e constante,  
 dame una mano,  
 dame la otra,  
 dame un besito  
 que sea de tu boca.

Y agrega Mendoza: «Formando círculo de niñas, cogidas de la mano, giran alrededor de otra que está en el centro, que la pájara pinta. La última estrofa la dice ésta y ejecuta *lo que el texto indica* delante de aquella niña que escogiera a fin de que la sustituya». (Subrayado nuestro).

Con el número 115 de la misma obra, registra otro juego y canción, denominado El Conejo:

En la cueva hay un conejo  
y el conejo no está aquí,  
ha salido esta mañana  
y a las doce ha de venir.

Y aquí está el conejo y aquí está }  
Y aquí está el conejo y aquí está } entra el conejo

Lindo conejo Esperanza }  
y aquí está su reverencia } todas se inclinan

Y besará a la niña y a la niña }  
y besará a la niña que quiera más } la besa

Que en mucho recuerda a otro baile rioplatense, que mencionáramos, emparentado con la familia coreográfica que estudiamos, llamado El Escondido.

Dice aparte el señor Mendoza: «Es juego de niñas. Forman círculo y cantan la primera estrofa mientras el conejo está escondido. Mientras cantan la segunda, aparece el conejo y se coloca en el centro del corro; durante la tercera estrofa las niñas del círculo, soltándose las manos y cogiéndose la falda se hacen una caravana: entre tanto el conejo elige a la que ha de besar, lo que hace y la niña besada tiene que irse a esconder y sustituye al conejo».

Con el número 126, a página 96 de la misma obra, el folklorista y musicólogo mexicano, trae otro canto y juego llamado «A Madrú señores» (que originalmente tiene que haber sido «A Madrid»... — Madri — para los caribeños y las gentes del sur de España), y dice: «Primeramente se sortea quien de los niños o niñas ha de hacer de Muerte (esta parece ser una interpolación

propia local y característica de la cultura del pueblo mexicano), ésta se coloca en el centro del círculo formado por todos los demás. Mientras se va cantando el texto se va ejecutando lo que éste indica»:

- A Madrú, señores,  
 vengo de la Habana,  
 de contar madroños  
 para doña Juana,  
 la mano derecha > dan la mano a la compañera de ese lado  
 y después la izquierda > ítem.  
 y después del lado > se inclinan a la derecha  
 y después costado > ítem. a la izquierda  
 y después la vuelta > giran  
 con su reverencia > la hacen
- Tan, tán!  
 — ¡Quién toca a la puerta?  
 — Tan, tán!  
 — Si será la Muerte  
 — Tan, tán!  
 — Yo no salgo a abrir  
 — Tan, tán!  
 — Si vendrá por mi.

Finalmente, el mismo autor, con el N° 139, a página 103, de la obra citada, y con el título de «Los Caracoles» o «El Burro», trae la siguiente canción y corro:

- «Caracoles, caracoles,  
 caracoles a bailar  
 que con la patita chueca (1)  
 lo bien que se daba la vuelta (2)  
 Salto de cabra y así decía: (3)  
 — Como lo mandá su Señoría. (4)

Yo tengo una canasta  
 de chicharrones  
 para darle al burro  
 porque no come.

Yo tengo una canasta  
de chiles verdes  
para darle al burro  
porque no muerde.

Yo tengo una canasta  
de cañabazas,  
para darle al burro  
porque no abraza.

Y agrega: «Este juego puede ser ejecutado en círculo giratorio o *en dos filas, una frente a la otra* (subrayado nuestro); pero siempre con un número impar de jugadores».

«Mientras cantan la primera estrofa van ejecutando lo que cada texto indica»:

- 1) Ponen un pie doblado en el suelo
- 2) Dan una vuelta
- 3) Saltan hacia adelante con los pies juntos.
- 4) Hacen una reverencia.

«Más adelante, cuando dicen: — Yo tengo una canasta — se colocan por parejas, frente a frente, o se acercan las filas de modo que forme también parejas, y en este momento dan varios golpes con las palmas de las manos; al llegar al final y decir: ¿Por qué no abraza?, cada niña escoge libremente a aquella que sea su pareja y forzosamente queda una sola que tiene que hacer el papel de burro en el centro del círculo».

c) En Chile, Abdón Andrade Coloma, en su ensayito «Folklore de Valdivia» (Archivos del Folklore Chileno», Fascículo Nº 1, 1950, Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Educación, Instituto de Investigaciones Folklóricas «Ramón A. Laval», Sección del Instituto de Investigaciones Histórico-culturales), en la sección «Juegos de niños», «Cantos de ronda», y con el número 1, da ésta que resulta evidente versión de aquella vieja «gerigonza»

española, que pertenece, como sabemos, a la generación de bailes que venimos estudiando:

«A mi niña le gusta la Chao,  
Yo la acompaño compañerita,  
salga Ud.  
Que la quiero yo ver  
bailar, saltar, brincar,  
dar vueltas al aire,  
por lo bien que lo baila la moza,  
déjenla sola, sola,  
que sola, sola bailando.

d) En Perú, don Miguel Ugarte y Ch., en su trabajo «Juegos, Canciones, Dichos y otros entretenimientos de los niños», recogidos en la Ciudad de Arequipa (con la colaboración musical de José L. García y Alejandro Koseleff, Arequipa, Perú, 1947), en «Juegos y Rondas», con el título de «A la Caja, Caja», trae la siguiente, agregando: «Se hace ronda con una persona al centro que hace de pastora, el diálogo es cantado»:

La ronda:

— A la caja, caja  
cantaba la rana  
debajo del agua. (bis)

A la media vuelta  
con su reverencia,  
la mano en la frente  
que me da vergüenza.

Pastora, Pastora, (palmoteando)  
que buscas.

Pastora:

— Yo busco, yo busco  
mi ovejita perdida,  
perdida de tiempo será.

Ronda:

— Mira, mira, reconoce,  
mira, mira, cuál será.

Pastora:

— Esta es mi ovejita  
perdida de tiempo será.

«Y la pastora, al cantar los dos últimos versos, toma a uno de los participantes por la mano, lo lleva al centro y nuevamente se comienza, y así, sucesivamente».

e) En España, Kurt Schindler, notable musicólogo germano-norteamericano, que realizó trabajos de investigación de campo, vastísimos, en España y Portugal, principalmente entre 1928 y 1931, registró, además de una versión de la ronda ya señalada por nosotros en nuestro anterior trabajo sobre este tema, y que recogimos en Madrid en 1967, «El baile de las Carrasquillas», pero con el nombre de «La Carrasqueña», otra ronda o corro, en Arbujuelo, Soria, titulado «El can-can», y publicado con el número 582, en su obra póstuma «Música y Poesía Popular de España y Portugal» (Hispanic Institute in the United States. New York, 1941), que dice en su canto:

El can-can, el can-can  
todas las niñas lo saben bailar  
menos yo, menos yo  
porque mi madre no me la enseñó.

Por bailar el can-can me dieron un real  
Bailalo cariñito  
Bailalo galán!  
Que lo bailo de un lao  
Que del otro costao  
Que de la delantera  
Que también la trasera.

Y cuyo texto musical completo es el siguiente:

EL CAN-CAN (corro - recop. K. Schindler) -

es can-can al can-can to-das las ni-ñas lo sa-ben bai-  
lar, mé-nos yo, mé-nos yo, por-que mi ma-dre no me leen-te-  
ño. Por bai-lar el can-cán me dis-ren un recé. Da-la-lo, ca-ri-  
ño. Bai-le lo, ga-lán! Que lo bai-lo do un lao, que del  
o-tro cos-tao que da la de-lan-te-ra, que tam-bien la tra-ce-ra.

Con este corro estamos, evidentemente, no ya en una transfiguración y cambio del antiguo baile, sino, lisa y llanamente en un transplante al repertorio infantil de la forma de los adultos, con la única interpolación del «cancan», tardía y culterana y que, al denominarlo, puede inducir a confusión. Además y por primera vez, encontramos en el medio español y en una tan antigua y tradicional región como Soria, que tuvo realmente importancia económica y política en los siglos XVI y XVII, una versión, casi literal, del «Pingacho» de Miranda (Duas Igrejas), mientras que todas las otras versiones hasta ahora señaladas por nosotros lo eran del «Galandum», al que ya sabemos vigente en tiempos de Salas Barbadillo (por 1610 al 20), con su nombre original de «Guilindón, guilindón, guilindaina».

B) Con referencia a los elementos originados en las expresiones coreográficas de los negros y captados con esa apetencia cultural hacia lo exótico que caracteriza, precisamente, al barroco, hemos de dar algunas aportaciones, que aunque no tan novedosas, resultan ampliatorias y aclaratorias.

Refiriéndose a cierta costumbre post-carnavalesca de uso en Lima sobre el siglo pasado, Federico Flores y Galindo («Salpicón de Costumbres Nacionales», Poema Burlesco, Lima, 1872, Imp.



del «Journal du Perou»), nos da, en verso, cuenta de la salida en la noche del Miércoles de Cenizas, de una pareja de falsos viejos. El de frac y no menos vieja galera, ella de «pañolón de sarga, formando el traje caprichoso embudo», alborotan y ponen en pie a todo el vecindario, bailando y solicitando «ayudas».

La ridiculización o caricaturización de la vejez la encontramos, reiteradamente, en antiguas manifestaciones culturales del occidente europeo, en cantos, bailes, teatro popular, etc., y un caso bien flagrante con las «modas de baile», harto populares allí, llamadas «os velhos» y «as velhas», en las islas Azores.

En este caso parece haber un cierto sincretismo, con la aparición, en Carnaval, como el 6 de enero (día de San Baltasar, patrono de los negros), de una pareja de negros ancianos, representación formal del rey y reina de la primitiva tribu (recuerdo de sus bailes y ceremonias rituales en África, que aún perviven allí con toda vigencia e intensidad), ornados con vestimentas lo más lujosas posibles y obsoletas, de su amo y ama, respectivamente, al frente del ruidoso cortejo de sus súbditos. Esta salida carnavalesca, no es ni más ni menos que un recuerdo de las ceremonias que se les autorizaban a los esclavos en tiempos de la colonia y que, en el Uruguay, han cristalizado en el «abuelo» y la «mama vieja», que encabezan los conjuntos carnavalescos o «sociedades» de negros, que al toque de sus tambores, llamado hoy genéricamente «candombe», coloran, alegran y visten de gala las noches del Carnaval de Montevideo.

Dice Flores y Galindo en la última estrofa, referente a la estrambótica y falsamente senil pareja:

Y después de danzar toda la noche  
 Al diablo dando fervoroso culto,  
 Prosiguen en la crápula y derroche  
 Dando con ella a la vejez insulto.  
 «Dejadme que la leva desabroche  
 Y dé á la vieja un BARRIGAZO, al bulto»,  
 Danzando, dice, el que se finge viejo,  
 Y le aplaude frenético el cortejo.

Tenemos pues, una ombligada o barrigazo de despedida, y con el frac (la leva) desabrochado, para acentuar el carácter erótico que le ha impreso a esta actitud le formación cultural del europeo, frente al puro simbolismo ritual del africano.

El distinguido folklorista brasileño, Luis da Câmara Cascudo («Diccionario de Folclore Brasileiro», 1954), aunque confundiendo algo los términos del problema, pues le señala un presunto origen africano, nos da, no obstante, idea bien completa sobre el «lundu» o «londu», pues luego de decir que «Era bailado de par solto, homem e mulher», transcribe una interesante descripción de Tollenare, un viajero que lo vió bailar en el teatro de la ciudad de Salvador, Bahía, en 1818: «O mais interessante (entremez) a que assisti foi o de um velho taverneiro avarento e apaixonado por uma jovem vendilhona. O velho está sempre a vacilar entre o seu amor e o seu cofre. A rapariga emprega todos os recursos da faceirice para conservá-lo prêso nos seus laços. O mais eficaz consiste em dançar diante dêle o lundu. Esta dança, o mais cinica que se possa imaginar não é nada mais nem menos do que a representação, a mais crua, do ato do amor carnal. A dançarina excita o seu cavaleiro com movimentos os menos equívocos; este respondelhe da mesma maneira; a bela se entrega á paixão lúbrica; o demônio da volúpia dela se apodera, os tremores precipitados das suas cadeiras indicam o ardor do fogo que a abrasa, o seu delírio tornase convulsivo, a crise do amor parece operarse e ela cai desfalecida nos braços do seu par, fingindo ocultar com o lenço o rubor da vergonha e do prazer».

Dos hechos queremos remarcar en esta descripción. Primero, el final, con aparente *vergüenza*, coincide con el de los bailes portugueses indicados, y, en general, con el de toda la generación que venimos estudiando (p. ej. el final de *La Firmeza*). Pero, además, que el ocultamiento del rostro se hace con el *pañuelo*, lo que parece indicar que, cuando menos la mujer, utilizaba este elemento en el baile, lo que vendría a justificar el acerto del propio Câmara Cascudo, que considera a la primitiva «zamacueca» de las zonas costeras del Pacífico hispanoamericano «uma sua (del londú) representação sul-americana bem típica».

Y parece darle mayor asidero aún a esta hipótesis, cuando en la palabra «zamba», «zambe», en el mismo diccionario, dice: «Tambor de metro e mais de metro, cilindrico, com uma pele numa extremidade, percutido com ambas as mãos pelo tocador que cavalga o instrumento, sustentado por tiras de couro. Denominava também a dança, de roda, com *umbigada*, côco, côco-de-zambê, zambê bambelô, côco-de-roda. Zambê é igualmente baile popular, função, pagode».

Excedería los límites del presente trabajo y sus propósitos, y nos apartaría de sus fines específicos, explicar todo el material que hemos reunido y las hipótesis que barajamos sobre la antigua zamacueca, sus relaciones de origen con esta generación de bailes del barroco español, etc.

Transcribe también da Cámara Cascudo, una descripción del lundu, de F. J. de Santana Neri (*Le Folk-lore brésilien*, 76, Paris, 1889), que nos recuerda, y mucho, aquella que de la «kalenda» en sudamérica viéramos (v. nuestro citado trabajo anterior en este Boletín) hecha por varios viajeros franceses, sucesivamente, en el signo XVIII (Pernety, Mellet, etc.): «Os dançarinos estão todos de pé ou sentados. Apenas se movem no começo, fazendo estalar os dedos num rumor de castanholas, levantando e arredondando os braços, balançando-se molemente. Pouco a pouco o cavaleiro se anima. Evolui ao redor de sua dama, como se a fôsse enlaçar. Ela, fria, desdenha seus avanços. Ele redobra de ardor e ela conserva sua soberana indiferença. Agora ei-los face a face, olhos nos olhos, quase hipnotizados pelo desejo. Ela se comove. Ele se lança, os movimentos se tornam mais sacudidos e ela treme numa vertigem apaixonada, enquanto a viola suspira e os asistentes, entusiasmados, batem as palmas. Depois ela se detém, ofegante, esgotada. Seu cavaleiro continua a evolução durante um instante e enseguida va provocar (mediante la ombigada, agregamos nosotros) outra dançarina que sai da fila e o lundu recomeça, febricitante e sensual».

Más tarde confirma el mismo folklorista brasileño que el lundu «já era tradicional em Portugal no século XVI». Y termina confirmando que, el prestigio del lundu en Portugal, durante el reinado de D. José o de Doña María I (segunda mitad del

siglo XVIII), escusa toda explicación para evidenciar su presencia en los salones brasileños, como lo era entre el pueblo menudo. Caso bien típico, y que ya señaláramos, del movimiento de ascenso de la fórmula popular que llega hasta los pequeños grupos aristocráticos, para, más tarde, redescender al pueblo.

C) Oportunamente, nos referimos a la sátira, reflejante quizás, de los conflictos entre pueblo y clero, por los bailes y cantos, y el carácter erótico de los mismos. Cabría agregar que este tipo de fórmulas, como *La Firmeza rioplatense*, con su comienzo de

«Antenoche me confesé  
Con el cura de Santa Clara  
Me mandó por penitencia  
Que la firmeza cantara.

se reitera, no sólo en otros bailes, y precisamente de los que tienen más cargas lúbricas, como la llamada «resbalosa» (una de las variantes, algo tardía, de la gran «zamacueca»):

«Antenoche me confesé  
Con el cura de Santa Rosa,  
Me mandó por penitencia  
Que bailara la resbalosa.

sino que se dan con harta frecuencia, en juegos y corros infantiles (cuyo origen ya conocemos), que incluyen, muchas veces, hasta versiones satíricas de los propios rezos y oraciones del culto cristiano. En ellas, además de lo que nosotros hemos indicado, ha creído ver el folklorista español Francisco Rodríguez Marín, sátira a los judíos y moriscos con sus ceremonias propias de «marranos» (falsos conversos), del mismo modo que el teatro popular también satirizaba a los negros, bobos y enanos y niños, de las cortes, y nos brinda como ejemplo, aquello de:

«Pater noster qui es in coelis  
pon la mesa sin manteles  
y el pan sin cortezón  
y el cuchillo sin mangón,  
kirieleisón, kirieleisón».

cuyo mismo valor, tal vez, tenga una copla, que a modo de estribillo, acompañado el texto de La Firmeza, recogiera en la única versión uruguaya de música y letra de este baile que obtuviera la distinguida musicóloga argentina Prof. Isabel Aretz, en 1943:

Padre nuestro que estás  
 en los cielos  
 que estás en lo alto  
 «mirando a la sala»

que nos fué confirmada por nuestra informante D.<sup>a</sup> Elisa de León de Píriz, en marzo de 1968, con 76 años de edad, natural de Caracoles, 2da. Sección Judicial de San Carlos, Depto. de Maldonado, Uruguay, que recordó lo que ella sabía cantaban sus tíos, como una vieja «canción de baile» (principalmente la cantaba, por 1900, un tío suyo de unos 35 años entonces, «muy artero», llamado Gregorio de León), con el estribillo:

«Padre nuestro que estás en los cielos  
 que todo lo sabes,  
 que todo lo veo (?)  
 y todo lo creo».

y la letra misma:

«Saca la cadera  
 p'adentro y p'afuera  
 da la media vuelta  
 y la vuelta entera,  
 dobla el espinazo  
 tirele un abrazo».

Respecto de los mandatos o seudo-mandatos de penitencias por parte de curas o frailes, en juegos infantiles, tanto como en bailes del siglo de oro, aparte lo ya mencionado, tenemos, en la citada obra sobre corros infantiles, del gran musicólogo mexicano Vicente T. Mendoza, otra versión del juego de la pastora, que ya

vimos, anteriormente y en otras versiones, que posee características que lo vinculan con los bailes que estudiamos y que dice:

«Estaba la pastora  
lairón, lairón, lairito,  
María la pastora  
mató a su michito

Se fué a confesar  
Con el padre Cerezo  
— De penitencia mandó —  
Mandó hacer un queso

Con leche de sus cabras  
Mandó hacer un queso,  
— De penitencia mandó  
Que a mi me des *un beso*».

Y agrega el señor Mendoza: «Formadas las niñas en círculo, queda colocada en el centro aquella que hace de pastora. Durante la primera estrofa el círculo gira, tomadas todas las niñas por las manos; en la 2da. la pastora se arrodilla delante de una y el círculo se detiene; durante la 3ra, se levanta la pastora y besa a aquella que eligió como confesor, la cual pasa a ocupar el lugar de la pastora».

Sobre las conexiones entre bailes populares, particularmente de los siglos XVI y XVII, y aún antes, y juegos infantiles, queremos agregar que los estudios que venimos haciendo sobre antiguas formas de baile, nos han llevado a concluir, por el momento que, en apariencia, formas muy arcaicas ya transferidas al repertorio infantil, en comunidades o grupos pequeños muy primarios culturalmente y aislados, pueden ser retomados o alternados en ambas condiciones (la de ronda infantil o la de baile popular), en una especie de proceso de revivencia a su condición de canciones o textos de esos bailes (aunque no necesariamente se retomen éstos, desde el punto de vista estrictamente coreográfico, en las formas originales, ya obsoletas, frente a las apetencias generacionales). En muchos casos

(y esto es lo más frecuente) la costumbre de tener en las cortes (aún en las virreinales americanas) bufones, negros, tontos, enanos y niños, para diversión de las gentes palaciegas, a lo que ya nos hemos referido varias veces en este trabajo, costumbre tomada con espíritu de sátira por ese mismo teatro popular de entremeses a que antes nos refiriéramos, teatro que bebe a la vez ambas fuentes, la pura y la cristalina del pueblo, la sofisticada y alambicada de los salones, todo contribuye a redescubrir en el mismo pueblo, y aún a difundir en nuevas y más extensas áreas, formas antiguas ya casi borradas de su memoria cultural. Explicar más extensa y pormenorizadamente todo este difícil problema y fundamentar más concretamente ésta, que reputamos nueva hipótesis, excede los límites del presente ensayo, aparte que, oportunamente y en trabajo exclusivamente dedicado a ello, daremos esos fundamentos y explicaciones, con toda la documentación de que dispongamos para su probanza.

D) Para confirmar la pervivencia, hasta hace pocos años, de algunos de estos bailes, cristalizados, cuyo origen innegable es el barroco coreográfico español e hispánico, en pleno Siglo de Oro, desde fines del XVI hasta casi fines del XVII, pervivencia que se da en algunas provincias y lugares apartados y muy tradicionales de España (como vimos al Tras-trasero, en Asturias) hemos tomado de la obra mencionada del gran musicólogo Kurt Schindler, dos ejemplos del mayor interés:

1) llamado el baile «Las Agachaditas» (recogido en Sepúlveda, Segovia), y que recuerda algunos juegos infantiles y tiene, evidente conexión con la presencia satírica de los enanos de las cortes en las jácaras y entremeses del teatro del Siglo de Oro, tanto en España como en América. Y tiene esta relación, no sólo la letra o texto poético, sino la forma de bailar agachados, con la «gerigonza», tal como pervive, junto al Pingacho y al Galandum en la región de Miranda do Douro.

Veamos:

«Ese baile que llaman  
Las Agachadas  
Con el sacristancito

Quiero bailarlas.  
 Con: agáchate Pedro, Pedro  
 Con: agáchate Juan, Juan  
 Vuélvete a agachar, Pedro  
 Vuélvete a agachar, Juan  
 Vuélvete a agachar, Juan.

Que para más emparentarse con las formas que venimos estudiando, tiene todo y hasta un *sacristancito* bailarín.

2) Por último, y a esto lo reputamos tan importante como haber encontrado en Asturias, con el nombre de Tras-trasero, una versión que es casi idéntica al Galandum; que hasta hace unos años en las cercanías de San Carlos (Uruguay) se bailara aquello de «saca la cadera»; o haber descubierto la existencia del baile «Guilindón, guilindón, guilindaina», en los comienzos del siglo xvii en España (mencionado por Salas Barbadillo) y como de los más populares; encontramos en la citada obra de Schindler, y como versión recogida en Cenegro, Soria, muy próximo al lugar donde recogiera «El can-can», corro al que antes hiciéramos referencia, un baile llamado «El Pindajo»:

Por bailar el pindajo  
 madre,  
 me dieron un real.  
 Este baile se baila de lado  
 Del otro costado.  
 Por la delantera  
 Y por la trasera.  
 Bailale, picaronaza,  
 bailale, que le tienes en casa.  
 Arriba, maho!  
 Y arriba olé!  
 A esta picaronaza!  
 Dámela un beso!  
 Y olé, y olé!



Y cuya música es la que sigue:

EL PINDAJO (baile - recop. K. Schindler).-

For bai-lar el pin-da-jo, ma-dre mé die-zon un  
real. Es-te bai-le se bai-la de la-do, Del o-tro cos-tado. Por  
la de-lan-te-ra por la tra-se-ra. Bai-la-le  
pi-ca-ro-na-ga, bai-la-le que le tie-nen en ca-sa.  
A-rrí-ba, ma-jo. Ya-rrí-ba, o-lé! Mes-ta pi-ca-ro-na-ga!  
Dá-me-layn ve-so! Yo-lé yo-lé!

Que es, resulta casi obvio señalarlo, ni más ni menos que el famoso «O Pingacho» de la región de Miranda do Douro. Naturalmente que, de acuerdo a todo lo que ya sabemos, fácil es deducir que éste «Pindajo», con todo y nombre es la versión original hispánica, de la cual el otro, «O Pingacho», no es sino la traducción y versión local mirandesa.

E) Este nombre de «Pindajo», castellano, nos llevó a una somera pero útil búsqueda etimológica. El cambio de *d* por *g* en nuestro idioma es bastante frecuente como para exigir una mayor explicación. Sobre todo en vocablos de raíz latina como el que nos ocupa, derivado, evidentemente de *pendere*, o de *pendicare*, español *pingar*, que puede valer tanto por *penden* o colgar, como brincar o saltar. Pero además *pingajo* o *pingo*, significa en la frase «andar o estar de pingo», figurativa y familiar con que «se moteja a las mujeres más aficionadas a visitas y paseos que al recogimiento y las labores de su casa». Pingonear equivale a callejear y *pingoneo*, es la acción y efecto de pingonear.

Todo esto nos lleva a concluir que, si bien el nombre pudo a llevar a disfrazar un contenido erótico de carácter fálico en el

baile y su sentido, en sentido literal y figurado así se le llamó por ser cosa alegre, de saltar y brincar, farándula o juego y baile callejero o propio de las fiestas de corrales y esquinas, en portugués sería entonces «brincadeira e baile de terreiro».

Con las pruebas documentales que hemos aportado, con la reexposición y afinamiento de los concepto que vertiéramos en nuestro anterior trabajo, «En torno a bailes populares de Tras-os-Montes y el río de la Plata, sus orígenes en el Siglo de Oro», creemos no sólo haber cumplido manteniendo con la mayor amplitud nuestra información sobre el tema, como correspondiente que nos honramos en ser de la Sociedade Portuguesa de Antropologia e Folclore, destacando una vez más y poniendo de relieve, como merece, el interés del tema abordado por sus investigadores originales Dr. Santos Junior y Padre Mourinho, desbaratando hipótesis exóticas barajadas sin documentación por quien menospreciara aquella tarea original y, por último, aventar, si aún las había, cualquier duda que hubieran podido dejar nuestras conclusiones e hipótesis, nuevas lo reconocemos, presentadas en dicho trabajo.

# O mundo vegetal no conceito popular. Fitolatria. Práticas e crenças supersticiosas de feição dendrolátrica

POR

**Guilherme Felgueiras**

Da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Pelas nossas camadas populares mais ignorantes, ou de superficial desenvolvimento intelectual, são atribuídos a determinadas plantas os mais variados mistérios e as mais prodigiosas virtudes. Muitas espécies arbóreas e arbustivas, e até mesmo ervas espontâneas de porte rasteirinho, têm para os indivíduos de imaginação vã, poderes simbólicos veneráveis.

A magia patológica, os exorcismos e ofícios, a credulidade nos amuletos defensivos como precaução contra certas enfermidades... são de todos os povos e perduram através de muitas civilizações. Existem desde os primórdios da História, ofuscando-se na distância do tempo.

Apesar de serem universais determinados fetichismos, grosseiros enguiços, abusões e agoiros, verifica-se que o nosso povinho de alma ingênua, mantém uma persuasão mórbida à vista ou ao contacto de muitos vegetais. Assinala-os, através dum minguido e precário empirismo. Regula muitos actos da sua vida pela observância supersticiosa, fundada na confiança em coisas ineficazes e no temor de presságios fantásticos, preconceituosos.

O Cristianismo, com a sublimidade das suas doutrinas e com a expansão mística, não conseguiu expurgar certas rotinas e ficções bárbaras. Os progressos da ciência e da razão, o conhecimento dos factos pela observação e pela experiência, não fizeram desa-

parecer determinados ritos gentílicos e apreensões insensatas. Hoje, como outrora, preservam-se as pessoas, os gados, as habitações, o material e dependências agrárias, os veículos e embarcações... com ramagens e plantas fetiches, a que se atribuem poderes ocultos. Determinados vegetais têm para o povo crenteiro de baixa esfera, virtudes proféticas, influências diabólicas ou estritamente mágicas. Para evitar coisas malévolas ou espíritos ruins, basta uma perneira de arruda, o alho-porro de S. João (*Allium Ampeloprasum*, Lin.), ou a cebola-albarrã (*Urginea maritima*, Lin.) Baker. Esta planta bolbosa, tem mesmo a prerrogativa de participar num ensalmo, torpe imprecação das mulheres de «más-artes»:

— *Eu te benzo, eu te esconjuro,  
Com a pata do meu burro  
E a «cebola-albarrã»,  
Para que te dê uma terçã  
Que não dures 'té amanhã, pela manhã.*

A erva-cidreira (*Melissa officinalis*, Lin.), planta aromática muito empregada na medicina caseira, entra igualmente na superstição, como rezam as seguintes quadras:

— *Quem quiser curar feitiços  
Tome chá de «erva-cidreira»,  
Colhida por uma donzela  
Na noite são-joaneira.*

— *Com o chá de «erva-cidreira»  
E com a «arruda» em pó,  
Nunca o diabo fez farinha  
Em casa da minha avó.*

Entre muitas outras, é predição agourenta o ouvir estalar a madeira dos móveis durante a noite. O fumo de canas queimadas, provoca dor de dentes.

Grande número de vegetais são mencionados pela mística religiosa que os cerca — as cruces, em hastes de cana enramadas de alecrim bento, com que se assinalam as searas alentejanas no

Domingo de Ramos; os simbólicos ramalhetes de espigas, pampilros, galhos de oliveira e papoilas, em Quinta-feira da Ascensão; o palmito e a capela de flores, que os defuntos inocentes e as donzelas castas levam para a sepultura. Outras plantas têm miríficas virtudes: — uma flor de laranjeira, natural, tirada da grinalda duma noiva, confere virtude conjugal e sorte feliz aos jovens casa-doiros; o capítulo da alcachofra brava (*Cynara humilis*, Lin.) passado pelo fogo na noite são-joaneira, e exposto ao relento, determina o grau de amizade do namorado consulente, conforme reverdecem, ou não, os filetes papilosos chamuscados. O milho-rei, que concede aos participantes das descamisadas, o direito de distribuírem beijos e abraços pelas moças. O trevo de quatro folhas (foliolos), dá felicidade.

— *O trevo de quatro folhas  
Quem o achar tem fortuna,  
Apesar de o ter achado  
'Inda não tive nenhuma.*

A inocente costumeira de desfolhar o malmequer, é um vestígio dos antigos processos de sondar o futuro através dos oráculos; os rapazes e raparigas para averiguarem a lealdade do ente que lhes merece afeição, colhem o malmequer. Para o consultarem, arrancam, uma por uma, as lígulas que rodeiam o disco floral, silabando sem interrupção da primeira à última: — «bem... me... quer», «mal... me... quer», «muito... pouco... nada». Referem-se a esta ilusória credence, algumas trovas do cancionero popular. Destacamos de entre outras:

— *Menina, se quer saber  
Qual é a intenção minha,  
Desfolhe este malmequer  
Pois ele tudo adivinha.*

— *Ó malmequer feiticciro,  
Que os segredos adivinhais,  
Dizei-me se o meu amor  
Tem outra a quem queira mais?*

— *Malmequer não é constante,  
Malmequer muito varia;  
Vinte folhas dizem — morte,  
Treze dizem — alegria.*

Presas a sedições preconceitos, as criaturas de mentalidade apoucada, desdenham muitas vezes da ciência médica, dando preferência a decadentes fetichismos, talismãs, chás milagreiros e mezinhas dos curandeiros exploradores da credulidade. Atribuem propriedades particulares profiláticas a inúmeras plantas agrestes e recorrem a tratamentos mágicos com vegetação montesinha.

O aipo silvestre (*Apium graveolens*, Lin.), é de radical efeito contra o entorpecimento mórbido, que vulgarmente se crê ser determinado por sortilégio ou feitiçaria. O ditado o confirma: — «onde está o aipo branco, não põe o diabo quebranto». A salva, é também usada com vantagem no curandeirismo e na medicina popular — «quem tem a salva na horta, tem o cirurgião à porta».

Para o «aranganho» (abatimento de pessoas ou prostração de animais), não há como o defumadoiro com cominhos: o seu poder é tão eficiente, que cura quebrantos retardados. Uma meia-lua de pau de aroeira ou lentisco (*Pistacia lentiscus*, Lin.), usada como talismã, preserva as crianças de tenra idade da influência nefasta das «luadas»; ficam livres das lombrigas, quebrantos e «maus-olhados» se lhes suspenderem um colar com nove continhas de raiz de lírio ou de miolo de figueira. O linho, de nove linhares, apanhado na noite de S. João, é bom para curar a sarna e outras afecções cutâneas. Para o «fedelho» dos bácoros (enterite disentérica), está radicada a persuasão de que deverá ser-lhes feita a cama com tomilho.

O boíbo do açafão bravo ou «pé-de-burro» (*Crocus Clusii*, Gay), pendente do pescoço, livra da peste e das malinas. Tanto o açafão, como a sabina e a arruda, são usados popularmente como agentes terapêuticos emenagogos, para restabelecer o mênstruo, embora o seu uso possa provocar acidentes gravíssimos. As mulheres amenorreicas, isto é, que não são «assistidas», por supressão do fluxo periódico, recorrem imprudentemente nas aldeias ao emprego dos «chás» de erva das sete-sangrias ou «sargacinha»

(*Lithospermum diffusum*, Lag.), planta que tem propriedades abortivas. Uma quadra popular, corrente em Póvoa de Lanhoso (Minho), alude ao uso desta tisana caseira:

— *À sargacinha dos montes  
Devo eu obrigações,  
Qu'encobre os meus segredos  
Em certas incasiões.*

Há pelos hortejos, frutos, tais como a melancia, e pelos campos, plantas espontâneas, como o tormentelo e a verbena ou urgebão, que as mulheres empregam para higiene de toucador ou como fortificantes capilares. Certas cantigas, referem-se a estas práticas, baseadas em usos comuns:

— *Ó minha cara de neve,  
Com que lavais o teu rosto?  
— Com a água da melancia  
Colhida no mês de Agosto.*

— *Diga-me, ó minha menina,  
Com que lava o cabelo?  
— Com uma ervinha do monte,  
Que se chama «tormentelo».*

— *Eu lavei o meu cabelo  
Com a água da «berbena»;  
Meu cabelo cresce, cresce,  
Minha alma pena, pena.*

No rifoneiro, corre também este adágio:

— *Não te laves com urgebão,  
Que te crescerão os cabelos até ao chão.*

Fender longitudinalmente a haste (turião) de uma silva, e entalar-lhe uma pequena madeixa de cabelos cortados da trança, faz apressar o casamento às moças solteiras.

Passaremos, sucessivamente, em revista outras plantas que têm prendido a atenção dos simplórios de mentalidade escassa, através duma credulidade insensata:

Principiaremos pela *nogueira* (*Juglans regia*, Lin.), a árvore de alto porte bem conhecida pela excelência da madeira e pelos frutos, que se tornaram alimento predilecto — «*nozes com pão, sabe a casar*», diz, sentenciosamente a máxima.

É pelo mês de Novembro, que em muitas feiras do País se vendem, compram e distribuem presentes de nozes, tradição que deve ser muito antiga. O povo fez entrar as nozes em um dos seus ritos: assim, em algumas das nossas vilas e aldeias, quando os velhos hábitos não estavam ainda pervertidos, o noivo, ao casar, deitava fora uns punhados de nozes, o que simbolizava a dissipação na vida despreocupada de solteiro e a entrada na vida regrada de casado.

O fruto da noqueira, está ligado também a certas costumeiras supersticiosas. Essa drupa ordinariamente é bivalve. Quando, por casualidade, aparece com três valvas — «*noz de três esquinas*» — é considerada amuleto de valor para afastar as bruxas. Em Ferreira do Zêzere, a gente moça quando encontra, pela Quaresma, uma noz com aquela anomalia vegetal, estabelece entre os dois sexos conluio para amigável compadrio. Partem o fruto em duas partes e engancham de modo recíproco os dedos mínimos da mão direita, arengando em conjunto:

— *Eu te baptizo noz*  
*Filha da casca e neta da noqueira.*  
*Deus te criou p'rá minha algibeira;*  
*Raminho de bem-querer,*  
*Comadres firmes, até morrer.*

Quando, mais tarde, se avistam e distraidamente esquecem as relações estabelecidas, não usando os tratamentos de «*comadre*» ou «*compadre*», ficam colectados no pagamento de um pão alvo.

Só pessoas idosas devem fazer o plantio de noqueiras. Logo que o tronco da árvore atinja a grossura da pessoa que a plantou, essa criatura morrerá.



— *Oliveira* — género de oleáceas que compreende a árvore que produz a azeitona e cujo valor cultural é sobejamente conhecido. A oliveira (*Olea europae*, Lin.), era considerada na antiguidade com a significação convencional de sabedoria, de abundância e de glória. Para os cristãos, figura ainda como símbolo de paz; no Domingo de Ramos, substitui as palmas, amiudadas vezes, sendo tida como planta sagrada. Entre a série de trovas cujo tema é a oliveira, muitas se referem à profunda veneração que esta árvore inspira às classes populares:

- *Oliveira é pau santo,  
O seu tronco é sagrado,  
Que dá fruto que alumieia  
A Jesus Crucificado.*
- *Não cortes a oliveira,  
Não lhe deites o podão,  
Está a alumiar toda a noite  
À Senhora da Assunção.*
- *A oliveira é benta,  
Ramo dela tem virtude,  
Passei por ela doente  
Logo me achei com saúde!*

No dia de Nossa Senhora das Candeias (2 de Fevereiro), a fim de que as oliveiras «encandeiem», ou floresçam bem, deverá frigir-se em azeite qualquer coisa, nem que sejam umas folhinhas arrancadas da árvore. A praxe, no concelho de Alcobaça, é fazer filhós. Os namorados, designam pelo nome de «sortes» as folhas duplas (fasciadas) apresentando um só pecíolo. Quando deitam no brasido as folhas com essa anomalia, aguardam com interesse que elas não estalem, o que, a dar-se, será indicação de falta de estima. Outras vezes fazem a experiência pela seguinte forma: a rapariga segura numa parte do limbo das «sortes», e o rapaz no extremo oposto. Puxam, simultâneamente, a folha dupla para que esta rasgue. O que ficar com a parte ligada ao pecíolo, terá a primazia na sinceridade da amizade.

Os ramúsculos de oliveira e o espargo do monte, molhados em azeite, são utilizados pelas mulheres de virtude na magia patológica. Para talhar o «erzip'lão», as curandeiras têm uma receita simples: — seguram na mão esquerda uma tesoura aberta e, na direita, uma pena de galinha preta e um galho de oliveira molhado em azeite, com os quais vão borrifando o doente erisipelado. Ao mesmo tempo vão arengando o seguinte esconjuro:

— *Pedro Paulo foi a Roma,  
Jesus Cristo encontrou,  
O Senhor lhe perguntou:  
— Donde vens, Pedro Paulo?  
— Eu, Senhor, fujo da minha terra  
Onde há muita «zipla» e erisipela.  
— Torna atrás, Pedro Paulo  
E vai talhá-la com água da fonte,  
Óleo de oliva e espargo do monte;  
Benze-a com pena de galinha preta  
E azeite virgem de «oliveira benta»  
E ninguém morrerá dela.  
— Em louvor de S. Pedro, S. Paulo e S. Silvestre,  
Quanto eu faço preste,  
E o Senhor seja Divino Mestre.*

A oliveira e o loureiro, em certas localidades são verdadeiros amuletos naturais, pois há a suposição de que as faíscas não atingem estas árvores.

— A *figueira* (*Ficus Carica* Lin,) a árvore disseminada por todas as províncias, cultivada ou subespontânea, que quer o «*pé na água e a cabeça ao sol*» e cuja lenha é «*rija de fumo e fraca de madeira*», é considerada pela gente do campo, na sua mentalidade simplista, como planta lenhosa amaldiçoada. Tem má sombra — «*debaixo da figueira não façás cabeceira*» e dá frutos sem florir, por que Judas nela se enforcou! Sonhar com figos pretos, é sinal de luto.

Entre os aldeãos saloios de cerrado obscurantismo, e mesmo entre os habitantes de outros povoados, tanto do Norte como do Sul, mantém-se a credulidade insensata de que não se deve queimar

lenha de figueira nas proximidades dos aidos ou estábulos, para que o leite não seque às vacas. Em Barcelos (Minho), têm como certo que o fumo da ramagem dessas árvores, faz desaparecer o leite, não só às mulheres como às fêmeas de todos os animais domésticos que estejam em função lactígena.

Em Penamacor (Beira Baixa), levam ainda mais longe a superstição, pois admitem que se avinagrará o vinho a todo aquele que utilize para seu lume, lenha de figueira. Em Turquel (Alcobaça), quando pretendem acolher-se ao copado da figueira, para dormirem ou se abrigarem do sol, arrancam previamente três folhas à árvore, a fim de que a sombra lhes não seja nociva.

— O *sabugueiro* (*Sambucus nigra* Lin.), a que no Minho chamam também «sempre-verde», é uma árvore de pequeno porte que vegeta nas sebes, nas orlas dos campos e margens das ribeiras.

As suas flores branco-amareladas, têm a suposta virtude de talismã. São usadas, associadas por vezes a ramagens de oliveira, nos jugos e cornaduras dos pacíficos boizinhos que puxam os carros e os arados, para os preservar das diabruras do mafarrico.

Três «tranquinhos» de sabugueiro, ou de funcho, servem para curar o «fogo-lobo» ou «ruborado», eczema que aparece acompanhado de prurido e de tumefacção vermelha. Às mezinheiras, para o debelar, murmurinham o seguinte exorcismo:

— «*Sempre-verde*», *bem aventurado,*  
*Pela chuva foste regado,*  
*Do vento abanado,*  
*Tira o fogo a este ruborado!*  
*Santa Cecília três filhas tinha;*  
*Uma na fonte, outra no rio,*  
*Outra no fogo que ardia...*  
*Perguntou à Virgem o que fazia?*  
*Nossa Senhora respondeu:*  
 — *Bota três vezes saliva no «sabugueiro»*  
*Que, pelo poder de Deus, logo sararia.*

Após a prática supersticiosa, o paciente cospe três vezes no sabugueiro e lança a planta em rio que não costume secar, para

que esta não seque também. Quando se utiliza o funcho para curar a dermatose, a reza é diferente:

— *«À que d'el-rei! quem acode  
Ao fogo-lobo que começa!  
Com «funcho» do monte  
E água da fonte.  
Por meu poder e da Virgem Maria,  
Padre-Nosso e Ave-Maria.*

— O *azevinho* (*Ilex Aquifolium* Lin), é um arbusto espinhoso, conhecido também por «visqueiro», «farinheiro» e «pica-folha».

Em certas terras do Norte, pessoas de ambos os sexos, vão na noite de São João, em ranchos, colher azevinho ao monte. No acto do corte dançam em volta da planta, ao som da viola, e resmoneiam por três vezes:

— *«Meu azevinheiro novo,  
Aqui te venho colher,  
Para que me dê fortuna  
No comprar e no vender  
E em todos os negócios  
Em que eu me meter.»*

Na Meadela (Alto Minho), levam mais longe esta verdadeira exultação de paganismo: ajeitadas as braçadas do azevinho, marcham com elas até junto de três igrejas «machas». Por vezes borrifam a planta com vinho. Um dos componentes do grupo ajoelha-se então, no que é imitado pelos restantes companheiros, e bate com o ramo três vezes nos pórticos dos templos visitados.

Concluída esta tradição, todos se dirigem à beira-mar. Ali, as pessoas interessadas nos benefícios do azevinho «apanham» três ondas, segurando sempre no ramalho que, depois guardam em casa, como amuleto para desviar malefícios e desgraças. São-lhe atribuídas virtudes sobrenaturais e, por isso, correm a queimá-lo quando tropeja.

— A *romãzeira* (*Punica Granatum* Lin.), apreciada pelas suas infrutescências coroadas (baláustias), com sementes carnudas e de

ordinário purpúreas e acidulas, é tida como símbolo da felicidade e da fecundidade.

Tem as seguintes designações populares: «romeira», «milgreira» e «milgrada».

Entre as classes iletradas, subsiste a tradição de servir no dia de Reis (6 de Janeiro), uma romã da qual se apartam alguns bagos de polpa rosada, que são guardados em gavetas e mealheiros para darem durante o ano abundância e riqueza ao seu possuidor.

O povo diz, irreflectidamente, que as laranjas de cor sanguínea, são enxertadas em romã. Certo é porém que a família botânica a que pertence a romãzeira, é das mais pequenas, visto ter um só género (*Punica*), e, não tendo afinidade com qualquer das nossas fruteiras citrinas, não pode para elas servir de porta-enxerto.

— A *alfazema* (*Lavandula spica* Lin.), é um arbusto vivaz muito da predilecção da gente do campo. Forma tufos compactos, produzindo inflorescências odoríferas, em espigas de um lindo azul-violáceo. Nos dias festivos, em que os romeiros cheios de exuberante alegria regressam dos arraiais minhotos e durienses, a rama da alfazema que ao longo dos muros espreita os caminhantes, leva grande desbaste, pois é costume aldeão não arrecadar nas velhas arcas de castanho, o bragal de linho, as saias de estamenha ou os xailes de merino, sem que lhes reúnam as sumidades floridas da alfazema. Associadas estas aos peros melápios e às maçãs camoesas, dão «cheirinho» à roupa e ajudam à sua conservação.

É cheia de graciosidade a maneira como as camponesas arranjam com esta aromática planta umas pequeninas «rocas». Dobram os caules sobre um feixe de quatro a seis espigas, que assim ficam resguardadas e prontas a ser dispostas nos baús e arcas da roupa.

Entre as crendeiças absurdas, há a convicção de que a alfazema traz felicidade aos recém-nascidos em cujos quartos de dormir é queimada. Quando às crianças de mama não se lhes conserva o leite no estômago, as mães põem-lhes pendentos do pescoço, umas bolsinhas de chita contendo alfazema.

As benzilheiras não utilizam esta labiada apenas como aromato, empregam-na igualmente em defumadoiros e feitiçarias, para afugentar bruxedos e livrar de malefícios.

— O *alecrim* (*Rosmarinus officinalis* Lin.), conhecido também por «alecrineiro», «alcarneira» (Algarve), «alecrinzeiro» e «romeiro» (Minho), é um arbusto lenhoso com larga cotação entre a população campestre, pelo culto popular que o rodeia. É o «rei das ervas», como elucida a cantiga:

— Ó *alecrim*, rei das ervas,  
Ó oiro, rei dos metais;  
As falas que dás a outra,  
São facadas que me dais!

É a flor dilecta dos namorados. Quando deparam com esta planta de cheiro aromático e activo, colhem sempre pequenos ramos, estabelecendo permutas. Lá está o adágio que os adverte:

— *Quem pelo alecrim passou e dele não colheu,  
Ou nunca teve amores, ou deles se esqueceu.*

O seu fumo é santo, afugenta o raio; por isso queimam o *alecrim* quando se desencadeiam trovoadas. Benzido, posto nas searas, em Domingo de Ramos, livra as culturas de sortilégios feiticeirais. Aludem às propriedades maravilhosas e ao poder mágico do *alecrim*, as trovas seguintes:

— *P'ró quebranto e olho mau,  
Ramo d'alecrim queimar,  
Com o fumo da casca d'alhos  
Tudo foge lá p'ró ar.*

— *Alecrim! Alecrim  
Alecrim a arder!  
O teu fumo é santo,  
Junto a Deus vai ter!*

Apanhado na manhã de S. João, antes de nascer o sol, e reunido em feixe juntamente com a erva-da-inveja, o funcho, a arruda e a flor do sabugueiro, livra de malefícios.

— *Quando saíres para a rua,  
Não o faças sem ajuda:  
Leva um ramo de alecrim  
E um galhinho de arruda.*

Pelo ciclo pascal, os namorados no Alentejo, colhem raminhos de alecrineiro e oferecem-nos às suas compatrióticas, com as tradicionais palavras:

— *«Verde é e verde cheira,  
Fica presa p'ra quinta-feira.»*

e as moçoilas respondem, galanteadoras:

— *«Já que m'ó deu a cheirar,  
Tem que me dar o folar!»*

Quinta-feira Santa, radiantes os rapazes vêm à cidade comprar o cartuchinho de amêndoas sortidas, que elas aguardam sorridentes.

O alecrim, associado ao rosmaninho, à salva, à erva-cidreira, às palhas-alhas e às folhas de oliveira, é empregado em defumadoiros. As benzilheiras passam, três vezes e em cruz sobre o fumo, as crianças depauperadas fisiologicamente, recitando ao mesmo tempo este ensalmo:

— *«Quando Nossa Senhora pelo Egipto passou,  
Três tranquinhos de «alecrim» apanhou  
E seu amado Filho defumou;  
Assim como a Virgem defumou  
Seu Filho para bem cheirar,  
Assim eu defumo este menino  
Para o salvar.»*

— *Giesta*, «giesteira» ou «maias» (*Cytisus*, L.). Nome comum a vários arbustos inermes da família das leguminosas, de ramos numerosos e pouco folhosos, flores amarelas ou brancas, que vegetam pelos matagais, charnecas e terras bravias.

As franças, flexíveis e compridas, de algumas variedades — «ferrunchos» — prestam-se a ser utilizadas como escovalhos e

vassourões para, nas eiras, separarem o grão do casulo e palhiço. Designadamente no Douro e Minho, faz-se amplo comércio de vassouras de giesta, nas feiras e mercados. Em Arcos de Valdevez (Minho), cantam nas romarias:

— «*O meu amor amou-se,  
Foi às amoras a Coura,  
Num havia lá giesta  
Fizeram dele vassoura.*

Além dos títulos já mencionados, a giesteira goza da particularidade de ser uma planta de virtude. Em Mação (Beira Baixa), há uma tradição curiosa: na segunda-feira da Páscoa, aparecem todos os anos pelas ruas, logo de manhã, rapazes da vila munidos de grandes ramalhos de giestas, das mais vigorosas que encontram pelos oiteiros. Com eles, fustigam todos os cães que aparecem para lhes tirarem a «rabugem» (sarna). É costume antiquíssimo, que se vem transmitindo de geração em geração. Por analogia, varrer uma criança com um ramo de giesta branca, cura-lhe todas as empolas do corpo.

Ainda com fundamento nos ignaros abusões, há um outro predicado que exalta este arbusto agreste; é servir para as moçoilas e os mancebos casadoiros, experimentarem através das suas guias, os cabalísticos dilemas do amor. Quando passam por um giestal e desejam saber se casarão nesse ano, lançam a mão direita à haste duma planta e, apressadamente, tratam de lhe dar um apertado nó, sem contudo sustarem o passo. Uma trova, que anda na boca dos romeiros na Beira Alta, refere-se a este uso:

— «*Ó Senhora dos Remédios,  
Dei um nó na giesteira!  
Hei-de lá ir para o ano,  
Ou casada ou solteira.*

No dia primeiro de Maio, sobretudo nas aldeias nortenhas, é uso enfeitar com os galhos floríferos da giesteira de corolas amarelas — «maias» — as fechaduras, aldrabas e escudetes dos portais



das moradias e os cancelos dos aídos, para exorcizar as tentações do mafarrico e evitar que os espíritos ruins entrem pelo buraco da fechadura.

Já Teixeira de Aragão, frisou que a festa do «Maio-moço», para saudar a Primavera, é uma verdadeira festividade druídica. Quando as moitas regurgitam, amareladas pelo oiro vivo das giestas, as varandas, janelas, sacadas e até os carros boieiros, são enramalhados garridamente, uso antiquíssimo que se filia numa lenda em que o Paganismo e o Cristianismo se dão as mãos.

— *Trovisco* (*Daphne Gnidium* Lin.), arbusto timeleáceo, com propriedades venenosas, que vegeta nas charnecas e terrenos áridos. Possui, no entendimento popular, mágicas e poderosas virtudes. A cantiga transmontana entremostra um desses privilégios:

— *Se fores para o Picoto,  
Leva ramos de trovisco;  
Olha lá, que te não façam  
Como Judas fez a Cristo!*

As lavradeiras do Minho, quando regressam das feiras e se, por casualidade, mercaram algum bacorinho, rodeiam-lhe o pescoço com um colar feito da tona do trovisco. Ao meterem o leitão na «loja», ou seja no cortelho, fazem com que ele entre às arrecuas, para que não fique tolhido. «*Não! que há gente que olha de lado!...*» advertiu-nos receosa uma feirante, quando a interrogamos sobre tão estranha precaução.

Esta maravilhosa planta, tem ainda o poder de afastar as trovoadas. Quando ribomba e relampeja, as mulheres da Beira Serra correm a espetar ramagens de trovisco nas portas e janelas, ao mesmo tempo que, de joelhos em terra e mãos erguidas, rezam a S. Jerónimo e a Santa Bárbara. Esta crença estende-se ao Baixo Alentejo, como o certifica a seguinte ária:

— *Vi uma trovoada armada,  
Acolhi-me a um trovisco;  
Bradei por Santa Bárbara,  
Acudiu-me Jesus Cristo.*

Nunca se devem queimar hastes de trovisqueiro, pois foi sobre elas que Nossa Senhora enxugou as envoltilhas do Deus-Menino.

As altas propriedades deste arbusto, estão igualmente bem definidas na cura do sezonismo. Em certas aldeolas de Entre Douro e Minho, botam fora as «maleitas», conduzindo o doente para junto de um trovisqueiro. Para que o tratamento seja eficiente, é essencial que o mezinheiro se faça acompanhar de uma vasilha com água, de um trapo, de uma faca, de um naco de pão e de um traçalho de carne. O maleitoso, deve dar três voltas em redor da planta e dizer em cada um dos circuitos:

— *«Deus lhe dê bós dias, senhor capitão!  
Empreste-me a sua camisa para uma função:  
E aqui tem carne e pão.  
Faca para partir, auga p'ra se lavar  
E pano p'ra se alimpar.*

Concluída esta tarefa, tira-se a casca ao trovisqueiro, que é trazida para casa e posta na lareira; à medida que ela for secando, assim a moléstia vai desaparecendo. Na Maia, a magia patológica assemelha-se: quem tem impaludismo, vai a uma bouça e, ao deparar com uma moita de troviscos, coloca junto dela um feixe de palha, um farrapo velho, uma pinga de vinho numa infusa e uma fatia de pão. Por três vezes, deve soltar este esconjuro:

— *«Maleitas, ficai à sombra deste trovisqueiro;  
Aqui fica palha para te deitares,  
Pão para comeres, vinho para «buberes»  
E pano para te alimpares!»*

Seguidamente, o padecente dirige-se em correria para casa, sem olhar para trás. Pessoa ou animal irracional que depare com aquele estendal, ficará com as sezões no corpo. Na Beira Baixa a terapêutica popular é diferente: tomam uma infusão de «macela», colhida em Quinta-feira da Ascensão.

Em Turquel, as tabuletas branqueadas com cal, assinalando que as propriedades estão defesas e sujeitas à imposição de muitas, têm quase sempre pendente um ramo de trovisco.

— A *arruda* (*Ruta chalepensis* Lin.), é uma planta vivaz, fétida, que cresce nos outeiros secos e estéreis, utilizada em bruxedos pela gente ignorante e supersticiosa. São-lhe atribuídas virtudes cabalísticas, defensivas contra o enquiço e outros maus influxos. É queimada para afugentar os espíritos malignos. Este provérbio atesta a sua importância:

— «*Se a mulher soubesse a virtude da arruda,  
buscá-la-ia de noite, à lua.*»

Colhida pelo Natal, à meia-noite, acentuam-se as suas propriedades mágicas. Fervida em azeite, serve para fricções. Está isento de bruxas, perigos e feitiços, quem trouxer consigo cabeças de arruda de cinco ou sete «gaitinhas» (lóculos). Dependurada das traves do tecto, destrói os efeitos das maldições.

Quando se nos depara no caminho este subarbusto, é de bom aviso não passar adiante sem o cheirar. Recomenda o provérbio:

— «*Quem passou pela arruda e não a cheirou,  
Se quebranto trazia, quebranto levou!*»

O cancionero popular refere-se a esta planta espontânea, nos seguintes modilhos tanto em voga:

— *Deste-me um ramo de arruda,  
Fizeste de mim demónio:  
Quando tu é que me tentas,  
Como o demo a Sant' António.*

— *Dezóito mil feiticeiras  
A elas não tenho medo,  
Qu'eu tenho uma cruz d'arruda  
No tope do meu cabelo.*

— *Feto*, é o nome genérico de um grande número de vegetais. Apenas nos referiremos ao «feto ordinário» (*Pterium aquilinum* Lin.) ou «feto morangueiro», frequente nas terras ácidas incultas, por ser com ele que os saloios afofam os cabazes com morangos

que vêm vender a Lisboa; e ao «feto-real» (*Osmunda regalis*, Lin.), que vegeta nos sítios húmidos e margens dos cursos de água, ao qual a gente crendeira atribui actos virtuosos. Esta última espécie, tem uma nomenclatura variada entre a nossa grei aldeã: — «feitelha», «feito», «feta-real», «fieito», «fento», «fentêlha», «feite» e «fêntão».

Segundo diversas versões do Norte, quem, na vigília sanjoanina, à meia-noite em ponto, apanhar a semente do «feto-real», ficará detentor de avultada riqueza, por que nessa planta se acham encantados tesouros do tempo dos mouros. No dia e hora indicados, reúnem-se junto da «feitêlha», o Diabo e várias personagens sobrenaturais, em estranha dança, e será demasiada imprudência ir presenciar estas aparições aterradoras.

A criatura que pretender colher a semente sacudida do «feto-real» naquele momento por Satanás, não deverá ir acompanhada e para conseguir a fortuna tem que estender um lenço em redor do feto. Ao lado, é prudente riscar um sanselimão (signo-saimão) no terreno, e meter-se dentro do tracejado, para que o Mafarrico a não «empêça». Em terras gaienses esta credence estava outrora tão inveterada, que era frequentíssimo ouvir-se cantar:

— *«Não vás ó serão a Avintes,  
Nem p'ra lá botes o jeito;  
Olha que as moças d'Avintes  
Tem n'a semente do «feito».*

\*

As lendas pueris e as crenças supersticiosas do povo, coligidas como revelações tradicionais e analisadas como documentos etnopsicológicos, encerram certo valor científico, Contribuem para conhecimento do Homem, da sua maneira de ser, das suas faculdades mentais, sociais e morais.

# Antas do concelho de Portalegre

POR

Agostinho Farinha Isidoro

Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
da Faculdade de Ciências do Porto

Em trabalhos anteriores <sup>(1)</sup> demos notícia de 33 antas do concelho do Crato e de 38 do concelho de Alter do Chão.

A colheita de elementos respeitantes a estas antas, foi feita em várias campanhas de trabalho desde os anos de 1960 a 1965.

Mercê de vários subsídios do Instituto de Alta Cultura e do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», pudemos prosseguir na colheita de elementos sobre antas do concelho de Portalegre nos anos de 1966 a 1968.

Todos estes trabalhos têm sido realizados com o propósito de contribuir para a publicação da *Inventaria Archeologica Portucalensis*.

---

<sup>(1)</sup> Agostinho Isidoro, *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XLIV, Porto, 1962, págs. 206 a 228, XII Est. e 29 figs.

Idem, idem, *Novos elementos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX, fasc. 1, Porto, 1963, págs. 71 a 75 com 4 figs.

Idem, idem, *Novos elementos* (II), in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX, fasc. 2, Porto, 1963, págs. 174 a 177, com 2 figs.

Idem, idem, *Novos elementos* (III), in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX, fascs. 3-4, Porto, 1964, págs. 353 a 359, com 16 figs.

*Contribuição para o estudo da arqueologia do concelho de Alter do Chão (Alto Alentejo)*, in «Acta do IV Colóquio Portuense de Arqueologia» (Lucerna v-1966).

\*

O concelho de Portalegre pertence à província do Alto Alentejo e distrito do mesmo nome.

É limitado a norte pelos concelhos de Marvão e Castelo de Vide, a sul pelos de Monforte e Arronches, a leste pela Espanha e a oeste pelo concelho do Crato.

Tem uma área de 424,52 km<sup>2</sup>, distribuídos por 10 freguesias: Alagoas, Alegrete, Carreiras, Fortios, Portalegre (S. Lourenço), Portalegre (Sé), Reguengos, Ribeira de Nisa, S. Julião e Urra (Fig. 1).

A cidade de Portalegre é muito antiga. Os geógrafos antigos não falam dela, mas julga-se que fora edificada com os materiais da antiga *Medóbriga*, povoação da velha Lusitânia, destruída pelas legiões romanas.

A cidade «assenta no alto de um monte fresco delicioso e é cercada por uma dilatada serra que tem o seu nome, ramo da Estrela, e que domina uma vasta e fértil planície» (1).

Iniciámos a colheita de elementos sobre as antas deste concelho entrevistando várias pessoas na cidade, desde o *ganhão*, ao hortelão e as muitas pessoas que das freguesias vêm à cidade fazer as compras.

A própria Guarda Nacional Republicana foi interrogada.

Todos foram unânimes em afirmar que não havia antas no concelho de Portalegre.

Visitámos também o museu da cidade e nele vimos expostos apenas alguns machados de pedra com a indicação de serem do concelho de Marvão.

Em seguida deixámos a cidade de Portalegre, dirigimo-nos às herdades e fizemos *in loco* as nossas prospecções.

Durante os anos referidos percorremos quase todo o concelho tendo localizado nele 10 antas (Fig. 1).

---

(1) Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. xxii, pág. 550.

Destas antas apenas uma se localiza a noroeste da cidade. Todas as outras estão a sudoeste, a sul e a sudeste (Fig. 1).

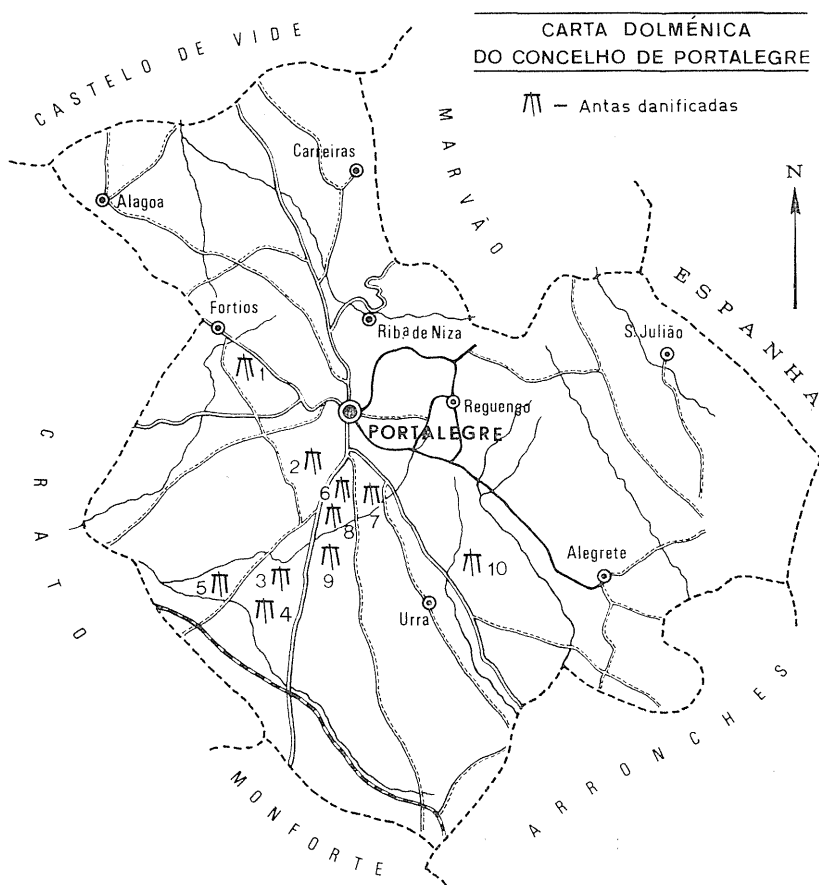


Fig. 1 — Mapa do concelho de Portalegre, com a indicação das antas.

As antas referidas estão localizadas nas zonas baixas do concelho, numa altitude que anda pelos 400 m.

Não encontrámos qualquer anta na zona serrana.

Damos a seguir a localização destas antas e o seu estado de conservação:

## Freguesia dos Fortios

### 1 — Anta da Herdade do João Martins

Fica num terreno de sobreiros, na margem esquerda da Ribeira de Nisa, que lhe passa uns 80 m a norte.

É uma anta de 7 esteios de granito; três deles, os dois do lado norte e o do leste, estão completos. Todos os outros estão incompletos.

Os dois do lado norte têm as seguintes medidas externas (altura, largura e espessura), respectivamente: 2,10 m, 0,96 m e 0,37 m, e 1,84 m, 1,43 m e 0,35 m. O do lado leste não pôde ser medido por encostar a uma construção de grossas paredes.

Os dois esteios do lado sul: 2,00 m e 2,00 m <sup>(1)</sup>, o que está partido de alto a baixo, e 0,50 m, 1,50 m e 0,45 m, o que está representado pela porção inferior.

O esteio do lado oeste, de que resta apenas a porção inferior, tem 0,85 m, 0,85 m e 0,27 m.

Há um outro esteio, que medimos por fora, com as medidas: 1,35 m, 1,25 m e 0,36 m.

Estas medidas são aproximadas, devido ao estado ruinoso em que se encontra a anta. Pelo mesmo motivo não pudemos precisar o local da boca da anta.

A grande pedra de granito, *mesa* ou *chapéu* da anta está quase inteira, caída na câmara. A sua porção superior encosta aos esteios do lado norte pela sua face interna (Fig. 3) e a porção inferior assenta no chão da câmara. A face externa encosta aos esteios do lado sul. Tem 3,10 m de comprimento no sentido norte-sul, 2,20 m de largura no sentido leste-oeste e 0,32 m de espessura máxima.

A câmara dolménica tem 3,47 m de diâmetro ântero-posterior que é o do sentido leste-oeste e 3,00 m de diâmetro norte-sul, que é o transverso. Não há vestígios de corredor.

---

(1) Nota — Não pudemos medir a espessura devido ao mato em volta.



Nos terrenos em volta da anta há muitas pedras pequenas. Do lado nascente e junto à anta há uma construção de paredes grossas, antiga, em ruínas e a norte há uma construção também antiga, possivelmente ligadas à pastorícia da região em tempos recuados.

### **Anta da freguesia de Portalegre (São Lourenço)**

#### *2 — Anta da Herdade da Misericórdia*

Esta anta fica no cabeço desta herdade, denominado *terra santa*, donde se avista o seu *monte*, uns 500 m a noroeste.

Dela restam ainda 7 esteios de granito, todos incompletos, excepto o 4 que nos pareceu completo.

As medidas externas (altura, largura e espessura) dos esteios <sup>(1)</sup>, são as seguintes:

1 — 1,00 m, 0,65 m e 0,35 m; 2 — 1,20 m, 0,65 m e 0,30 m;  
3 — 0,95 m, 0,98 m e 0,35 m; 4 — 0,10 m, 2,00 m e 0,55 m;  
5 — 0,85 m, 1,55 m e 0,40 m; 6 — 0,70 m, 0,95 m e 0,33 m e  
7 — 0,20 m e 0,85 m.

A câmara da anta está cheia de terra e tem 2,85 m de diâmetro ântero-posterior e 2,35 m de diâmetro transverso.

A boca da anta está voltada a nascente.

O corredor está apenas representado por duas pedras quase soterradas.

### **Antas da freguesia da Urra**

#### *3 — Anta da Herdade de Entre-as-Ribeiras de Baixo*

Fica na *folha do Passão* desta herdade, num cabeço de azinheiras. A ribeira da Lixosa corre-lhe a norte e a uns 200 m. O *monte* da herdade fica a noroeste e a uns 800 m da anta.

---

<sup>(1)</sup> Como em trabalhos anteriores numeramos aqui também os esteios das antas, começando pelo da esquerda a seguir à porta, no sentido do movimento dos ponteiros do relógio.

Tem ainda o aspecto de ter sido um grande monumento!

Teve inicialmente 7 esteios de granito, dos quais conserva 6. Há ainda um resto de mamoa.

Damos a seguir o estado de conservação e as medidas externas (altura, largura e espessura) dos esteios existentes:

1 — partido transversalmente quase ao rés-da-terra; a porção que sobressaía da terra está caída para a câmara e encosta ao esteio 2; tem as medidas: 2,30 m, 2,00 m e 0,45 m;

2 — íntegro, possivelmente ainda na posição inicial; 1,30 m, 2,15 m e 0,35 m;

4 — é o da cabeceira; é um grande esteio, completo ainda; 2,15 m, 1,90 m e 0,50 m;

5 — completo e na posição primitiva; 1,20 m, 1,93 m e 0,60 m;

6 — falta-lhe o terço superior em toda a sua largura; 1,40 m, 1,00 m e 0,53 m;

7 — apenas uma pequena porção deste esteio aflora ao terreno.

A câmara tem 3,25 m de diâmetro ântero-posterior, o do sentido leste-oeste, e 3,10 m de diâmetro transverso; está atulhada de pedras pequenas. Na sua metade norte há uma grande pedra que encosta à face interna do esteio 5, que deve ter pertencido ao *chapéu* ou *mesa*.

Tem um corredor com duas grandes pedras de cada lado; uma pedra, a proximal da direita, está partida transversalmente a meio; as outras estão inteiras.

O comprimento do corredor é de 4 m e a sua largura na extremidade exterior é de 1,35 m.

Tem ainda duas pedras de cobertura na sua posição primitiva, tal como as que encontramos na Anta do Couto dos Enchares, do concelho do Crato <sup>(1)</sup> e nos pareceu existir na Anta 1.<sup>a</sup> da Herdade da Serra dos Tojos, concelho de Alter do Chão <sup>(2)</sup>.

---

(1) Agostinho Isidoro, *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, op. cit.

(2) Idem, *Contribuição para o estudo da arqueologia do concelho de Alter do Chão*, op. cit.

Do lado norte da câmara e fora há uma pedra que deve ter pertencido, como a que atrás indicámos, ao *chapéu*.

#### 4 — Anta 1.<sup>a</sup> da Herdade do Campino

Localizada num pequeno cabeço da *folha* do Pego das Canas, entre a Ribeira de Seda, a sul, e a da Lixosa, a norte. A primeira passa-lhe a uns 100 m e a segunda a uns 200 m. O *monte* da Herdade das Casas Novas está a sudoeste da anta e a uns 500 m.

Inicialmente a anta teve 7 esteios de granito. Hoje tem ainda alguns íntegros (1, 2, 3 e 4).

O esteio 1 está caído na câmara e encosta ao 3 e ao 4; o 6 está partido transversalmente 20 cm acima do nível do terreno; o 7 caído na câmara, e tem por cima uma grande pedra que deve ter sido a *mesa* ou *chapéu*. A espessura máxima desta pedra é de 0,60 m e o seu comprimento é de 2,5 m.

O nosso guia disse-nos que o *chapéu* da anta estava ainda no lugar primitivo há meia dúzia de anos.

As medidas externas (altura, largura e espessura) dos esteios, que pudemos medir, são respectivamente:

1 — 2,10 m, 0,80 m e 0,60 m; 2 — 1,40 m, 2,00 m e 0,30 m;  
3 — 0,87 m, 1,60 m e 0,48 m; 4 — 2,00 m, 1,55 m e 0,45 m;  
5 — 1,20 m, 1,55 m e 0,50 m e 6 — 0,20 m.

O corredor está representado apenas por uma pedra, meio enterrada, a leste da anta.

Há ainda restos de mamoa.

Os diâmetros da câmara têm as seguintes medidas: ântero-posterior — 3,10 m e transversal — 3,50 m.

#### 5 — Anta 2.<sup>a</sup> da Herdade do Campino

Fica a 100 m da 1.<sup>a</sup> anta desta herdade, para noroeste. Dela há apenas uma porção do corredor, representada por duas pedras de granito de cada lado, com a direcção leste. Os esteios da câmara foram possivelmente arrancados.

Em volta há vestígios de mamoa.

6 — *Anta da Herdade do Curral da Lage-Abrunhosa*

Na tapada dos Pocilhões, num terreno de carvalhos, próximo do Azinhagão do Curral da Lage, está esta anta já muito danificada.

Era inicialmente de 7 esteios, mas agora tem apenas cinco (1, 3, 5, 6 e 7), todos incompletos e de granito. Do 6 e do 7 restam apenas as porções inferiores espetadas no terreno.

As medidas externas dos restantes esteios (altura, largura e espessura), são respectivamente:

1 — 0,95 m, 0,80 m e 0,30 m; 3 — 1,25 m, 2,00 m e 0,22 m; 5 — 1,30 m, 1,55 m e 0,20 m.

Há também duas pedras grandes do corredor, uma do lado sul, com 2,60 m de comprimento e 0,65 m de altura e outra do lado norte com 3 m de comprimento e 0,06 m de altura.

7 — *Anta da Herdade dos Fajardos*

Fica a noroeste do *monte* desta herdade e a uns 150 m, em terreno de oliveiras e azinheiras.

Tem hoje apenas dois esteios de granito. O maior, que deve ter sido o 1, está completo; o outro, que parece ter sido o 7, está incompleto. A boca da anta, voltada para leste, está ocupada por uma velha oliveira.

Disseram-nos no local que esta anta estava mais completa há uns 40 anos atrás.

Nos terrenos em volta da anta há muitos fragmentos de telhas e tijolos, indicação de ali ter existido um povoado romano.

Referiu-nos o Sr. Manuel Gonçalves, guarda da herdade das Safras, que neste cabeço da anta foi descoberto em tempos, ao lavrar-se este terreno, um pote de barro, da altura dum homem e com meio metro de largo. Tinha no fundo um pó preto. O achador pensou inicialmente tratar-se de ouro, mas ao ver que era pó, partiu o pote e desprezou o pó nele existente.

8 — *Anta do Tapadão da Abrunhosa (do Sr. Manuel Elias)*

Encontra-se num cabeço com azinheiras. Uns 30 m a sul da anta está a parede que faz extrema entre o Tapadão da Abrunhosa e a Coutada dos Cabeceiros.

A anta está muito danificada, pois dela restam apenas três porções de esteios (1, 2 e 7?), todas de granito.

Há um resto de corredor com pedras laterais pequenas também de granito.

9 — *Anta da Herdade das Cabeceiras*

Está situada num cabeço com sobreiros, denominado o *monte da casa das coutadas*, a 100 m do caminho vicinal que vem da estrada macadame, que vai da cidade de Portalegre à estação do caminho de ferro.

É uma anta muito danificada, pois dela restam apenas 5 porções de esteios, todas de granito.

A porção do esteio 1, a mais conservada, ainda que incompleta, mantém a posição primitiva, as dos esteios 2, 3, 5 e 6, estão caídas na câmara dolménica.

As suas medidas externas (altura, largura e espessura), são as seguintes:

1 — 1,22 m, 1,14 m e 0,39 m; 2 — 0,60 m, 0,90 m e 0,25 m; 4 — (o da cabeceira) 0,92 m, 1,50 m e 0,25 m; 5 — 0,80 m, 0,90 m e 0,30 m e 6 — 1,05 m, 1,09 m e 0,15 m.

Na câmara dolménica está enterrada, só em parte, uma grande pedra de *lousinha*, que deve ter sido a mesa da anta, com 2,20 m de comprimento e 1,00 m de largura e 0,30 m de espessura.

O corredor está voltado a nascente. As suas pedras estão quase soterradas; tem 3,00 m de comprimento e 0,85 m de largura a meio.

## Antas da freguesia de Alegrete

### 10 — Anta da Herdade da Falagueira

Encontrámos esta anta num pequeno cabeço, denominado *sítio da Falagueira*, sobranceiro à ribeira de Caia, na sua margem esquerda e distante desta uns 70 m. O *monte* velho da herdade fica uns 300 m a oeste da anta.

Tem vestígios de ter sido uma grande anta. Os esteios 1, 2, 3 e 4 estão ainda na posição primitiva e o 5 está tombado para fora da anta. São todos de granito.

Na câmara dolménica há muitas silvas e um carapeteiro, que nos impediram de tirar as medidas dos seus diâmetros.

Os esteios existentes foram medidos pela face externa; os seus valores são os seguintes:

1 — 2,57 m, 1,80 m e 0,30 m; 2 — 1,63 m, 2,10 m e 0,15 m; 3 — 2,00 m, 1,15 m e 0,36 m; 4 — 2,50 m, 2,00 m e 0,57 m e 5 — (face interna, mas agora superior, devido a estar caído) 3,00 m, 1,50 m e 0,40 m.

Tem ainda um resto de corredor a nascente, de 4,50 m de comprimento e 1,50 m de largura junto à boca da anta, com 4 pedras do lado sul e uma do lado norte. Todas estas pedras são de granito, à excepção da 3.<sup>a</sup> do lado sul, a contar da boca da anta, que é de pedra *lousinha*.

A câmara da anta está em parte escavada, possivelmente por alguns pesquisadores de tesouros. No seu bordo norte está o enchimento escavado.

## Conclusões

No concelho de Portalegre encontrámos apenas 10 antas, número bastante inferior ao das existentes nos concelhos do Crato e de Alter do Chão.

Estas antas estão todas situadas em terreno de baixa altitude (cerca de 400 m).

Na zona serrana do concelho, constituída pela chamada serra de São Mamede, não encontrámos qualquer dólmen.

Estas antas encontram-se todas muito danificadas. Nenhuma tem o *chapéu* ou *mesa* no lugar primitivo.

O material usado na sua construção foi o granito, excepto uma pedra do corredor da Anta da Herdade da Falagueira, que é de xisto, e a possível mesa da anta da Herdade das Cabeceiras, também de xisto.

Destas 10 antas há duas sem vestígios de corredor, quatro com restos de corredor e quatro com corredor algo conservado, cujos comprimentos vão de 3 a 4,5 m.

A mais importante destas antas, quer pelo seu tamanho, quer ainda pelo seu estado de conservação é a da Herdade de Entre-as-Ribeiras de Baixo.

Importa agora proceder à sua escavação para colheita dos materiais arqueológicos, que porventura tenham sido poupados pelos pesquisadores de tesouros e fazer o estudo dos mesmos.

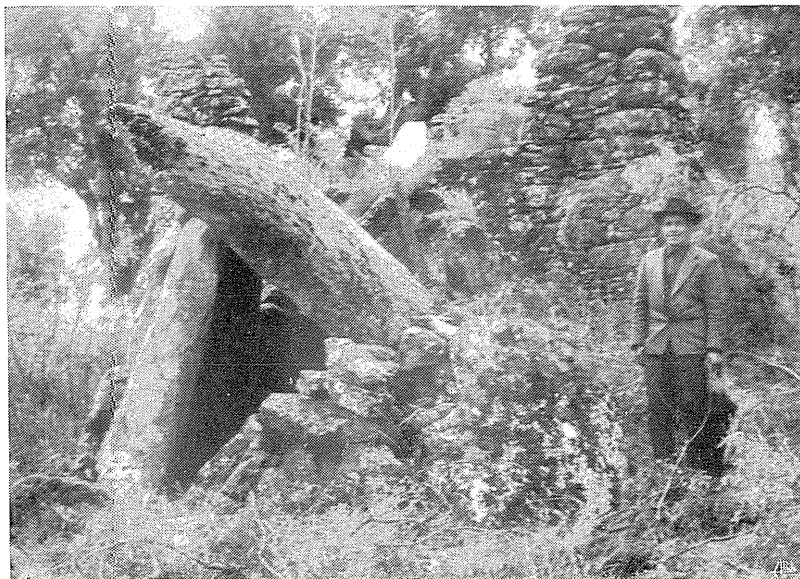


Fig. 2 — Anta da Herdade de João Martins; lado oeste.

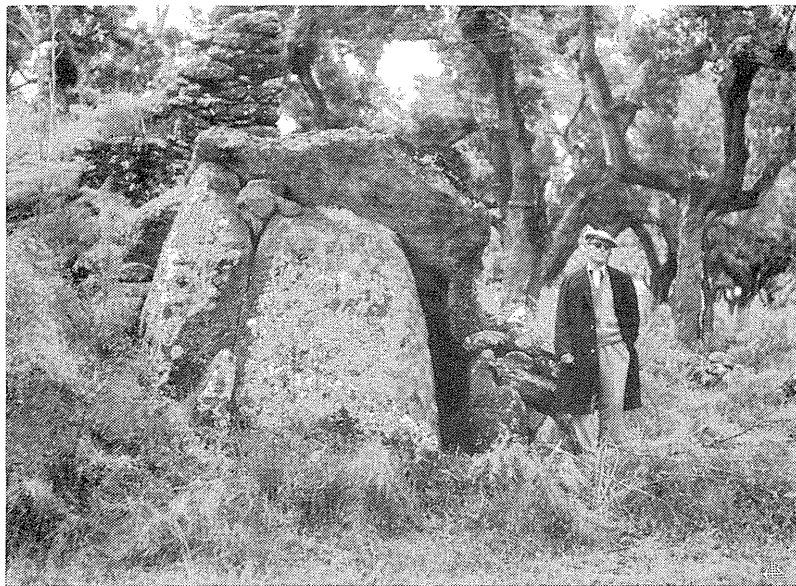


Fig. 3 — Anta da Herdade de João Martins; lado norte.





Fig. 4 — Anta da Herdade da Misericórdia; lado sul.



Fig. 5 -- Anta da Herdade da Misericórdia; lado norte.



Fig. 6 — Anta da Herdade de Entre-as-Ribeiras de Baixo; lado leste.



Fig. 7 — Anta da Herdade de Entre-as-Ribeiras de Baixo; lado oeste.

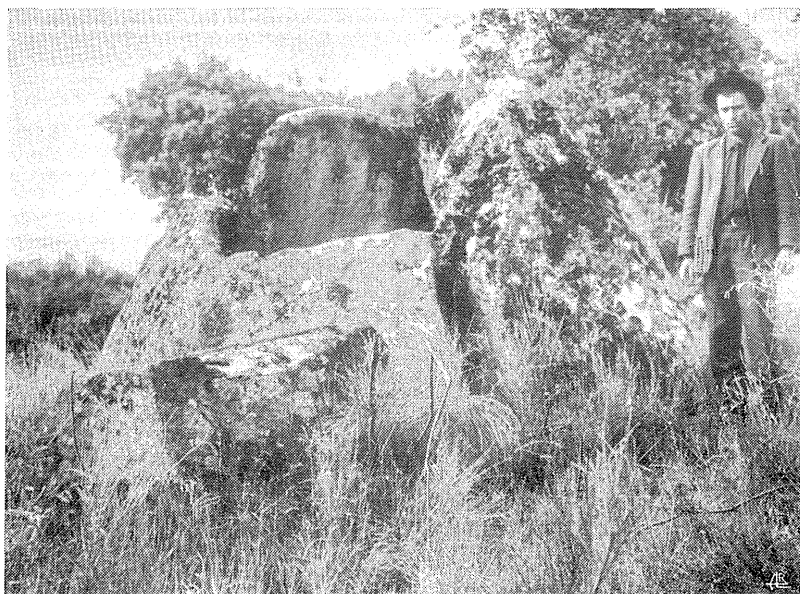


Fig. 8 — Anta da Herdade de Entre-as-Ribeiras de Baixo; lado sul.



Fig. 9 — Anta da Herdade das Cabeceiras; lado sul.



Fig. 10 — Anta da Herdade da Falagueira; lado sul.



Fig. 11 — Anta da Herdade da Falagueira; lado norte.

# Peintures rupestres et vie préhistorique

PAR

**Raymond Lantier**

Membre de l'Institut Conservateur en chef honoraire  
du Musée des Antiquités Nationales Saint-Germain-en-Laye  
(Prelines) — France

La conquête de la motion de la très ancienne présence de l'Homme sur la Terre est l'oeuvre du siècle dernier. Au cours des soixante dernières années la multiplicité et la diversité des découvertes permettent de repousser dans un passé de plus en plus lointain les plus anciens témoins des premières industries et d'inscrire le continent américain dans le domaine de la préhistoire universelle<sup>1</sup>. Les progrès ne sont pas moins importants dans la connaissance du grand art rupestre, dont les deux principaux foyers, franco-cantabrique et Espagne Orientale, semblaient devoir se cantonner dans l'Europe Occidentale<sup>2</sup>. L'Afrique, à son tour, a révélé l'existence de grandes provinces nouvelles, couvrant l'Afrique Mineure et Saharienne<sup>3</sup>, et s'étendant sur les contrées méridionales du continent<sup>4</sup>. Le Nouveau Monde a lui aussi connu l'art rupestre<sup>5</sup>.

Alors que dans le domaine franco-cantabrique l'homme est, à de très rares exceptions, absent de ces tableaux, sa présence domine dans les groupements en scènes sur les fresques du Levant espagnol, de l'Afrique et de l'Amérique. Il était alors tentant de rechercher des contacts, voire des parentés entre ces provinces du grand art rupestre<sup>6</sup>. Toute tentative dans ces directions était vouée à l'échec, aucune généralisation n'est possible et toute idée de parenté doit être écartée, tant est grand le décalage dans le temps comme dans l'espace. Les ressemblances qu'on peut relever ne sont que des faits de convergence.

La diversité des styles, aussi bien que les caractères intrinsèques des figurations s'opposent aussi à tout rapprochement. On est en présence de mondes différents ayant évolué isolément; ayant crée et développé sur place leurs modes d'expression artistique. Le caractère naturaliste, respectueux de la forme humaine, des peintures africaines contraste avec les figures de l'Espagne Orientale, débordant de vie et d'action il est vrai, atteignant ainsi une sorte d'impressionisme glissant jusqu'à la stylisation de certaines parties du corps, quand elles ne sont pas appliquées à une activité intéressant l'action.

Pour aussi différent qu'apparaît l'art rupestre européen et africain, reflet de la diversité des ethnies, du milieu physique, des contacts avec l'extérieur, il offre cependant une unité réelle que manifeste une volonté commune de conserver, en les matérialisant par la gravure et la peinture, le souvenir de certains moments de l'histoire de très anciennes sociétés qui depuis les dernières étapes du Leptolithique jusqu'aux derniers siècles du deuxième millénaire avant notre ère sont encore «préhistoriques».

Alors que ces générations lointaines n'ont laissé, à l'exception de leurs industries, que bien peu de témoignages dont nous puissions tirer parti, les documents apportés par l'art rupestre laissent entrevoir certains aspects du comportement de ces hommes devant le mystère des choses et de la vie, dans un monde aux périls innombrables qui les menacent, maladie, naissance, mort, animaux et hommes ennemis. Sur ces parois rocheuses, tout un monde de guerriers, de chasseurs, de bouviers, d'aventuriers, ressuscite, saisi dans le vif de l'action, tantôt en quête de gibiers ou au combat, tantôt occupés aux besognes domestiques comme dans l'intimité de la vie familiale. Les découvertes de pointes de flèches, d'outillages de pierre et d'os, de tessons de poterie péçisaient déjà l'occupation par les hommes des vallées et des montagnes entre l'Atlas et le Sahara pendant le Néolithique. La découverte des peintures rupestres allait ressusciter la vie d'un Sahara, bien différent du désert qu'il est devenu aujourd'hui. La présence sur les fresques de Jabbaren (Tassili) d'animaux vivant encore de nos jours dans la savane africaine, celle à Aouanrhet d'hippopotames, poursuivis par des chasseurs montés sur une pirogue, permet la reconstitution

du paysage que parcourent chasseurs et pasteurs de boeufs. Sous l'action d'un climat très humide, de vastes étendues se couvraient de riches paturages, indispensables à la vie des bêtes de chasse et des troupeaux de bovidés<sup>8</sup>.

Pour si rares que soient les enseignements donnés à ce sujet par les peintures du Sud-Est de l'Afrique, quelques menus détails relevés sur certaines d'entre elles ne sont pas sans laisser entrevoir une partie du cadre naturel. Les femmes captives d'Elephant Bastion, Richard Wagner save cite, portent toutes un long bâton<sup>9</sup>, et les jeunes filles conduites par une duègne de Tsisab Ravine<sup>10</sup> ont une pierre plate possée en équilibre sur la tête. On peut en déduire des déplacements dans un paysage rude, au sol rocailleux, où la marche difficile nécessite l'utilisation d'un appui. La végétation est rare, *Aloes dichotomus*, *Acacia cafra*, à Tsisab Ravine<sup>11</sup>, buissons fréquentés par les serpents, contre lesquels les indigènes du Basoutoland se protègent encore de nos jours avec cette même palette de pierre. Un autre indice de la sécheresse du climat est donné par la présence dans l'équipement de la «boite à eau»<sup>12</sup>.

Dans cet environnement, revit sous nos yeux toute une humanité représentée dans la variété de ses acoutrements, expression de la diversité ethnique.

Les peintres de l'Espagne Orientale se sont avant tout attachés à rendre l'expression du mouvement. Chasseurs et archers n'ont aucune personnalité. Seule leur vêtture leur confère une originalité. Le cuir y joue un grand rôle: culottes ou salopettes de peau des archeis d'Els Secans, jupes-cloches des dames de Cogul, à la poitrine nue<sup>13</sup>, mode qui, des millénaires plus tard, pénétrera au Tassili avec, au XIII<sup>e</sup> siècle avant notre ère, l'invasion des Peuples de la Mer<sup>14</sup>.

Dans ces sociétés de chasseurs la parure est l'apanage de l'homme. Guerriers, chasseurs portent des ceintures de franges, des jarretières, parfois fixées à un seul genou, des bracelets d'avant-bras, et de coude, des ornements de tête faits de plumes, de coquillages et de dents, des bonnets flanqués d'appendices dressés pareils à des oreilles d'animaux, des anneaux en forme de couronnes. Dans l'armement, on trouve l'arc à simple ou triple courbure. Dans un environnement semblable, menant la même existence dépendante

de la chasse et de la cueillette, les rares figures des chasseurs postpaléolithique de l'Amérique du Sud ont laissé d'eux-mêmes une image présentant une ressemblance extraordinaire avec celles de l'Espagne Orientale <sup>15</sup>.

Ces peintures, source importante pour tenter de pénétrer plus avant dans la société des chasseurs paléo et postpaléolithiques, n'apportent cependant pas de précisions sur leurs caractères ethniques, tant est impersonnelle et conventionnelle la représentation de l'homme; il en est autrement de l'art rupestre africain qui a laissé des images distinctes des divers peuples ayant occupé le Sud-Oranais, le Sahara et le Sud du continent. Les personnages tendent à se personnaliser, les types anthropologiques s'accroissent et une précision de plus en plus minutieuse s'attache à reproduire les détails du costume, comme de l'équipement et de l'armement.

Les plus anciennes figures humaines au Tassili font connaître de petits personnages à têtes rondes hypertrophiées au sommet de laquelle peuvent se dresser cornes ou plumes, vêtus d'un pagne aux extrémités retombantes. Leur armement est le plus souvent réduit à un bâton, mais il connaît aussi l'arc et une grande lance. A quelque étage qu'appartiennent ces figures, le pagne demeure l'élément principal du costume du chasseur comme du bouvier. Sa nature et sa forme varient: simple morceau d'étoffe enroulé autour des hanches; résille juponnant autour de la ceinture et des cuisses dont elle laisse les formes visibles <sup>16</sup>; étoffe portant un décor géométrique et collant au corps <sup>17</sup>.

Un soin particulier s'attache chez les pasteurs de boeufs à la coiffure de l'homme, sorte de casque de cheveux, à calotte arrondie enveloppant le crâne et disposée en forme de «cimier» dressé au-dessus du front <sup>18</sup>; Dans la vie du groupe, l'élaboration de la coiffure apparaît comme une opération assez importante pour être l'objet d'une représentation sur l'une des peintures de Uan Amil <sup>19</sup> où, parmi des scènes consacrées à la figuration des besognes journalières, on trouve une «séance chez le coiffeur». Un homme assis les jambes croisées, saisit à pleines mains la longue mèche blonde pendant du sommet du front d'un deuxième personnage agenouillé devant lui, la tête penchée en avant, et se prépare à édifier le «cimier». A terre, entre eux, est posé un petit vase ayant



pu contenir une teinture ou, plus vraisemblablement, le fixatif nécessaire à pareil échaffaudage capillaire.

Le visage est glabre; rarement une petite barbiche effilée pointe du menton <sup>20</sup>.

Autant le costume de l'homme est sobre de parure, même celui des chasseurs <sup>21</sup>, autant celui de la femme comporte un luxe de détails. Parée pour la danse, la «Dame Blanche du Sahara» (Aouanrhet) <sup>22</sup>, les épaules, le torse, le ventre et les mollets décorés de bandes de punctuations parallèles, peintures corporelles ou scarifications, porte, fixés aux avant-bras, aux poignets, des brassards maintenant d'amples retombées de fines lanières de fibres ou de peau. Ce même ornement reparaît à la ceinture. Les mains sont dissimulées sous des manchons attachés au poignet et terminés par de longues lanières, détail qui je retrouve, à la fin de la période des «Têtes rondes», dans la parure de l'«Antinea» de Jabbaren <sup>23</sup>. Les coiffures ne sont pas moins curieuses: bonnet de la «Dame Blanche» flanqué de deux cornes paraissant se détacher sur une corbeille remplie de grains <sup>24</sup>; bonnet d'Antinea en forme de casque à très haut cimier, dont les franges retombent jusque sur les épaules, Hommes et femmes peuvent aussi porter le masque, tantôt stylisé à l'africaine <sup>25</sup>, tantôt emprunté au règne animal <sup>26</sup>, et ce détail comme le soin apporté à détailler la parure, confère à ces costumes un caractère nettement cérémoniel. Longue tunique sans manches, descendant aux chevilles et portant un décor géométrique <sup>27</sup>, tunique des jeunes filles peuls de Jabbaren <sup>28</sup>, coiffure en «cimier» ou en «pain de sucre», ou bien encore disposée en mèches parallèles violemment rejetées en arrière <sup>29</sup>, laissent entrevoir certains aspects de la mode féminine à la fin de l'époque bovidienne. Une des femmes de Ti-n-Lalan <sup>30</sup> est richement parée de bracelets au coude et au poignet et d'un collier d'où retombent sur la poitrine deux larges bandes fixées par un coulant.

La grande variété des peintures sahariennes, soumises à des influences extérieures, offrent une esquisse du tableau de la composition ethnique du Sahara préhistorique où figurent négroïdes, europoïdes et nilo camitiques <sup>31</sup>. Avec encore plus de précisions, les processions, cortèges et défilés qui se déroulent sur les roches de l'Afrique Australe, accusent le mélange des races <sup>32</sup>.

Sur les nombreuses roches des provinces du Sud-East Afrika, on relève fréquemment la présence de personnages marchant en files, convois de femmes <sup>33</sup> et d'hommes captifs <sup>34</sup>, cortège de jeunes filles menées par une duègne <sup>35</sup>, bande de guerriers défilant sur deux rangs <sup>36</sup>, mettant sous nos yeux comme le panorama de la très ancienne ethnographie de ces territoires.

D'un côté, ce sont des individus de petite taille (Boschimans) ou de haute stature (Bantous); de l'autre, des hommes et des femmes grands, au corps élancé, le buste porté par des membres inférieurs longs et grêles, à face orthognhate (Nilotiques) <sup>37</sup>, d'autres encore de type nettement européen. Les premiers groupes représentent les indigènes; les seconds des étrangers.

Déjà fortement personnalisées par leurs caractères anthropologiques, ces ethnies se différencient aussi par leurs modes vestimentaires, le choix de leurs armes et celui des objets qu'ils sont appelés à utiliser.

Le vêtement des indigènes est essentiellement le pagne, morceau d'étoffe retombant en arrière à la façon d'une queue, parfois à décor perlé et franges de cuir ou de peau; soutien-gorge des jeunes «girls» de Tsisab Ravine <sup>38</sup>. Chez les femmes, la stéatopygie est assez fréquente. La chevelure, souvent assez courte, peut être disposée en «pain de sucre» avec une certaine recherche dans l'ornement.

Les étrangers sont légèrement vêtus d'une tunique frangée dans le bas qu'une ceinture peut serrer à la taille, ou d'une sorte de maillot à manches courtes et rayures horizontales. Un long vêtement descend des épaules. Ils sont chaussés de sandales ou de souliers et portent aux jambes des sortes de molletières, serrées aux jarrets et aux chevilles. Ils sont coiffés d'un bonnet ou d'un casque, peut-être en fibres, retombant jusqu'aux épaules, avec garde-joues, aigrettes et plusmes d'autruche au cimier. De la visière retombe quelquefois un voile protégeant le visage. La chevelure, jaune ou rousse, coupée sur le front et les tempes, descend en arrière comme celle des Apollons archaïques.

Si l'armement, comme celui des indigènes donne la prépondérance à l'arc et à la flèche, l'épée, la dague et le couteau y figurent également. Dans l'équipement, on relève de longues

enseignes, couronnées d'un panache de plumes d'autruche, le carquois, la «boîte à eau» et des instruments de musique: une petite trompette à pavillon recourbé, entre celui-ci et l'embouchure s'intercalent des résonateurs ovoïdes destinés à régler le ton, comparable à la *phorbeia* et ressemblant à l'*aulos* des Grecs; l'arc musical et son résonateur et le «bull-roarer», usité dans toute l'Afrique <sup>41</sup>.

L'image que le peintre rhodésien a laissée de la «Dame Blanche» du Brandberg <sup>41</sup> ne laisse subsister aucun doute sur le caractère européen, plutôt grec que crétois, de cette jeune femme aux seins naissants, rejetés sur les côtés, ses formes étroitement moulées dans une sorte de maillot, une ceinture barrant la taille. Le visage aux traits délicats s'encadre dans une mentonnière blanche remontant vers l'oreille. La chevelure, brune ou rouge foncé, retombe en arrière comme coupée «à la page». Un rang de perles partant de l'oreille laisse bouffer une touffe de cheveux au sommet de la tête. Elle s'avance d'un mouvement vif et léger, un arc tendu d'une flèche dardée vers le sol dans la main gauche, une grosse fleur caliciforme maintenue par la tige à la hauteur du visage dans l'autre main. La jeune femme est le principal acteur d'une procession où figurent d'autres personnages de caractère européen associés à des indigènes, dont une femme stéatopyge, aux seins piriformes, une petite queue postiche battant en arrière qui, par son allure et son style est à rapprocher des jeunes musiciennes de Tsisab Ravine.

Brisant le cadre anecdotique où s'enfermaient les images rupestres de l'Espagne Orientale, sur lesquelles les thèmes de combats et de chasses occupent le devant de la scène, les fresques africaines amènent aux marges de l'histoire par les contacts qu'elles laissent entrevoir du continent noir avec les hautes civilisations de la Méditerranée, de l'Égypte et du Proche Orient.

Dans l'incertitude qui pèse encore sur l'origine des Noirs, autant que sur l'époque de leur arrivée en Afrique, les peintures anciennes du Sahara apportent une documentation nouvelle. Dans le style des «Têtes rondes», au Tassili, la présence du masque, de peintures ou de scarifications corporelles, les ressemblances qu'on peut établir avec la statuaire moderne noire de l'Afrique Occidentale sont autant de témoins en faveur de l'expansion, aux temps de la préhistoire du domaine des Noirs remontant alors beaucoup

plus au Nord de la zone qu'ils occupent aujourd'hui<sup>42</sup>. Sur ces peintures, à un moment qu'on peut situer environ 3.000 avant notre ère, apparaissent dans la faune les images de troupeaux de grands bovidés placés sous la surveillance de bouviers appartenent à un type anthropologique différent. Ces nouveaux venus avaient été précédés sur ces territoires par une vague de pasteurs de petit bétail, moutons à queue courte et chèvres. L'interprétation de certains sujets représentés sur les roches sahariennes<sup>43</sup> tend à prouver que ces bouviers avaient eu, antérieurement à leur arrivée au Sahara, des rapports avec la civilisation de l'Égypte et que vraisemblablement ils sont venus de l'Est. Par les caractères somatiques, les modes vestimentaires et leur coiffure, les bouviers tassiliens et libyens — des roux plus que des noirs — se rapprochent étroitement des Peuls, comme eux éleveurs de bétail, installés de nos jours au milieu des populations noires de Guinée. Ces peintures apporteraient-elles un élément nouveau au problème non encore résolu de l'origine des Peuls? Sans doute des méditerranéens, chassés de leurs territoires par la dessiccation du climat, ayant pris la direction du Sud en quête des riches pâturages de la région des Grands Lacs<sup>44</sup>. Au cours de cet exode, des groupes de ces populations, du type de Ti-n-Lalan, seraient descendus jusqu'aux extrémités méridionales du continent africain<sup>45</sup>. Or, on retrouve ce même type anthropologique, aux traits purs, non négroïdes, chez les populations du Haut Nil d'où part une très vieille route de commerce prolongée par des pistes à l'Ouest de la région des Grands Lacs et menant jusqu'en Rhodésie. Il peut paraître étrange que, sur ces roches où apparaissent les images de ces éleveurs de bétail, on ne rencontre pas de représentations d'animaux domestiques, absence qu'on peut expliquer soit par la perte des troupeaux au cours de l'exode, soit qu'en ce temps ces groupes ignoraient encore la domestication.

Le chemin partant de l'Égypte ou de la Nubie, s'il paraît avoir joué un très grand rôle dans l'immigration des étrangers au Sud-East Afrika et Rhodésie, n'est cependant pas la seule route de pénétration possible. Un autre chemin par le versant occidental, par delà le désert de Kalahari, au plus près de l'Atlantique, mène vers le Brandberg et l'Erongo.

Au long de ces routes ont cheminé, probablement par petits groupes, à un rythme impossible à déterminer, Méditerranéens, Crétois ou Grecs, Sémites coiffés de bonnets babyloniens ou phrygiens, trafiquants, prospecteurs en quête de métaux, étain, cuivre, or, de pierres fines, de bois précieux, peut-être de végétaux inconnus d'eux<sup>46</sup>. Quelque puisse être la part d'hypothèse dans ces essais d'interprétation, un fait certain est acquis; en des temps antérieurs aux navigations des flottes du roi Salomon (1092-975) et des Phéniciens vers le pays d'Ophir, des Européens et des Sémites sont arrivées en Afrique Australe et y ont séjourné. On les reconte dans des régions aussi écartées que le Jamalarand et la Rhodésie du Sud.

La rareté des scènes de combat sur les roches peut être interprétée comme l'existence de bons rapports entre indigènes et étrangers. Le contact fut parfois assez rude se traduisant par le rapt des femmes<sup>47</sup> et le convoi de prisonniers, encadrés par des archers étrangers<sup>48</sup>. Le groupe des peintures Brandberg — Erongo fait connaître aussi la formation d'un élément métissé qui aurait assuré sa domination et qui, lors du dessèchement du Damalaland aurait émigré vers le Sud-Est. Ce ne sont pas là des faits de caractère exceptionnel et on est en droit d'attendre des précisions nouvelles sur les contacts entre les trois continents<sup>49</sup>.

Qu'il s'agisse de l'Ancien ou du Nouveau Monde, ses tableaux surchargés, comme des palimpsestes, d'images superposées, expressions d'une volonté de matérialiser par l'image le souvenir d'événements importants ayant marqué un moment de la vie du groupe, reflètent les bouleversements apportés par les changements de civilisation dans les modes d'existence des peuples pré et protohistoriques.

Alors que dans le milieu, encore paléolithique, du Levant espagnol la guerre, étroitement délimitée dans un cadre spatial et temporel, se présente sous les aspects d'une religion, d'un art, d'un jeu, la peinture commémorant le combat pour le combat<sup>50</sup>, au Sahara et en Afrique australe, au caractère sacré fait place l'expression d'affrontements de caractère autrement réaliste: bouviers contre valeurs de bétail réglements entre indigènes et étrangers.

La chasse <sup>51</sup>, d'où dépend si étroitement la vie de l'homme paléolithique sera pendant des millénaires l'activité primordiale, scènes de poursuites, de battues <sup>52</sup>, de traques des gibiers, révèlent chez ces hommes une science peu commune des moeurs des animaux. Elles sont aussi le reflet de la hantise tragique de la faim qui les tenaille et qui conduira à commémorer par l'image la découverte d'un nid d'abeilles sauvages et la récolte de leur miel (La Araña, Espagne Orientale).

La relative raréfaction des scènes de chasse à un certain moment traduit les changements de modes de vie apportés par de nouveaux arrivants. En Europe Occidentale, pêcheurs, collecteurs d'escargots ou de coquillages, pasteurs et agriculteurs néolithiques, ont d'autres préoccupations bien différentes et les rapports de l'homme avec l'univers qui l'entoure sont bouleversés. Des thèmes nouveaux apparaissent, scènes de mariage et de funérailles en Estrémadoure, et pour retrouver les images de la chasse et de la guerre, il faut descendre sur le continent africain, mais tout caractère religieux ou magique disparaît de ces tableaux. Les figures de caractère zoomorphe en effet sont rares.

Des temps nouveaux sont venus. Les hommes, en possession d'animaux domestiques qui leur procurent des ressources alimentaires mieux assurées, n'attachent plus autant d'importance à la chasse. Dans la poursuite et l'attaque des gibiers, ils disposent, avec le chien, d'un précieux auxiliaire <sup>53</sup>.

Si les hommes ont cessé de s'affronter dans des joutes sanglantes de caractère rituel, la présence d'un grand nombre d'archers qui, loin de là, ne sont pas tous des chasseurs, met en évidence l'état d'insécurité, quasi quotidien, régnant au sein de ces groupes. La garde des troupeaux se fait sous la protection de bouviers armés qu'on voit intervenir avec violence contre les voleurs de bétail <sup>54</sup>. Les rapports sociaux ne sont pas moins rudes: rapt d'une femme entraînée brutalement par deux hommes vers une cabane <sup>55</sup>; affrontement de deux hommes au bâton de jet <sup>56</sup>.

Le rythme des jours est scandé dans la société bovidienne par des besognes pastorales. C'est d'abord la surveillance des troupeaux par des hommes bien découplés et adaptés à la vie nomade <sup>57</sup>.

Une peinture de Teshuinat II<sup>8</sup>, par la précision des détails qu'elle apporte, indique que dès le milieu de la période bovidienne — en viron 5.952 avant notre ère — les bouviers sharariens avaient acquis une connaissance pratique de l'économie pastorale: sélection des espèces<sup>59</sup> (présence du *Bos brachiceros* et du *Bos macroceros* aux cornes encroissant de lune), vaches aux lourdes mamelles témoignant d'une utilisation rationnelle des pâturages. Observateurs attentifs, ils ont remarqué que la présence du veau près de sa mère, au moment de la traite, augmentait par un réflexe conditionnel la sécrétion du lait. De la présence de grands récipients près d'une enceinte, on peut déduire une connaissance de la diversité de l'utilisation des produits laitiers. Avant l'introduction du cheval au Sahara, à l'époque cabaline, le boeuf a servi de monture. Si l'élevage reste la source principale de l'alimentation, une image comme celle de la femme travaillant dans un champ implique la connaissance d'une agriculture rudimentaire<sup>60</sup>.

Lorsqu'on aborde l'examen des documents se rapportant à la vie tribale et domestique, on constate une certaine concordance dans le choix des thèmes, tant les conditions d'existence des peuples préhistoriques obéissent aux mêmes préoccupations dans l'espace. La danse avec accompagnements de battements de mains ou d'instruments de musique et costumes cérémoniels, joue un rôle important: Danses d'Alpera, de Cogul (Espagne Orientale) avec de grands danseurs à la tête chargée de plumes tenant d'une main trois flèches la pointe dirigée vers le bas et de l'autre l'extrémité d'un arc bandé<sup>61</sup>; danse des chasseurs de Uadi EKKi (Livye), porteurs de queues postiches, de cornes bouletées au sommet de la tête, l'un d'eux brandissant un ornement en forme de feuille lancéolée<sup>62</sup>; danse des petits diabolins du Tassili<sup>63</sup>; acrobates d'Acrobats Shelter<sup>64</sup>; parade des «girls» muscienne de Tsisab Ravine (désert du Sud-Ouest africain)<sup>65</sup>; ballet cérémoniel de la «White Lady» du Brandberg<sup>66</sup>.

A certains actes de la vie quotidienne semble s'attacher une réelle importance puis qu'on a voulu les commémorer par l'image: préparation de la coiffure chez l'homme<sup>67</sup>, revêtement de la robe chez la femme<sup>68</sup>.

Rarement apparent sur les roches de l'Afrique australe, l'acte sexuel prend, au Sahara, un caractère de religiosité, emploi du masque et accompagnement de sacrifices <sup>69</sup>.

En Afrique australe, les peintures rupestres décèlent la présence d'un élément mystique qui fait défaut dans le Levant espagnol et cela est peut-être du à une influence pré-dynastique ou plus tardive s'exerçant sur le bord méridional de l'Afrique, principalement en Rhodésie. Ce sentiment s'exprime par des actes d'adoration et d'hommage <sup>71</sup>. Des contacts s'établissent avec le monde des esprits qu'évoque le sorcier en transes, la tête rejetée en arrière, les pieds armés de cinq longues griffes, tenant dans la main gauche un arc musical et un sistre dans l'autre main <sup>71 bis</sup>. Ces hommes ont aussi tenté l'explication du mystère de leur propre disparition. Au Skeleton Shelter <sup>72</sup>, la Mort est personnifiée par un squelette, flanqué d'esprits infernaux représentés aussi par des squelettes. Le ballet de la «White Lady» avec son cortège d'hommes squelettes, crocodiles <sup>76</sup> comme l'homme caméléon de Aigub-Rock <sup>74</sup>, implique l'existence d'un rituel où le masque joue un rôle important se déroulant dans un lieu sacré dont l'isolement dans la ravine suggère en effet, l'existence d'un sanctuaire <sup>73</sup>. Au Tassili, le destin de l'homme après sa mort pourrait avoir été traduit par une peinture d'Aounharet <sup>76</sup>, qui cependant reste énigmatique: femme soutenant un homme sur l'eau et personnage masculin émergeant d'un ovoïde à cercles concentriques. La présence de cet ensemble dans un contexte à influence égyptienne pourrait rattacher ces figurations à la navigation du mort vers les régions de l'Au-Delà. Ainsi la croyance de l'époque pharaonique pourrait avoir une source dans le passé préhistorique saharien. On est tenté de rapprocher aussi la scène d'embaumement sur la peinture de Muhuggiag I, appartenant à la même époque des «Têtes rondes» <sup>77</sup>. Il ne peut s'agir de la déposition du mort dans la tombe, celui-ci étant allongé sur le dos alors que la momie d'enfant du même site reposait dans une position contractée <sup>78</sup>. L'embaumement par dessiccation du cadavre, ou par tout autre procédé artificiel, était donc pratiqué au Sahara à cette époque.

Dans le même temps, au Tassili, surgit sur les parois un monde étrange <sup>79</sup>: hommes munis de cornes ou de têtes zoomorphes, person-



nages divins de taille gigantesque, dieu «martien» de Jabarren, grand lieu du Sefar, animaux fantastiques ou composites au dos festonné, poissons pourvus de pattes, images qui font directement penser aux conceptions de l'animisme des Noirs et apportent un argument sérieux sur l'attribution de l'art des «Têtes rondes», à des populations négroïdes. Les figures de la «Dame Blanche du Sahara» avec sa corbeille chargée de grains, le grand dieu de Sefar qui semble présider à un accouchement et qu'implore une procession de femmes sont à mettre en rapport avec un culte de la fécondité, ayant pour sanctuaires les grands abris à peintures où la découverte de charbons de bois pourrait suggérer le déroulement de cérémonies nocturnes ou de sacrifices <sup>80</sup>.

Aux rapports de l'homme et de l'animal s'attache peut-être un caractère magique. On les trouve souvent associés à des femmes, les bras levés en un acte d'imploration ou d'adoration.

En même temps qu'ils écrivaient en images les épisodes marquants de leur très ancienne histoire, les imagiers préhistoriques — cette fois pour la joie de peindre — ont évoqué l'intimité de la vie domestique, les besognes journalières, les rapports entre les individus. L'homme subissant partout la contrainte des mêmes besoins matériels, obéissant aux mêmes sentiments, aux mêmes impulsions, les thèmes qui les traduisent se retrouvent identiques dans la diversité de leur expression dans les sociétés préhistoriques: aux hommes incombent les tâches assurant la vie du foyer, la garde du bétail <sup>81</sup>. On les voit, une hache à la main, prêts à fendre le bois ou préparant une flèche <sup>82</sup>. La femme s'affaire auprès de ses marmites, les enfants dorment sous une couverture (Tassili). A Minateda (Espagne), une femme promène son enfant. Les palabres tiennent une grande place dans la vie, dans une hutte (Tassili), auprès d'un feu en plein air (Espagne) <sup>83</sup>. Des «cours d'amour» sont évoquées à Minateda comme à Tsisab Ravine <sup>84</sup>; au Tassili, comme en Afrique australe, on assiste à une dispute de famille <sup>85</sup>.

Des tableaux, tels ceux de l'homme et de la femme assis de Sefar <sup>86</sup>, d'une qualité artistique exceptionnelle, apporteraient, s'il était nécessaire, la preuve que ces peintures ont aussi oeuvré uniquement pour leur propre satisfaction et pratiqué «l'art pour l'art».

## Bibliographie

- <sup>1</sup> P. BOSCH GIMPERA — *L'Amérique avant Christophe Colomb*. Traduction française de Raymond Lantier. Paris, Payot, 1967.
- <sup>2</sup> HENRI BREUIL — *Quatre cents siècles d'art pariétal. Les cavernes ornées de l'Age du Renne*. Montignac-sur-Vézère, 1952; — *L'Occident patrie du grand art supestre*, dans *Mélanges Charles Picard*, pp. 101-113; — R. Lantier, *L'art préhistorique*, Paris, 1961; — Paolo Graziosi, *L'arte dell'antica età della Pietra*, Firenze, s. d.
- <sup>3</sup> HENRI LHOTE — *L'arte rupestre dell'Africa Minore e del Sahara*, dans H. G. Bandi, *Eta della Pietra*, t. II, Milan, 1960; — *Peintures préhistoriques du Sahara, Mission H. Lhote au Tassili*. Paris, 1957 (non paginé). Fabrizio Mori, *Tadrart Acacus. Arte rupestre e cultura del Sahara prehistorico*, Turin.
- <sup>4</sup> ABBÉ, HENRI BREUIL — *The White Lady of the Brandberg*, with the collaboration of Mary Boyle and Dr. E. R. Scher. Published for the Abbé Breuil Trust. Londres, 1955; — *Philipp Cave. The Rock Painting of Southern Afrika*, vol. II, Londres, 1957; — *The Tsisab Ravine and other Brandberg Site*. Même collection, t. III. Paris, The Calouste Gulbenkian Foundation, Throughs Traianon Press, 1959.
- <sup>5</sup> P. BOSCH GIMPERA — *L'art rupestre américain*, dans *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 1962, pp. 261-173.
- <sup>6</sup> H. BREUIL et R. LANTIER — *Les Hommes de la Pierre Ancienne*, pp. 243-257. — Martin Almagro, *Arte prehistorico. Arte rupestre del Levante español*, dans *Ars Hispaniae. Historia Universal del Arte hispanico*, t. I, pp. 65-89. — *Viking Publication in Anthropology*, number thirity-nine. *Prehistoric Art of the Western Mediterranean and the Sahara*, edited by Luis Pericot Garcia and Eduardo Ripoll Perello. Wenner Gren Foundation for Anthropological Research, 1964.
- <sup>7</sup> Sur les problèmes de chronologie, voir: H. Lhote, *Le problème de la datation des peintures rupestres en Espagne et en Afrique*, dans *IPEK*, t. 20, 1960-1963, pp. 62-71 — H. Breuil, *Philipp Cave*, pp. 5-7; *L'Anthropologie*, t. 60, 1956, pp. 155-157 — F. Mori, *Tadrart Acacus*, pp. 51-56.
- <sup>8</sup> R. LANTIER — *Pasages abolis*, dans *Revue anthropologique*, 1968, pp. 50-56, H. Lhote, *Peintures phéhistoriques du Sahara*.
- <sup>9</sup> H. BREUIL — *Philipp Cave*, pl. XI.
- <sup>10</sup> Du Même; *Tsisab Ravine*, pl. I.
- <sup>11</sup> *Ibid.*, pl. XII & fig. 23. Sur les représentations de fleurs voir: Du Même, *White Lady*, pl. V, VIII, XIII.
- <sup>12</sup> Boite à eau de Richard Wagner Cave (Du Même, *Philipp Cave*, pl. XIII.

- <sup>13</sup> Voir.: H. BREUIL et R. LANTER — *Les Hommes de la Pierre anciens*, 2<sup>e</sup> éd., p. 111. — J. B. Porcar, *Impresiones sobre el arte rupestre existente en el Maestrazgo*, dans *Prehistoric Art of the Western Mediterranean and the Sahara*, pp. 159-166.
- <sup>14</sup> H. LHOÏE — *IPEK*, t. 20, 1960-1963, p. 69.
- <sup>15</sup> P. BOSCH GIMPERA — *L'Amérique avant Christophe Colomb*, fig. 209 et p. 76. Le chasseur, armé d'un arc et de flèches, de la caverne de la Quebrada à Sirantur (Chili), porte autour de la taille les mêmes ornements de franges de cuir ou de fibres que les chasseurs représentés sur les roches peintes du Maestrazgo et montre la même exagération dans le rendu des membres inférieurs. Voir: J. B. Porcar, *op. cit.*, fig. I.
- <sup>16</sup> Chasseur de Uan Amil I. F. Mori, *op. cit.*, fig. 95 & p. 129.
- <sup>17</sup> UAN AMIL I. — *Ibid.*, fig. 87.
- <sup>18</sup> UAN AMIL I. — *Ibid.*, figs. 85 & 86. — Teshuinat, *ibid.*, fig. 132; — Jabbaren. H. Lhote, *Peintures préhistoriques du Sahara*.
- <sup>19</sup> F. MORI — *op. cit.*, fig. 86 & p. 126.
- <sup>20</sup> *Ibid.*, fig. 108 & 133.
- <sup>21</sup> Simple fait de convergence, on relève des analogies dans la parure des chasseurs du Sahara et du Levant espagnol. Les chasseurs qui, à Ouadi Ekki I (F. Mori, *op. cit.*, figs. 103-105) portent, comme au Tassili, des brassards aux avant-bras et des ceintures d'où retombent des franges et une queue postiche pendant en arrière. D'autres franges encadrent le visage et sur la coiffure de l'un de ces personnages se dressent deux cornes bouletées.
- <sup>22</sup> H. LHOÏE — *IPEK*, t. 20, 1960-1963, fig. 5. — En Libye, à la même période terminale des «Têtes rondes», la femme nue de d'Anshal III (F. Mori, *op. cit.*, fig. 75 & pp. 108-109) porte aussi des peintures cotporelles ou des scarifications sur la poitrine et les hanches, comme la «Négresse» de Sefar (Tassili) (H. Lhote, *IPEK*, t. 20, 1960-1963, fig. 4).
- <sup>23</sup> H. LHOÏE — *Peintures préhistoriques du Sahara* (figure).
- <sup>24</sup> Du Même, *IPEK*, t. 20, fig. 5, 1960-1963.
- <sup>25</sup> Masque de l'homme arqué sur ces jambes d'Aounanreth. H. Lhote, *Peintures préhistoriques du Sahara* (figure). La «Négresse de Sefar est aussi masquée. (H. Lhote, *IPEK*, t. 20, fig. 4, 1960-1963.
- <sup>26</sup> TI-N-LALAN, F. MORI — *Op. cit.*, figs 70 71. Masques de canidé et de lion. Masque d'animal au museau pointu. *Ibid.*, fig. 38.
- <sup>27</sup> UAN AMIL I. — *Ibid.*, fig. 87.
- <sup>28</sup> H. LHOÏE — *Peintures préhistoriques du Sahara* (figure).
- <sup>29</sup> TI-N-LALAN, F. MORI — *Op. cit.*, fig. 78 & p. 70.
- <sup>30</sup> *Ibid.*
- <sup>31</sup> *Ibid.*, pp. 51-56, 241. Parmi bien d'autres: la «Négresse» de Sefar; au faciès négroïde et masque de type africain (phase des têtes rondes). — Profil au nez droit, d'«Antinéa» et de l'homme de Teshuinat V, dont la ligne frontale est continuée el nez, de type nettement méditerranée por n. *Ibid.*, fig. 122 et p. 152.

- <sup>22</sup> H. BREUIL — *Influence des peuples de civilisation classique dans les peintures rupestres de l'Afrique australe*, dans *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 1947, pp. 615-617. Voir aussi les ouvrages du même auteur cités dans la note 4.
- <sup>23</sup> Du Même, *Philipp Cave*, pl. XXIV, et pp. 15-16.
- <sup>34</sup> *Ibid.*, p. XII et p. 12.
- <sup>33</sup> H. BREUIL — *Tsisab Ravine*, pl. I et pp. 12-13.
- <sup>36</sup> Du Même, *Philipp Cave*, pl. XII.
- <sup>37</sup> Le «Pharaon» de Philipp Cave, aux cheveux coupés «à la page», quatre petites mèches dressées au sommet de la tête. (*Ibid.*, pl. IV et p. 10).
- <sup>38</sup> Du Même, *Tsisab Ravine*, pl. I et pp. 12-13.
- <sup>39</sup> *Ibid.*
- <sup>40</sup> Du Même, *White Lady*, p. 30.
- <sup>41</sup> *Ibid.*, pp. 4-31.
- <sup>42</sup> H. LHOTE — *IPEK*, t. 20, 1960-1968, p. 67.
- <sup>43</sup> Barque égyptienne avec insigne des nomes à la proue — les quatre déesses protectrices à têtes d'oiseaux — scène d'offrande — visage de femmes aux traits non négroïdes rappelant ceux des populations du Haut Nil — jeunes filles Peuls (Jabbaren). (H. Lhote, *Peintures préhistoriques du Sahara*). En Libye, méditerranéens du type de Uan Amil, nilocamitiques, type de Ti-n-Anneuïn et de Ti-n-Lalan F. Mori, *op. cit.*, pp. 51-56).
- <sup>44</sup> A. C. BLANC — *Sur le facteur fondamental des mouvements des cultures préhistoriques et protohistoriques en Afrique du Nord: la fuite du désert*, dans *Prehistoric art of the Western Mediterranean and Sahara*, pp. 179-184.
- <sup>45</sup> F. MORI — (*Op. cit.*, p. 24), faisant état de la date donnée par le C 14 pour la phase récente des Bovidiens, 2.810 avant notre ère, établit un parallèle suggérant que ces dernières peintures pourraient être attribuées à des groupes anthropologiques longilignes (type de Ti-n-Lalan) descendus jusqu'aux extrémités du continent africain. Sur les représentations de Nilotiques, voir note 37.
- <sup>46</sup> H. BREUIL — *White Lady*, p. 15.
- <sup>47</sup> Du Même, *Philipp Cave*, pl. XXIV, pp. 15-16.
- <sup>48</sup> *Ibid.*, pl. XI et p. 12 — Sur ces rapports, voir: R. Lantier, *L'art préhistorique*, pp. 75-76.
- <sup>49</sup> *Le Monde*, 22 Juillet. Dans le Nord du Fahnoun, M. Henri Lhote vient de découvrir neuf bétyles, placés sur deux rangs et orientés Nord-Est, nouveau témoin de contacts ou d'influences du Proche-Orient au Sahara.
- <sup>50</sup> R. LANTIER — *Camera et peintures rupestres du Levant espagnol*, dans *Mélanges d'archéologie et d'histoire offerts à M. André Piganiol*, t. II, pp. 677-681.
- <sup>51</sup> I. W. CORNWALL — *Prehistoric Animals and their Hunters*, Londres, 1968, R. LANTIER, *La vie préhistorique*, pp. 100-112, 1968.

- <sup>52</sup> Au sujet des grandes battues de cervidés, j'avais suggéré (*La vie préhistorique*, p. 103) une comparaison avec la scène d'encerclement d'une harde de caribous par les chasseurs dans le film «L'ennemi silencieux». Une peinture rupestre du Rio de las Pinturas (Patagonie, zone militaire de Comodara Rivadavia), sur laquelle des chasseurs encerclent une bande de guanacos confirme ce qui n'était qu'une hypothèse. (P. Bosch Gimpera, *L'Amérique avant Christophe Colomb*, fig. 12; — fig. 13, chasseurs rameutant un groupe de guanacos). Les Paléolithiques ont utilisé ce procédé de traque des gibiers.
- <sup>53</sup> F. MORI — *Op. cit.*, figs. 102-103. Chasse au moufflon avec chiens de In Ehed.
- <sup>54</sup> H. LHOÏE — *Peintures préhistoriques du Sahara*.
- <sup>55</sup> UAN AMIL, I. F. MORI — *Op. cit.*, fig. 88.
- <sup>56</sup> TESHUINAT, I. — *Ibid.*, fig. 83.
- <sup>57</sup> UADI KASSAN, I. — *Ibid.*, fig. 85 — Ti-n-Lalan, *ibid.*, figs. 122-123.
- <sup>58</sup> *Ibid.*, fig. 105 et p. 139.
- <sup>59</sup> UAN AMIL III — Peut-être les figures isolées de taureaux étaient-elles destinées à garder le souvenir d'un animal exceptionnel par ses qualités (*Ibid.*, fig. 103), à moins qu'il ne s'agisse «d'art pour l'art».
- <sup>60</sup> H. LHOÏE — *Peintures préhistoriques du Sahara*.
- <sup>61</sup> R. LANTIER — *La vie préhistorique*, p. 87.
- <sup>62</sup> F. MORI — *Op. cit.*, fig. 71 et pp. 103-104.
- <sup>63</sup> F. LHOÏE — *Op. cit.*
- <sup>64</sup> H. BREUIL — *Tsisab Ravine*, pl. 17.
- <sup>65</sup> *Ibid.*, p. I.
- <sup>66</sup> Du Même, *White Lady*, p. 31.
- <sup>67</sup> UAN AMIL, I. F. MORI — *Op. cit.*, fig. 86.
- <sup>68</sup> UAN AMIL, I. — *Ibid.*, fig. 87.
- <sup>69</sup> *Ibid.*, figs. 38-43 et pp. 69-71, Ti-n-Lalan.
- <sup>70</sup> H. BREUIL — *Tsisab Ravine*, pl. XII et p. 16.
- <sup>71</sup> F. MORI — *Op. cit.*, fig. 79 et pp. 115-116 (Uan Tamauat); fig. 91 (Uan Amil I.) Orant, personnages thériomorphes, barque symbolique de Uan Muhuggiag, *ibid.*, fig. 77 et pp. 112-114.
- <sup>71 bis</sup> H. BREUIL — *Tsisab Ravine*, pl. 58 et p. 33.
- <sup>72</sup> *Ibid.*, pl. 57 et pp. 32-33.
- <sup>73</sup> Du Même, *White Lady*, p. 8.
- <sup>74</sup> Du Même, *Tsisab Ravine*, fig. 85.
- <sup>75</sup> Du Même, *White Lady*, p. 31.
- <sup>76</sup> H. LHOÏE — *Op. cit.*
- <sup>77</sup> F. MORI — *Op. cit.*, figs. 76-77 et p. 100.
- <sup>78</sup> *Ibid.*, pp. 229-231. La momie appartient à une époque plus récente (Bovidien).
- <sup>79</sup> H. LHOÏE — *Op. cit.*
- <sup>80</sup> *Ibid.*
- <sup>81</sup> F. MORI — *Op. cit.*, fig. 122 (Ti-n-Lalan).

- <sup>82</sup> UAN AMIL, I. — *Ibid.*, fig. 86.
- <sup>83</sup> T. ORTEGA FRIES — *Nuevos grupos de arte rupestre en la zona oriental de la Altmeseta Castellana*, dans *Bericht über d. V. International Kongress für Ur und Vorgeschichte, Hamburg 24-30 August 1958*, pp. 622-625 & pl 67-69.
- <sup>84</sup> H. BREUIL — *Tsisab Ravine*, pl. 62 et p. 34.
- <sup>85</sup> *Ibid.*, pl. 14 et p. 47.
- <sup>86</sup> H. LHOÏE — *Op. cit.* — R. LANTIER, *L'art préhistorique*, figs. 112-113.

# Os Congressos de Folclore na Comunidade Luso-Brasileira

POR

Jaime Lopes Dias

Da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Querem muitos que Portugal e o Brasil e o Brasil e Portugal se abracem numa comunidade que emparelhe com a afectividade familiar já existente que encontra o seu fundamento na lareira comum da lusitaniedade.

O Brasil, diz-se, escreve-se e afirma-se a cada hora, na imprensa, nas conversas e nas Academias, é prolongamento de Portugal na língua, nos costumes, no modo de ser humano, e não sei se também nos seus defeitos.

Pois muito bem!

Lançado em 1946, há perto de 25 anos, pelo *Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, em colaboração com o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, a ideia da organização de Congressos Folclóricos Luso-brasileiros, com o propósito de estudar e divulgar o que respeita à base da formação dos dois povos, a formosa iniciativa, não obstante o seu cunho semioficial, e o entusiástico apoio dos etnógrafos e folcloristas dos dois países definiu-se e dorme o conhecido sono dos belos programas, das comissões e do lançamento das primeiras pedras!

Redigiram-se então a *Organização* e o *Regulamento* do *Primeiro Congresso* que deveria realizar-se em Lisboa, em 1948, «com

o fim de promover o desenvolvimento dos estudos folclóricos, estabelecer uma colaboração efectiva entre portugueses e brasileiros, ou estrangeiros interessados no folclore de ambos os países, e criar os órgãos permanentes e necessários para a efectivação dos fins enunciados.

Os trabalhos a apresentar aos Congressos constavam de vinte rubricas, devendo ser dada prioridade aos estudos sobre: nascimento, infância e adolescência, amor e casamento, doença e morte, alimentação, culinária e doçaria, superstições, contos, música e instrumentos, e artes e indústrias populares. Regista-se que, já ao tempo, existia o *Acordo Cultural luso-brasileiro*, considerado uma das bases iniciais da Comunidade, onde formalmente se determinava que as duas secções: portuguesa e brasileira, promoveriam especialmente o estudo do folclore luso-brasileiro através de publicações editadas pelos dois organismos e a realização de festas populares e tradicionais comuns aos dois países.

Recentemente, rebate de consciência, por nada se ter feito no rodar de dezenas de anos, foi lançada (1966) a ideia da criação de Feiras de Livros, simultâneas em Portugal e no Brasil.

As duas funcionaram já, efectivamente, em Lisboa e no Rio de Janeiro.

Nos actos inaugurais disse uma das partes (o Brasil) pela voz do seu embaixador em Lisboa, que no futuro elas seriam acompanhadas de outras iniciativas complementares, entre as quais a realização de conferências por escritores ou mestres consagrados, de cá e de lá.

E porque não Congressos Luso-Brasileiros de Folclore? Digo eu!

Comemorando a nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia o cinquentenário da sua fundação com a publicação deste volume especial da sua Revista «*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*», respondo ao pedido de colaboração que me foi dirigido, revivendo a iniciativa de 1946, defendendo a realização dos congressos, no convencimento da extraordinária vantagem que resultaria para um sério estudo, comum, que falta fazer.



Neste capítulo da Comunidade Luso-brasileira, face aos diversos aspectos porque pode ser encarada, não será momentâneamente, mais proveitoso e fácil começar pela política do espírito, não esquecendo de qualquer maneira a comercial ou económica?



Comissão Executiva do I Congresso Luso-brasileiro de folclore que se reuniu no Secretariado Nacional da Informação para a sessão de encerramento dos trabalhos da Conferência preparatória do referido Congresso, 3/11/47. Na gravura, entre outros, Luís da Câmara Cascudo, mestre consagrado da luso-brasilidade

Portugal vai atrasado e desordenado nos seus estudos etnográficos e folclóricos, sobretudo, quanto a mim, pela falta de unidade, melhor talvez pela ausência de coordenação ou prévia programação entre os cultores da ciência, como se faz por esse Mundo, em tantos países!

E o nosso atraso é sobretudo mais evidente, não pelo fraco andamento, mas porque nesses povos se tem principalmente cami-

nhado, colectiva e ordenadamente mais do que no nosso, podendo mesmo classificar-se de notável a obra levada a efeito no Brasil, nos Estados Unidos da América, na Argentina, no México e em quase todas as nações da Sul-América.

Penso que os Congressos Luso-Brasileiros de Folclore poderiam indirectamente ser os fautores dessa necessária organização!

Quem nos ouve? Ouvir-nos-ão!

# Regime Comunitário Pastoril na Serra Amarela

(Ermida—Ponte da Barca)

POR

João Amorim Machado Cruz

1.º Assistente da Fac. de Ciências da Univ. do Porto  
e Sócio da Soc. Portug. de Antropologia

## Introdução

S. Silvestre da Ermida é uma freguesia do concelho de Ponte da Barca cuja sede e único foco habitacional é um pequeno burgo sertanejo, de 42 fogos, localizado na vertente oeste da serra Amarela, a cerca de 500 metros de altitude.

Vindo da Ribeira Lima, que de lá se divisa até ao mar, distante cerca de 60 km, só lhe dão acesso as *cambas* — uma vereda de cerca de 1,5 km, talhada em degraus no espinhaço granítico da serra. Pelos outros lados, em córregos intransponíveis de margens a pique, escachoam torrentes que confluem no sopé do monte, formando o rio de Fróufe, afluente do Lima.

Pelo nascente, uma série de planaltos e encostas rochosas, cortadas de ravinas profundas, vai até às cumeadas da serra e à raia de Espanha.

Entremeando-se num fundo de carqueja e urze, vêem-se matas espessas de piorno e azevinho seculares que, no inverno, matizam com manchas sanguíneas das suas bagas a aspereza da paisagem serrana.

Retirada do mundo, de difícil acesso e distante dos caminhos que ligam as diferentes freguesias da região, só raramente por lá

pernoita caçador mais afoito ou contrabandista de passagem que procura evitar os lugares mais frequentados pela Guarda Fiscal.



Fig. 1 — O principal acesso para S. Silvestre da Ermida — as *Cambas*.

Neste ambiente de isolamento, criaram-se e facilmente se mantiveram instituições e costumes que o condicionalismo geográfico impôs e que merecem mais pormenorizado estudo.

Aqui se encontra, por exemplo, ainda hoje, uma vasta região de monte, há poucos anos reconhecida judicialmente como propriedade comunitária que tem a sua origem num foro instituído pela Ordem de Malta aos habitantes das vizinhas povoações da Ermida, Lourido e Froufe.

Um pronunciado grau de endogamia caracteriza também a sua população, tornando-a assim um interessante material de estudo genético.

Por agora, limitar-me-ei a algumas considerações sobre o regime pastoril comunitário que, embora tenha similares noutras freguesias serranas, oferece todavia, certas particularidades.

### Regime Pastoril

O regime pastoril varia em função do tipo de pastos utilizáveis nas diferentes épocas do ano e do tipo de gado a apascentar.

Dos 42 fogos existentes no único lugar da freguesia da Ermida apenas um ou dois não possuem gado e assim, praticamente, todos têm a sua parte nos rebanhos constituídos pelos animais de todos e vigiados por pastores fornecidos à vez, pelos diferentes fogos, na proporção dos animais que cada um tem neles.

Os rebanhos que apresentam estas características tomam o nome de *vigias* se se trata de ovelhas ou cabras e de *vezeiras* se se trata de vacas ou de bois castrados.

O regime de cada uma destas *vezeiras* ou destas *vigias* é ligeiramente diverso e por isso o descrevo adiante, em separado, para cada uma.

O gado ovino e caprino é apascentado durante todo o ano em regime comunitário, isto é, em *vigias*, mas o mesmo já não acontece com o bovino. Este último só constitui *vezeiras* (a *vezeira das vacas* e a *vezeira dos bois*), na época em que fica na serra, isto é, desde princípios de Maio a fins de Setembro ou princípios de Outubro, conforme o tempo o indica e de acordo com a decisão do povo nos chamados *adjuntos*.

Durante o resto do ano, cada um trata do seu gado bovino e apascenta-o nos montes próximos do lugar ou nos terrenos de lavradio que constituem propriedade particular.

No entanto, esta organização é recente pois ainda há poucos anos o pastoreio se fazia livremente nas propriedades de todos que, durante o inverno, passavam, para esse efeito, ao regime comunitário. E não foi sem severas dificuldades que o novo sistema individualista se instalou pois, por vezes, é difícilimo ou quase impossível manter uma ou duas cabeças de gado num desses pequeníssimos retalhos de terra que constituem a propriedade individual. Por isso foi logo necessário fazerem-se *aformações* de pastos, isto é, uma troca de terras de cultivo durante a época de pastagens de forma a conseguir-se um emparcelamento temporário da propriedade que permitisse, embora muitas vezes com sérias dificuldades, o pastoreio individualista.

E na chamada *Branda de Bilhares*, que é uma pequena região de terra de cultivo, situada a cerca de 7 km do povoado, onde quase todos os habitantes da Ermida, e só eles, têm uns pequenos bocados de terra, por vezes de poucas dezenas de metros quadrados, ainda prevalece o sistema antigo de os gados de cada um pastarem, durante o inverno, livremente, nas terras de todos.

Fora da organização pastoril comunitária apenas se encontram as vacas com crias que, de manhã, são soltas pelos donos para as suas terras ou para os montes próximos da povoação, e regressam à noite às cortes, e os chamados *rebanhos de rês à parte*, que são formados pelas reses de um ou outro raríssimo *vizinho* que, para que os seus animais pastem melhor, não os integra nas *vigias* e manda-os com um pastor privativo.

De resto, todo o regime pastoril é mais ou menos pronunciadamente comunitário, com características especiais relativas aos animais de que se trata, como vou passar a referir.

### As Vezeiras

Existem duas *vezeiras* - a *vezeira das vacas* e a *vezeira dos bois*, - que pastam separadamente, com pastores próprios e em diferentes regiões do monte comum, convenientemente delimitadas pelo povo para que as duas *vezeiras* se não juntem.

A *vezeira dos bois* pasta nos montados do *Martinguime* e da *Costa Boa*, pertencendo-lhe as cabanas do *Martinguime*, da *Costa Boa* e do *Colado da Goela*.

A *vezeira das vacas* pasta no chamado *monte da vezeira das vacas* e pertencem-lhe as cabanas do *Vidual*, de *Londãos*, da *Serra Boa* e de *Bentozelo*.

Os terrenos de ambas as *vezeiras* estão delimitados por parede.

A razão desta delimitação vem do facto de o povo, através dos seus *adjuntos*, ter entendido que os touros, apesar de castrados, continuam a ter cio e não deixam as vacas em sossego; isto além da necessidade de evitar lutas frequentes que se dariam entre os touros e o boi da cobrição que acompanha as vacas, se todos se juntassem.

Estas *vezeiras* existem, como disse, de Maio a Outubro, época em que o gado pasta de dia no monte e à noite é recolhido para um dos currais existentes na serra. Estes, situados geralmente em pequenas *chãs*, são áreas de terreno de poucas centenas de metros quadrados apenas limitadas por uma parede tosca, de pedras simplesmente sobrepostas, de cerca de 1 metro de altura. Dentro desta área fica sempre uma cabana, típica construção que adiante descreveremos e na qual pernoitam os pastores da *vezeira*.

A mudança de curral de pernoita do gado e, conseqüentemente, da área de pasto, é decidida pela maioria do povo, em *adjuntos*, sob proposta dos pastores, baseada no facto de na área onde se estiver a realizar o pastoreio já não haver pasto bastante e o haver mais abundante noutra.

Para a *vezeira das vacas* cada vizinho que nela possui gado tem obrigação de dar pastor, um dia por cada 3 animais, e para

a *vezeira dos bois* um dia por cada dois. E em cada uma destas *vezeiras* deve haver sempre dois pastores.

A obrigação de fornecer pastor vai percorrendo os diferentes fogos do lugar e uma volta completa, desde o primeiro *vizinho* até voltar a ele, chama-se uma *roda*.

O pastor deve ser, em princípio, o próprio *cabeceira de casa* e ainda há poucos anos, se ele mandasse outra pessoa em sua vez, era multado. Mas esta exigência na qualificação do pastor tem vindo sucessivamente a atenuar-se. Passou a exigir-se simplesmente que o pastor fosse maior de 20 anos, depois maior de 18 anos, depois maior de 14 anos e actualmente, em consequência da emigração, esta exigência tem-se atenuado acentuadamente.

Quando um *vizinho* possui um número de cabeças a que não corresponde número exacto de dias terá de, em algumas *rodas emprumar*, isto é, dar mais um dia por conta daquelas cabeças que excedam um múltiplo de dois ou de três. Assim, por ex., quem tiver 7 vacas dará, pelas 6, dois dias em cada roda e dará mais um dia na 1.<sup>a</sup>, na 4.<sup>a</sup>, na 7.<sup>a</sup> rodas e assim, sucessivamente, correspondentes à 7.<sup>a</sup> vaca. E é logo na primeira *roda* do ano que todos fazem o primeiro *emprume* pelo que o povo diz que a primeira *roda* do ano é sempre uma *roda de emprume*.

É de notar que estes dias de obrigação de dar pastor não correspondem a 24 horas mas aproximadamente a 36, pois cada pastor deve chegar à cabana ao entardecer, para assistir à contagem do gado que recebe, e só virá na manhã do dia que se segue ao imediato. Assim, durante a noite ficam sempre na cabana o dobro dos pastores que acompanham o gado durante o dia para que, em caso de ataque do lobo ao curral, possa haver uma defesa mais eficaz. E a este pormenor liga o povo grande importância pois está estipulada a multa de 2\$50 para o pastor que não vá ficar à cabana e só se apresente no dia seguinte de manhã, salvo se o fizer por motivo de força maior ou tiver nessa tarde direito à *água grande*.

Se, ao contar o gado e fazer entrega ao novo grupo de pastores, faltar alguma cabeça, isto não traz necessariamente penalidade para



os pastores mas devem eles comunicar o facto, ao dono do animal perdido, logo que cheguem ao lugar, e ir depois ajudar o dono a procurá-lo.

### O Touro da Cobrição

O touro da cobrição pertence a todos os fogos que tenham vacas na *vezeira* e proporcionalmente ao número dessas vacas. Ele acompanha as vacas na *vezeira*, pastando no monte com elas, desde Maio a Outubro, e depois, quando o gado desce da serra, é mantido numa corte que é também de todos os *vizinhos*. Aí, o seu tratamento é feito por todos, à *roda*, tratando-o cada um, em cada *roda*, tantos dias quantos aqueles em que tinha de mandar pastor para a *vezeira das vacas*.

Esta corte é estrumada pelo povo e o estrume nela feito é arrematado, revertendo o dinheiro para o cofre da freguesia.

A corte do touro fica situada junto a uma terra de cultivo onde quase todos os vizinhos têm pequeníssimas courelas e este conjunto de courelas é destinado por todos para o pasto do touro. Além disto, existe também um pedaço de monte comum, vedado, próximo da povoação, e reservado igualmente para a pastagem do boi. Este terreno é designado pela *chã do boi* e o mato desta *chã* é repartido em partes iguais por todos aqueles que têm parte no boi, isto é, pelos chamados *herdeiros do boi*.

Quando se funda um fogo novo na freguesia e esse fogo pretende entrar para *herdeiro do boi*, terá de pagar 2\$50 <sup>(1)</sup> e esta quantia reverte para o cofre da freguesia.

De tempos a tempos o boi é vendido, geralmente por estar velho, e então, como é sempre preciso entrar com mais dinheiro para comprar um novo, finta-se o povo, isto é, estipula-se a cada um aquilo que deve dar em função do número de vacas que possui.

---

(1) Importância estipulada há muitos anos e ainda não actualizada.

### As Vigias

As *vigias* são rebanhos de gado ovino ou caprino dos diversos *vizinhos* pastoreados à vez por esses mesmos *vizinhos*.

Há uma *vigia* de gado caprino — *vigia da rês* —, uma *vigia* de gado ovino — *vigia dos carneiros* — e uma *vigia* de gado caprino e ovino jovem — *vigia dos cabritos*.

As duas primeiras formam-se durante todo o ano e vão para o monte todos os dias. Ao entardecer recolhem ao povoado, excepto desde o dia 29 de Junho a 8 de Setembro de cada ano, período este em que recolhem às cortes da *Branda de Bilhares* para fazerem o estrume para as terras de lá.

À *vigia dos cabritos* forma-se desde princípios de Março até 1 de Maio e nela se incorporam os cabritos e borregos nascidos nesse ano. Pasta em terrenos próximos do lugar e o pastor pôde, desde sempre, ser rapaz ou rapariga desde que maior de 14 anos.

A saída dos rebanhos para o pasto é anunciada por um toque de corneta — ainda há pouco tempo era um búzio — que o pastor toca no largo dos *adjuntos*, e então, todos abrem as portas das suas cortes e os animais vão-se dirigindo por si mesmos, pelos caminhos do costume, até ao referido largo, onde os pastores tomam conta deles.

Quando os rebanhos pernoitam na *Branda de Bilhares*, as coisas passam-se de modo semelhante mas aí, como é o próprio pastor que abre as diferentes cortes, visto que os donos não residem lá, não toca a corneta para reunir o rebanho. Todavia, existe uma hora determinada a que o pastor deve dar saída ao rebanho e essa é marcada pela ocasião em que o Sol começa a incidir sobre dois traços que se encontram gravados na pedra de uma parede.

Tal como nas *vezeiras* de vacas e de bois, a obrigação de fornecer os pastores também é proporcional ao número de cabeças que cada *vizinho* possui: — na *vigia dos carneiros*, um dia por cada 10 cabeças e na *vigia da rês* um dia por cada 15 cabeças.

Aqueles *vizinhos* que possuem um número de cabeças que não é divisível por 10 ou 15, ou que é menor que estes números, *emprumarão* por cada duas cabeças um dia em cada 5 ou 7 *rodas*.



Fig. 2 — Tocando a corneta para os *vizinhos* abrirem as portas à rês e se formar a *vigia* para seguir para o pasto.

O *vizinho* que tiver só uma cabeça não terá de contribuir para a guarda da *vigia* e uma a mais ou a menos nos múltiplos de 10 ou de 15 não motiva também que se faça *emprume*. Sinteti-

zando este princípio o povo diz: — «por um nem se vai nem se folga».

Para efeito do estabelecimento do número de dias que cada um dá em cada *roda* há, todos os anos, duas contagens de gado caprino e ovino: — uma no dia 1 de Maio e outra no dia 29 de Junho, quando a rês começa a pernoitar na *Branda de Bilhares*. Nestes dias, pela manhã, o *Zelador* toca a corneta no lugar do costume (Cruzeiro), uma vez para avisar e outra para reunir o povo. Então devem comparecer os chefes de cada fogo, os chamados *cabeceiras de casa*, e o *zelador* anuncia que vai fazer-se a contagem do gado. Em seguida divide os *vizinhos* em 4 grupos e cada um destes vai imediatamente contar o gado lanígero e caprino dos fogos de todos os que fazem parte do mesmo grupo. Em cada corte entra um homem — que nunca é o próprio dono — e deita os animais para fora, para serem então contados na presença de todos os do grupo.

Findo este trabalho, reúnem-se de novo no *largo dos adjuntos* e comunicam ao *zelador* as contagens feitas. Este diz alto o número de cabeças que cada um possui e todos ficam logo cientes do número de dias que têm de dar pastor para a *vigia*, em cada *roda*, e de quando terão de *emprumar*. Quando haja motivo para *emprume* deve este fazer-se logo na primeira *roda* que então começa.

Todo o pastor que, ao recolher, à noite, o gado da *vigia* apresentar de menos um número superior a 10 cabeças é condenado a multa e mais um dia de pastoreio. Se porém, o número de faltas for menor é aceite uma simples justificação.

### Marcas

Cada *cabeceira de casa* tem uma marca para o seu gado caprino e ovino que consiste geralmente em tipos diversos de cortes, furos ou mutilações várias numa ou nas duas orelhas.

Estas marcas herdam-se, pertencendo ao filho varão mais velho. Assim, os outros filhos constituirão, por isso, uma nova marca para si que geralmente se inspira um pouco na de seu pai.

### As Cabanas

As cabanas são típicas construções circulares, de parede formada por simples pedras sobrepostas, de início a prumo, e depois aproximando-se cada vez mais do centro, de modo a fecharem em cúpula.

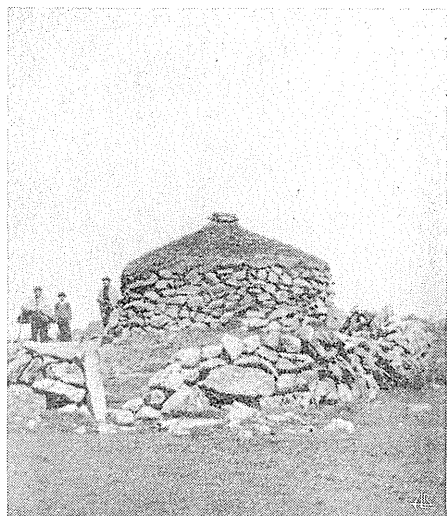


Fig. 3 — Cabana do Martinguime e entrada do respectivo curral.

Os buracos que ficam entre as pedras são tapados com terrões e toda a superfície externa da cúpula é revestida com terrões também.

Dá-lhes entrada um buraco estreito e baixo, de pouco mais de um metro de altura, por onde só quase de joelhos se pode entrar.

Aí dormem os pastores, e fazem a refeição da noite, quando guardam o gado na serra.

À volta das cabanas há um grande cercado de muro tosco, de pedras sobrepostas, de cerca de 1 metro de altura, onde é metido o gado ao anoitecer.

Também estas cabanas pertencem a todo o povo da freguesia e todos os anos são reparadas por todos, em Março ou Abril, num dia em que esteja bom tempo, prèviamente designado em *adjunto*.



Fig. 4 — Cabana da Serra Boa.

### Tentativa de Interpretação

Estamos em presença de um regime pastoril comunitário, orientado no sentido do aproveitamento da riqueza dos pastos com um mínimo de esforço humano.

Esta organização pode interpretar-se, no fundo, como consequência do condicionalismo geográfico que primeiro terá absorvido

a maior parte do esforço humano na conquista de pequenas parcelas de montado para a agricultura e hoje continua a absorvê-lo no amanho dessas pequeníssimas parcelas, de que cada família possui várias, dispersas por toda a zona agricultada.

É no amanho da terra que se localiza especialmente o esforço humano, de que resulta aliás uma pequeníssima rentabilidade, em consequência da extrema divisão de propriedade. É isto apesar de também na agricultura existirem várias manifestações de comunitarismo.

Ainda há poucos anos, toda a economia da população era exclusivamente agro-pastoril.

As fortunas de cada fogo não eram iguais, mas as diferenças entre elas não eram muito pronunciadas e, sobretudo, não eram pronunciadas a ponto de uma poder absorver facilmente outra, nem existia também um tal desejo individualista entre o povo.

A vida comunitária pastoril era assim necessária a todos e impunha-se naturalmente.

Mas o desequilíbrio económico consequente da redução dos gados, quando da introdução dos Serviços Florestais, e o aparecimento da capacidade e desejo de investimento monetário, consequente da emigração, foram criando um desnível económico mais pronunciado entre as famílias, e daí a possibilidade, para algumas, de abandonarem o regime pastoril comunitário, criando os chamados *rebanhos de rês à parte*, isto é, rebanhos particulares apascentados por pastores próprios.

Esta é a principal ameaça ao regime pastoril comunitário.

Como se vê da descrição, o regime atende nitidamente à desigualdade de haveres de cada um, fazendo uma distribuição proporcional de encargos. Mas notam-se ainda características de improportionalidade num ou noutro aspecto:

- pastoreio de todo o gado, livremente, nas terras da *Branda de Bilhares*, sem atender ao número de cabeças nem à grandeza das terras de cada um;
- existência deste mesmo facto, ainda há poucos anos, nas terras junto do povoado da freguesia;

- mato do terreno da *chã do boi* repartido igualmente por todos os *herdeiros do boi* (possuidores), embora eles não sejam hoje *herdeiros* desse boi em partes desiguais.

Creio que poderão ver-se, nestes factos, vestígios, por um lado, de uma distribuição de bens pelas diferentes famílias que devia estar pouco longe da igualdade e, por outro, de um espírito de solidariedade social e de ausência de desejo individualista de domínio económico que não motivavam grande rigor na repartição de rendimentos e encargos da comunidade.

Todavia, a situação actual vai sendo cada vez mais contrária àquela e vai ameaçando progressivamente a organização comunitária. Mas como essa organização é naturalmente imposta pelo condicionalismo geográfico, esse condicionalismo continua a exercer a sua influência na organização pastoril, como aliás em toda a organização social, e daí a *aformação* de pastos a que assistimos nos últimos anos, e outros fenómenos que com certeza surgirão, individualistas por um lado, mas reconhecedores da realidade social e económico-geográfica por outro.

Uma organização económico-social que aproveite os fundamentos e o saber de experiência feito desta organização comunitária será certamente a mais conveniente para estas populações.

É interessante a comparação desta organização pastoril com a descrita por JORGE DIAS (1948) para Vilarinho da Furna, situada já no concelho de Terras de Bouro, mas cujos montados são confinantes com os da Ermida.

O fundo da organização é o mesmo mas há várias diferenças de pormenor, sobretudo no que respeita à representação proporcional dos encargos no pastoreio. Surge também a nova designação de *vigia*, para o pastoreio do gado caprino e lanífero, termo que se não apresenta em Vilarinho, onde o termo *vezeira* é aplicado indiferentemente a todos os grupos de gado apascentados à vez qualquer que seja a sua constituição.

É-se levado naturalmente a pensar na influência mútua que hão-de ter tido estas organizações entre si, pois que hão-de ter tido contactos, mais que não seja através dos pastores, visto os montados serem confinantes em grande extensão.



Influência houve-a, com certeza, e assim é que ainda hoje os mais velhos citam Vilarinho da Furna como possuindo ou tendo possuído uma organização mais perfeita que a sua, mas, no fundo, o condicionalismo geográfico é que terá sido certamente o *primum movens* e o factor mantenedor de ambas.

### **Bibliografia**

DIAS, Jorge

1948 *Vilarinho da Furna — Uma aldeia comunitária*. C. Est. Etn. Peninsular do I.A.C., Porto.

# Mulheres fumadoras

POR

Margarida Ribeiro

Conservadora - Ajudante do Museu Nacional de Arqueologia  
e Etnologia (Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos)

Em 1918, Alberto Souza fixou numa das suas aquarelas uma figura feminina da cidade de Évora <sup>(1)</sup>, popularmente conhecida por «Tia Teodósia» e que mostramos na figura 1.

A atitude, o vestuário e todo o característico desta figura nos prendeu a atenção. Nela se encontram sintetizados ideais femininos que transcenderam os horizontes sociais da sua condição e época, mostrando, bem definidos, traços psicológicos que caracterizaram a humilde mulher do povo que, embora vítima do falar jocoso, enfrentou com indiferença e coragem consciente os preconceitos do seu meio e dos seus contemporâneos.

No estudo da vida de relação, o individuo não é um ser abstracto, pois a sua actividade psicológica, as crenças, as tradições, as ideias estão ligadas à vida colectiva e a um princípio de socialização.

O pensamento autístico, puro, não corresponde, como está demonstrado, a uma realidade. Em toda a expressão do individuo se mantém o coeficiente social do grupo ou da comunidade a que pertence.

No campo da Etnologia, o enquadramento resultante da relação do ambiente com a época dá-nos sempre informações úteis

---

(1) A aquarela pertenceu à colecção de D. Sebastião Pessanha. Tem as dimensões 0,36 × 0,27 cm e encontra-se reproduzida no álbum *Alberto Sousa — Cinquenta anos de vida artística*, Lisboa (Bertrand, Irmãos, Lda.), 1950, fasc. n.º 3, p. 91.

para coordenação sincrónica de factos e respectivo ajustamento cronológico do conjunto observado.

Lógicamente, o comportamento da «Tia Teodósia» preocupou-nos o espírito e levou-nos a averiguar, se o vício de fumar seria, da parte das mulheres do nosso povo, um caso accidental e esporádico. Em breve verificámos que nos encontrávamos em presença de um costume ainda vivo nos nossos dias.

Nos concelhos de Mértola, Alcoutim, Almodôvar e Lagoa, as mulheres, geralmente depois dos 50 anos, entregam-se ao vício do tabaco.

Observámos o costume em Mértola e nas aldeias de Vicentes, Lombardos, Bicada, Espírito Santo, Álamo, Furnoa, Marrocos e Roncão, do mesmo concelho; em Pé-de-Boi, concelho de Almodôvar; em Vaqueiros e Martim Longo, no concelho de Alcoutim; e em Ferragudo, no concelho de Lagoa.

Enquanto nos concelhos de Almodôvar, Mértola e Alcoutim o costume se mantém muito recatado e é quase geral, nestes dois últimos, o uso de uma *cachimbeta* para absorção do fumo do tabaco, em Ferragudo notámos que a mulher se expõe um pouco confiadamente e utiliza o cigarro, enrolado em papel fino e por suas próprias mãos, sendo hábito fumá-lo à tarde, sentada à porta de casa.

Em Vaqueiros, as mulheres idosas, viúvas ou não, recolhem-se para tomar o fumo, fazendo-o geralmente à noite, na cama, quando se deitam.

No concelho de Mértola, notámos que algumas mulheres da mesma família ou muito íntimas tomam o fumo na sua cachimbeta e oferecem-no a outra, em conversa amena de convívio, nas tardes de soalheira, quando se encontram seguras de que nenhum homem ou gente estranha as observa (fig. 2).

É difícil presenciar uma cena destas, mas consegue-se participar nela, depois de integrados e de se ter conquistado a confiança desta boa gente que, familiarmente, nos vai contando as suas preocupações ou nos escuta respeitosamente e com muito interesse.

Toda a gente sabe deste entretenimento, mas ninguém ousa abordar ou comentar o assunto.



Fig. 1 — A «Tia Teodósia». Aguarela de Alberto Souza datada de 1918

(Foto de Santos de Almeida)

Os lojistas de Mértola, quando alguma mulher compra tabaco, obtêm dela a justificação de que o tabaco é para o marido, para o filho, ou para um parente ou vizinho, mas jamais para ela.

Adquirem sempre um pequeno pacote que, talvez por razão do peso, tem a designação de «onça» e preferem a marca «Duque».



Fig. 2 — Cena fotografada em Novembro de 1964, na freguesia de Espírito Santo (Mértola)

(Foto de Margarida Ribeiro)

Trata-se de um tabaco forte, mas de inferior qualidade e por isso barato <sup>(2)</sup>.

É pela frequente aquisição de onças de tabaco que os lojistas de Mértola sabem quem são as mulheres do concelho que *pegam no tabaquinho*, pois este é comprado, de preferência, na vila.

<sup>(2)</sup> Em Novembro de 1964, cada onça de tabaco «Duque» custava, em Mértola, 3\$10.

*Pegar no tabaquinho* é uma locução muito conhecida da linguagem popular de Mértola e equivale à expressão *ter o vício de fumar*.

Em Marrocos e Roncão, no concelho de Mértola, subsiste também o hábito de aspirar tabaco pelo nariz, sem produção de fumo.

Em matéria de sociologia e de psicologia muito há para dizer, quanto ao aspecto de costumes, de preconceitos e da própria sugestão que os mesmos provocam no pensamento por intermédio da vida de relação.

É cedo, contudo, para fazer doutrina, embora estejamos convencidos de estar em presença de um costume que tem, necessariamente, o seu enquadramento histórico, a ambiência e nível de cultura que o determinaram.

Conhecer a sua origem e processo de aculturação é uma tarefa a realizar, pois é certo e provado que houve e há, em Portugal, mulheres fumadoras que tomaram e tomam o fumo do tabaco como sedativo e para distracção.

Sabemos qual a importância que o tabaco assumiu como panaceia e as polémicas que o seu uso provocou entre os físicos da época, o que torna indispensável considerar o assunto não só nos aspectos social, psicológico e moral, como, também, no aspecto da medicina popular <sup>(3)</sup>.

Pedro de Azevedo, na sua obra *O tabaco ou herva santa* <sup>(4)</sup> dá notícia de, em 1595, na confissão ao Tribunal do Santo Ofício da «índia brasila» Iria Álvares, acusada de bigamia, constar que a mesma tomara fumos da *erva-santa*.

É a fumadora mais antiga que conhecemos, até ao presente, e, segundo se verifica no intróito do citado estudo de Pedro de

---

<sup>(3)</sup> Nas aldeias de Vicentes e Roncão, as mulheres socorrem-se do tabaco para combater o nervosismo da idade crítica.

No aspecto de medicina popular, veja-se a importante bibliografia de Pedro de Azevedo e de Cláudio Basto, e notem-se os modernos trabalhos de medicina histórica e comparada do Professor Doutor Luís de Pina.

<sup>(4)</sup> Publicado na revista *A Tradição*, Ano III, vol. III, números 8 e 9, Serpa, Agosto e Setembro de 1901, pp. 122-123 e 133-137.

Azevedo, o costume de as mulheres portuguesas fumarem tabaco não é negado por este probo e esclarecido autor, que declara ser o facto motivo de estranheza, na data da publicação do seu trabalho.

As razões determinantes que levaram certas mulheres a abandonar o isolamento e a romper o segredo, talvez motivadas por abrandamento do rigor das leis e dos costumes, constituem, com todas as implicações sociais e psicológicas inerentes, o aspecto humano e moral da questão.

Porém, é graças a esta deliberação resultante de um estado psicológico depressivo ou de reacção estimulante que podemos tomar conhecimento deste costume exótico.

Ficam portanto anotados os elementos que servirão de base para novas e mais proficuas investigações.

\*

\*      \*

O vocábulo *tabaco*, segundo Pedro de Azevedo, data do século xvii e entrou em Portugal por influência espanhola.

Originária da América, contrariamente às doutrinas de Pouchon, a planta solanácea, que foi primeiramente conhecida pelo nome *betum*, atribuído pelos indígenas do Brasil, e mais tarde vulgarmente designada por erva-santa <sup>(5)</sup>, constituiu no nosso país um grave problema social.

---

<sup>(5)</sup> Damião de Góis menciona, além das designações apontadas no texto, a de *erva do fumo*.

Transcrevemos, para conveniente apreciação, o passo em que aquele cronista se refere ao uso do tabaco pelos indígenas do Brasil: ... *ai muitas ervas odoríferas, e medicinaes, dellas diferentes das nossas, entre as quaes he a que chamamos do fumo, e eu chamaria erva Santa, a que dizem que elles chamão Betum, de cuja virtude poderia aqui poer cousas milagrosas, de que eu via a experiencia, principalmente em casos desesperados, de aposthemas ulceradas, fistolas, caranguejas, polipos, frenesis e outros muitos casos.* Cf. *Chronica D'El-Rei D. Manue!* (Bibliotheca de Classicos Portugueses), Lisboa, 1909, vol. II, cap. lvi, pp. 48-49.

A rápida aceitação da planta como droga curativa e alívio de todos os males, o vício provocado pelo fumo sorvido ou aspirado pelo nariz, a provável aculturação do vaticínio, do sortilégio e da adivinhação por intermédio da embriaguez causada pelo fumo e a propagação da planta na agricultura motivaram uma atenta vigilância da parte das autoridades e consequente aplicação de medidas severas.

O uso do tabaco como droga curativa teve uma origem popular, ao contrário do ópio que, segundo Sprengel, chegou ao Ocidente na época das Cruzadas, sendo referido na Farmacopeia portuguesa do século XVI por Duarte Barbosa.

No aspecto de costumes e como atentado à moral da época, o vício e consequente degradação causada pelo fumo devido à acção da nicotina nos centros nervosos e a utilização daquele para fins mágicos, à semelhança do que se lê na Crónica de D. Manuel sobre os *pagés* ou feiticeiros das tribos autóctones do Brasil <sup>(6)</sup>, e como parece inferir-se da confissão de Iria Álvares ao Tribunal do Santo Ofício, foram objecto de vigilância, sendo os infractores punidos com severidade.

É interessante notar, porém, o abrandamento desse rigor e a generalização do hábito de fumar tabaco um século depois de realizadas as primeiras experiências do fumo, atribuídas à tripulação comandada por Colombo, e da introdução da planta na Península.

O moralista e filósofo que foi D. Francisco Manuel de Melo, criticando na sua *Carta de guia de casados* o vício da mentira entre os rapazes, diz ser preferível e menos pernicioso que eles tomem o vício de fumar tabaco.

---

<sup>(6)</sup> Pedro de Azevedo transcreve na sua referida obra o supracitado passo da Crónica de D. Manuel. Julgamos oportuno, porém, reproduzi-lo integralmente para compreensão do exposto e facilidade de análise: ... «São muito dados a agouros, feitiços, e deste officio ha entrelles homens, e molheres, a que chamão pagés, aos quaes crem tudo o que dizem, e que os tem em muita estima, e acatamento. Estes trazem huma cabacinha feita com cabeça de homem com boca, narizes, olhos, e cabellos, posta sobre huma frecha, dentro da qual fazem fumo com folhas de herva Bezum e do fumo que sae desta cabeça tomão elles pellos narizes tanto, ate que com elle se embebêdam e depois de bem torvados, fazem geitos»...



Quanto ao cachimbo, trata-se de um objecto de uso geral na América, na data das descobertas, encontrando-se associado ao fumo do tabaco.

A planta, segundo a distribuição geográfica das espécies selvagens, parece ser originária do Peru. Era conhecida não só das populações agrícolas do Novo Continente, como das tribos colectoras da costa do Pacífico da América do Norte.

O cachimbo é antiquíssimo na Ásia Central, de onde se crê ser originário, tendo-se difundido pela Europa, como se comprova com os exemplares de barro grosseiro que têm sido encontrados nos territórios do Império Romano do Ocidente (7).

Na América, o cachimbo mais antigo data do século VII, tendo aparecido no Estado de Oaxaca, pois só no século XI foi conhecido no México (8).

O cachimbo brasileiro do século XVI, tal como o descreve Damião de Góis, é feito com elementos vegetais, mas os exemplares americanos mais antigos são de barro e de ardósia (9).

O cachimbo actual difere do seu congénere americano, arcaico, pela adaptação da parte tubular à aspiração do fumo pela boca, ao contrário daquele cujo forninho era elevado e se acomodava ao nariz para aspiração nasal do fumo, presumindo-se até que a boquilha não era perfurada e tinha, como se deduz, a função de segurar o aparelho por pressão dos maxilares (10).

Quanto à cachimbeta usada em Mértola, de onde provém o exemplar que reproduzimos (fig. 3), é possível que a sua antecessora tivesse dado origem a variantes, mas não as descobrimos. É semelhante às que observámos em Vaqueiros, não nos repugnando admitir ser esta a forma que, por ser comum e generalizada, substitui a anterior que, por hipótese, presumimos que haja sido totalmente talhada à navalha e de pequenas dimensões.

(7) *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editoria] «Verbo», vol. IV, Lisboa, 1966, col. 366.

(8) *Dictionnaire Archéologique des Techniques*, Editions de L'Accueil, t. II, Paris, 1964, p. 853.

(9) Id., *Ibid.*, pp. 853 e 941.

(10) Id., *Ibid.*, p. 853, fig. (*Pipe en céramique provenant de l'État de Oaxaca*).

A cachimbeta actual é de tipo tubular, apresentando, por consequência, as características do cachimbo primitivo. Trata-se, porém, de um aparelho conseguido por enxerto de uma boquilha de corno, ainda muito frequente nas feiras do Alentejo durante os anos 1925-1935, num forninho de raiz de esteva, talhada à navalha.

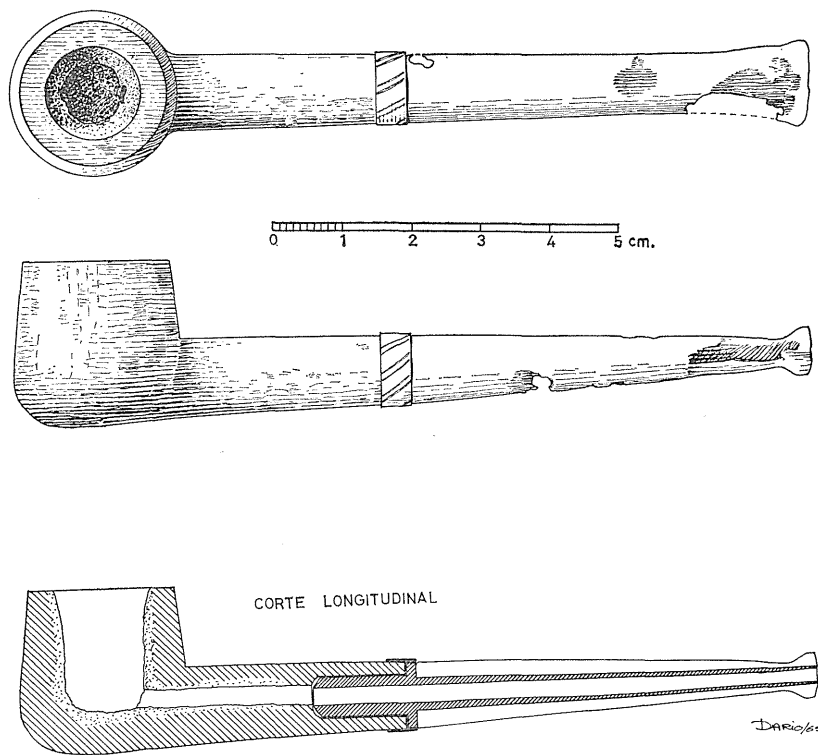


Fig. 3 — Cachimbeta proveniente da aldeia de Vicentes (Mértola)

A ligação da boquilha com o forninho é ajustada e fortalecida com a anilha de latão que protege do fogo a extremidade terminal daquela e que sofre, para o efeito, um corte de cerca de centímetro e meio com redução total dessa extensão ao tubo interior da boquilha, como pode observar-se no corte longitudinal da cachimbeta (fig. 3), a fim de ser introduzida no tubo do forninho.

A execução do fornildo é um trabalho de pastor, assim como a adaptação da boquilha de corno ao mesmo.

O objecto descrito foi comprado na aldeia de Vicentes, em 1964. Calculamos que terá mais de 40 anos. Foi vendido por estar posto de parte, devido aos estragos que a boquilha apresenta numa grande extensão, provocados pelo bicho <sup>(11)</sup>.

Embora se creia que o cachimbo é originário da Ásia Central, as descobertas arqueológicas realizadas na Europa revelaram, segundo Joaquín Verdaguer, que o cachimbo foi utilizado neste continente desde a Idade da Rena, o que prova com o achado de cachimbos de osso no Jura <sup>(12)</sup>.

Sabe-se que o fogo, o fumo e o fumar têm uma origem religiosa e sabe-se também que é Plínio quem nos dá os mais antigos relatos do emprego do fumo em medicina.

Os cachimbos romanos de bronze, de barro e de *terra sigillata*, que podem admirar-se no Museu Britânico, provam o uso do fumo de ervas aromáticas e mostram que o cachimbo fez, na Europa, a partir do século XVI, o segundo aparecimento, em consequência da descoberta do tabaco.

O assunto que tratámos está ligado, como julgamos, à introdução em Portugal da *erva-santa* ou *betum*.

As mulheres fumadoras, por força de se acostumarem a aspirar fumos de tabaco, apesar do recato da noite e do segredo que mantinham, são referidas no cancionero popular da raia portuguesa com o tom acusatório e zombeteiro do vizinho de ao pé da porta.

(11) A cachibeta tem as seguintes dimensões expressas em milímetros:

Comprimento total: 116.

Comprimento do tubo até à anilha: 58,3.

Altura do tubo junto ao fornildo: 11,3.

Largura do tubo junto ao fornildo: 10,7.

Altura do fornildo: 23,8.

Largura exterior e lateral do fornildo junto ao tubo: 23,7.

Diâmetro superior e externo do fornildo: 20,6.

Diâmetro superior e interno do fornildo: 13,7.

(12) *El arte de fumar en pipa*, Barcelona (Plaza & Janes), 1964.

Reproduzimos, por amável informação do ilustre etnomusicólogo Professor Artur Santos, a seguinte quadra recolhida na raia portuguesa por este citado etnomusicólogo e com a qual corroboramos o costume cujo enquadramento histórico fixamos, por agora e sob reserva, no final do século XVI:

*A espanhola 'stá doente  
Não é à falta de trato,  
Que ela tem à cabeceira  
Rôba e meia de tabaco.*

# Contribuição para o Rimanceiro Mirandês

POR

P.º António Mourinho

(Pároco de Duas Igrejas — (Miranda do Douro)  
da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
e da Sociedade de Antropologia y Folklore de Madrid)

Há mais de trinta anos que me venho interessando por tudo o que respeita ao cancionero mirandês, e sempre que se me depara ocasião, tenho recolhido quanto respeite a literatura popular, numa região em que nos aparece poesia do povo, por surpreendente que seja, em três línguas diferentes: português, mirandês e castelhano.

Trago para este número comemorativo do cinquentenário da fundação da Sociedade de Antropologia e Etnologia a que me honro pertencer, uma dúzia de rimances recolhidos todos na actualidade da tradição oral, falada e cantada, exemplares que me parecem bastante característicos para se avaliar um pouco a riqueza espiritual da gente mirandesa.

Seria meu desejo trazer para este número outro assunto, mas as circunstâncias físicas não mo permitiram, assim como gostaria que esta colectânea fosse maior.

Espero um dia, poder publicar o Rimanceiro Mirandês, cuja novidade e tipismo se pode avaliar pelos últimos exemplares desta primeira fornada.

Mas será quando Deus quiser, pois dada a cópia de materiais que já levo recolhidos, penso corresponder ao voto que o eminente e saudoso D. Ramom Mendez Pidal exarou na dedicatória de um exemplar do seu «Flor Nueva de Rimances Viejos», que ofereceu em 1964 na sua casa da «Cuesta del Zarzal» em Chamartim, ao «futuro editor de um Rimancero Mirandês».

Os rimances que se seguem foram recolhidos apenas em quatro povoações mirandesas; S. Pedro da Silva, Duas Igrejas, Malhadas e Constantim. Divido-os em dois grupos — Rimances recitados e Rimances cantados.

Os primeiros sete foram transmitidos pela Sr.<sup>a</sup> Mariana da Piedade Esteves, de S. Pedro da Silva, que conta actualmente 86 anos e uma memória e presença de espirito espantosas. O VIII, vê-se bem que é de natureza religiosa e foi-me recitado por uma menina de 11 anos, Benilde da Conceição Sebastião, natural da povoação mirandesa de Malhadas.

Os restantes, que são cantados, levam notas apenas. Não me é possível transcrever aqui as respectivas músicas por absoluta impossibilidade física.

## I

JÁ LÁ BAIXO VEM O SOL — O *Conde de Alemanha*

*Já lá baixo bem o sol,  
 Já lá bem o claro dia,  
 Quando o Conde de Alemanha,  
 Com a rainha dormia.  
 E nem o sabia o rei  
 Nem quantos na corte habia,  
 Sabia-o D. Silbana,  
 Filha da mesma rainha.  
 As mangas do meu bestido — não as chegue eu a romper  
 Se em meu pai bindo da missa — não lo for logo a dizer  
 — Cala-te lá ó Silbana (era a filha)  
 Cala-te lá ó Silbana — Que eu te darei um bestido!  
 — Eu não quero o seu bestido — nem de seda nem de damasco:  
 Que inda tenho a meu pai bibo — já me q'ria dar padraço.  
 — Bem bindo sejais, meu pai — boa seja a bossa binda,  
 Quero-le contar um causo — que é causo de maravilha.  
 Stando eu à minha porta — dobando seda amarela,  
 Beio o Conde da Alemanha — 3 fios me tirou dela.  
 — Cala-te lá ó Silbana — que é porque queria brincar,*

*Malo hajam os seus brincos — malo haja o seu brincar,  
 Agarrou-me pela mão — e à cama me foi lebar.  
 — Cala-te lá ó Silbana — que eu o mandarei matar,  
 Lá pelas duas da tarde — tocaram a degolar.  
 Malo hajas tu Silbana — e mais o leite que mamaste,  
 Que a morte deste Conde — Silbana, tu a causaste.  
 Cale-se lá minha mãe — bem se pudera calar,  
 Que a morte deste Conde — deve boicê acompanhar.  
 Já lá baixo bem o sol, — Já lá bem o claro dia...*

## II

'STANDO EU À MINHA PORTA — (*mulher pretendida*)

*'Stando eu à minha porta, — a ãa raça de sol  
 Bira bir um cabalheiro — cū cabalho corredor.*

(Esta era um pai que casou ãa filha e ela não gostava dele.  
 Mas para fazer buntades...)

*Preguntou-me se era casada — casadinha sou senhor,  
 Foi o ladrão do meu pai — que me casou cū pastor...  
 Tinha as costelas cobradas de mudar os cancelões,  
 E tinha as pernas mui tortas — de passar os barrancões,  
 E tinha os beiços mui grossos de comer os recostrões...  
 E a maior falta que tinha — nū tinha pixa nem culhões!...*

## III

NO ALTO DAQUELA SERRA

*No alto daquela serra — mora um rico labrador  
 Tem uma filha mui linda — que é como os raios do sol...  
 Namorou-se ã cura dela — de ã cura se namorou  
 Sete anos andou com ela — sete anos com ela andou...  
 Ao fim dos sete anos — a dizer missa madrugada*

*Baixou um anjo do céu — e no altar se le assentou  
 Tir-te daí sacerdote — tir-te daí pecador  
 Que já sete anos e mais um dia — que andas co a filha do labrador  
 Agora bai pra o inferno! — q'assi o manda o Senhor.*

## IV

## BOZES DABA O MARINHEIRO!...

*Bozes daba o marinheiro — bozes dá que se afogaba...  
 Respondeu ù mau demónio — do outro lado da auga...  
 Quanto deras marinheiro — a quem de l'auga te sacara?...  
 — Dera-te o meu nabio — cargado de ouro e de prata.  
 Eu não quero o teu nabio — nem teu ouro nem tua prata...  
 Só quero que em te morrendo. — me deixes a tua alma.  
 (— Este é o demónio...)  
 — Me deixes a tua alma.  
 A minha alma não ta deixo — que para Deus foi criada  
 As tripas são para os cegos — para cordas de guitarra.  
 A cabeça para as formigas — que nela façam morada.  
 ...Bozes daba o marinheiro — e bozes dá que se afogaba.*

## V

## A FORTUNA DA DONZELA

*A fortuna da donzela — oh meu Deus quem na tibera?!...  
 Um rosário que ela tinha — tres bezes no dia o reza.  
 Ûa era pela manhã — outra era ao meio dia,  
 Outra era a meia noite — em mentes seu pai dormia.  
 'stando a rezar o rosário — a Birgem le apar'ceria  
 — Que fazes aí debota — que fazes debota minha?  
 'stou a rezar o rosário — à Birgem Santa Maria  
 — Reza-o bem rezadinho — que bem aceite te seria.  
 Se tu queres ser casada — bô marido te eu daria.  
 Se tu queres ser freira — nũ combento te meteria.*



*E se queres bir para a Glória — anda em minha companhia  
— Bou pedir licença a meu pai — mas não sei se ma daria...  
— A benção de Deus te cubra — que a minha já te cubria...  
...E fortuna da donzela — oh meu Deus quem na tibera...*

## VI

## PUR AQUEILHES CAMPOS BERDES

*Pur aqueles campos berdes, — linda romeira benia...  
A saia lebaba baixa — nas erbas le comprendia...  
Ia um cavalheiro trás dela — alcançá-la não podia...  
Agarrou-a descansando — debaixo da berde oliba...  
Prencipiamos aos abraços — qual de baixo qual de riba.  
A romeira como era mais fraca — sempre debaixo caía.  
— Por Deus te peço cavalheiro — por Deus e Santa Maria,  
Que me deixes ir hunrada — a essa santa romaria...  
O cavalheiro como era mau — disse-le que não queria,  
Puxou ela por um alfange — que o cavalheiro trazia.  
Espetou-lo a um lado — e ao coração le saía...  
— Por Deus te peço donzela — por Deus e Santa Maria  
Que não bás dizer à tua terra — nem te bás gabar à minha  
Que mataste um cavalheiro — com as armas que ele trazia.  
— Hei-de dizê-lo na tua terra — e hei-de-me ir gabar à minha,  
Que matei um cavalheiro — com as armas que ele trazia.  
...Pur aqueles campos berdes — linda romeira benia...*

## VII

## CANTA MOURO, CANTA MOURO...

*Canta mouro, canta mouro — canta pela tua bida...  
— respondeu ele — se eu me bisse daqui solto, — até eu  
[q'el cantaria?...  
Das mãos eu te soltarei — dos pés não é honra minha,  
— Se eu me bisse das mãos solto — dos pés eu me soltaria.*

O mouro foi pra mourama — e a princesa com ele ia  
 Lá no meio do caminho — ela le procuraria:  
 — Tu lebas-me por esposa — ou lebas-me por amiga?...  
 Nem te lebo por esposa — nem te lebo por amiga,  
 Lebo-te por minha escraba — para toda a tua bida.  
 — Oh minha Birgem da Pëinha! — Balei-me nesta agonia!...  
 Hei-de-bos dar um bestido — d'ouro e de pedraria  
 E tornai-me a lebar o mouro — à prisão q'êl dantes tinha.  
 Inda não no tinha dito — já o mouro preso 'staria.  
 Até gora comias pão — do melhor qu'el rei comia,  
 E agora hás-de comer erba — da que o cabalo não queria,  
 Até agora bebias binho — do melhor que el-rei bebia  
 E agora hás-de beber auga — da q'o cabalo não q'ria...  
 Até agora dormias em cama — da melhor que el-rei dormia  
 E agora hás-de dormir — no meio da 'strebaria.  
 ...E canta mouro, canta mouro — canta pela tua bida!...

## VIII

## RODILLA ESTÁ LA BIRGEN

Rodilla está la Birgen  
 Al pie daqueilha lameda  
 Passou poli (?) S. José (por ali)  
 Le dijo desta manera:  
 — Porque nũ cantais la branca,  
 Porque nũ cantais la bela?  
 — Como yo la cantarei hijo,  
 Se yo estoy en tierras alhenas,  
 Ñ hijo que yo tenia,  
 Me lo está curceficando  
 Na alta cruç de madera...  
 Se bós lo quereis bajar,  
 You bos direi de que manera:  
 Lhamaremos a S. Juã,  
 Tamien a la Madalena,  
 Tamien a Santa Luzia

Que era la su companheira...  
 Andaremos e apertemos  
 Até chegar al Calbário  
 Abeixeremos ũas scaderas  
 Todas de sangue são chenas.  
 El que pur eilhas passar,  
 Dirá: neilhas morriu Cristo, (?...)  
 ?...Alhá riba ben S. Juã  
 Cũ ũ pandõu colorado...  
 No meio daquél pandõu,  
 Bén ũ molimento armado,  
 No meio del molimento  
 Bén ũ Cordeiro sagrado  
 Al sangue que dél cair  
 Lo alcança consagrado <sup>(1)</sup>,  
 L'home que dél beber,  
 Será biẽ afortunado:  
 Neste mundo será rei,  
 No outro rei coronado.  
 Quiẽ la sabe nũ la diç  
 Quiẽ l'cube nũ la daprende  
 A la hora de la morte,  
 Cristo que le responda.

## IX

## RIMANCES CANTADOS

## CHIN GLIN DIN

(Este rimance interessantíssimo e cheio de vigor na sua melodia, é cantado em letra raiana e mirandesa de sabor bem castelhano, pertence ao grupo de rimances sobre a mulher infiel ao marido e, como diria o Mestre D. Ramon Menendez Pidal, é um rimance VILANESCO.

(1) Numa versão de S. Martinho de Augueira vem «Cae nũ cálice sagrado».

As mulheres de Duas Igrejas, onde foi recolhido pelo autor, em 1962 (cantam-no nos serões à lareira e nas ceifas, nos fiadouros e nas mondas.)

*Indo you pa la mi 'rada,  
 Ai trás de las mies chabacas,  
     Con el chin, glin dín, glin din glin,  
     Con el chin, glin din, glin daba,  
     Con el chin, glin din, glin din glin,  
     Se me olvidou la guilhada...  
 Oulhei para trás e bi,  
 Staba la porta fechada...  
     Con el chin, glin din...*

*Que 'stás haciendo mujer,  
 Que stabas tã acupada,...  
 — Staba metendo e sacando  
 Los panhos de la culada...*

*I you culs mius olhos guichos  
 Toda la casa remiraba,  
 Que es aquilho mujer  
 Que 'stá debaixo de la nuestra cama?...  
 — Es el gato del cumbento  
 Que bino pa la nuestra gata!...  
 — Trai-me la scupeta mujer  
 Que heid'l dar ùa scopetada.  
 — Nũ haças isso marido  
 Que desconjuntas la cama.*

*— Quiẽ te agarra mujer  
 Naqueilha sierra granada,  
 Ai cũ tres carros de lheinha,  
 I outros tres de retrama.*

*I ù airico castelhano  
 Q'atçasse biẽ la chama!...  
 Cũ as tanazes de tres ganchos  
 Para rebirar las brasas.*

— *Quiẽ te agarrara marido*  
*No meio daqueilha sala*  
*Cu las piernas amarielhas*  
*I la cor demudada*

*I ls Claristas a la puesta,*  
*Salga, miu marido salga!...*  
*Niẽ que yõu baia por trás*  
*Lhorando de mala gana...*

## X

## LA LHOBA PARDA

## Rimance pastoril (Vilanesco)

Recolhido em Duas Igrejas, no Inverno de 1965, em casa do autor. Cantou Emerência Rodrigues, casada de 32 anos de idade, natural da Quinta de Cordeiro e residente em Duas Igrejas. Diz tê-lo aprendido na sua mocidade, quando guardava as vacas ou o gado e que lho ensinou o tio José Albino, da mesma Quinta, que morreu há mais de 15 anos, e que o P.<sup>e</sup> Mourinho ainda conheceu muito bem, e era natural de Malhadas.

Vê-se bem pelo contexto que este rimance veio de Espanha, certamente comunicado por pastores, uns aos outros.

D. Ramon Menendez Pidal, em «Flor Nueva de Rimances Viejos». Madrid, 1959, pág. 303, transcreve uma versão deste rimance, muito parecida com esta e dá-lhe como origem o nascimento entre los zagales de Extremadura, págs. 304-305 e «donde és mui cantado hoy al son del rabel, sobretudo em Noche Buena. Los pastores transmontanos lo propagaron por ambas Castilhas e por Leon: Lo oi cantar ánta las montañas de Riaño, lindando com Astúrias, esto és, en el punto en que termina la cañada leonesa de la trashumancia».

Correm várias versões deste rimance pela Terra de Miranda, onde é tocado pela gaita de fole e dançado no terreiro das aldeias, em dias de festa, com o nome de BICHA :

Igualmente o toca o pastor na sua flauta, através das touças mirandesas e nas arribas do Douro.

*Indo yōu la sierra arriba,  
Delantre de mie piara,  
Repicando no caldeiro,  
Remendendo mie çamarra.*

*Bi assomar ũa lhoba  
Eilha mais lhieba que parda,  
Me quitou ũa cordera,  
La mejor de la piara.  
Me quitou ũa cordera,  
La mejor de la piara.*

*Hija dũa oubeja branca,  
Nieta dũa obeja negra,  
Hija del mejor marõũ  
Que se passeia na serra,  
Hija del mejor marõũ,  
Que se passeia na serra.*

*Arriba siete cachorros,  
Abajo perra Godiana!...  
Se m'agarrareis la lhoba,  
La cena la tienes ganha,  
I se nũ me la agarrais,  
Cu la caiata lhebais.*

*Andubirũ siete léguas,  
Todas siete por arada,  
Al fim de las siete léguas,  
Yá la lhoba iba cansada.  
Yá lo cachorro mais nobo,  
Yá la agarra pu la oreja...*

*Toma cachorro la cordera,  
Lhiba-la pa la piara,  
Nũ te quiero la cordera,  
Q'la tenes toda pelada,  
Só te quiero la çamarra,  
Para fazer ùa albarda.*

*El rabo para correias,  
Para atacarmos las bragas;  
De la cabeça ù cerrõ  
Para meter las cucharas,  
Las tripas para biolas,  
Para beilaren las damas.*

*Por Diós te pido pastor,  
Pür Diós i pu la tu alma,  
Que chames tous siete perros,  
Yá me bou pa las muntanhas!...  
Direi alas mius cumpanheiros,  
Siete perros cum'els tous,  
Nũ los ten el Rei de Spanha!...*

## XI

### D. FERNANDO (1)

*Nos tempos da primabera,  
Soldadinhos bõo à guerra;  
Todos cantam, todos beilam,  
D. Fernando não se alegra.*

*Tu que tens ó D. Fernando,  
Que tão triste andas na Guerra,  
Ou te lembra pai ou mãe,  
Ou gente da tua terra.*

---

(1) Entre as versões de *D. Fernando* conhecidas no Nordeste de Portugal, região de Vinhais e de Vimioso, é esta a mais completa. Atente-se no dramatismo do enredo e no arcaísmo da expressão da cantadeira, de Constantim.

*Não me lembra pai nem mãe,  
Nem gente da minha terra;  
Lembra-me da minha amada,  
Q' deixei quando bim pra guerra.*

*S' te lembra da tua amada,  
'garr'o cabalo e bai a bê-la;  
Ao cabo de sete anos,  
D. Fernando bolta à guerra.*

*E no meio do caminho,  
O demónio le saiu;  
O cabalo se espantou,  
D. Fernando se temiu.*

*Onde bais ó D. Fernando,  
Onde bais triste de ti?  
Bou a ber a minha amada  
Já dias que a não bi.*

*Tua amada já é morta,  
É morta que eu bem a bi,  
—Di-me o traço que lebaba,  
Para m'eu fíntar em ti.*

*— Lebaba saia de seda,  
Casaco de carmesim,  
O cabelo entrançado,  
Já ela o pediu assim.*

*Logo ali mais adiante,  
Uma pomba le saiu,  
O cabalo se espantou,  
D. Fernando se temiu.*

*Não temas ó D. Fernando,  
Não te temas tu de mim,  
Eu já fui a tua amada,  
Que algum tempo te serbi.*



*Se tu és a minha amada,  
Porque não me falas, dí?!...  
Boca com que te falaba,  
Já não a trago aqui.*

*Se tu és a minha amada,  
Porque não m'abraças, dí?!...  
Braços com que te abraçaba,  
Já na terra os estendi.*

*Se tu és a minha amada,  
Porque não me beijas, dí?!...  
— Boca com que te beijaba,  
Já na terra la meti.*

*— Benderei o meu cabalo,  
E me benderei a mim;  
Para te dizer de missas,  
Tudo por alma de ti.*

*— Nem bendas o teu cabalo,  
Nem te bendas tu a ti,  
E quanto mais bem me faças,  
Mais penas me dás a mim.*

*Se algum dia tiberes filhas  
Não as tires d'ao pé de ti,  
Que não se perdam por homens  
Como eu me perdi por ti.*

*Se algum dia tiberes mulher,  
Não a chames como a mim,  
Quando chamares por ela  
Que não se lembre de mim.*

*Deixei as portas do céu abertas,  
Se se fecham, ai de mim!...*

.....

## XII

## EL OCHABO

Este rimance encadeado, todo em rima e tem um sentido moralizador do caminho desta vida ou do destino que se estimava tivesse o dinheiro antigamente. Foi recolhido em Constantim, Miranda do Douro, em 7/5/69, da boca do Senhor Lázaro Ribeiro, de oitenta e oito anos de idade.

*Encontrei um arriero  
Que me dio um ochabo  
I lo meti em el seno*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero.  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Con aquel ochabo  
Que meti al seno;  
Comprei una pita  
Me puso dos huebos.*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero!  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Com aquella pita  
Y aquellos dos huebos,  
Comprei una obeja  
Me pariu um cordero.*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero!  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Com aquella obeja  
Y aquel cordero,  
Comprei una baca,  
Me pario um becerro...*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero!  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Com aquella baca  
Y aquel becerro!  
Comprei um cavallo,  
Con su silla e freno...*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero!  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Con aquel cavallo  
I su silla i freno,  
Comprei una acenha,  
Con su acenhero.*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero!  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Con aquella acenha  
I su acenhero,  
Comprei una cabriada,  
Con su cabrero.*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero!  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Con aquella cabriada  
I con su cabrero,  
Me dieron un ochabo,  
Lo meti en el seno...*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero,  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

*Y aquel ochavo  
Que meti al seno,  
Lo dei a las almas  
Y ganhei el cielol!...*

*Que rico dinerito,  
Que rico dinero!  
Que rico dinerito,  
Me dio el arriero!...*

## XIII

## EU CASEI-ME C'Û PASTOR

*Eu casei-me cū pastor,  
Eu casei-me cū pastor,  
Pensando de ser sinhora,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*S'outor die pela manhana,  
S'outor die pela manhana,  
Pega no cerrõũ pastora,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Lá no meio del camino,  
Lá no meio del camino,  
La caiata le cortó,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Al chegar al malhadal,  
Al chegar al malhadal,  
Sopas de sebo me dou,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Los corderos eran tantos,  
Los corderos eran tantos,  
Que nũ teniẽ cuntador,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Las obejas muitas mais,  
Las obejas muitas mais,  
Q'até nubraban el sol,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Biu benir ã cavalhero,  
Biu benir ã cavalhero,  
Cũ sou cavallo andador,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Primera cosa que l dixo,  
Primera cosa que l dixo,  
De namoro le falou  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten ũa falta,  
Tou pastor ten ũa falta,  
Que tú nũ lasabes nó,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten los olhos regalados,  
Ten los olhos regalados,  
De olhar pals raios del sol,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios, cabalhero,  
Bai-te cũ Dios, cabalhero,  
Yõũ só quiero l miu pastor.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,  
Tou pastor ten outra falta,  
Que tu nũ la sabes nó,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Yá tien los dientes negros,  
Yá tien los dientes negros,  
De morder nos recostrones,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cabalhero,  
Bai-te cũ Dios cabalhero,  
Yõũ só quiero l miu pastor.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,  
Tou pastor ten outra falta,  
Que tu nũ la sabes nõ,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten los ombros derreados,  
Ten los ombros derreados,  
D' la correia del cerrõũ.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Yõũ só quiero l miu pastor.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,  
Tou pastor ten outra falta,  
Que tu nũ la sabes nõ,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten lo spinaço cobrado,  
Ten lo spinaço cobrado,  
De mudar las canhiçonas.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Yõũ só quiero l miu pastor.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,  
Tou pastor ten outra falta,  
Que tu nũ la sabes nó,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Ten las costilhas afundidas,  
Ten las costilhas afundidas,  
De matar los formigones.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Yõu só quiero l miu pastor.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Tou pastor ten outra falta,  
Tou pastor ten outra falta,  
Que tu nũ la sabes nó,  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

*Yá tiene las piernas tortas,  
Yá tiene las piernas tortas,  
De chancar los barrancones.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*

— *Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Bai-te cũ Dios cavalhero,  
Yõu só quiero l miu pastor.  
Oh terrin de rin de rina,  
Oh terrin de rin de ró.*



— *La maior falta q'él tén,*  
*La maior falta q'él tén (...)*  
 (...) — *La correia del cerröü...!!!!!!*  
*Oh terrin de rin de rina,*  
*Oh terrin de rin de ró.*

*Anda cá, palomba branca,*  
*Anda cá, palomba branca,*  
*Anda cá mie branca ãlor,*  
*Oh terrin de rin de rina,*  
*Oh terrin de rin de ró.*

*Formaremos un palácio,*  
*Formaremos un palácio,*  
*Cũ bentanas al redor!...*  
*Oh terrin de rin de rina,*  
*Oh terrin de rin de ró.*

## CONCLUSÕES

Entre estes exemplares, achamos rimances vulgares, com versões mais ou menos iguais em Trás-os-Montes e noutras regiões do País, como pode ver-se através do «Rimanceiro Geral» de Teófilo Braga e do vastíssimo Rimanceiro recolhido por Leite de Vasconcelos, assim como nas versões trasmontanas do Abade de Baçal e do P.<sup>o</sup> Firmino Martins.

Mas há versões aqui, como o *Chinglindim*, a *Lhoba Parda* e o *Ochavo*, que parece não terem paralelo no rimanceiro português. Menendez Pidal chama-lhes «*rimances villanescos*»; porque só tratam assuntos de vilãos; pastores, lavradores e outros mesteres de gente humilde. Ao último «*Eu casei-me cū pastor*», poderíamos chamar-lhe também vilanesco, apesar de, na sua rudeza de expressão, nos apresentar também um cavaleiro pretendente. Mas, quer sejam vilanescos, quer ligados a feições de gesta cavalleiresca, avultam neles circunstâncias que manifestam bem a sua antiguidade, quer na repetição dos estribilhos, próximos dos *cossantes* em canções

encadeadas dos séculos XIII e XIV, quer através de outros factos de que apontamos apenas alguns:

1.<sup>o</sup> — A romeira do n.<sup>o</sup> VI, que pede ao cavaleiro,

*«...por Deus e Santa Maria  
que a deixe ir honrada  
a essa santa romaria»...*

Através de uma versão do mesmo rimance, publicada no «Rimanceiro Português» de Leite de Vasconcelos, era romeira peregrina de Santiago. Estaríamos pois em face de um rimance jacobeu, e eu não sei se alguém se lembrou já de recolher a literatura popular referente às peregrinações a Santiago, que nos daria preciosas luzes sobre este transcendente movimento medieval.

2.<sup>o</sup> — No rimance IX, «*D. Fernando*», cujo dramatismo é palpável, no diálogo entre o cavaleiro e a alma da amada, parece haver uma alusão clara à escravatura, quando D. Fernando diz:

*«Venderei o meu cavallo  
— E me venderei a mim. —  
Para te dizer de missas,  
Tudo por alma de ti.»*

3.<sup>o</sup> — No XII, «*El Ochavo*», há também alusão bem clara à coexistência de servos da gleba, os quais, fossem moleiros, ou cabreiros, como aí se apontam, quando era vendida a propriedade, a azenha e a *cabrada* no nosso caso, eram com ela objecto do mesmo contrato.

*«Cũ aquel cavallo  
I su silla é freno  
Cũprei uma acenha  
— Cũ su acenhero. —*

*Cũ aqueilha cenha  
I su acenhero  
Cũprei una cabriada  
— Cũ su cabrero»... —*

Num pergaminho de venda de parte da povoação de Anqueira — Miranda — aos frades de Santa Maria de Morerueta, D. Sancha Teles vende-lhes toda a propriedade «cum molinis et molendinariis», com os moinhos e seus moleiros. Isto em meados do século XIII.

4.º — Referirei ainda um outro facto que me parece avultar também do rimance falado VIII — «Rodilla está la Birgen», misto de mirandês e de castelhano e certamente de origem castelhana. Ao descrever-nos com certo aparato a vinda de S. João com um pendão *colorado*, verificamos uma profunda alusão ao sangue de Cristo, derramado na Cruz, Sangue do Cordeiro. Mas uma outra versão deste rimance, recolhida em S. Martinho de Anqueira — Miranda, diz-nos que o Sangue do Cordeiro «cai nũ cálice consagrado».

*L'home que dél bebir  
Será biẽ afertunado  
Neste mundo será rei  
No outro, rei coronado.*

Não haverá aqui uma alusão ao *Santo Graal*, gesta que encheu a Idade Média?

O bom amigo Sr. Prof. Lindley Sintra, que em 1967 esteve em Duas Igrejas, freguesia de Miranda do Douro, ali achou reminiscências deste Santo Graal. Na solene função religiosa dos Passos, desta minha paróquia, existe a tradição ininterrupta, durante o Sermão do Calvário, de dois anjos subirem por uma escada à Cruz, em tamanho natural, e fazerem menção de recolher o Sangue das mãos cravadas e do lado aberto no corpo de Cristo. Levam o cálice com todo o cuidado pela igreja abaixo, através da multidão, ao pregador que está no púlpito.

5.º — De qualquer maneira estamos em presença de elementos literários que apontam factos de projecções históricas variadas, numa região que foi caminho de Santiago e que, além disso, foi percorrida por jograis em plena Idade Média, nos séculos XIII e XIV, como poderei demonstrar com documentos coevos passados em Santa Maria de Morerueta, em Miranda e em Bragança, cujas testemunhas se identificam pelas profissões expressas, e nelas avultam também

as de jogral. Estamos pois em face de simples textos de literatura popular que parecendo à primeira vista nada nos dizerem, ajudam a definir e a caracterizar a alma popular de uma região, no espaço e no tempo.

## NOTA FINAL

(significado de algumas palavras do dialecto mirandês)

|                  |   |
|------------------|---|
| <i>cajata</i>    | — cajata, lengala   |
| <i>çamarra</i>   | — pele  |
| <i>chabacas</i>  | — hipocorístico de vaca   |
| <i>cocharas</i>  | — colheres de pau dos pastores                                    |
| <i>airico</i>    | — vento fino  |
| <i>guichos</i>   | — vivos, bem abertos  |
| <i>maroũ</i>     | — o carneiro mestre do rebanho, reprodutor                        |
| <i>molimento</i> | — monumento   |
| <i>lhieba</i>    | — leva  |
| <i>ochavo</i>    | — significa oitavo, neste caso oitavo de moeda; daí o nosso chavo |
| <i>piara</i>     | — rebanho   |
| <i>retrama</i>   | — carqueja.   |

# Variações musculares no membro superior em africanos de Angola

POR

**Nuno Rodrigues Grande**

Prof. de Anatomia da Universidade de Luanda

e

**A. Cadete Leite**

2.º Assistente da Universidade de Luanda

Segundo Tchéboksarov devem considerar-se três raças humanas primordiais: negróide, europóide e mongolóide. As diferenças morfológicas que as distinguem e caracterizam representam o resultado da adaptação às influências do meio, pois é de admitir origem comum para todas (teoria monogenética). Nesta perspectiva, as variações anatómicas descritas em relação ao modelo europóide podem conduzir-nos ao conhecimento das linhas de evolução que determinaram as diferenças rácicas; é evidente que os princípios gerais a tirar de tal análise têm que assentar em amostragens de significado estatística, o que impõe grande número de observações, uniformemente colhidas. Apesar das dificuldades encontradas, é neste espírito que no Laboratório de Anatomia Humana Normal da Universidade de Luanda estudamos as variações morfológicas, de que neste trabalho mostraremos algumas musculares referentes ao membro superior.

De um modo geral, na raça negróide as massas musculares são mais volumosas e melhor diferenciadas que na europóide mas, além disso, são frequentes as variações dos músculos, particularmente da face anterior do membro superior.

### — Bicipete braquial

#### **Cadáver de adulto, sexo masculino, sem identidade**

Em ambos os lados, o bicipete braquial tem 5 corpos. Além dos 2 classicamente descritos, ao longo do bordo interno da goteira bicipital, podem ver-se três feixes umerais. Destes, o mais longo inicia-se por um tendão que toma inserção junto do troquino; um feixe médio insere-se, imediatamente abaixo e um terceiro, largo, confunde a sua inserção na diáfise umeral, com a do braquial anterior. Estes três feixes juntam-se aos dois restantes no tendão de inserção radial (Fig. 1 A).

#### **Cadáver de adulto, sexo masculino, 25 anos**

##### **Causa de morte — febre tifóide**

O bicipete tem, em ambos os lados, um corpo muscular acessório aos dois habitualmente existentes. Este feixe supranumerário insere-se no bordo interno do úmero, confundindo-se com as inserções inferiores do músculo coracobraquial; entre os dois músculos passa o feixe vâsculo-nervoso que se destina ao corpo muscular principal (Fig. 1 B).

### — Deltóide

Peça isolada dos músculos do braço esquerdo <sup>(1)</sup>.

Deltóide muito desenvolvido, com uma inserção umeral muito baixa (aproximadamente no meio da diáfise do úmero); além disso, continua-se por um corpo muscular situado no plano coronal o que estabelece continuidade com o braquial anterior e os músculos epicondilianos, inserindo-se no tabique intermuscular externo (Fig. 2 A e B).

---

(1) Dissecção realizada pelo aluno de Anatomia Descritiva, Senhor José Carlos Machado Rodrigues.

### — Redondo pronador

**Cadáver do sexo masculino, idade aproximada, 30 anos,  
morte por traumatismo crânio-encefálico**

Um feixe cubital parte do corpo muscular do flexor superficial comum dos dedos, dirige-se de dentro para fora e toma inserção ao longo do bordo inferior do tendão terminal do músculo, até ao rádio (Fig. 3 A).

### — Músculo acessório do flexor próprio do polegar

Um corpo muscular partido do flexor profundo comum dos dedos, atravessa por diante a membrana inter-óssea dirigindo-se para baixo e para fora e termina num tendão longitudinal, onde se prende o flexor próprio do polegar (Fig. 3 B).

### Análise da descrição

As variações encontradas no bicípete assemelham-se a outras já referidas na literatura portuguesa.

Assim em 1914 Pires de Lima, descreveu três casos de bicípete com um feixe acessório, sendo um deles como o da figura 1 B, formado por um feixe acessório inserindo-se entre o coracobraquial e o braquial anterior. Não referiu, no entanto, qualquer continuidade entre estes músculos, ao contrário do caso agora descrito em que a inserção inferior do coracobraquial se confunde com a superior do feixe acessório do bicípete. Por outro lado, a anomalia é bilateral no nosso caso, e era unilateral no descrito por aquele autor.

Em 1913, Hernâni Monteiro relatou ainda dois casos de feixe umeral do bicípete de inserções semelhantes ao descrito por Pires de Lima, afirmando que se fixava entre o coracobraquial e o braquial anterior «sem apresentar a mais leve conexão com as fibras daqueles dois músculos».

Nas 6 observações descritas por Henrique Vilhena em 1923 é sempre referida a inserção entre a mais baixa do coracobraquial e a mais alta do braquial anterior sem qualquer alusão à permuta de fibras entre o feixe acessório e aqueles músculos.

Finalmente em 1957 Simões de Carvalho deu-nos notícia de um caso de feixe supranumerário do bicipete, com inserção semelhante aos dos autores já mencionados, também não referindo quaisquer relações de continuidade com os restantes músculos das faces anteriores do braço.

Na literatura portuguesa que conhecemos só nos foi dado encontrar um caso de bicipete braquial com três feixes acessórios, descritos em 1923 por Henrique Vilhena, embora com uma disposição inteiramente diferente do que descrevemos na figura 1 A.

A frequência do aparecimento de feixes supranumerários no bicipete humano parece ser grande, no que diz respeito ao europóide. Greig, Anson e Budinger em 1952 encontraram variações em 28 dos 130 bicipetes estudados; verificavam que a existência de um feixe supranumerário, inserindo-se no terço médio do número constitui a variações mais frequentes (5 casos), o que já tinha sido afirmado por Wolfheidegger (1937).

A frequência deste «feixe umeral do bicipete que o transforma num tricípete» é apontado por Testut (1960) como sendo de 26 % nos mongolóides, 10% nos europóides e 12 % nos negróides.

A variação com 5 corpos musculares é mais rara e aparece na série de Greig e col. em 2 dos 138 casos estudados.

A disposição do deltóide descrito na Fig. 2 tem o interesse de contrariar o que Testut considera mais frequente na raça negra, pois, sendo mais baixa à inserção no úmero que o habitual ao europóide, opõe-se à regra que considera ser mais frequente uma inserção alta no negróide. O feixe que continua o deltóide e o confunde com os músculos epicondilianos é referido nas variações do braquial anterior (Testut). O desenvolvimento anômalo isolado deste feixe externo, normalmente innervado por um ramo do radial, é na opinião de Kirklin (1947) elemento para pensar numa origem embriológica na massa pré-muscular posterior do membro superior do embrião.



As variações mais frequentes no redondo pronador dizem respeito à ausência de um dos seus feixes (sendo a falta do coronóideo o mais vezes referido — Hollinshead — 1958). Nos casos descritos de feixe supranumerário, este parte habitualmente dos epitrócea. Deste modo, a originalidade da nossa descrição está na circunstância de se tratar de um feixe supranumerário partido do flexor superficial comum dos dedos. O último caso descrito diz respeito a um feixe epitroclear do longo flexor próprio do polegar, também chamado «*muscularis accessorius ad pollicem*» de Gantzer. Na literatura portuguesa encontramos descritos sete casos por Pires de Lima (1914) e mais recentemente outro por Simões de Carvalho (1949). Parece tratar-se de uma «vulgaríssima variação» (Pires de Lima) pois num estudo de 150 casos de Dykes e Anson (1944) foi relatado em 80.

### Comentário

As variações descritas são todas por feixes supranumerários. Se o mais precoce trabalho físico justifica maior desenvolvimento das massas musculares na raça negróide, o aparecimento de feixes supranumerários indica maior potência no trabalho realizado (Campbell — 1967). Além disso, tem que considerar-se que, em função das dificuldades do ambiente, o uso dos membros superiores como meio de locomoção nos negróides é mais frequente que nos europóides o que determina características especiais na morfologia muscular e óssea. Neste aspecto são de salientar, na pequena série agora apresentada e com as reservas convenientes, a implantação baixa do deltóide (Campbell) e a existência de feixe acessório do longo flexor próprio do polegar (Testut).

(Trabalho realizado no Laboratório de Anatomia Humana Normal da Universidade de Luanda. Director: Prof. Nuno Grande).

### Sumário

Descrevem-se quatro casos de variações musculares no membro superior do negróide de Angola. Procura-se estabelecer cura relação com as características ambientais.

### Summary

A. A. studied four cases of variations, in negros limbs, from Angola. The tried to establish relations between the variations and the work and the locomotion.

### BIBLIOGRAFIA

- PIRES DE LIMA, J. A. — «Nova série de Observações Portuguesas de anomalias musculares». III: 3, 1, *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, 1914.
- MONTEIRO, H. B. — «Notas Anatômicas» (XIX-XXXIII). *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, v: 3, 183, 1919.
- VILHENA, H. — «Observações Anatômicas». *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, VII: 1, 421, 1923.
- GREIG, H. W., ANSON, B. J., BUDINGGER, J. M. — Referido por HOLLINSHEAD.
- TESTUT, L. e LATARJET, A. — «Tratado de Anatomia Humana». Selvat: Ed. Barcelona, 1960.
- KIRKLIN — Ref. por HOLLINSHEAD.
- HOLLINSHEAD, H. — «Anatomy for Surgeons». Vol. 3. Ed. Hoeber-Harper, Book N. York, 1958.
- DYKES, J. e ANSON B. J. — «The accessory tendon of flexor policis longus musculus», *Anat. Rec.*, 90: 83, 1944.
- SIMÕES DE CARVALHO, A. A. M. — «Um caso de anomalias musculares múltiplas». *Folia Anatomica Universitatis Conimbricensis*, XXIV; 4, 1, 1949.
- CAMPBELL, B. — «Human evolution». Aldine Publishing Company, Chicago, 1967.



Fig. 1 A



Fig. 1 B



Fig. 2 A



Fig. 2 B



Fig. 3 A



Fig. 3 B



# Achegas para um possível e necessário rol dos achados da «Idade do Bronze», no distrito de Viana do Castelo

POR

L. Quintas Neves

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
Sócio Correspondente da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Dispersos por variadas publicações, algumas hoje já de difícil aquisição, estão os registos dos achados da Idade do Bronze, no distrito de Viana do Castelo.

A Idade do Bronze, compreende um vasto período da Pré-História que vem até à Idade do Ferro; e a sua influência no viver, no comércio e nas migrações dos povos teve alta e decisiva preponderância.

Parece-nos, portanto, que tudo quanto seja concorrer para um minucioso estudo de tão assinalado espaço de tempo é, evidentemente, prestar serviço à nossa Arqueologia.

Propomo-nos aqui relacionar aqueles de que temos testemunhal informação e que outros investigadores, sem dúvida mais competentes e melhor documentados, virão completar para seguro guia de futuros e carecidos estudos de ordem fundamental. Estão por fazer a quase totalidade dos nossos mapas arqueológicos. A não serem aqueles que Fernando Lanhas e D. Domingos de Pinho Brandão têm meticolosamente organizado na região portuense, pouco mais conhecemos neste sentido. Julgamos que, sem um criterioso estudo da morfologia e cronologia destes objectos, enquadrando mesmo nestes princípios a própria Etnografia local que nos poderá trazer considerado conteúdo informativo, o estudo tanto quanto possível acertado dos

nossos antepassados e seus costumes ficará, sempre, com deficiências que se não coadunam com os actuais processos científicos.

Não cumpre esperar pelo auxílio e contributo oficiais, sempre demorado e muitas vezes ineficientes. A nossa geração, com seus recursos naturais, pode e deve deixar aos futuros historiadores o largo alicerce destes comprovados registos.

Eis o nosso depoimento:

**Areosa** (Viana do Castelo): — *Fibulas* e outros objectos de bronze, encontrados nos limites do castro situado em íngreme outeiro sobranceiro, pelo Norte, ao ribeiro do Pêgo ou rio da Areosa. Destino desconhecido.

**Bibliografia:** ABEL VIANA — *Brotéria*, vol. LIX, Lisboa, 1954.

**Bouças** (Melgaço): — *Machado de alvado*. Encontrado pelo pessoal dos Serviços Florestais, no monte da Viçosa. Tem o comprimento de 144 mm e o peso de 275 gramas. Depositado no Museu Municipal de Viana do Castelo, por ordem da Junta Nacional da Educação.

**Bibliografia:** L. QUINTAS NEVES — *Studium Generale*, Porto, 1957.

**Bouças** (Melgaço): — *Ponta de Lança*. Encontrada junto do objecto precedente, de tipo lanceolado, tubular, com contornos já bastantes perfeitos. Mede 135 mm de comprimento, largura máxima 35 mm e peso 100 gramas. Depositada no Museu Municipal de Viana do Castelo.

**Bibliografia:** A precedente.

**Bouças** (Melgaço): — *Bloco quadrangular*. Achado junto aos dois instrumentos anteriores, parece ter sido reservado para ultteriores manufacturas. Tomando em consideração a cronologia atribuída aos dois objectos que estavam juntos, pode ser de utilidade para verificação dos elementos de composição do material desta época. Está, como os seus companheiros, depositado no Museu Municipal de Viana do Castelo.

**Bibliografia:** A precedente.

**Carpinteira** (Melgaço): — *Machados de talão com dois anéis.*

O arranque casual de uns pinheiros no sítio deste nome, na freguesia de S. Paio, deu lugar ao encontro de cinco machados de bronze de talão com dois anéis. O operário que fez o achado, julgando tratar-se de metal mais precioso, fracturou alguns exemplares. Adquiridos pelo arqueólogo vianense Serafim Neves, encontram-se hoje um tanto dispersos: Museu Nacional Soares dos Reis (Porto); Etnológico de Belém (Lisboa); e Municipal de Viana do Castelo.

**Bibliografia:** J. FORTES — *Esconderijo morgeano da Carpinteira, Portugal*, vol. III 475, Porto, 1907. J. FORTES — *Archeologo Português*, vol. XV, 247. R. SERPA PINTO — *Machado de Bronze do Museu Municipal do Porto*, Portucale, 421, Porto. FLORENTINO L. CUEVILLAS e F. BOUSA BREY — *Os Oestrinios, os Saefes, e a oñolatria en Galiza*, 68, Cruña, 1929. R. DE SERPA PINTO — *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal*, Anais da Faculdade de Ciências do Porto, separata, Porto, 1933.

**Carreço** (Viana do Castelo): — *Foicinha.* Achado de Abel

Viana, ao explorar o monumento conhecido por *Cova da Moura*, situado nesta freguesia. «Com nervura central a todo o comprimento em ambas as faces e, ainda, conservando o resto do alvado, que depois se desfez». Comprimento 0,080 e largura 0,036. Destino desconhecido.

**Bibliografia:** ABEL VIANA — *A Cova da Moura* (separata), Zaragoza, 1955.

**Ganfei** (Valença): — *Machados de talão com dois anéis e cabeça de fundição.*

Esconderijo com 24 destes instrumentos, logo fraccionado o seu número por vários adquirentes. Como circunstância a notar neste achado o facto de nenhum dos instrumentos, segundo opinião do arqueólogo de Viana do Castelo Serafim Neves, estar preparado para uso imediato. Joaquim Fortes, elucida também, que alguns machados foram já

encontrados fragmentados, o que faz pensar em que poderia também representar «mealheiro» para servirem como valor de troca.

**Bibliografia:** J. FORTES — *Esconderijo morgeano de Ganfei, Valença*, Portugal, vol. II, 661, Porto 1908. MENDES CORRÊA — *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, 233, Porto, 1924. R. DE SERPA PINTO — *Machados de Bronze do Museu Municipal do Porto*. Portugal, vol. II, 421, Porto 1929. Idem *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal*, Anais da Faculdade de Ciências do Porto, 9, 1933. FLORENTINO L. CUEVILLAS e FERMIN BOUZA BREY — *Os Oestrimínios, os Saefes, e o ofiolatria en Galiza*, 68, Cruña, 929.

**Insalde-Padronelo** (Paredes de Coura): — *Machados de duplo anel*. Achado de três machados no sítio da Cabeluda, pertencente às duas freguesias citadas, quando da abertura da estrada hoje designado por Estremo. Um, naturalmente dos mais perfeitos, foi estudado pelo culto Prof. Dr. Castro Nunes que, em sua autorizada opinião, diz parecer tratar-se de um «novo exemplar do subtipo corunhês, segundo a tipologia estabelecida, após aturadas investigações, pelo Dr. L. Monteagudo (*Hachas de talón*, Barcelona 1951)». Encontram-se os dois restantes no Museu do Seminário de Braga.

**Lanhelas** (Caminha): — *Machados «Peninsulares»*. Encontro casual de cerca de 10 destes instrumentos no monte da Senhora do Crasto, pelo pedreiro Casimiro José Eiras. Todos em regular estado de conservação, com eles encontrou o achador diversos fragmentos de fundição do mesmo metal, o que leva o autor da presente notícia a julgar ter sido ali o lugar de uma fundição.

Alguns autores registam este achado como sendo em *Vilar de Mouros*, do mesmo concelho.

**Bibliografia:** *O Minho pitoresco*, vol. I, Lisboa, 1886. *Catálogo do Museu Soares dos Reis*, Porto, 1946.

**Moreira** (Monção): — *Machados de talão e duplo anel*. Na bouça da Catelinha, proximidades da Brejoeira, foram encontrados em 1945, juntamente com outros objectos do mesmo metal mencionados na nota seguinte, 20 machados de bronze com duplo anel. O Dr. Russel Cortez, o primeiro a dar a notícia deste achado, agrupa estes exemplares em dois tipos um pouco diferentes; comparando-os com os da Carpinteira, Ganfei, etc.

**Bibliografia:** DR. RUSSEL CORTEZ — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIII, Porto, 1951.

**Moreira** (Monção): — *Fibulas e outros fragmentos inqualificáveis*. Junto com os instrumentos mencionados na nota anterior, foram encontrados 1 fibula de bronze sem fusi-lhão, 2 arcos de fibula do tipo de «Santa Luzia», 1 arco de fibula em sanguessuga, 1 fivela anular, 1 lâmina com ornamentação assemelhando-se a um coração e, ainda, vários fragmentos inclassificáveis.

O seu estudo, classificação e cronologia está, juntamente com o dos machados, feito na «bibliografia» indicada na nota precedente.

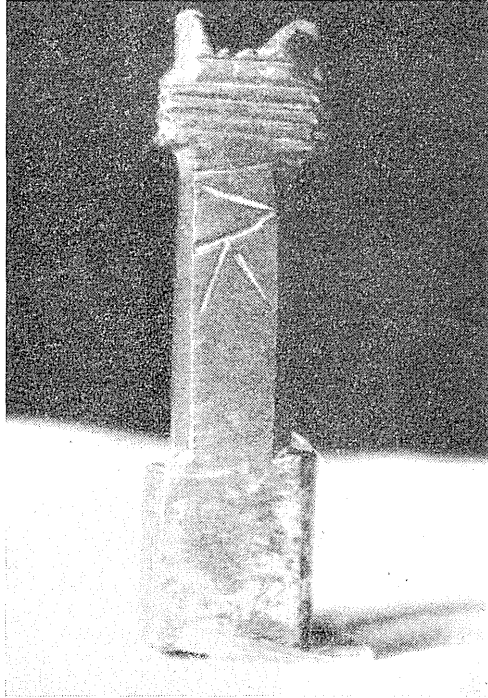
**Perre** (Viana do Castelo): — *Machadinha castreja*. Instrumento de certa raridade nos achados desta natureza. O Sr. Coronel Mário Cardozo — «Machadinhas Castrejas» — Lisboa 1937, registava apenas cinco exemplares e dava, para o deste concelho, o peso de 25 gramas e o comprimento de 65 centímetros.

Quanto à sua morfologia, o mesmo considerado arqueólogo expõe: «é o que mais difere da bipene típica... «Representa fielmente em miniatura, o instrumento aplicado em desaterros, que hoje é conhecido pelo nome de *alvião*».

O estudo a que acima nos referimos do Sr. Coronel Mário Cardozo, é separata do tomo III da *Revista de Arqueologia*, Lisboa, 1937.

**Santa Luzia** (Viana do Castelo): — *Arula votiva*. Raro objecto de carácter votivo, exumado da citânia de Santa Luzia.

De tamanho reduzido, de total secção quadrangular em seus três sectores complementares, mede apenas 5 cm de comprimento e pesa sòmente 45,5 gramas. Numa das



*Arula votiva* de Santa Luzia

faces do terço superior do seu fuste, conserva «três traços gravados e mais dois em forma de V invertido».

Depositada no Museu Municipal de Viana do Castelo.

**Bibliografia:** L. Figueiredo da Guerra — *Esboço Histórico — Viana do Castelo*, Impr. da Universidade de Coimbra, Coimbra 1877. J. Leite de Vasconcelos — *Archeólogo Português*, vol. III, 21 e *Relações da Lusitânia*, vol. III, 508. T. Simões — *Alto Minho*, vol. I, 36, Viana S/D.

**Santo Ovídio** (Ponte de Lima): — *Machados planos e de gume curvilíneo*. No alto fronteiro a esta vila, onde parece ter existido um castro de certa importância, como se verifica pelas ruínas ali patentes, registou-se o aparecimento de instrumentos deste tipo. Dois destes objectos foram oferecidos ao Museu Nacional Soares dos Reis pelos Drs. Manuel Monteiro e Cândido Cruz.

**Bibliografia:** R. DE SERPA PINTO — *Machados de bronze do Museu Municipal do Porto*, Portucale, vol. II, 421. Porto, 1929.

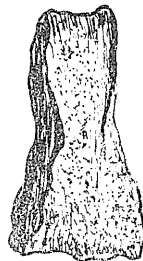
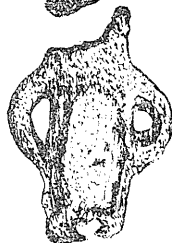
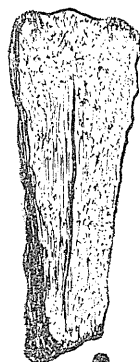
**Távora** (Arcos de Valdevez): — *Machados de duplo anel*. Dois machados deste tipo encontrados numa pedreira na quinta da Comenda, no ano de 1895. Os achadores, julgando tratar-se de bom ouro monrico, quebraram os dois instrumentos em vários pedaços que foram depois recolhidos pelo dono da propriedade.

F. Alves Pereira, deu deste achado devida conta em artigo publicado no *Archeólogo Português*, vol. IV, pág. 88 e ss.

**Vade** (Ponte da Barca): — *Machado de dupla aselha*. Este instrumento foi oferecido ao arqueólogo F. Alves Pereira, em 1898, por um homem da povoação de Auditor.

O considerado arqueólogo identificou o presente exemplar, apenas com pequenas diferenças, com os do seu achado de Távora.

Destino desconhecido.



Machado de Távora — Arcos de Valdevez

Reprodução

**Vila de Punhe** (Viana do Castelo): — *Machados de duplo anel*. No lugar de Pereiras-Pequenas desta freguesia, em 1916, ao proceder-se ao plantio de umas videiras, foi encon-

trada uma grande quantidade destes instrumentos. Simões Viana — *Alto Minho*, vol. I, pág. 7, Viana s/d, avalia em mais 100 o número destes objectos e considera a sua classificação, de harmonia com Dechelete, do tipo de dupla caneladura e duplo anel, originário da Península Ibérica. Dos exemplares salvos das mãos do fundidor, alguns já despojados do chumbo dos cabeços, foram remetidos ao Museu Dr. Leite de Vasconcelos.

**Bibliografia:** A citada no texto.

Neves-Barroselas, Maio de 1969



# Quadros do Folclore de Trás-os-Montes e Alto Douro

POR

P.<sup>e</sup> Joaquim Manuel Rebelo

Pároco da Freguesia de Felgar, concelho de Moncorvo  
e Sócio da Soc. Port. de Antropologia

Eu gostava que os leitores voassem, por momentos, nas asas da imaginação, até àquela rica região (refiro-me sobretudo aos concelhos de Torre de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Vila Nova de Foz Côa e Carrazeda de Anciães) de gente, aparentemente, rude mas sã, onde o azeite, vinho e amêndoa se colhem em abundância, enchendo a casa do lavrador, que, confiadamente, reza ao *Senhor* para que os anos *sejam fartos*, porque ele sabe bem que *com Deus tudo e sem Deus nada* (28), e surpreendessem *in loco* vários quadros da vida alto-duriense, que poderiam ser estes que, a largas e descoloridas pinceladas, lhes vou pintar.

Vivia o *Ti Cara Linda* numa pequena propriedade algo afastada da aldeia que lhe servira de berço. Para ali fora viver, naquele oásis encravado no *Planalto do Couto*, logo que o pai morrera e fizera partilhas com os irmãos; é que ele conhecia o rifão — *Deus nos dê bom vizinho na porta e na horta* (29), por isso deixara o povo, e ali se isolara convencido de que, apesar de afastado do convívio humano, *Deus nunca o abandonaria*; «pois, não é verdade, dizia ele com os seus botões, que *Deus nunca desamparou quem criou?*» (30).

Apesar de triste por só ter um filho conformava-se contudo com a *vontade de Deus*, porque dizia: «*Se Deus não os dá* (filhos) *desejá-los é pecado*» (31).

E para ali vivia segundo a norma do outro que afirmava: «*Confiar em Deus que é bom Senhor*» (32), recebendo, de vez em quando, a visita de um ou outro amigo, sobretudo quando adoentado.

Um dia, já depois do almoço, pareceu-lhe sentir bater à porta do curral, pois, os cães latiam ferozmente e investiam contra as pesadas portas.

Apurou o ouvido e sentiu:

Truz-truz.

— «*Entre quem é*», respondeu de dentro o *Ti Cara Linda*, ansioso, como sempre, porque alguém viesse dar-lhe *dois dedos de treta* (2) a fim de aliviar um pouco o seu reumático.

Logo que ouviu *voz de gente* (3), e serenados os cães, o senhor *Manel da Xica Neiva*, homem atarracado, empurrou uma das portas, rangeram as *couçueiras* (4), entrou e saudou:

— Ora *Deus entre aqui e o diabo em casa dos padres* (5).

— E a ti (acrescentou, imediatamente, e com certa ironia, o *Ti Cara Linda*) *Deus te dê tantos anos de vida como de palmos tem a formiga* (6).

— Mau, mau! Estou a ver que tu és dos que *querem um Deus para si e um diabo para os outros?!* (7).

— Bem sabes que, às vezes, é preciso mostrar-te, para acalmáres, que nós não somos *nem tão bom como Deus nem tão mau como o diabo* (7). E além disso, e desculpa-me, *cada um trata de si que Deus é Pai e trata de todos* (8).

— Está bem, está bem. *A verdade manda Deus que se diga* (7), não é assim?

— Ouve lá: como o *tempo dá-o Deus de graça* (8), e o *futuro a Deus pertence* (7), ou, se quiseres, o *homem põe e Deus dispõe* (7), venho, hoje, com disposição para chalacear um pouco; olha que *Deus o que lhe vale é estar alto senão às vezes ouvias boas* (8)!

Bem, mas nada de brincar com coisas sérias, porque lá diz o *ditágio: graças a Deus muitas, graças com Deus poucas* (8). Eu bem sei que *Deus é bom mas o diabo também não é mau* (10); contudo nada de tocar em coisas sagradas.

— Pois, eu, *tamém*, estou com disposição para conversar, apesar deste reumático não me deixar.

— Não vos *aflijades* <sup>(12)</sup>, porque *de hora a hora Deus melhora* <sup>(8)</sup>. Estou como diz o *Antoinho da Cândida*: «*fiar em Deus que é santo velho*» <sup>(8)</sup>, ou como diz o outro: «*põe a mão que eu te ajudarei*» <sup>(8)</sup>.

— Estou a *penar os meus pecados* <sup>(13)</sup>. Já dizia meu avô (*que Deus tenha na sua santa morada*) que «*Deus castiga sem pau nem pedra*» <sup>(6)</sup> e <sup>(10)</sup>; e é bem certo.

— Sim, sim. *Deus que te castigou algum erro te encontrou* <sup>(10)</sup>!

— Não te rias do mal, porque *Deus não dorme* <sup>(7)</sup>. *Deus ainda está onde estava* <sup>(7)</sup>.

— ... *Por quem Deus nos manda avisar* <sup>(7)</sup>! Sabes que mais? *Deus te dê a fala que deu ao meu burro* <sup>(8)</sup>...

— Parece que em vez de alívio me trazes mais moléstia. Irra! É caso para dizer-te, embora contrafeito: *Deus nos livre de quem não deu as medidas* <sup>(6)</sup>!

— Sossega, porque bem sabes que *em cada hora Deus melhora* <sup>(6)</sup>. A indisposição momentânea pode ser prenúncio de alegria. Não esqueças, mas não te envaideças, que *quem com Deus anda Deus o ajuda* <sup>(7)</sup>.

— Sim, *Manel, quando Deus quer com todos os ventos chove* <sup>(10)</sup>.

Mas eu sou um grande pecador. Bem *m'agarro aos santos da minha devoção* <sup>(15)</sup>, mas... Já o meu pai, *que Deus tenha na Sua santa morada*, me dizia: «*quando Deus quer os santos não advogam*» <sup>(8)</sup>.

— Eu, *tamém*, tenho ouvido dizer que: «*se Deus não quer a santos não rogues*» <sup>(10)</sup>.

Nós, agora, só estamos bons para rezar Padre-Nossos, ou para cantar os «Martírios». Temos de nos *encomendar a Deus*.

Mas como tudo vai desaparecendo! Ainda me recordo de alguns versos dos «Martírios» que cantávamos no fim das Cruzes (Via-Sacra) na igreja e na rua. Ora escuta:

Fui ao Bom Jesus de Braga  
 Vi lá uns tantos martírios,  
 Foi-se-me a luz dos meus olhos,  
 Turvaram-se-me os meus sentidos.

Fui ao Bom Jesus de Braga,  
 Ai Jesus o que eu lá vi.  
 Foi-se-me a luz dos meus olhos,  
 Logo por terra caí.

Jesus Cristo está no horto,  
 De joelhos em oração,  
 Vieram os três algozes,  
 Com sua espada na mão.

Vieram as três Marias  
 E pentearam-no muito,  
 Logo dali o levaram  
 Lá para o seu santo sepulcro (<sup>46</sup>).

E a «encomendação das Almas» que se fazia, também, na Quaresma? Que lindo costume!

À noite, quando tudo dormia, lá se ouvia, em vários lugares da freguesia, (nas paragens) um cantar dolente, tristonho, que comovia e metia medo.

Tu ainda te deves *lembrar* bem disto pois *andásteis*, algumas vezes, com o *António Pintor* a encomendar as Almas?!

— *Bô* se recorde!

Éramos três homens e, às vezes, a tia Arminda. Embuçados nos capotes e a tia Arminda com o xale pela cabeça, de lampião nas mãos, nas paragens, virávamo-nos uns para os outros e cantávamos:

Acordai, ó irmãos meus,  
 Desse sono em que estais,  
 Que as almas se estão queixando,  
 Que delas vos não lembrais.

Rezemos uma Salvê-Rainha  
 À Virgem Nossa Senhora,  
 Que ela seja nossa madrinha,  
 E nossa intercedora.

Rezemos um «crem» Deus Pai  
 A Sagrada Morte e Paixão,  
 Que à hora da nossa morte  
 Nos dê a salvação.

Vós que estais nas vossas camas,  
 Dormindo e descansando,  
 Ficai-vos com Deus ficai-vos,  
 Que eu com Deus me vou andando (46).

E no fim, rezávamos um Padre-Nosso e uma Avê-Maria pelas nossas intenções junto à porta principal da igreja, depois de ter feito o oferecimento ao S. Sacramento.

Estes rapazes e raparigas de agora só pensam nos futebóis e na *trevisão!*

Mas, falemos de coisas mais alegres. Sabes o que me estava, agora, a lembrar? Aquelas «rondas» que nós fazíamos quando éramos moços. As nossas namoradas nem dormiam quando lhes dizíamos que íamos fazer uma ronda.

Rondas! Mas quem fala em rondas, fala em noites calmas, luarentas, vozes enternecidas de moços a vibrar de amor pelas suas adoradas, ais reprimidos de namoradas em vigília!

Rondas! Noite com o luar a espreitar por todos os lados, latidos de cães que guardam propriedades — as cordas do violão e da guitarra, tocadas por mãos calejadas, mas hábeis, começam de ser dedilhadas. Balem ovelhas ao longe, piam aves noctivas, orneiam jumentos estremunhados, cantam galos espantados.

As vozes dos solistas vão ouvir-se em quadras repassadas de amor.

No cimo do lugar, a ronda põe-se em marcha num passo lento, cadenciado. Os acordes do violão e da guitarra já se ouvem. O primeiro cantor prepara-se para começar a cantar; toma fôlego e...

Mas demos, agora, novamente, a palavra aos nossos velhotes.  
 — Sim, as nossas rondas! — lembra o *Ti Cara Linda* — .

Apesar de velho, *Manel*, quantas quadras ainda me lembram das nossas rondas!

— Ó *Cara Linda*, vamos tentar lembrar alguns «versos» dessas rondas?

Ora começa lá tu a ver se eu ainda *incarrilho*.

— Vamos lá tentar. Eu vou dizer algumas quadras de que m'alembro, mas tu, *tamém*, dizes depois algumas, está certo?

— Sim, começa lá.

E o *Ti Cara Linda* começou a dizer estas quadras, que vou reproduzir fielmente:

A carta que me mandaste,  
Trazia a letra tremida,  
Foi com o calor do seio,  
De a trazeres escondida.

Atirás-te-me, atirei-te,  
Encontraram-se as pedrinhas,  
Quando as pedras se encontram,  
Que fará as nossas falinhas.

Se os meus tristes ais voassem,  
Dera dez mil cada hora,  
Que fossem bater ao peito,  
De quem me lembrou agora.

Ando por aqui de noite,  
De dia não posso andar,  
Ando lavrando terreno,  
Para outro sementar.

Constipei-me à tua porta,  
A tomar uns gargarejos,  
Agora, tens de curar-me,  
Com sanapismos de beijos.

Pronto (acrescentou o *Ti Cara Linda*). Agora, dissei lá vós algumas que *tendeis* boa memória.

— Ai vão estas — disse o *Ti Manel* — :

Saudades te persigam,  
Que não te possam valer,  
De tão alto caias tu,  
Que aos meus braços venhas ter.

Com falinhas indecisas  
O melhor tempo se gasta,  
Trata das voltas precisas,  
Que de cantigas já basta.

Se queres que eu te não queira,  
Pede a Deus p'ra que me chame,  
Pois, nem Deus doutra maneira  
Consegue que te não ame.

Eu quero-te amar, amar,  
Eu quero-te querer bem,  
Hei-de te tirar de casa,  
Sem o saber tua mãe.

Atirei com a pena ao ar,  
Caiu no chão fez um i,  
Ande lá por onde andar,  
Nunca me esqueço de ti.

Os nossos velhotes sentiam-se, já, um pouco cansados, após esta conversa que tinham entabulado, de pé, debaixo do alpendre; por isso o *Ti Cara Linda*, depois de levar o amigo à adega, onde se provou a *pinga*, que *tinha uma rica agulha*, e *Deus queira lhe fizesse mil onças de sangue* (<sup>33</sup>), convidou o amigo a sentar-se no quintal contíguo à casa:

— Ó *Manel*, e se nós fôssemos ali para a horta sentarmo-nos ao pé daquele olmo, que eu plantei, continuar a lembrar um pouco o passado?

— Vamos lá, *home*; sempre ouvi dizer que *quem se muda Deus o ajuda* (8).

Ó *Cara Linda*, ainda te recordas daqueles versinhos dos olmos que nós cantávamos às moçoilas quando íamos com os *bães* p'ros lameiros? Não t'alembra daquela cantiga que a *Xica Panda* cantou uma vez — há *qui* anos! — quando ela se babava por ti? Recordo-me como se fosse hoje. Era assim:

Subi ao olmo sem rama,  
Quem m'há-de agora descer?  
Difamaram-me contigo,  
Quem m'há-de, agora, querer? (35)

— Ah! Já m'alembro. Eu até lhe respondi com esta:

Rip'à folha ó teu olmo,  
Que eu ao meu já lh'a ripei,  
Tira de mim os sentidos  
Que eu de ti já os tirei (36).

E ela, então, zangadíssima atirou-me com esta:

Algun dia por te ver  
Ia de noite à fonte,  
Agora, peço às Almas  
Que nem de dia t'encontre (37).

— E tu não te recordas daqueles jogos de roda que em *Silhades* (45), a quando da apanha da azeitona, e nos domingos, atrás da igreja, dançávamos? Era até a *Tia Ruadas* que com o pandeiro marcava o compasso. Que bailados tão legres e inocentes e tão diferentes dos que, gora, para aí dançam esses rapazes e raparigas *evolidos!*



Era sempre a *Amélia do Rentes* que dava a entrada. A *Maria Xica* gostava muito daquele que começava assim:

Deixaste-m'a mim por por outra }  
 Para amar a quem mais tem; } bis  
 Eu por riqueza não deixo }  
 D'amar a quem me quer bem. } bis

Estrilho:

Quem m'há-de querer, agora, }  
 Quem m'há-de querer a mim, } bis  
 Sabendo eu que te amo, }  
 Eu dava a vida por ti. } bis

Tenho dentro do meu peito }  
 Laranja, verde limão, } bis  
 Para ter a fruta toda, }  
 Falta-m'o teu coração. } bis

Estrilho: Quem m'há-de...

Ó meu amor d'algum dia, }  
 Tu queres-m'ainda bem? } bis  
 Essa *procura* está boa, }  
 Isso duvid'ó alguém? } bis

E ela ia deitando o olhar para ti que, também, diga-se a verdade, não despregavas os olhos dela!

— Bons tempos, mas que já não voltam, em que nós trazíamos as cachopas ali da terra embeçadas!

— Bem, eu estou convencido que Deus nos há-de perdoar, porque, como diz o adágio, *quem na primeira se emenda a Deus se encomenda* <sup>(10)</sup> e os santinhos da nossa devoção, também, hão-de ajudar. A minha avó dizia muitas vezes: *Deus nos deia quem por nós seja* <sup>(8)</sup>. E olha qu'ê verdade!

E, então, as oraçõeszinhas que nos ensinaram as nossas avós e que nós rezamos todos os dias, ao deitar e levantar, não hão-de servir para nada?

Olha eu nunca me levanto que não diga:

Bendito seja Deus,  
 Bendito o claro dia,  
 Bendito o santo do meu nome,  
 E o santo deste dia.  
 Em louvor de Jesus  
 Padre Nosso e Avé Maria (47).

E, ao deitar, rezo sempre esta oração:

Nesta cama me deitei,  
 Com sete anjos me encontrei,  
 Três aos pés quatro à cabeceira,  
 Nossa Senhora na minha dianteira;  
 Ela me disse: — «dorme e descansa  
 Não tenhas medo a má cousa,  
 Que aqui estou eu para te guardar,  
 E Jesus Cristo para te salvar» (8).

— Eu, também, rezo ao levantar e ao deitar.

Não sou nenhum *hirejo*. Aprendi de pequenino esta oração e digo-a sempre, ao levantar:

Já vejo a árvore,  
 Já vejo o dia,  
 A Deus me encomendo  
 E à Virgem Maria  
 E santas e santos deste dia.  
 Deparai-me, Senhor,  
 Uma boa companhia.  
 Em louvor do filho da Virgem Maria  
 Um Padre Nosso e uma Avé Maria (8).

E, à noite, ao fazer as minhas rezas, nunca me esquece esta outra, que minha avó me ensinou:

Jesus ao meu lado,  
 Jesus no meu leito,  
 Jesus crucificado  
 Na cama em que me deito (<sup>47</sup>).

.....  
 Vergados ao peso dos anos, lá se dirigiram os nossos velhotes para o quintal com os tamancos a arrastar.

Já sentados nos bancos de pedra, que rodeavam o olmo, retomaram os velhotes a conversa.

— Sabes, *Manel*, este ano deve ser um mau ano agrícola. Primeiro tivemos um nabal muito fraco e o resto é o que se está vendo.

— *Atão* tu não sabes que *quem quiser bom nabal peça a Deus que nasça mal?* (<sup>8</sup>).

— Não sei como há-de ser. Nós os pobres, se *Deus não nos acode...*

— Sabes que mais? Para vós há-de chegar.

— Pois, pois. Quando andamos a bem com Deus tudo chega. *Tamém*, estou como diz o *João da Francisca*: «o pouco com Deus é muito sem Deus é nada» (<sup>7</sup>). E além disso chegue para hoje que *para amanhã Deus dará* (<sup>7</sup>).

— Falas bem. *Nosso Senhor nos dê muito e nos farte com pouco* (<sup>6</sup>), não é verdade?

— Lá isso é; mas este meu filho podia ser mais trabalhador, não achas? Com a *cria* (<sup>17</sup>) que tem e deixou este ano a terra do *Couto* sem batatas! Está-se a pôr um madraço. Às vezes, já o sol vai alto, já o *tilintar dos bães* (<sup>18</sup>) da *Tia Zefa* mal se ouve ao longe, e ele ainda na cama e sem dar a ração aos animais!

— Não penses nessas coisas. *Vale mais a quem Deus ajuda do que a quem muito madruga* (<sup>10</sup>).

— É verdade. *Cada um é como Deus o fez* (<sup>7</sup>). Mas eu sempre ouvi dizer: *a quem madruga Deus o ajuda* (<sup>6</sup>).

Pelo que estou mais aborrecido com ele é por me dizerem que, às vezes, *se toma da pinga* (19), e faz umas coisas nada *agradáveis* (20).

— Eu sempre ouvi dizer que *ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo* (21); portanto nada de preocupações.

E tu já o viste nesse estado?

— Eu não. Mas bem sabes: *Voz do povo, voz de Deus* (7).

— E porque o não casas?

— Nessa não vai ele! Ele já conhece a cantiga que diz:

«Pensei que o casar só era  
Ir à igreja dar a mão,  
Sustentar mulher e filhos,  
É uma grande prisão.» (37)

E, também, esta outra:

«Eu casei-me, ontem, à noite,  
Minha sogra não tem pão,  
Dói-me a barriga com fome,  
Ó que dor do coração.» (38)

— Sim, sim e tem razão. Olha que o casamento é como diz a cantiga do outro:

«Dei um nó na minha vida,  
Nunc'ó eu chegara a dar,  
Dei-o com a mão direita,  
N'ó posso desatar.» (37)

E, depois, as mães fazem muitas promessas aos filhos antes de casarem, mas, quando os apanham casados, cantam-lhes de alto. Fazem como rezam aquelas cantigas:

Minha mãe p'ra me casar  
Prometeu-me um anel d'ouro,  
Depois de casadinha,  
Mandou-me m'à avó c'um caçoilo (37).

Minha mãe p'ra me casar  
 Prometeu-me quanto tinha,  
 Depois de casadinha,  
 Deu-m'uma agulha sem linha (<sup>35</sup> e <sup>37</sup>).

Minha mãe p'ra me casar  
 Prometeu-m'uma caldeira,  
 Depois de casadinha,  
 Mandou-me comprá-la à feira (<sup>35</sup>).

Minha mãe p'ra me casar  
 Prometeu-me três ovelhas,  
 Uma cega, outra manca,  
 Outra fanada das orelhas (<sup>37</sup>).

Mas deixemo-nos de brincadeiras. Voltemos ao nosso assunto.

Que eu saiba nunca vi o teu filho borracho. Todavia, se é verdade o que tu dizes, que se acautele de fazer alguma, porque os escritvães pedem todos os dias: «*Deus desavenha a quem nos mantenha*» (<sup>10</sup>).

— Eu preferia, a ser verdade o que me dizem, *que Deus m'ó levasse*. Ao menos ficava descansado e podia dizer sem sobressaltos na consciência: *Deus m'ó deu, Deus m'ó tirou* (<sup>10</sup>).

— Calma que as coisas quase sempre se arranjam quando menos se pensa. *Deus escreve direito por linhas tortas* (<sup>23</sup>). Mas não deixarei, também, de dizer: *Deus nos dê cabeça e juízo até entrar no reino dos céus* (<sup>31</sup>).

— Ai, meu caro *Manel*, ele que podia ser um *home* à sombra das minhas barbas, e sai-me assim...

— Que lhe queres? *Dá Deus as nozes a quem não tem dentes* (<sup>7</sup>).

— Se ele soubesse que, hoje em dia, o que vale é o dinheiro, teria outro procedimento para ser alguém neste triste mundo.

— *Nisso estou contigo* (<sup>24</sup>). O dinheiro é que manda. Meu amigo, hoje, *abaixo de Cristo isto* (<sup>25</sup>) e (<sup>8</sup>).

— Porque ele é assim, vou dando alguma coisa em vida pelas minhas obrigações e em desconto dos meus pecados, porque, quando me finar, tenho a certeza de que não vejo de'le nada no outro mundo.

— Fazes bem, porque até *quem dá aos pobres empresta a Deus* (8).

— Ai quanto me custa morrer!

Olha que *Deus não é de brinquedos senão às vezes dava castigos* (8), não achas? O que nós fazíamos quando éramos solteiros! Não te recordas daquelas noites dos meses de Outubro e Novembro, quando íamos a ver partir a amêndoa prás *partidelas*, para casa da *Tia Arminda Fanega*?

Primeiro cantávamos a compasso dos martelos e vozes o canto «*Cravo Rijado*».

Olha que tu tinhas mesmo uma voz de respeito, mas eu *tamém* não ficava atrás! As costas e os pés estavam frios mas os corações até deitavam fogo!

Vamos tentar cantar uns versos? Recordar é viver, *home!* Ora vamos lá ver se ainda acertamos.

E os nossos velhotes, numa voz ainda firme, repassada de saudade, lembrando aquelas noites frias de Novembro, e o *pum, pum, pum* do partir da amêndoa, as conversas chistosas mas puras do grupo das partideiras, entoaram a cantiga:

Fála-m'ó cravo «rijado»,  
Fála-me fora da rama,  
Fála-me sem cobardia, ai, ai,  
Quem é *cobardo* não ama.

Quem é *cobardo* não ama,  
Quem ama não é *cobardo*,  
Fála-m'ó meu amorzinho, ai, ai,  
Fála-m'ó cravo *rijado*.

Fála-m'a onde me vires,  
Não te escondas de ninguém,  
Eu na fama já sou tua, ai, ai,  
Por esse mundo além.

Acabada a cantiga, o *Ti Cara Linda* atalhou logo: «e quando tu dizias: «*Ó Cara Linda* ensina lá a doutrina a estas moças casadouras senão o Senhor Padre não as casa».

E eu então começava: raparigas, *ouvam* lá o *catecismo* <sup>(44)</sup> d'hoje — *Mandamentos do Amor*.

Os Mandamentos do Amor  
Eu os vou explicar:  
São dez, minhas meninas,  
Tratem de os decorar.

«E decorem-nos bem» — berravas tu...

- 1.º — Amar Deus sobre tudo quanto há.  
Eu amo a Deus no céu,  
Mas amo-te a ti cá.
- 2.º — Não jurar o Seu Santo Nome em vão;  
Eu cá por mim fiz a jura,  
De te dar a minha mão.
- 3.º — É guardar domingos e dias santos.  
Eu deixo de os guardar,  
Por causa dos teus encantos.
- 4.º — É honrar nosso pai e nossa mãe;  
Bastante os tenho honrado,  
Mas honro-te a ti, também.
- 5.º — É não matar. Eu nunca matei ninguém;  
Só matava, se pudesse,  
Saudades que meu peito tem.
- 6.º — É guardar castidade. Bastante tenho guardado;  
Só para te guardar respeito,  
Bastante tenho pecado.

- 7.º — Não furtar o que a outrem pertencer;  
Só te furtava a ti,  
Se acaso pudesse ser.
- 8.º — Não levantar falsos testemunhos a ninguém;  
Eu por mim não os levanto,  
A ti só te quero bem.
- 9.º — Não desejar mulher do nosso semelhante;  
Só te desejo a ti,  
Se tu me fores constante.
- 10.º — Não cobiçar as coisas que alheias são;  
Só te desejo a ti,  
Com todo o meu coração.

Estes dez mandamentos  
Encerram-se em dois:  
Amo a Deus no Céu,  
Mas amo-te a ti depois <sup>(41)</sup>.

Ouçam, também, os *Mandamentos da Mulher* e os da *Santa Madre Igreja*.

*Mandamentos da Mulher:*

- 1.º — Modéstia na frente,  
2.º — Sorriso nos lábios,  
3.º — Pudor do coração,  
4.º — Serviço na mão <sup>(42)</sup>.

*Mandamentos da Santa Madre Igreja:*

Ai triste da vida minha,  
Os mandamentos são cinco,  
Eu sempre te falo a verdade,  
E tu julgas que te minto.



O primeiro que é ouvir missa,  
 Eu nunca faltei a ela,  
 Exceptuando uma vez,  
 Que estive na tua janela.

O segundo que é confessar-se,  
 Eu sempre me confessei,  
 Só não contei ao padre  
 O que contigo passei.

O terceiro que é comungar  
 Pela Páscoa da Ressurreição,  
 Eu sempre te trouxe e te trago,  
 Menina, no meu coração.

O quarto que é jejuar;  
 Bem jejuam os que mal comem.  
 Os beijos de uma menina  
 Dão alento a um homem.

O quinto que é pagar dizimos,  
 Eu já nenhum estou devendo:  
 Os do ano que passou,  
 E o deste que vai correndo (48).

E, agora, acrescentava eu ainda, vou ensinar-lhes quantos são os *Sacramentos do Amor*. São sete:

O 1.º que é Baptismo,  
 Eu, também, fui baptizado,  
 Tenho fé no que me dizes,  
 Por isso vivo descansado.

2.º que é Confissão,  
 Eu confirmo na verdade,  
 Se te quero bem ou não,  
 Deus do céu é que o sabe.

3.º que é Comunhão,  
 Quem comunga é cristão,  
 Anda vem para a igreja,  
 Vem-me dar a tua mão.

4.º que é Penitência,  
 Vem penitente saudar;  
 Quer de dia quer de noite,  
 Estás-me sempre a lembrar.

5.º que é Extrema-Unção,  
 São palavras em latim,  
 Quando passo à tua porta,  
 Sempre olhas para mim.

6.º que é Ordem,  
 Tenho ordem de prender,  
 Na cadeia dos meus braços,  
 Amor tu *há-des* morrer.

7.º que é Matrimónio  
 Une-se o nosso coração  
 Não há quem possa colher  
 Esta rosa em botão (42).

E a *Tia Zeça do Eirô*, já velhota, com cara de mal humorada, não se continha e dizia: «ó meninos, vós *vinhestes p'rá qui* para trabalhar, ou para brincardes dessa maneira que *tanto desagrada aos olhos de Deus?*».

E eu (não te recordas?) ripostava-lhe: lá está a velha rabugenta a *encomodar a Deus sem necessidade!* (43) Não conhece, também, os mandamentos dos velhos? Não? Então *ouva*:

Os mandamentos dos velhos são quatro, a saber:

- 1.º — A tosse,
- 2.º — Do seu lugar tomar posse;
- 3.º — Pinga-lhe o nariz,
- 4.º — Não fazer caso do que ele diz (44).

É o que nós fazemos, *Tia Zeça*.

E a soca, às vezes, voava sobre as nossas cabeças.

E quando nós e o *Zé Tortinho*, o *Xico Velhinho*, a *Maria Gaga*, a *Teresa Abada* e a *Xica Seixas* íamos cantar «os reis»! Que borge fazíamos.

Já te não *alembras*, com certeza, daqueles «Reis» que a minha avó nos ensinou e que ela dizia serem muito alegres?

— Ó se recordo... Mas *cantós* lá tu a ver se ainda *encarrilho*.

— Afina a garganta que eu vou entoar.

E os velhotes, cantaram com ternura e saudade uns «reis» que se perderam há muito tempo e de que reproduzo parte da letra:

O ladrão do pinheirinho, (bis)  
 Onde veio a nascer.  
 Ré, mi, fá, sol, lá. (bis) (coro)  
 À porta do Senhor Manuel, (bis)  
 Que nos vai dar de beber.  
 Ré, mi, etc. (coro)

Um raminho, dois raminhos, (bis)  
 São os que trago ao peito.  
 Ré, mi, etc.  
 Viva lá o Senhor Manuel. (bis)  
 Que é um homem de respeito.  
 Ré, mi, fá, etc.

Que é um homem de respeito, (bis)  
 E todos lh'o podem dar.  
 Ré, mi, fá, etc.  
 Viva lá o Senhor Manuel (bis)  
 Cá no povo de Felgar.

.....

— Que tempos que já lá vão! Se Deus não deitar uma esponja sobre o nosso passado...!

Cansados pela longa conversa, e porque, também, já era um pouco tarde, acharam por bem pôr ponto final na mesma; e o *Ti Manel* pressuroso rematou então:

— Bem, vou-me embora porque *a noite temeu-a Deus* (<sup>7</sup>), e com esta *arage* que se levantou estou a sentir um pouco de frio.

— Quando tu tão *atafulhado* (<sup>20</sup>) assim falas, que dirão aqueles filhos do *Antoinho Trunchete* que andam quase nus!

— ... *Dá Deus o frio conforme a roupa* (<sup>7</sup>). Não conhecias este *ditágio*? (<sup>9</sup>).

— E para a despedida vai mais um *cópito*, não?

— *Deus nos guarde o melhor para o fim* (<sup>8</sup>) não é verdade?

Quanto não sofria a minha Joaquina quando me via entrar em casa um pouco *toldado*, a cambalear! Era logo uma ladainha que me rezava: «*home sem juízo*», «*vergonha da minha cara*», «*enxovalho dos meus filhos*», etc. — e tinha mil carradas de razão.

Coitada! *Deus já a lá tem na sua santa morada*.

Quando nós casámos que festa a do nosso casamento! Ainda *m'alembro* dos bons conselhos que o santo do senhor Padre Francisco, *que Deus haja*, mos deu! E, ao sair da igreja, lá estavam a *Maria da Calçada* e a *Ernestina do Abel* segurando, à porta do adro, o arco muito enfeitado para cantar as *Loas*.

Ainda me recordo d'alguns versos dessas loas. Eram assim:

«Pare o acompanhamento,  
Faça-se um arco na rua,  
Quero falar a uma rosa,  
Que vem duma clausura.

Ó minha amiga leal,  
Trás de mim vem caminhando,  
Se a vista não me engana,  
Bem se vem envergonhando.

Bem se vem envergonhando,  
Bem a podes duvidar;  
Os pensamentos são tantos,  
Tem medo de s'enganar.

E ó senhor José *Antonho*,  
Donde foi colher a rosa,  
Ao lugar do *Soutinho*,  
Onde estava tão mimosa.

E ó menina Joaquina,  
Donde foi colher o cravo  
Ao lugar dos *Barrais*,  
Onde estava tão fechado.

O padrinho e a madrinha  
Venham cá p'rá dianteira,  
Quero-lhes oferecer uma rosa  
Duma mocinha solteira.

Aqui lhes deito este triguinho  
Com folhinhas a voar,  
Isto é p'ra que m'ó tornem,  
O dia em que me casar.

Aqui lhes deito este triguinho,  
Mas olhem que não era meu;  
Hoje foi a menina Joaquina,  
Mas tinha vontade de ir eu.

E o senhor Padre Francisco,  
No raminho da laranjeira,  
Vai-as casando a todas,  
Só eu fico para solteira.

Mas por isso não me apoquento,  
Porque se Deus quiser, como eu quero,  
Tenho na minha ideia,  
Que não há-de tardar muito tempo.

— «Mas do que tenho muitas saudades — dizia um dos velhotes — é da fogueira do Natal».

É que a fogueira do Natal era o passatempo preferido da rapaziada na noite de Natal em recuados tempos, e ainda, hoje, nalgumas freguesias trasmontanas mais sertanejas.

Antes da «*missa do galo*» os mordomos do Menino Jesus (quatro rapazes dos dezoito aos vinte anos — por ex. em Felgar) acompanhados de outros rapazes iam, com qualquer carro de bois que apanhavam à mão, buscar a lenha que dias antes tinham pensado tirar: os dois maiores cepos que houvesse ou uma boa árvore (amoreira, choupo, castanheiro, oliveira, etc.). Depois de carregado, corriam com velocidade perigosa por carreiros e caminhos pedregosos até junto da igreja paroquial, onde descarregavam a lenha.

O garotio com as *zurras* (primitivo instrumento musical) e toda a espécie de assobios fazia um barulho *de rachar*.

Os sinos bimbam dando o terceiro toque. A lenha já crepita envolvida por giestas e outros *guiços*. As faúlhas elevam-se para os céus com fumo de mistura. O sacristão berra à entrada da porta principal:

— «Ó rapazes *entraidei* que o senhor padre vai começar a santa missa».

Todos entravam excepto um ou outro já um pouco *carregado* que ficava a tratar da fogueira.

Homens encapotados e mulheres com xales pela cabeça e costas, rapazes e raparigas bem agasalhados, velhos trôpegos, ninguém faltava nesta noite, noite santa, à missa. O garotio postava-se enlevado junto do presépio que o *Tio Filipe* e o *Zé do Eirô* com a ajuda dos mordomos do Menino Jesus arranjaram. As luzes mortijas das velas e dos candeeiros de azeite, que cada um levava p'ra se alumiar, espalhados por toda a igreja, emprestavam à mesma um ar de beleza e de solenidade.

Durante a missa, ao começar o *Sanctus*, o *Ti Carrasqueira velho*, numa voz estridente, que parecia deitar a igreja abaixo, entoava o *Bendito*:

«Bendito e louvado seja o Menino Jesus nascido».

E o povo respondia: «No ventre da Virgem Maria nove meses andou Escondido».

E ele continuava: «Glória seja ó Padre, ao Filho e ao Amor também».

E o povo: «Ele é só Deus na glória p'ra séculos sem fim, Amém».

No fim da missa, o senhor Padre dava o Menino Jesus a beijar e todos ofereciam a sua esmola cantando:

«Vinde, vinde ó Deus Menino  
Nascer no meu coração». (bis)

coro { «Na terra há alegria,  
No Céu ainda mais,  
Que nasceu Jesus,  
Bendito sejais». (bis)

«Vinde a ver o Deus Menino  
Que nasceu para nosso bem». (bis)

coro «Na terra há alegria...».

«Do varão nasceu a vara  
Da vara nasceu a flor». (bis)

«Na terra...».

«Da flor nasceu Maria  
De Maria o Redentor». (bis)

«Na terra...».

«Pastorinhos do deserto  
Correi todos vinde ver» (bis)

«Na terra...».

«A pobreza da lapinha  
Onde Jesus veio nascer». (bis)

«Na terra...».

.....

Depois de beijar o Menino, uns seguiam para casa e outros junto à fogueira, virando-se, ora para um lado, ora para outro, palravam e riam à luz da labareda da fogueira sob o manto estrelado do céu ou envolvidos por aborrecido nevoeiro.

— «Como tudo se vai perdendo, ó *Cara Linda*, não achas?»

E os nossos velhotes pareciam não acabar o interminável rosário de recordações da sua mocidade...

À sua memória ainda fresca acudiam de roldão, naquele momento, todos os factos e costumes da sua adolescência, páginas belas de um passado quase esquecido, e só o caminhar apressado do dia para o seu ocaso não permitiu que eles falassem, longamente, mas apenas ao de leve, de certos costumes como: a dança do Carnaval, a «serra a velha», a «Aleluia» de Domingo de Páscoa, as romarias, as cegadas, malhadas, etc., etc.

Que pena sinto eu, também, não ter podido registar esta parte da sua conversa, que a fazê-lo, seria, com certeza, motivo de enlevo, para os leitores e não menor prazer espiritual para mim.

Bebido mais um copito, do que *não deixa criar rãs na barriga*, e depois de vigoroso aperto de mão e das fortes palmadas nas costas, os cães latiram mais uma vez, as portas rangeram ao abrirem-se e os nossos interlocutores acabaram por se despedir.

— Bem, adeus; *té* <sup>(27)</sup> amanhã se *Deus Nosso Senhor quiser*. Estimo as tuas melhoras e que o Zé, se é verdade o que dizem as más línguas, se emende.

— Adeus e muito obrigado pela tua visita. *Deus te dê muitos anos de vida* para vires cá ainda muitas vezes, mas que eu não esteja doente...

— E tu que os contes... Adeus.

E afastaram-se.

O sol com os seus raios faiscentes, lançando pelo planalto uma poalha de ouro de várias cores, tentava esconder-se lá para as bandas do Vilarinho da Castanheira. O crepúsculo espreitava a medo. Envolvidos em ténues nuvens de poeira, os rebanhos, já, fartos regressavam aos seus bardos.

Já nos sinos da airosa igrejinha tocavam às Trindades quando o *Ti Manel* chegou junto do chafariz da entrada da povoação, onde



a *cria*, ao regressar do campo, se dessedentava, e os rapazes e raparigas, nas tardes dos domingos e em noites luarentas, alimentavam os seus amores ou davam as suas queixas trocando uma ou outra quadra como estas:

«Amor meu, e amor doutra,  
 Como t'hei-de chamar meu?  
 Tu falas com quem tu queres,  
 E as penas sinto-as eu (37).

Morena, se ouvires dizer  
 Algum dia que eu morri,  
 Acredita qu'é verdade,  
 Eu morro de amor por ti (38).

Deixar-te, amor, é receio,  
 Que nenhum dia senti;  
 Balão que parte vai cheio,  
 E eu nunca m'encho de ti (39).

Ó meu amor, olha a lua  
 Que nos anda a espreitar,  
 Ela anda de rua em rua,  
 Só p'ra nos ver beijar (40).

Eu não sei que mal te fiz,  
 Eu não sei que mal te faço,  
 Que te tiras da janela,  
 Quando eu na rua passo» (38).

Como que saído dum sonho eu só, agora, noto que os leitores não têm muito que fazer, porque doutra maneira não perderiam tempo a ler-me; por isso faço meu e com proveito para os leitores, julgo eu, este adágio dos alto-durienses: *Deus deia que fazer a cada um no seu ofício*.

### Notas ao texto

- (<sup>2</sup>) Conversar um pouco.
- (<sup>3</sup>) Isto é, de seres racionais, em oposição a vozes de animais, referentes a irracionais. Lá diz o ditado: *vozes de burro* (também, dizem de *animais*) *não chegam ao céu*. (Torre de Moncorvo).
- (<sup>4</sup>) Couceira.
- (<sup>5</sup>) Recolhido na freguesia e concelho de Vinhais.
- (<sup>6</sup>) » » » » » Vila Nova de Foz Côa.
- (<sup>7</sup>) » » » » » Torre de Moncorvo.
- (<sup>8</sup>) » » » de Felgar, concelho de Torre de Moncorvo.
- (<sup>9</sup>) Ditado.
- (<sup>10</sup>) Recolhido na freguesia de Caetedo da Vilarça, concelho de Torre de Moncorvo.
- (<sup>11</sup>) Também.
- (<sup>12</sup>) Aflijais.
- (<sup>13</sup>) Isto é a sofrer neste mundo o castigo merecido pelos pecados.
- (<sup>14</sup>) No céu.
- (<sup>15</sup>) Peço muito aos santos.
- (<sup>16</sup>) Então.
- (<sup>17</sup>) Gado bovino.
- (<sup>18</sup>) Isto é, o tilintar das campainhas que estes herbívoros trazem pendentes da nuca.
- (<sup>19</sup>) Se embriaga.
- (<sup>20</sup>) Agradáveis.
- (<sup>21</sup>) Recolhida na freguesia de Carviçais, concelho de Torre de Moncorvo.
- (<sup>22</sup>) De consciência tranquila.
- (<sup>23</sup>) Recolhido na cidade de Bragança.
- (<sup>24</sup>) Penso como tu.
- (<sup>25</sup>) Isto = *dinheiro*. Ao dizerem *isto* friccionam o polegar e o indicador da mão direita, gesto que significa *dinheiro*.
- (<sup>26</sup>) Muito agasalhado.
- (<sup>27</sup>) Até.
- (<sup>28</sup>) Recolhido no lugar do Tua, concelho de Carrazeda de Anciães.
- (<sup>29</sup>) Recolhido na freguesia de Peredo dos Castelhanos, concelho de Torre de Moncorvo.
- (<sup>30</sup>) Recolhido na freguesia de Souto da Velha, concelho de Torre de Moncorvo.
- (<sup>31</sup>) Recolhido na freguesia e concelho de Peso da Régua.
- (<sup>32</sup>) Recolhido na freguesia de Ligares, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(33) Recolhido na freguesia de Cever, concelho de Santa Marta de Penaguião.

(34) Recolhido na freguesia de Felgueiras, concelho de Torre de Moncorvo.

(35) Recolhida na freguesia de Larinho, concelho de Torre de Moncorvo.

(36) Recolhida na freguesia de Cactedo da Vilariça, concelho de Torre de Moncorvo.

(37) Recolhido na freguesia e concelho de Vila Nova de Foz Côa.

(38) Recolhida na freguesia de Lagoaça, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(39) Recolhida na freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro.

(40) Recolhidos na freguesia de Lagoaça, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(41) Recolhidos na freguesia de Mós, concelho de Torre de Moncorvo.

(42) Recolhido na freguesia de Sendim, concelho de Miranda do Douro.

(43) Recolhidos na freguesia de Felgar, concelho de Torre de Moncorvo.

(44) Homília.

(45) Lugar que a tradição diz ser o primitivo Felgar e onde se encontra a maior parte dos olivais e amendoais de Felgar.

(46) Recolhidos na freguesia de Masouco, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

(47) Recolhida na freguesia de Lousa, concelho de Torre de Moncorvo.

(48) Recolhidos na freguesia de Cardanha, concelho de Torre de Moncorvo.

# Novo molde de lucernas aparecido em Braga

POR

**José João Rigaud de Sousa**  
Professor do Conservatório de Braga  
Da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Tivemos ocasião de registar, em 1966, nestas mesmas páginas, o aparecimento durante as obras de abertura da rua de Santos da Cunha (freguesia de Maximinos, Braga) de um molde de lucernas do maior valor.

Tratava-se da parte inferior de um molde de barro esbranquiçado, muito bem cozido, com a marca do oleiro L. Munatius Threptus e que serviu para fabricar lâmpadas de volutas do tipo Dressel I4, Broneer XXIII, British Museum 84, Loeschcke VI ou Palol 8, quer dizer uma peça do segundo quartel do séc. I d. C.

Recordemos a descrição sucinta que então fizemos. O fragmento que estudamos estava reduzido a uma parte da base, do depósito e início das volutas do bico. Na sua face exterior, para diminuir a espessura das paredes, foram abertos orifícios cónicos. Nesta mesma face, mas no fundo, vêem-se os restos duma legenda profundamente gravada (DO numa linha e MI na seguinte). No fundo da face interna, isto é, na parte correspondente à base da lucerna lê-se, no centro de um círculo, em letras relevadas, a marca do oleiro L. Munatius Threptus, escrita de forma retrógrada ou seja TPERTNUM.

Ora, já depois da publicação das referidas notas, foi-nos dado conhecer um novo fragmento de molde encontrado no mesmo local e na mesma altura do já descrito e que se encontrava retido na posse de um particular.

Este novo molde é em tudo semelhante ao anterior mas de dimensões maiores. Infelizmente também se encontra fracturado e desta vez a fractura deu-se exactamente pelo ponto onde devia estar a marca eliminando-a na totalidade e igualmente nada acrescenta para a interpretação da legenda exterior, da qual só nos ficou a primeira linha DO.

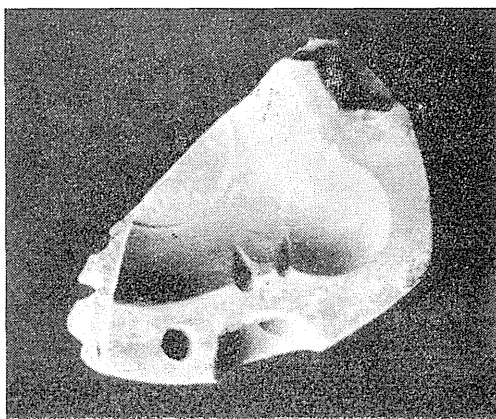


Fig. 1 — Face interna do molde

A importância de este novo achado é vir juntar mais um elemento probatório da existência duma oficina de fabricação de lucernas em Braga. Foi extremamente lamentável para o prestígio da ciência nacional não terem sido efectuadas escavações no local. Se os responsáveis pelas obras tivessem cumprido o que está determinado pela lei (Dec. 20 985 de Março de 1932, art.º 48) ter-se-iam obtido importantes dados científicos e evitado que esses elementos se dispersassem pelas mãos de particulares, para já não falar dos que inevitavelmente se perderam.

No nosso anterior estudo, púnhamos como hipótese a possibilidade do molde então referido ter sido fabricado em Braga ou porque a oficina de L. Munatius Threptus fosse bracarense ou porque algum oleiro bracarense tivesse reproduzido abusivamente o molde. Na altura, já consideramos estas duas hipóteses como

muito pouco prováveis, julgando no entanto como hipótese mais viável a existência em Braga de uma sucursal desse oleiro.

Tempos depois, tivemos a possibilidade de conseguir que fosse feita uma análise rigorosa da pasta com que foi fabricado o molde (1). Por ela se verificou que a argila utilizada não era da região bracarense, o que veio fortalecer ainda mais a nossa anterior

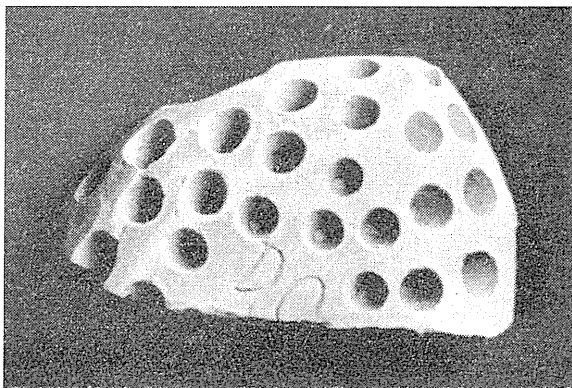


Fig. 2 — Face externa do molde

opinião. Infelizmente, por motivos alheios à nossa vontade e à do ilustre técnico autor da análise, foi impossível continuar com ela no intuito de determinar a origem da argila.

O aparecimento de mais este molde, agora referido, também milita a favor da hipótese então formulada.

Em resumo podemos afirmar que continuamos a perfilhar as conclusões então tiradas, de que em Braga, no segundo quartel do séc. I d. C. se fabricaram lucernas de boa qualidade, atendendo à qualidade dos moldes utilizados e que possivelmente essa oficina era subsidiária da de Munatius Threptus.

---

(1) Ao Dr. António José Rebolho Lapa agradeço toda a boa vontade que pôs na análise da pasta destes moldes, fazendo votos para que a prossiga e em breve publique tão útil trabalho para prestígio da nossa arqueologia.

# As Moiras da Fonte de Numão

POR

Rogério Azevedo

Prof. jubilado da Escola Superior de Belas-Artes do Porto  
e do Conselho Director da Soc. Portug. de Antropologia

No fascículo 3-4 do vol. XX dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, inscreve-se uma interessante «comunicação» apresentada pelo meu Amigo Dr. J. A. Pinto Ferreira, ilustre director do «Gabinete de História da Cidade», departamento cultural da respectiva Câmara Municipal.

Essa «comunicação» dedicada ao «achado de uma pedra singular na estação arqueológica de Numão» transcende o vulgar achado de peças arqueológicas que depois de bem escovadas ficam à mercê da gula insofrida dos arqueólogos que por cá vicejam entre os quais eu sou um elemento serôdio e pouco conformista.

O estudo foi apresentado na sessão científica realizada em 12 de Março de 1968 e, por tal apresentação, deverá ser louvado não só o fervoroso numantino como quem salvou a peça da destruição iminente e a divulgou, e para quem as pequenas coisas da sua terra são sempre grandes, o benemérito clínico numantino Sr. Dr. João Gouveia.

Esta, porém, parece-me que seja, realmente, uma «pequena grande coisa», ainda que o não pareça, e por isso, bem haja a sua diligência.

Eu conheci o trabalho antecipadamente à sua publicação, por lhe ter dado ínfima colaboração na parte epigráfica, ou seja, na leitura da epígrafe que aparece na Fonte discutida e que, actualmente, está submersa.

Perante a incredulidade cartesiana de alguns e a indiferença dos restantes, afigurou-se-me ser uma inscrição grega gravada em caracteres arcaicos que se apresenta desta forma simples e bem legível:

The image shows the Greek word 'Νοῦς' (Nous) written in a cursive, archaic script. The letters are connected and have a slightly irregular, hand-drawn appearance. The first letter is a capital Nu with a bar over it, followed by an Omicron with a bar over it, and then two Upsilon characters.

A minha interpretação, para a qual usei os caracteres jónicos, foi — Νοῦς — genitivo singular de Νόος que tem o significado de «pensamento», «sabedoria», «inteligência», «espírito», «sagacidade», etc., e dela se fez a *noética* da filosofia. Entendi, porém, que estando no genitivo, seria um complemento determinativo de palavra omissa que, sem dúvida, seria representada fisicamente, pela própria *fonte* — «fonte da sabedoria», «fonte da sagacidade», «fonte do espírito», etc., etc., que, por simplificação e por analogia com as apócrisis dos oráculos, em vez de Κρήνη νοῦς se cingiria apenas a Νοῦς. Esta palavra teve grande importância na filosofia da Anaxágoras que a utilizou para definir o ser inteligente que pela primeira vez deu o movimento à matéria.

As minhas observações, porém, ainda que possam confirmar a minha interpretação, não são, fundamentalmente, dirigidas ao termo interpretado que, para os conhecedores das vicissitudes por que passaram os alfabetos gregos, não tem qualquer dificuldade de leitura e de compreensão. São, sim, dirigidas, especialmente, às três figuras femininas esculpidas em baixo-relevo num pedaço de granito de  $1,40 \times 0,45 \times 0,28$ , exumado junto à fonte quando procediam, por motivos de salubridade, às obras de entaipamento. Estas obras infelizes e bárbaras desfiguraram, completamente, o monumento.

A primeira hipótese que ocorreu ao ilustre pesquisador, o Dr. J. A. Pinto Ferreira, foi a que imediatamente afloraria a qualquer pesquisador desprevenido por ser simples e verosímil e, portanto, a mais prudente — a de *Ninfas* — que são atraentes e numerosas; Hesíodo assegura que eram três mil!



É muito natural que no campo das hipóteses se escolha, à cautela, a mais fácil de aceitar pela maioria, indolentemente alérgica à polémica. Entre três mil Ninfas, frescas e airosas, fácil é, sem dúvida, agarrar três em que tão reduzido número não coarctar direitos e deixa aos pesquisadores sobrantes a faculdade de terem ainda 2997 Ninfas para se entreterem na pesquisa. Contudo, a hipótese apresentada, a despeito das implicações, é suficientemente aliciante e, até certo ponto, convincente. A personificação das forças da natureza que as Ninfas representam — bosques, rios, fontes, etc., etc. — seria uma razão importante para um primeiro critério superficial e a hipótese resultante nem necessita que a fundamentem; a banalidade torna-a intuitiva.

Entre as inúmeras ordens de *Ninfas* havia as *das águas* que compreendiam as *Oceânidas* (Ninfas marinhas) as *Nereidas* (dos mares interiores) as *Potâmidas* (dos rios) as *Naiades* (dos arroios) as *Limnades* (das águas paradas) e as *Creneas* (dos mananciais), etc., etc. As artes plásticas representavam-nas *nuas* ou *quase nuas*.

Ora será isto o que as três figuras *enroupadas* querem representar?

Sem pretender dar por findos — ou sequer abalar — os juízos feitos acerca de tais figuras, seja-me lícito apresentar as minhas dúvidas acerca das *Ninfas* e fundamentar a hipótese noutro rumo.

Para tanto analisarei este caso como paradigma etnográfico de profundidade lembrando sempre que *dubitando ad veritatem parvenimus*.

Para seguir uma ordem de análise colocarei primeiramente em evidência — a *tradição* — que sendo um dos elementos de estudo da Etnografia e nos ajuda a interpretar o sentido das figuras, é por ela que deverei começar.

Em primeiro lugar temos de referir que à denominada *Fonte do Campelinho* sobre a qual estou a alinhar estas linhas, anda ligada uma lenda de *Moira encantada*. Esta lenda vem transcrita na «comunicação» apresentada pelo Dr. J. A. Pinto Ferreira que a ouviu de uma senhora Antónia Cavaca, de quase 90 anos, que a deve ter recebido de outras pessoas de antes dela que, por sua vez,

a receberem de outras que, na origem, narrariam uma *tradição mitológica*.

Nesta lenda aparece frequente o número 3 — os três pães de trigo, as três mulheres, Zara, Cacina e Lira e as três fontes por onde elas se espalham: a do Campelinho, em Numão, a de Sta. Clara, em Penedono e a da Conselheira, em Longroiva <sup>(1)</sup>.

Ora, segundo o narrado, o desencantamento das *Moiras* consistia em que determinado indivíduo lançasse em cada uma das fontes um dos três pães que trazia consigo e lhes eram destinados. Saiu-se bem da tarefa em duas fontes mas na terceira, que era a do Campelinho, e agora nos move, como o pão que lhe era destinado tivesse sido, inadvertidamente, cortado por pessoa estranha, não se pode dar o desencantamento pelo que a *Moira* ficou ligada, eternamente, à fonte.

Facto digno de atenção é o que a senhora Antónia Cavaca refere: — «ter ouvido várias vezes a *moira encantada a encher as canelas do tear*, etc. Chamo aqui a especial atenção para o facto de a *Moira tecer*.

Desta narrativa pitoresca e ingénua em que se descobre uma verdade tradicional transformada numa lenda poética e que eu reduzi a um mínimo compreensível, resultam vários factos que convém assinalar:

- a) O número 3 que já evidenciei: três pães, três fontes e três *Moiras*.
- b) O facto, aparentemente anódino, de que a *Moira* que restou encantada, tecia.

Acrescentando a estes itens mais um, que é o conhecimento do significado da inscrição, mais interesse pode ter o que a seguir se apresenta, mas que a sagacidade do leitor já terá decifrado.

---

(1) Antiga *Longobria* ou *Langobria* de *λογγοβρία* ou *λαγγοβρία*, do verbo *λογγάζω* ou *λαγγάζω*, «estender», «engrandecer».

\*  
\*      \*

*Moir*a é uma palavra que entra com frequência nas lendas das nossas terras — mesmo daquelas em que os *Moiros* passaram galopando e até, daquelas em que nem os *Moiros* passaram. Se por um lado esta persistência, fundamentada na «sabedoria popular» que explica tudo o que é antigo como obra dos *moiros*, por outro lado quem se embrenhar na Etnografia e na Etnologia, ultrapassando momentaneamente a sua epiderme, chegará a conclusões muito precisas mas também muito estranhas aos arqueólogos.

Fundamentalmente, a observação indica-nos que é sempre o feminino *Moir*a que prevalece nas lendas poéticas do povo, sobrepondo-se e antepondo-se sempre ao masculino *Moiro*. Há sempre uma «*Fonte da Moira*» em qualquer terra e não *Fonte do Moiro*.

Ora *Moir*a é um étimo grego — *Μοῖρα* — derivado do verbo *μείρομαι* (dividir, obter pela sorte) de que resultou para aquele termo o significado de «parte», «lote», referido a território e, por conclusão, — «sorte», «destino», referido aos indivíduos. Deste modo, *Μοῖρα* foi a personificação do *Destino* nos autores gregos. Homero, por que a identificou com Zeus (1) emprega-a uma única vez no plural — *Μοῖραι* (2).

Assim como Homero ligou a *Moir*a a Zeus, os sincretistas — que confundiram o deus pai com Serápis — também ligaram este à *Moir*a (3).

Hesíodo fixa o número de três às *Moiras* — *Láquesis*, *Cloto* e *Átropo* em resultado da crença popular e Platão no mito de *Er* põe este, depois de morto em batalha, a assistir ao julgamento das

(1) *Il.*, XXI, 82-84.

(2) *Il.*, XXIV, 49.

(3) Vd. a inscrição de Panóias em Valdenogueiras, Vila Real que, além de conter uma melodia que eu publiquei em 1958 (*O Onomástico ibérico*, págs. 218-226) tem a *Moir*a ligada a Serápis, v. g.:

ὄψιστω Σεράπιδι σὺν Μοῖρα καὶ μυστηρίοις que diz: «Ao altíssimo Serápis, juntamente ao Destino omnipotente e aos seus mistérios».

almas. Sentadas sobre tronos, a intervalos iguais, viu que estavam três mulheres — as *Moiras* — filhas da Necessidade e que *cantavam, fiando*, os destinos dos mortais <sup>(1)</sup>. Conforme a Hesíodo, os seus nomes também eram — *Lâquesis, Cloto e Átropo* cantando cada uma, respectivamente, o passado, o presente e o futuro. O que verdadeiramente interessa é o que o hierofante proclamava em nome de Lâquesis:

«Almas efémeras, ides começar vida nova e renascer na condição de mortais. *Não é uma divindade que vos tirará a sorte; vós é que ides escolher a vossa sorte. A sorte que cada um escolher, ficar-lhe-á necessariamente vinculada.*

Quanto à virtude não haverá coacção: *cada um terá mais ou menos, segundo o apreço ou desprezo que lhe votar. Cada um é responsável pela sua escolha; a divindade nenhuma responsabilidade tem*» <sup>(2)</sup>.

Nesta transcrição sublinhei algumas frases cujo conteúdo tem importância fundamental. Se as almas é que escolhem a *Moira* que lhes fica vinculada sem interferência da divindade, sendo portanto responsáveis pela sua eleição, é justificável a epígrafe contida na Fonte — *Noös* — «da sagacidade», pois que as almas bem precisariam dessa subtileza para não escolherem apressadamente, sem o auxílio do conhecimento, que a fonte lhes dava, segundo a epígrafe nela gravada.

Vejamos como as figuras se apresentam:

Não há dúvida que aparecem vestidas com o *quilon* jónico comprido. As *Moiras* eram austeras e as Ninfas apresentavam-se nuas ou quase.

*Cloto* era representada como fiandeira ou urdidora, *Lâquesis* como tensora do fio e *Átropo* como cortadora do mesmo. Assim, *Cloto* costumava ser representada com roca, *Lâquesis* com uma pluma ou um mundo e *Átropo* com uma balança. Nada disto, porém,

(1) Platão, Rep. 614a-617e.

(2) *Apud* A. Freire, S. J. *Conceito de Moira na Tragédia grega*, pág. 115, Braga, 1969.

está perfeitamente visível no baixo-relevo, tosco e corroído. Contudo, se analisarmos bem verificamos que a primeira figura à esquerda do par (fig. 2) — seria Cloto — segura na mão direita o fuso do fio que a figura seguinte — que seria Láquesis — avançando

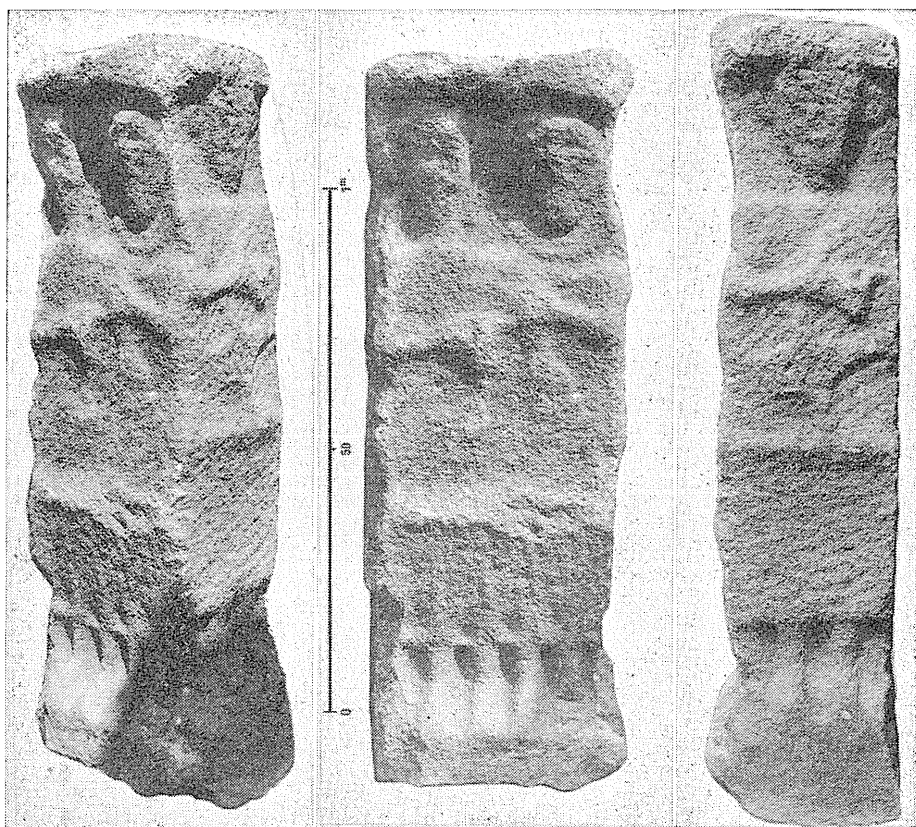


Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

a mão, parece esticar. Por exclusão de partes a que está isolada seria Átropo a cortadora do fio, que parece segurar na mão esquerda qualquer coisa de que se não distinguem formas precisas.

Dada a importância deste caso que, aliás, não é insólito, e as implicações que ele comporta, julgo não ser possível encerrá-lo

com uma tão breve análise como esta. Contudo, como o tempo é asinha e o espaço não avulta, limito-me a apresentar em resumo, as conclusões a que me dei liberdade:

- a) A nascente, como é óbvio teria sido aproveitada, inicialmente pelos incolas Lusitanos que «usavam os costumes Lacedemónios» <sup>(1)</sup> e «casavam à maneira dos gregos» <sup>(2)</sup>.
- b) O objecto *Fonte* seria, portanto, fundamentalmente, pré-romano.
- c) Ao ser adaptado pelos romanos, depois da ocupação, estes ter-lhe-iam construído a abóbada para resguardo.

Se, porém, nessa adaptação, o trabalho dos incolas foi respeitado e integrado, não o sabemos. Esse conhecimento poderá depender da investigação aturada no local para a qual — em qualquer sentido — me mingua a autoridade.

Ocorre, portanto, perguntar: — Não datará, a inumação das figuras do momento em que, na adaptação da Fonte, prescindissem delas pelo que seriam então derrubadas e inutilizadas mas não esquecidas pelo povo? Será, esse derrube, posterior?

Para se compreender a razão destas dúvidas é de interesse recordar que na mitologia romana (baseada, aliás, na grega) situavam-se as três *Parcas*, sucedâneas imediatas das três *Moiras* gregas, com os nomes de *Nona*, *Decuma* e *Morta*, equivalentes das helênicas — *Cloto*, *Láquesis* e *Átropo*.

As *Parcas*, porém, eram frequentemente, confundidas com as *Fúrias*, que nos gregos eram *Erínias* (Ἐρινύες n. pl. de Ἐρινός) facto que não acontecia com as *Moiras* que «não eram potências cegas mas personificações da força inteligente e justa que preside ao governo do universo» <sup>(3)</sup>.

(1) Vd. Estrabão, *Geogr.*, Liv. III, c. III, pág. 128 da ed. Müller.

(2) *Ibid.*, pág. 129.

(3) Vd. J. A. Hild, em *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, t. II, Paris, 1926, pág. 1018 apud A. Freire, S. J. — *Concetto de Moira na Tragédia grega*, 1969, pág. 127.

O número das *Fúrias* como o das *Erínias* não era rígido; Ésquilo, por ex., tanto lhes dá o número de três como o de cinquenta. Todavia, tanto as *Fúrias* romanas como as *Parcas*, da mesma origem, estão em desacordo:

- a) Com a escultura que não é romana;
- b) Com a epígrafe que está gravada em grego;
- c) Com a *tradição* em que *Moiras* será reflexo dum remanescente mitológico que cristalizou nas lendas do povo.

É muito possível que este, na sua simplicidade — sem erudição sábia — relacione as *Moiras* com os *Moiros*, únicos actores dum facto de que ele tem memória; ao longo do tempo sobrenadou em lirismo cantante. Fiado na magia que tudo pode resolver, julga-as encantadas por não ter saída mais airosa para a sua explicação. É certo, porém que há, exclusivamente, *Moiras* encantadas e não *Moiros*, o que reduz muito as premissas...

Como se deve ter notado, o assunto é aliciante e não fica, de modo algum, encerrado com estas sumárias «conclusões». Todavia, se vim agora falar dele tão apressadamente, foi no intuito simples de me antecipar a qualquer juízo que possa vir a atribuir tudo isto aos celtas numa nobre integridade intelectual que o torne sólidamente sábio, misterioso, inexplicável e, portanto, fatalmente conclusivo...

# La recherche demogénétique

PAR

**Alfredo Sacchetti**

Director do Centro Italiano di Ricerche Demogenetiche  
Napoli — Itàlia

L'Étude sur l'origine, l'évolution et la différenciation du  $\delta\eta\mu\omicron\varsigma$  constitue la recherche demogénétique, qui présuppose inévitablement une analyse de la notion euristique de «population» ou de «peuple». Ce n'est pas seulement pour une nécessité de définition théorique, mais même car contre le concept de «population» s'a intenté un procès, mettant en doute sa condition de *catégorie* d'un groupement humain, avec une certaine force de cohérence naturelle, génétique, psychologique et culturelle, soit dans l'espace (rapports ethno-géographiques) que dans le temps (rapports historiques).

## 1. Une catégorie

Par là c'est comme affirmer que nous devons justifier la subsistance de l'objet d'étude, sa cohérence et cohésion, sa essentialité à découvrir comme un phénomène unitaire, existentiel et psychologique de l'homme. Quelqu'un pourrait croire que nous tendons à la recherche d'un mythe et qu'on devrait le détruire. Mais ce n'est pas le problème, de plus en plus convainçus comme nous sommes de la nécessité de défendre les concepts fondamentaux qui très souvent sont menacés par la culture moderne, vers une



disgrégation de chaque idée de cohérence systématique (à classer scientifiquement) <sup>(1)</sup>.

La définition des limites de structuration d'une catégorie c'est toujours une manière pour parvenir aux découvertes — comme disait le biologiste André Lwoff (1944) <sup>(2)</sup> — en réalité une excellente méthode euristique «en nous obligeant à condenser dans une formule l'aspect essentiel d'une catégorie ou d'un phénomène». Et cela c'est autant plus nécessaire aujourd'hui qu'on tente la disgrégation de ces catégories, comme pour une espèce de mythophobie, de crise méthodologique, dans la quelle curieuses manies troublent la recherche <sup>(3)</sup>.

Il y a la manie de l'égalitarisme indiscriminé et de ces conséquences, celle de la décolonisation prématurée et générale, celle du «faire vite» et de l'impatience qui le correspond, celle de la prétendue impartialité dans chaque fait de la vie, celle de la nécessité pragmatique d'un parti politique et d'une technique, mais probablement la plus importante et périlleuse est la tendance à la disgrégation du mythe, en général, à la négation de chaque discrimination spirituelle, philosophique et naturalistique (euristique).

La recherche scientifique s'en ressent, toutefois le procès a commencé par préoccupations philosophiques et dans le cadre de l'idéalisme c'est toujours intéressant l'exemple de B. Croce <sup>(4)</sup> qui, en Italie, a jeté les fondements de son système sur une évaluation euristique des choses uniques, des individualités et non des catégories ou des lois naturelles, qu'il nie. Dans les pages plus cohérentes

---

<sup>(1)</sup> A. Sacchetti, *Indagine antropologica unitaria e pericoli di frammentazione del pensiero moderno*. Conferenza tenuta al Centro Internazionale di Comparazione e Sintesi, Roma. Rivista Internazionale «Responsabilità del Sapere», Anno III, n.° 14, Roma, 1949.

<sup>(2)</sup> *Biological Order*. The M. I. T. Press, Cambridge (Mass.). Ed. italienne Paolo Boringhieri, Torino, 1964. L'auteur est directeur du département de physiologie bactérienne à l'Institut Pasteur de Paris.

<sup>(3)</sup> Voir. G. Gini (Président de l'Institut International de Sociologie), *Manie del Mondo Contemporaneo*, «Rivista di Politica Economica», Anno LII, Serie III, Fasc. 1, 1962.

<sup>(4)</sup> B. Croce, *Filosofia dello spirito, II: Logica, come scienza del concetto puro*. Ed. Laterza, VI ed., Bari, 1942.

de son *Traité de Logique* il nie par conséquent l'impossibilité de procéder dès jugements empiriques (qui constituent la science) pour aboutir aux catégories classifiables.

Pour ce faux raisonnement, même sur un plan méthodologique général, fort souvent, on ne comprend pas comme l'hétérogénéité individuelle, la mutabilité empirique de l'unicité de la nature, puisse révéler une constance spécifique. C'est comme affirmer que sur la discontinuité empirique on formule faussement une loi de continuité d'un système.

On nie pour cela que la variabilité entre une espèce et l'autre, une race et l'autre, une ethnie et l'autre, étant un phénomène d'interférence ou *transvariation* <sup>(5)</sup> entre populations viventes, puisse nous révéler un ordre systématique.

Alors c'est facile de comprendre comme l'anthropologist M. F. A. Montagu <sup>(6)</sup> nie fermement le fondement du concept scientifique de race, préoccupé seulement sur l'évaluation des variations intermédiaires en cas de croisement ou métissage entre un group et l'autre. Jugements contrastants et incertitudes pleines de contractions se trouvent même dans le document officiel de Moscou de l'Unesco (1964) toujours à propos du concept biologique de race <sup>(7)</sup>.

Plusieurs généticiens, liés à la découverte micromériste de l'hérédité des caractères élémentaires, suivant l'exemple de Th. Dobzhansky (1937-51) <sup>(8)</sup>, pratiquement poursuivent la même négation d'une mémoire biologique de la race ou de l'espèce (dans

<sup>(5)</sup> A. Sacchetti, *El significado y el cálculo de la transvariación sintética en Biología*. Revista de la Facultad de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales de la Universidad Nacional de Córdoba, R. A., 1950. Voir même: *Especies y razas en el orden biológica*. Ed. Instituto de Investigaciones Domogenéticas de la Universidad Nac. de Córdoba, R. A., 1952.

<sup>(6)</sup> M. F. A. Montagu, *Man's Most Dangerous Myth, The Fallacy of Race*. Harper et Brothers, New York, 1952.

<sup>(7)</sup> A. Sacchetti, *Una inchiesta italiana sulle razze nel mondo. Proposizioni della an Unesco sugli aspetti biologici della questione razziale*. «L'Universo», Rivista dell'Istituto Geografico Militare, Anno XLVII, n.º 2, 1967.

<sup>(8)</sup> Th. Dobzhansky, *Genetics and the Origin of Species*. Columbia University Press, New York, 1937 (1.<sup>a</sup> ed.), 1951 (3.<sup>a</sup> ed.).

l'unité de la catégorie et du patrimoine génétique) tandi qu'au contraire ceci s'affirme clairement avec les dernières découvertes biochimiques, magistralement résumées par A. Lwoff.

R. Bianchi Bandinelli <sup>(9)</sup> accuse l'oeuvre monumentale de l'ethnologue Frobenius et de son École, qui aurait lié le fatum ou destin à l'ethnie (dans sa caractérisation) et pour cela même préparé le développement du racisme en Allemagne, du quel tous connaissons les terribles conséquences, comme si la recherche scientifique eût une relation nécessaire et suffisant, une curieuse responsabilité sur les évènements politiques de l'humanité.

A. M. Cirese, néanmoins (1967), formule un acte d'accusation justment au concept unitaire de population <sup>(10)</sup> et seulement car il y trouve altérité et dénivellement culturels, une hétérogénéité interieure au groupe que tout le monde connait et qui caractérise toujours la même systématique en biologie <sup>(11)</sup> Préoccupé probablement par des considérations politiques et suivant en quelque manière l'exemple de A. Gramsci <sup>(12)</sup> — qui en 1928-29 défendait une claire position de partit, hors de la science — il critique facilement et justement le concept romantique de «population y appliquant les adjectifs abusés de «beauté», de «bonté», d'«authenticité», de «spontanéité», d'«originalité», d'«universalité» de ces produits et de sa culture, mythes qui justifieraient seulement la raison historique dans la perspective unitaire de la «population»: et probablement on ne peut pas dire avec Cirese «je l'aime, donc il existe». Toutefois, désagrégé le romanticisme on nie la subsistence de la «catégorie» et on n'a pas pensé au revers de la médaille, le revers également

<sup>(9)</sup> Voir la préface de l'oeuvre *Kulturgeschichte Afrikas*, dans sa traduction italienne, ed. G. Einaudi, Torino, 1950.

<sup>(10)</sup> A. M. Cirese, *Altérité et dénivellement culturels dans les sociétés dites supérieures*. «Ethnologia Europaea», vol. 1, n.° 1, Paris, 1967.

<sup>(11)</sup> A. Sacchetti, *I problemi della variabilità dei caratteri*, in *Biometria: nel quadro delle relazioni fra scienze statistiche o matematiche e scienze biologiche*. Ed. Istituto Italiano di Antropologia, Roma, 1945. Voir même le dernier chapitre du livre *Uomini e dei sul tetto d'America*. Ed. Silva, Genova, 1966.

<sup>(12)</sup> A. Gramsci, *Letteratura e vita nazionale*. Torino, 1950.

absurde qui, comme dans une formule mathématique ou d'anthropologie structurale, s'exprime: «je ne l'aime plus, donc il n'existe pas».

Mais malgré cela la «catégorie» subsiste dans sa unité, pour la science, hors du romanticisme et de la politique. Ce n'est pas seulement un jeu dialectique, quoique on lie dans ces auteurs que «l'unité et l'originalité (qui veut signifier scientifiquement «caractérisation») du patrimoine populaire n'étaient que nobles illusions qui désormais ont épuisé leur fonction positive».

Voilà la manie contemporaine de la mythophobie. Néanmoins il y a justes et importantes essais de reconstruction scientifique hors de ces préoccupations.

Claude Lévi-Strauss <sup>(13)</sup>, dans le plan de l'anthropologie, entendue comme un étude de la culture humaine, en général, et de ces produits, recherche avec génialité, une structure organique des valeurs, mais néglige une systématique des causes. Sont aspects phénoméniques de la recherche qui ont une signification psychologique du profond, étudiés magistralement par C. G. Jung <sup>(14)</sup> et étendus à l'histoire des religions par M. Eliade <sup>(15)</sup> aussitôt qu'à la mythologie par K. Kerényi <sup>(16)</sup>, auteurs entre les plus récents.

Un gran mérite correspond au Professeur G. de Rohan Csermak <sup>(17)</sup> dans le cadre de reconstruction des principes de la recherche scientifique avec le but d'évaluation et compréhension de la culture européenne. L'auteur, dans le premier numéro de la revue «Ethnologia Europaea» publie justement un article pour affirmer de nouveau la notion de «complexe ethnique européen. *Il y a donc besoin de confirmer les principes fondamentaux. Le complexe ethnique européen existe. Existe dans sa unité historique et raciale, existe dans sa possibilité de diffusion géographique, existe comme*

<sup>(13)</sup> C. Lévi-Strauss, *Anthropologie structurale*. Plon, Paris, 1958.

<sup>(14)</sup> C. G. Jung, *Psychologie und Alchemie*. Rascher, Zürich, 1944.

<sup>(15)</sup> M. Eliade, *Traité d'histoire des religions*. Payot, Paris, 1949.

<sup>(16)</sup> K. Kerényi, *Miti e misteri*. Ed. Einaudi, Torino, 1950.

<sup>(17)</sup> G. de Rohan Csermak, *La notion de «complexe ethnique européen»*. «Ethnologia Europaea», vol. 1, n.° 1, Paris, 1967.

catégorie ethnologique ou complexe de populations, de cycles de culture et de nationalité, existe dans une comparaison avec les complexes ethniques extraeuropéens. Nous pouvons l'induire si nous faisons, suivant notre auteur, une entrevue individuelle sur un sujet seulement, qui révélera évidemment, avec ses réponses, les catégories aux quelles il appartient, toute une hiérarchie systématique, caractérisant sa personnalité. Cette individualité n'exclut pas pour cela une liberté d'action dans le monde où elle vit (la culture, la population, la nation ou la race). Contrairement ce sujet serait comme une feuille morte, sans possibilités de se dépasser, un numéro quelconque sans société et sans patrie, sans famille et sans culture, sans couleur de race ou tempérament constitutionnel. Nous ne pouvons pas dire que ce sujet existe car il est bon ou beau, abile ou productif, athée ou chrétien. *Il existe car est une personne individuelle dans le plan des catégories qu'il intègre, quelles que soient.*

Seulement aussi on peut justifier, suivant Rohan Csermak, une Ethnologie Européenne ou Américaine, Australienne ou Africaine, en y reconnaissant «les caractéristiques d'une unité», d'une personnalité, d'une constitution historique et géographique, une subsistance catégoriale. Il ne s'agit seulement d'événements circonstanciels, mais plutôt d'événements historiques qui influent profondément sur la structure même de l'ethnie ou de la race, de la population ou de l'espèce, dans les limites euristiques des catégories et de ses *transvariations*.

## 2. La théorie demogénétique

Ayant établi les limites de la notion de «population», avec une certaine force de cohésion systématique et de relations hiérarchiques, le *δῆμος* nous apparaît comme une catégorie dans sa «intégrité» et par conséquent une somme d'individus qui ont de l'affinité: c'est toute la catégorie, tout le monde, et non seulement quelques-unes de ces classes sociales, aussi même comme on l'entend du point de vue de la discrimination politique.

Ortega y Gasset <sup>(18)</sup> réconfirma avec sa grande autorité cette définition cohérente du «tout», qui permet la recherche scientifique unitaire et la différenciation, intérieur au groupe, des aristocraties (du sport, de la politique, de la science, des arts, de la noblesse) <sup>(19)</sup>. Mais, avec cela, n'est pas possible considérer séparément ces sub-catégories qui expliquent, solidairement, la dynamique évolutive de la population et des échanges réciproques des classes en relation avec le développement historique <sup>(20)</sup>. Cela nous a révélé les lois de cohésion psychologique des populations ou *conditions de densité psychologique* qui justifient la notion de catégorie naturelle <sup>(21)</sup>.

Cette notion de «population» présuppose une cohérence ethnique, psychologique, raciale, culturelle, avec une position déterminée dans une *systématique naturelle*, un *ordre biologique*, qui seulement permet la recherche génétique.

«Le fondement de cet ordre biologique, de la spécificité et de la diversité, est constitué ou organisé par une courte série de molécules... l'acide nucléique, considéré en relation avec l'échelle des temps d'un organisme, constitue une structure stable, dépositaire de la *spécificité* et de la *reproduction de la spécificité*, néanmoins que si on le considère en relation avec l'échelle des temps du monde le même acide est la structure variable responsable de la mutation et de l'évolution: la variabilité et la stabilité résident donc dans la même structure et justement cette double fonction du matériel génétique est un des aspects plus importants de «la vie». A. Lwoff

<sup>(18)</sup> J. Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas*. Ed. Revista de Occidente (1.<sup>a</sup> éd., 1929), 28<sup>e</sup> éd., Madrid, 1964.

<sup>(19)</sup> M. Boldrini, *Contributi del Laboratorio di Statistica*, vol. IX, *Biotologia delle aristocrazie*. Milano, Università Cattolica, 1936.

<sup>(20)</sup> C. Gini, *Nascita, evoluzione e morte delle nazioni*. Roma, 1930. Voir aussi A. Sacchetti, *Sullo sviluppo naturale delle popolazioni bianche emigrate in Australia*, Rivista di Biologia Coloniale, vol. V, III-IV, Roma, 1942. Voir en outre: A. Sacchetti, «*Incitación y respuesta*» como teoría de interpretación histórica de los orígenes de las civilizaciones. Revue «Demogenética», Un. Nac. de Córdoba, R. A., 1957.

<sup>(21)</sup> J. Dalma, *La doctrina de la densidade psicológica de la población*. Ed. Instituto de Sociología y Planificación de la Universidad Nacional de Tucumán, R. A., 1957.

justifie aussi, dans l'oeuvre déjà citée, le fondement génétique de *la structure de l'ordre biologique* et la position existentielle de l'individu dans la «population».

Indépendamment moi-même, avec la collaboration du professeur S. Beer, j'ai pu éclaircir, dans notre oeuvre «*Problemi di sistematica biologica*» (22), les lois de structure systématique de cet ordre, les règles de disposition hiérarchique des populations dans un système qu'avant d'être un mythe est une réalité scientifique.

Ce système se base sur *hiérarchies spaciales* — démontrées par J. Needham (23) — et sur une *loi de conservation d'équilibre dynamique de l'ordre biologique* — suivant le travail de L. Bertalanffy (24) — que nous avons remis en valeur avec notre théorie demogénétique (25). La séquence hiérarchique commence de la molécule protéique pour passer à la particule colloïdale, au moyau (acide DNA et RNA), à la cellule, au tissu, à l'organe, à l'individu, à la population, au grupe systématique. Il y a une *unité*, une *continuité* et une *complémentarité*, suivant la théorie de Niels Bohr (26), une *discontinuité formale* et une *continuité essentielle*, dans la quelle la «population» est le noyau fondamental, où le moi, l'homme, en Anthropologie, est prince.

De cette façon on peut inférer ou induire scientifiquement la structure des groupements inférieurs et celle des catégories supérieures à l'individu et à la «population», comme en Ethnologie a démontré même l'enquête de Rohan Csermak è propôt d'un individu imaginaire. Plus en général nous pouvons parler d'une Anthropologie dans le plan d'une théorie demogénétique, où avec le mot

(22) Ed. G. Einaudi, Torino, 1952.

(23) J. Needham, *Ordine e vita*, Ed. G. Einaudi, Torino, 1946.

(24) L. Bertalanffy, *Teoría del desarrollo biológico*. Ed. Univ. Nac. de La Plata, La Plata, R. A., 1934.

(25) Voir A. Sacchetti, *Teoría demogenética*. Ed. Univ. Nac. de Córdoba, R. A., 1955. En outre: A. Sacchetti, *Su una soglia di equilibrio instabile dell'individuo considerato come unità demogenetica*. Soc. Reale di Scienze, Lettere ed Arti di Napoli, vol. xvi, Napoli, 1949.

(26) N. Bohr, *Biology and Atomic Physics*. II Cent. della nascita di L. Galvani. Bologna, 1937.

génétique nous entendons une recherche sur les lois qui règlent la descendance, l'origine, la constitution, la formation, l'unité des populations. Il s'agit pour cela d'une Anthropologie avec un caractère biologique ou une justification biologique, même si on peut et doit étudier postérieurement, dans l'histoire, les événements humains écologiques (géographiques), d'*ecosis* <sup>(27)</sup>, et culturels, d'*acculturation* ou *transculturation* <sup>(28)</sup>.

### 3. L'intégration de la recherche

Surmontés les risques de la manie destructrice du mythe et justifiée l'existence d'une catégorie systématique en général, nous pouvons effectuer la recherche qui, en Anthropologie, est un étude integral de l'homme, en tous ces aspects, de la forme constitutionnelle, de la fonction organique et psychique, selon les catégories biologiques et sociales <sup>(29)</sup>.

L'anthropologist mexicain J. Comas doute, dans une recension <sup>(30)</sup>, qu'on puisse concevoir aussi «une science nouvelle». Effectivement il ne s'agit pas «d'une science nouvelle» (séparée des autres) <sup>(31)</sup> mais d'une recherche sur la personnalité de l'homme, dans ses groupements existentiels, y impliquant une caractérisation de la culture, de l'ethnie, de la nation, de la langue et de la race.

---

<sup>(27)</sup> M. León Portilla, *Aculturación y ecosis. Adopción de un término para expresar un concepto antropológico*. «Anales de Antropología», vol. II, México, 1965.

<sup>(28)</sup> A. Kroeber, *Antropology*, Harcourt, New York, 1948. Voir même A. Sacchetti, *Psicofanie*, «Revista de Etnografía», en publication (1968), Porto (Portugal).

<sup>(29)</sup> Voir notre travail *Psicofanie*, déjà cité, et *Arcaismos en Etnografía. Hacia una integración de los estudios*. Coloquio Internacional de Estudios Etnográficos Rocha Peixoto, Porto (Portugal), 1966.

<sup>(30)</sup> J. Comas, voir «Boletín Bibliográfico de Antropología Americana», vol. XIII, parte II, México, 1950.

<sup>(31)</sup> Nous croyons néanmoins qu'il sagit d'une discussion presque inutile. Voir notre *Teoría demogenética*, déjà citée, 1955.



Dans un travail récent j'ai démontré <sup>(32)</sup> effectivement la possibilité d'une recherche demogénétique intégrée dans le domaine de l'anthropologie physique, physiologique et psychologique, aussi qu'en anthropologie culturelle sur données les plus différentes (religieuses, mythiques, artistiques, sociologiques ou ergologiques).

On ne devrait pas parler, probablement, d'une Ethnoscience (néologisme laid et inutile) <sup>(33)</sup>, mais d'une recherche multidisciplinaire, sensibles comme nous sommes aux recommandations de la Organisation Scientifique International <sup>(34)</sup>, suivant les quelles on peut suggérer avec R. Caude (directeur général de l'École d'Organisation Scientifique de Paris) un nouveau principe de travail, qui ne soit pas basé sur la simple collaboration de savants spécialisés en différentes disciplines, mais sur une élaboration scientifique coordonnée avec une expérience authentiquement multidisciplinaire.

Dans la crise méthodologique que nous vivons il y a donc une possibilité de reprise et de supériorité consciente des préjugés et des drames sociaux (comme le racisme) basés sur l'erreur.

En fin nous voyons favorablement une recherche demogénétique sur la condition de catégorie systématique de l'ethnie, dans tous ses aspects scientifiques, mais non pragmatiques, de la culture, de la population et de la race.

---

<sup>(32)</sup> A. Sacchetti, *Psicofanie* (1957).

<sup>(33)</sup> C'est une proposition de la Smithsonian Institution. Voir «*American Anthropologist*», Part 2, vol. 66, n.° 3, 1964.

<sup>(34)</sup> Voir *Metodología de acción y técnica de grupos multidisciplinales*. Cios (Conseil International de la Organisation Scientifique), «*Actividades*», n.° 2, Genève, 1966.

# Os «Cantares» de Rosalia de Castro e o povo galego

em alguns aspectos da sua Etnografia  
de há cem anos

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. de Antropologia da F. C. da Univ. do Porto

Os *Cantares Gallegos* são um mimoso ramalhete de poesias maviosas, publicadas num livro precioso, livro que nos encanta à medida que o vamos lendo, e que, por isso, bem lhe cabe o atributo de livro encantador. Os «Cantares» são delicadas expressões poéticas que se evolveram da alma de Rosalia, como se evolvam o brando rumor das carvalheiras, sacudidas pelas brisas, e o perfume das flores, que se abrem fragrantemente aos raios dum sol de Maio que as beija com ardor.

Como antropologista sinto que Rosalia de Castro, com notáveis qualidades de observação e apuradíssimo sentimento estético, em versos plenos de suavidade, como se fora genial pintora, conseguiu dar-nos alguns aspectos das gentes da sua adorada Galiza de há cem anos <sup>(1)</sup>, em muitos dos seus usos e costumes e até um pouco do seu psiquismo.

Aliás a própria autora, no prólogo da 1.<sup>a</sup> edição publicada em Vigo em 1863, diz que «puxem ó mayor coidado en *reproduzir* ó

---

<sup>(1)</sup> Rosalia de Castro, insigne poetisa galega, nasceu em Santiago de Compostela em 24 de Fevereiro de 1837 e morreu em Padron em 15 de Julho de 1885. O livro *Cantares Gallegos* saiu em 1.<sup>a</sup> edição no ano de 1863.

*verdadeiro espírito do nosso pobo* e penso que ó conseguin en algo... si ben de unha maneira débil e froxa: Queira ó ceo que outro mais afertunado que eu poida describir c'os sus cores verdadeiros os cuadros encantadores que por aqui se atopam inda no rincón mais escondido e olvidado, pra que asi, ó menos en fama, xa que non en proveito, gane e se vexa c'ó respecto e admiración merecidas esta infortunada Galicia!».

E noutra passagem do mesmo prólogo: «atrevinme a escribir estos cantares, esforzándome en dar a coñecer cómo algunhas das nossas poéticas costumes inda conservan certa frescura patriarcal e primitiva, e cóm'ó nosso dialecto doce e sonoro é tan a propósito cóm'ó pirmeiro para toda clase de versificación».

A reforçar a mesma e instante preocupación de poetizar os usos e costumes do povo ga'lego, Rosalia, no poema «Aló no currunchiño máis hermoso», em nota de fundo de página, explica que aquelas oitavas não são pròpriamente um cantar mas antes, e com mais propriedade, um conto.

E acrescenta: «pero como pó-lo d'ahora non penso facer en gallego ningún libro de contos, pónño aqui, unha vez que nestes cantares tratei de pintar as costumes dos nosos probes aldeáns, e sirven estas octavas pra dar a conocer unha das máis antiguas e máis usadas. Sempre me comoveu o relato de este conto sencillo, patriarcal, e por eso decidinme a versificalo contando c'á benevolência dos lectores».

Rosalia confessa que pôs o maior cuidado em reproduzir o verdadeiro espírito do povo galego e se esforçou por dar a conhecer alguns velhos costumes patriarcais.

Temos de confessar que, em muitos e bem marcados aspectos, o conseguiu, e de maneira tão flagrante, de vivência tão garrida, em versos de tanta beleza artística e emocional que se immortalizou, e fez dos «Cantares» um livro extraordinário, quase um livro de oras, que como amante da Galiza eu leio a cada passo com emoção, quase como quem reza.

O ilustre galego Fermin Bouza-Brey, que conhece como poucos a obra de Rosalia, estudou como nenhum outro a vida da insigne poetisa galega e é, por isso, o grande rosaliano, no prólogo da

edição publicada no primeiro centenário do livro *Cantares Gallegos* (1), por ele ordenada e anotada, escreve: ...«é um libro proel, un libro que fendeu brioso os mares do esquecemento en que xacia o cultivo literário da lingua galega, con dinidade e patrianismo».

De facto os «Cantares» contribuíram para erguer a suave e mimosa língua galega do quebranto em que jazia, esquecida dos eruditos, língua tão grata aos meus ouvidos quando a ouço falar.

Não tenho as indispensáveis bases de cultura filológica para exaltar a língua galega, embora seja trasbordante o desejo de o fazer.

Parafraseando Rosalia direi: Queira o céu que outro mais afortunado e mais sabedor do que eu o possa fazer.

Limitar-me-ei a tentar pôr em realce alguns aspectos de feição antropológica e etnográfica que, a cada passo, ressaltam nos «Cantares», livro cheio de beleza estética, de maviosidade e de encanto.

Praza a Deus que o consiga, se bem que, estou certo, o farei de maneira débil e frouxa.

\*

\*      \*

Começaremos pela poesia que, como informa Fermin Bouza-Brey, foi publicada em 1862 no «Album de la Caridad» com o título de *A Romaria da Barca* (2).

Nesta bela poesia há, como veremos, uma descrição do antigo vestuário feminino de algumas regiões da Galiza. A descrição,

(1) Rosalia Castro de Murguía, *Cantares Gallegos*, edición de centenário, ordenada, prologada e anotada por Fermin Bouza-Brey, Editorial Galaxia, 1963, 288 págs.

(2) A romaria de Nossa Senhora da Barca, celebra-se no santuário que fica na freguesia de Santa Maria de Muxia, concelho de Muxia (Corcubion-Corunha).

Rosalía, no ano de 1853, foi à festa da Senhora da Barca, uma das mais famosas da Galiza. Tinha ela então 16 anos.

A imagem da Senhora da Barca está posta numa barquinha com dois anjos marinheiros, um aos remos e outro ao leme.

aparte a sua beleza literária, como realça F. Bouza-Brey, na respectiva nota, a págs. 256 da edição do centenário, é tão interessante e precisa que acreditam a sua autora de observadora documental da etnografia galega.

A poesia, de 226 versos de sete sílabas, verdadeiro poema, como lhe chama F. Bouza-Brey, é encabeçada pela quadra popular

Nosa Señora dá Barca  
 ten o tellado de pedra;  
 ben o pudera ter de ouro  
 miña Virxe si quixera.

Começa por aludir à muita gente forasteira que por terra e de barco vem à festa, realçando as «rapazas bonitas cura de tódalas penas», e com admiração: «Cantos dengues encarnados! / Cantas sintas amarelas! / Cantas cofias pranchadinhas / dende lonxe relumbran / cal si fosen neve pura / cal froles de primaveira!».

Vejamos como descreve as raparigas de Muros <sup>(1)</sup> e o seu trajar.

As de Muros tão finiñas  
 qu'un coidara que se creban,  
 c-aqueelas caras de virxe  
 c-aqueles ollos de almendra  
 c-aqueles cabelos longos  
 xuntados en longas trenzas,  
 c-aqueles cores rousados,  
 cal si a aurora llos puñera,  
 pois asi son de soaves  
 como a aurora que comenza;  
 descendentes das airosas

---

(1) Muros é vila da provincia da Corunha, é porto de mar e juntamente com Noya, que lhe fica para leste, dão o nome à ria chamada de Muros y Noya.

fillas da pagana Grecia <sup>(1)</sup>  
 elas de negro se visten,  
 delgadiñas e lixeiras,  
 refaixo e mantelo negro,  
 zapato e media de seda,  
 negra chaqueta de raso,  
 mantilla da mesma peza,  
 con terciopelo adornado  
 cánto enriba de si levan;  
 fillas de reinas parecen,  
 gregas estatuas semellan  
 si a un rayo de sol poñente  
 repousadas se contempran;  
 ricos panos de Manila,  
 brancos e cor de sireixa,  
 cruzanse sobre o seu seyo  
 con pudorosa modestia,  
 e por antre eles relosen  
 como brillantes estrelas  
 aderesos e collares  
 de diamantes e de pebras,  
 pendentos de filigrana  
 e pechuguiñas de cera.

Rosalía confere às raparigas de Muros o tipo longilíneo, pois as diz «delgadiñas e lixeiras» e tão fininhas que quem quer podía julgar que se quebrarían; realça-lhes os ollos em amêndoa, ou seja de contorno oval, e faces suavemente rosadas; salienta o seu porte airoso como de estatuas gregas, com o cabelo penteado em longas tranças.

O «refaixo», saia curta ou saiote, vestido por cima da camisa, e o «mantelo», amplo avental, tão amplo que pode dizer-se saia aberta atrás, eram feitos de pano preto. «Chaqueta» e mantilha

---

(1) Alusão à lenda tradicional, segundo parece infundada, que atribuí a Muros origem colonial grega.

de «raso», ou seja de pano brilhante e acetinado, uma e outra enfeitadas com aplicações de veludo.

Chales de Manila, uns brancos, outros cor de cereja, cruzados no peito onde reluziam adereços e colares de diamantes e de pérolas a brilharem como estrelas sobre colos de cera. Nas orelhas brincos de filigrana.

Nestes versos de Rosalia temos uma pormenorizada e ampla descrição do trajar e atavios da mocidade feminina de Muros de há cem anos.

Seguem-se as moças de Camarinhas <sup>(1)</sup> às quais Rosalia se refere assim:

As de Camariñas visten,  
cal rapaciñas gaiteras,  
sayas de vivos colores  
polo pescozo da perna,  
lucindo o negro zapato  
enriba de branca media;  
chambras feitas de mil raias  
azuladas e bermellas,  
con guarnición que lles caen  
sobre a rumbosa cadeira.  
Para tocar o pandeiro  
non hai como tales nenas,  
que son as camariñanas  
feitas de sal e canela.

O vestuário das camarinheiras, moças «gaiteras», está descrito a primor.

Saia comprida, pelo pescoço da perna, ou seja, um pouco acima do tornozelo e blusas amplamente riscadas de vermelho e azul, com guarnições, felpos e franjas, ou sejam frocos caídos sobre as ancas rotundas. Nos pés sapatos pretos e meias brancas.

---

(1) Camarinhas, vila e porto de mar, da província da Corunha, junto do cabo Villano e a norte da entrada da ria de Camarinhas.

Vêm depois citadas as raparigas de Cé <sup>(1)</sup>.

As de Cé, ¡Virxe do Carme!  
 ¡que cariñas tão ben feitas!  
 Cando están coloradiñas  
 no ruxe-ruxe da festa,  
 cada mirar dos seus ollos  
 fire como cen saetas.  
 Nin hai mans tan ben cortadas,  
 tan branquiñas e pequenas  
 como as que amostran finxindo  
 que non queren que llas vexan.

Nesta passagem Rosalia atenta apenas em alguns caracteres somáticos das moças de Cé.

As caras tão bem feitas que era uma admiração; coradinhas e com dois olhos cheios de vivacidade, com miradas penetrantes como setas. As mãos delicadas, brancas e pequeninas.

Alude depois às moças de Laxe <sup>(2)</sup>, mas que moças!...

Son as de Laxe unhas mozas...  
 ¡Vaia unhas mozas aquelas!  
 Sólo con velas de lonxe  
 quitaselles a monteira,  
 porque son vivas de xénio,  
 anque son rapazas netas.  
 Bailadoras... n'hai ningunhas  
 que con elas se entrometan,  
 pois por bailar bailarian  
 no cribo de unha peneira;  
 mais em tocando a que recen,  
 em rezar son as pirmeiras...  
 Dan ó mundo o que é do mundo  
 dan à igrexa o que é da igrexa.

---

(1) Cé ou Cée é outra vila da costa marinha, que fica perto de Corcubion.

(2) Laxe, vila e porto de mar da província da Corunha.



As raparigas de Laxe profundamente religiosas e bem femininas, nem por isso deixavam de ser boas bailadoras e vivas de génio.

Seguem-se as raparigas de Noia <sup>(1)</sup> e as de Rianxo <sup>(2)</sup>.

As de Noia ben se axuntan  
cas graciosas rianxeiras,  
polos redondos peiños,  
polas cabeleiras crechas,  
polos morenos lunares  
e polas agudas linguas  
que abofé que en todo pican  
como si fosen pementa.

As raparigas de Noia e de Rianxo, umas e outras com caracteres semelhantes, e por isso juntas no mesmo grupo, com «redondos peiños» <sup>(3)</sup>, ou seja pés curtinhos, pequenos, com cabelos encaracolados e com «morenos lunares», sinais escuros, os «grains de beauté» como lhes chamam os franceses. Além disso aquelas graciosas moças tinham resposta chistosa, apimentada, e sempre pronta na ponta da língua.

---

(1) Noia vila da província da Corunha, próximo de Muros, e situada ao fundo da ria de Muros e Noia.

(2) Rianxo, vila marinheira da ria de Arousa, a mais setentrional das chamadas rias baixas. Também pertence à província da Corunha.

(3) *Peiños* ou *pèzinhos*. No refraneiro galego existe o seguinte solilóquio.

*Ai meus peiños!*  
*Ai meus peans!*  
*Se não foram os meus peiños*  
*Comiam-me os cans.*

Assim teria dito, em gabança dos seus pés, um rapaz que saltara a um pomar a furtar um pouco de fruta e fugiu a bom fugir aos cães que deram sobre ele.

Por fim alude às raparigas de outras vilas distantes que, embora recatadas, não podem esconder a sua soberbia da qualidade de vilaregas e que, muito bem vestidas, passam com ar senhoril e

«.....  
 que por onde van parece  
 que van dicindo: — «Canela!  
 ¿Prantamos ou non prantamos  
 a cantas hay nesta terra?»

Rosalia não se decide a votar pela supremacia das vilaregas. É que ao ver aquelas moças, todas juntas à porta da igreja, quer fossem de Rianxo, de Redondela, de Camariñas, de Laxe ou de Ponteareias, pareciam mais bonitas «que un ramión de asucenas, mais frescas que unha leituga, mais sabrosiñas que fresas».

Por isso as cortejavam derretidos moços namoradeiros; rapaziños festeiros e «marinheiros do mar» em romagens de promessa, por a Virgem os ter salvo de «naufragar na tormenta».

Rosalia, num mimo de beleza poética, escreve: marinheiros, marinheiros que vos salvastes no mar não vos salvareis na terra, que na terra também há tormentas «que afofan corasonciños», sem que lhes valham promessas. É que se a Virgem acode aos que se afofan no mar, entre as ondas bravias, não acode aos namorados «que de afofan-se se alegran».

Ainda neste poema há uma passagem alusiva à romaria de Nossa Senhora da Barca, de Santa Maria de Muxia, com foguetes a estoirarem no ar, com tocatas de gaitas e de tambores

.....  
 .....  
 «con tanta xente que corre,  
 que corre e se sarandea  
 ó son das gaitas que tocan  
 e das bombas que reventan.  
 uns que venden limonada,  
 outros auga que refresca,

aqueles dulce resolio  
 con rosquilliñas de almendra;  
 os de mais alá sandias  
 con sabrosas siriguelas,  
 mentras tanto que algun cego  
 ó son de alegre pandeira,  
 toca un carto de guitarra  
 para que bailen as nenas.

Ao ler estes versos perpassam aos nossos olhos as romarias minhotas com tantos pontos de contacto em sobreposição flagrante de temas. O norte de Portugal, o Portugal minhoto, e a Galiza, são bem duas terras irmãs.

Diz a lenda que a imagem de Nossa Senhora da Barca ali veio dar à costa numa barca de pedra que os mares até ali trouxeram, e ali encalhou.

Essa pedra tem a rara qualidade de ser uma pedra bolideira, isto é, um penedo oscilante <sup>(1)</sup> que, nos versos de Rosalia, vem assim descrita:

.....  
 «estonces a pedra bala  
 tan alegre e tan contenta

---

(1) Embora Rosalia fale duma só pedra, Fermin Bouza-Brey na nota da pág. 157 dos *Cantares Gallegos* edição por ele ordenada, prologada e anotada, cit., diz que são três as pedras tradicionais. A barca, o leme e a vela, todas três oscilantes, e esclarece:

A pedra da barca, que é a maior, nem sempre oscila. São necessárias condições especiais para que tal suceda.

Por isso há uma cantiga popular que diz:

*Veño da Virxen da Barca  
 Veño de abalar a pedra,  
 abalei a pequeniña  
 que a grande non quixo ela.*

O distinto jornalista, Hugo Rocha que muito quer à Galiza, no seu livro *Encontros com a Galiza*, Porto, s/data, 170 págs., no 2.º capítulo «De Nossa

que anque un cento de presoas  
brinca e salta enriba de ela  
como si fose mociña,  
mais que unha pruma lixeira,  
alegre como unhas páscuas  
salta e rebrinca con elas.

Por fim cita as ofertas de cestinhos lindamente compostos, que os romeiros levam à Virgem como promessa de os ter salvo de naufragar na tormenta.

A poesia que acabamos de analisar e de que transcrevemos algumas passagens, é, sem a menor dúvida, um belo poema etnográfico.

Mas são várias as poesias dos «cantares» onde, a cada passo, ressaltam referências a vestuários, usos e costumes, modos de sentir e de se comportar do povo galego.

---

Senhora da Barca, do seu santuário sobranceiro ao mar, das suas tradições místicas e da sua expressão religiosa», págs. 31 a 36, cita (pág. 34) a seguinte quadra que o povo galego canta.

*Nossa Senhora da Barca  
Tem a porta cara ó mar  
Un pouquiño mais abaixo  
Tem a pedra de abalar.*

No capítulo seguinte do mesmo livro, a pág. 40, Hugo Rocha transcreve a «trova galega que Don Vicente, o cura poeta» pároco de Muxia, deixou a «Carmiña, a dos olhos verdes», também alusiva à pedra bolideira do santuário de Nossa Senhora da Barca.

*Se vas a Muxia, vai ó Santuário  
Que tem o Oceano por escenario  
Verás a pedra que abala ela sola  
Con un movemento como o dunha ola.*

Logo na poesia «Has de cantar» com que abre o volume, põe os moços e as moças a bailar ao toque das gaitas e das pandeiretas e refere assim o vestuário das raparigas.

!Que cófias <sup>(1)</sup> tan brancas!.  
 !Que panos con freco...!  
 !Que dengues <sup>(2)</sup> de grana!.  
 !Que sintas!. !Que adresos!.

!Que ricos mandiles <sup>(3)</sup>!  
 !Que verdes refaixos <sup>(4)</sup>...!  
 !Que feitos xustillos <sup>(5)</sup>  
 de cór colorado!»

---

(1) A *cófia* era uma peça de luxo do toucado feminino. Pano branco de linho com um rectângulo bordado que se colocava na cabeça; rematava atrás do pescoço e à maneira de touca recolhia a trança do cabelo. O remate que ao mesmo tempo segurava a cófia à cabeça, era feito por uma fita, de cor vermelha nas solteiras, branca nas casadas e preta nas viúvas.

Deste modo olhando a *cófia* logo se sabia o estado social da portadora. Juan Naya Perez, in *El traje*, n.º 39 de «Cuadernos de arte gallego», Vigo, 1964, pág. 58 e 36 figs. sem estar numeradas, diz a pág. 21, que a cófia é um dos elementos mais antigos do vestuário feminino tradicional e se lhe atribui uma origem sueva.

O querido amigo Fermin Bouza-Brey mostrou-me quatro cófias da sua colecção; algumas velhas, de mais de 100 anos.

(2) O *dengue* era uma espécie de capinha de pano vermelho posta sobre os ombros e que apenas cobria o busto, com duas pontas que se cruzavam sobre o peito e se fixavam atrás sobre a cinta muitas vezes com fivelas ou broches de prata.

(3) *Mandiles* são os aventais. Em algumas terras do leste transmontano o avental é também designado pelo nome de mandil.

(4) O *refaixo* é uma saia de baeta, muitas vezes vermelha ou verde; é o saiote do vestuário feminino de muitas aldeias de Portugal.

(5) O *xustillo* é um colete que se usava bem justo ao busto apertado adiante por um cordão, o atacador.

Outra passagem de marcada feição etnográfica é a que se lê na 9.<sup>a</sup> estrofe do poema de análise crítica social «Non che digo nada... pero vaia!»

Verás qué revolturas,  
 qué ricas contradanzas,  
 qué gaitas con salterio,  
 qué pífanos con arpas,  
 qué dengues encarnados  
 con mantilliñas brancas,  
 chapurra que chapurra  
 en confusión tan várea,  
*que non che digo nada...*  
*!Pero vaia!*

Além de, mais uma vez, citar duas peças do vestuário feminino os «dengues» e as «mantilliñas» há referêncía embora ligeira às danças.

A muinheira, típico bailado popular galego, vem concretamente referida no poema *Miña Santiña, miña Santana*, no qual uma costureirinha pede à Santa da sua devoção que a ensine a dançar; se a Santa fizer tal coisa promete emprestar-lhe os brincos e o colar. Todo o poema é um diálogo entre a costureirinha e a Santa. Uma fala da costureira, a 5.<sup>a</sup> estrofe do poema, é a seguinte:

Santa Santasa  
 non sós comprida  
 decindo cousas  
 que fan ferida.  
 Falaime solo  
 das muiñeiras  
 de aquelas voltas  
 revirandeiras  
 de aqueles puntos  
 que fan agora  
 de afora adentro  
 de adentro afora.

Outra referência à «muiñeira», típica dança galega, que o Prof. Ricardo Carballo Calero, a pág. 75 da sua edição dos *Cantares Gallegos* <sup>(1)</sup>, considera «dança racial dos galegos», é a que se lê no poema saudosista «Airiños, airiños, aires» numa série de versos cheios de interesse etnográfico.

Ai, miña probe casiña!  
 Ai, miña vaca bermé!a!  
 Años que balás nos montes  
 pombas que arrulás nas eiras,  
 mozos que atruxás bailando,  
 redobre das castañetas,  
 xás-co-rras-chás das cunchiñas,  
 xurre-xurre das pandeiras  
 tambor do tamborileiro  
 gaitiña, gaita gallega,  
 xa non me alegras dicindo:  
 Muiñeira, muiñeira!

Uma outra referência a instrumentos musicais é a que se lê na canção do berço, ou de embalar, «Hora, meu meniño hora».

Nesta bela composição poética Rosalia canta o milagre da Virgem Maria, Nossa Senhora, que veio amamentar um menino deixado pelos pais sòzinho em casa, cada um em seu serviço como reza a quadra popular:

Hora, meu meniño, hora.  
 Quén vos ha-de dar a teta,  
 si tua nai vai no muiño,  
 e teu pai na leña seca?

---

<sup>(1)</sup> *Os cantares gallegos*, ed. de Ricardo Carballo Calero, Santiago de Compostela, 1967.

A passagem alusiva aos instrumentos musicais, gaita e flauta, é a seguinte:

En tanto un choro soave  
sentir no espaço se deixa,  
tal como gaita tocada  
nunha alborada serena;  
tal como lexana frauta  
cando o sol no mar se deita,  
cuo son nos trai o vento  
cos cheiriños da ribeira.

Ao traje masculino faz uma curta referêncía na poesia «*Un repoludo gaiteiro*» alusiva ao tocador da gaita de foles, ao gaiteiro, personagem que no folclore galego tem acentuada primazia, e nesta poesia figura como um pimpão e sedutor das moças.

São assim os versos com que abre a poesia:

«Un repoludo gaiteiro  
de pano sedán vestido,  
como un príncipe cumprido,  
cariñoso e falangueiro»

.....  
.....

O poema «Dios bendiga, toda nena» com marcado interesse etnográfico: é um diálogo entre uma velha mendiga lisonjeira e uma rapariga discreta e caritativa que a recolheu por esmola e lhe diz:

.....  
hoxe dormirás num leito  
feito de palliña triga  
xunta do lar que vos quente  
ca borralliña encendida,  
e comerás un caldiño  
con patacas e nabizas.



Nesta poesia a velha mendiga «falangureira e bem cumprida» aconselha a filha da casa, onde a acolheram por esmola e caridade, a que não tenha anseio de correr mundo nem tão pouco longes vilas, e diz-lhe:

«Que o mundo dá malos pagos  
a quen lle dá prendas finas,  
e nas vilas mal fixeras  
que aqui facer non farias;  
qu'unque ese pan valorento  
en todas partes espiga,  
nunhas apoucado crese  
noutras medra que adimira».

A filha da casa aprecia admirada, a desenvoltura da velha e, meio assustada ao dialogar com a mendiga, responde-lhe:

E tal medo me puñeches  
que xa de aqui non saíra  
sen levar santos escritos  
e medalliñas benditas  
num lado do meu xustillo,  
xunto de unha negra figa,  
que me librasen das meigas  
e mais das lurpias danifias».

Além das referências ao «xustillo», peça do vestuário feminino que em português se chama colete e apertada com cordão, o *atacador*, este passo é um quadro etnográfico rico pelas referências aos *escritos*, às medalhinhas bentas, à figa, às bruxas e às feiticeiras.

Os *escritos* são pequenos papéis com uma cruz desenhada a meio e com trechos de evangelhos manuscritos. Alguns sacerdotes

passavam-nos a pedido daqueles que lh'os solicitavam e pelos quais cobravam determinada quantia <sup>(1)</sup>.

Outra referência, embora ligeira, ao vestuário feminino vem na poesia «Acolá enriba», em que a «meniña morena da verde montaña» está na ponta duma fraga com

.....  
 «A cofia de liño  
 aos ventos soltada  
 as trenzas descoida  
 que os aires espallan.  
 Tendida-las puntas  
 de pano de seda,  
 as alas dun ánxel  
 de lonxe semellan  
 si as brisas da tarde,  
 xogando con elas,  
 as moven ca gracia  
 que un ánxel tivera.

---

(1) A minha mulher tem uma propriedade com lagar de azeite na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia da freguesia de Meirinhos, concelho de Mogaduro, no leste do distrito de Bragança.

Conta minha mulher que há uns 50 para 60 anos, no lagar de azeite cujo moinho era tocado a bois, após a entrada no lagar de determinada velha, tida como feiticeira os bois empancaram, e nem com bons modos nem à pancada conseguiram que eles dessem passada. Alguém aventou: — Está mais que visto: foi mau olhado da velha fulana, feiticeira, que daqui saiu há pouco. E logo o feitor ordenou a um criado: Monta a cavalo e vai a Meirinhos ao velho Reitor que tire um escrito.

A ordem foi imediatamente cumprida e lá foi o criado apressado até Meirinhos. Não sei o tempo que levaria a percorrer os 7 km do caminho de S. Pedro a Meirinhos. O que sei, por ser voz corrente, é que na mesma hora em que o velho Reitor passou o escrito, os bois, mansamente, começaram a puxar a manjorra do moinho e a rodar em volta do pio onde se moía a azeitona.

Dantes o povo de muitas aldeias tinha muita crença nos *escritos*. Nos grandes e nos pequenos embarços o *escrito* era um recurso de que muitos se serviam nas suas aflições.

No entanto nem todos os padres os passavam. Em Meirinhos eram especialidade do velho Reitor.

Nesta passagem a «cófia» já vem pormenorizada pela qualidade de pano, o linho, em que foi talhado aquele antigo lenço bordado, peça rica do toucado feminino.

Mais uma vez Rosalia refere o penteado em tranças, que tanta graça dão às mulheres pelo seu acentuado cunho de feminilidade.

E noutra poesia, a da «Roxina cal sol dourado» que, num frescor de rosa, ia descalça pelo monte, deslumbrando a luz do dia com a brancura do seu pé.

«As longas trenzas caídas  
con quen os ventos xogaban,  
ondinas de ouro formaban  
na branca espalda tendidas;  
apertadas e bruñidas,  
que espigas eran coidara  
o que de lonxe as mirara.

Aqui Rosalia acentua os cabelos loiros em associação harmónica com a brancura dos pés e a cor branca dos ombros, como é próprio da raça nórdica, com a qual os celtas invasores e povoadores da Galiza deviam ter estreito parentesco.

Outra referência ao traje masculino aparece na belíssima e tão conceituosa poesia «Non che digo nada...! pero vaia!» ao criticar o moço aldeão calaceiro, galã, namorador e sempre de costas direitas:

«E ti rapás garrido,  
de tan melosas falas,  
tan majo de monteira,  
tan rico de polainas,  
tan fino de calzado  
como de mans fidalgas,  
cando me dis que gustas  
de traballar na braña,  
*non che digo nada....*  
*!Pero vaia!»*

Aqui, ao lado do barrete ou monteira <sup>(1)</sup> e do calçado fino, aparece a referência às polainas que tão típicas eram do velho vestuário masculino galego, no qual entre as polainas e o calção que revestia as coxas, sobressaíam as alvas e farfalhudas perneiras das ceroulas a recobrir os joelhos.

\*  
\*       \*  
\*

O poema «Aló no currunchiño mais hermoso», em que Rosalia, primorosamente, pôs em verso um velho conto galego, a que pode chamar-se o conto de *Vidal o sin ventura* ou, talvez melhor ainda, o conto do *Adiante co varal*, é uma bela poesia de 312 versos distribuídos por 39 oitavas de decassílabos.

Começa o poema com o seguinte verso: «Aló no currunchiño máis hermoso», alusivo a Padron, onde nasceu *Vidal o sin ventura*.

O poema é, todo ele, rico de referências ao viver aldeão.

Vejamos a estrofe VI que alude à frugal ceia do campesino e ao tão apreciado e gostoso caldo galego:

Pasiño a paso a traballada xente  
dos campos às chousiñas se volvia,  
mentras no lar o pote sarpullente  
cas ricas berzas a cachón fervia.  
As fabas e as balocas xuntamente  
co touciño sabroso nel se via  
en compañía amigable e farturenta  
que alegre, que convida e que sustenta.

---

<sup>(1)</sup> A *monteira* é um barrete de pano de lã ou de veludo com múltiplas variantes. Pode ser pequeno em simples boina, como o usado em Padron e Noya, ou alteado em cone, com vários bicos como é a monteira alta dos montanhese que lembra uma mitra.

Juan Naya Perez no trabalho *El traje*, cit., diz, a pág. 37, que antigamente a monteira era alta e bicuda — *monteira pícona* — com uma ou mais pontas à

É o saboroso caldo galego com as ricas berças, as favas e as batatas fervidas a cachão, levando como adubo um bom naco de toucinho.

Deixando de parte algumas interessantes referências ao viver aldeão, onde o pobre Vidal vivia à custa da caridade alheia, fixemo-nos na matança dos porcos que Rosalia descreve e verseja primorosamente:

## XV

Cando dos porcos a matanza viña  
!qué amabre chamuscar nas limpas eiras  
ó despertar da fresca mañanciña!...  
!Qué alegre fumo antro olmos e figueiras  
olendo a cocho polos aires viña!  
!Qué arremangar de nenas mondongueiras!  
!Qué ir e vir dende o banco hastra a cociña!  
E aló no lar, !qué fogo!; i qué larada!  
!Qué rica e que ben feita frixolada!

## XVI

Fígado com cebola bem frixida  
e uma folliña de laurel cheirosa  
que inda a un morto ben morto dera vida  
de tan rica, tan tenra e tan sabrosa.  
Raxo en sorsa cun cheiro que convida,  
e a sangre das morcillas sustanciosa  
en fregada caldeira rebotando,  
a que fagan morcillas convidando.

---

maneira de mitra e em cada comarca adoptavam uma forma peculiar. Na Corunha tinha três e quatro bicos além do remate cimeiro. Tipo frequente era a monteira chamada de *somonte* com pala sobre a testa e aos lados as orelhas, abas de revirar que, quando descidas, tapavam as orelhas. Era a monteira tipicamente montanhesa.

## XVII

Quadro tan agradabre e farturento  
 por toda a vecindá se repetia  
 con garular, e risa, e gran contento,  
 que suceso tan grande o requeria.  
 mais, por que lle sirvise de tormento  
 sólo na chouza de Vidal n-habia  
 nin porco, nin mondongo, nin fartura,  
 que era todo nubrado e desventura.

## XVIII

Nas frias pedras do seu lar sentado,...  
 tan váreo movemento contempraba  
 de negra soledade acompañado:  
 naide à festa do porco o convidaba.  
 Que era pobre Vidal e era olvidado,  
 e a presenza dun probe ali estorbaba;  
 por eso antre suspiros repetia;  
 «!Ai, quén fora riquiño un soio dia!»

Seguem-se as estrofes do poema referindo que nunca nenhum vizinho da aldeia convidara Vidal para a festa da matança, nem tão pouco fora presenteado com uma prova do porco, como era habitual fazer-se por troca entre vizinhos,

e por eso Vidal, probe coitado,  
 nunca catou morcilla o desdichado.

Mas a misericórdia divina, apiedada do pobre Vidal, num repente, fê-lo rico, mercê de abonada herança. O velho Vidal quando pobre, era pouco menos que desprezado. Embora por caridade lhe dessem «caldo e mais pan n-algún lariño alleo», nunca

fora presentado com uma prova do porco de nenhum vizinho pois «que fora indina misturanza boba ir a dar donde daiva non topaban», e, por isso, Vidal, pobre, coitado, «nunca catou morcilla o desdichado».

Homenageado por todos os vizinhos da aldeia, agora que que era rico, e por todos bem recebido e considerado, compreendeu a baixaza do vil sentimento humano e, por isso, pensou em dar-lhes uma séria lição.

Se melhor o pensou, melhor o fez.

Comprou um esplêndido porco, um portento: matou-o e fez morcelas. Rosalia descreve-o nestes excelentes versos:

### XXX

Unha mañán a un santo e bon suxeto  
un quiño lle mercou, !Soberbo quiño!,  
tan niveo, tan plantado e tan repleto  
cal nunca o vira tal ningun veciño.  
Era curto de perna, o lombo neto,  
do rabo hastra a cabeza redondinho,  
e o coiro tan graxento reluxia  
que mesmo de manteiga paresia.

### XXXI

«!Alabado sea Dios!; !Dios cho bendiga!;  
!San Antonio cho garde!»; así escramaban  
mentras que o cocho a paso de formiga  
e o seu dono Vidal serios pasaban.  
A falarlle a Vidal cada un se obriga,  
que ó porco xá mortino contempraban  
e n-era de perder tan bon bocado  
polas mans de Vidal morto e salgado.

## XXXII

Logo o berrido do infeliz pasente  
 que sofre co coitelo morte dura  
 fender os aires no lugar se sente,  
 pouco a pouco a gorrina queda muda,  
 o suspiro postrer soa estredente,  
 a sangue corre, o matachin xa suda,  
 e naquel grave e quírtico momento  
 é o porco vida, e mundo e pensamento.

## XXXIII

O difunto ali está repantrigado  
 c-unha cebola na entraberta boca  
 (que inda parés que a come o desdichado);  
 pero non o chorés, que a el solo toca  
 dormir sono tan triste descuidado  
 pois as iras do inferno non provoca,  
 nin groria ten nin porgatorio ardente;  
 el dormirá insensible eternamente.

## XXXIV

Non cabe en si Vidal de tan contento,  
 o cheiriño do porco lle enlouquece,  
 que antre os porcos nacidos é um portento  
 aquel que ante seus olhos aparece.  
 Certa satisfacción, certo contento  
 no rostro dos presentes resplandece  
 que mesmo quer decir en linguaxe mudo  
 «Este si que che é un porco repoludo».



Perante a estranheza de toda a gente Vidal fechou-se em casa. Foi grande o espanto dos vizinhos da aldeia por Vidal não os convidar com uma provinha do seu riquíssimo porco. Nunca tal coisa se vira em qualquer grande ou pequena matança feita naquela terra!

Vidal tinha pensado dar uma grande lição aos vizinhos da sua aldeia e é que lh'a deu, e bem dada, como vamos ver.

Ao dealbar do dia seguinte ao do matadelo, surgiu com um varal com tantas morcelas, tão carregado, que «a pouco de cargado se rompia».

## XXXVI

El direitinho ó seu facer marchaba  
 con paso despacioso camiñando,  
 e un sorrir nos seus labios se atopaba  
 que antroido iba decindo ou contrabando.  
 Dempóis, con voz que ás xentes atroaba,  
 foise de porta em porta perguntando:  
 — Déronlle aqui morcillas a Vidal?  
 — Aquí non!!! — *Pois adiante co varall!*

## XXXVII

Así as chouzas corrêu unha por unha  
 e o varal inteiriño inda se via;  
 con triste *sí* non respondeu ningunha  
 de cantas en redondo requeria.  
 Ríndose en tanto à falsa de fertunha  
 con sonsa voz de bulra repetia:  
 — Déronlle aqui morcillas a Vidal?  
 — Aquí non!!! — *Pois adiante co varall!*

Vidal morreu há muito, e da sua própria casa nem sequer subsistem as ruínas, soterradas pela impiedosa acção demolidora

do tempo. Mas, diz Rosalia, ficou a história que ainda hoje tem a vivência do provérbio,

e cando o nome de Vidal se invoca  
muda sole quedar mais de unha boca.

Nesta, como aliás em muitas outras poesias, o quadro etnográfico surge palpitante de verdade, o que, — como o Prof. Ricardo Carballo Calero diz a pág. 17 da Introduction aos Cantares Gallegos de sua edição, — mostra que «habia en Rosalia um amor a las gentes de la aldea y una comunion con sus sentimientos que hizo de los *Cantares* una obra de gran sinceridad».

\*  
\*      \*

A festa do S. João é uma festa de notável projecção popular. É sem dúvida, uma das mais notáveis manifestações lúdicas do povo, quer pela sua generalização dum lado e do outro do rio Minho, quer pela riqueza de tantos aspectos, ora em recolhido individualismo ora em festanças colectivas.

A noite de S. João é privilegiada entre as mais noites do ano. São múltiplos e multiformes os sortilégios que nela se operam, sobretudo amorosos e casamenteiros, com plena e exuberante eficiência de fortuna e felicidade. Por virtude de certas plantas, das águas e do fogo, de manejos de encantamento, ou de palavras ditas em práticas rituais, em que entram os três elementos referidos, sós ou em associação, conquistam-se forças ocultas e poderosas, dimandas de seres invisíveis que são postas ao serviço do bem dos homens e, nomeadamente, da plena felicidade amorosa.

Rosalía de Castro na poesia «*Vinte unha crara noite*» faz alusão, embora rápida, à noite de S. João. Começa a poesia, tão bela como conceituosa, deste modo:

Vinte unha crara noite,  
noitinha de San Xoán,  
poñendo as frescas herbas  
na fonte a serenar.

\*

\* \*

Reproduzirei agora algumas frases soltas em que ressaltam alusões a um ou outro carácter somático, especialmente em referência às lindas moças galegas. Darei para cada uma a indicação da página dos *Cantares Gallegos*, edição do centenário, ordenada, prologada e anotada pelo ilustre galego D. Fermim Bouza-Brey.

...nena... tan graciosa... tan feitiña,...  
...tan redonda e tan bonita. — pág. 45

— De esses teus ollíños negros  
como doas relumbrantes. — pág. 52

— Irei; mais dame un biquiño  
antes que de ti me aparte  
que esse labiños de rosa  
inda non sei como saben. — pág. 54

As de Muros tan fininhas... c-aqueles caras de virxe, c-aque-  
las caras de almendra, c-aqueles cabelos longos xuntados em longas  
trenzas, c-aqueles cores rousados... — pág. 58

...pechuguiñas de cera. — pág. 59  
...rumbosa cadeira. — pág. 59

...que cariñas tan ben feitas!... cada mirar dos seus ollos fire  
como cen saetas... mans tan ben cortadas, tan branquiñas e peque-  
nas... pág. 60.

...vivas de xenio anque son rapazas netas... — pág. 60.

As de Noya ben se exuntan  
cas graciosas Rianxeiras  
polos redondos peiños,  
polas cabeleiras crechas,

polos morenos lunares  
e polas agudas linguas  
que abofé que en todo pican  
como si fosen pementa. — pág. 61

...olhos color do ceo,... — pág. 84

Que feita, que linda  
que fresca, que branca  
deu Dios à meniña  
da verde montaña! — pág. 90

As longas trenzas caídas  
con quen os ventos xogaban,  
ondinas de ouro formaban  
na branca espalda tendidas. — pág. 103

Tiñan os coóres do mare  
os seus ollíños dormentes;

.....  
.....  
.....

Levaba na frente a ialma  
nos doces labios a risa;

.....  
.....  
.....

cimbréase con folgura  
a delgadiña cintura. — pág. 104

Compañeiras van chegando,  
cál mais a mais ben portada; — pág. 106

..... frescas meniñas  
que mel dos seus labios manan. — pág. 132

Ai!, que miniña!  
que nena preciosa!

.....  
.....  
.....  
.....

Olliños de gloria!  
Cariña de meiga!

..... — pág. 176

.....

\*  
\*   \*  
\*

Há que rematar as já longas considerações deduzidas sobre alguns aspectos dos «Cantares Gallegos», esse livro extraordinário, tão cheio de musicalidade maviosa e de ternura pela encantadora terra galega e suas gentes, que bem pode chamar-se, como já disse, um livro de oras, que leio a cada passo e sempre com profunda emoção.

À excelsa Rosalia prestemos a nossa homenagem.

Bendito seja Deus que, com a sua Mão Direita a abençoou e fez dela a sublime cantora da mimosa terra galega, terra que é, toda ela «um jardim onde se respiram aromas puros, frescura e poesia», terra bendita, onde — ainda no próprio dizer de Rosalia — «tudo é espontaneo na natureza e en donde a man do home cede o seu posto à man de Deos».

Bendito seja o Senhor que concedeu a Rosalia uma inspiração fecunda e um espírito sublime e cristalino, que lhe permitiu auscultar o coração e a alma do seu povo e, com profunda ternura e encantamento, sentir e cantar a doce poesia popular galega que, — no próprio dizer de Rosalia — é «toda musica e vaguedade, toda queixas, sospiros e doces sonrisiñas, murmurando unhas veces cos ventos misteriosos dos bosques, brilhando otras co rayo do sol que cai sereniño por enriba das augas dum rio farto e grave, que corre baixo as ramas dos salgueiros en frol».

Bendito seja Deus que tocou com sua divina graça o espírito de Rosalia, e fez dela a cantora sublime da encantadora Galiza, à qual o meu coração tanto quer.

A ela, à sua encantadora Galiza, se referiu Rosalia nestes termos:

Lugar mais hermoso  
Non houbo na terra,  
.....  
.....  
Lugar mais hermoso  
No mundo n'achara  
Que'aquel de Galícia.

Galícia encantada.  
Cal ela ningunha,  
De froles cuberta  
Cuberta de espumas.

De facto assim é. A Galiza, é uma das mais belas, senão a mais bela província da grande Espanha.

Essa Galiza, tão cheia de encantos, da qual o grande poeta Teixeira de Pascoais disse:

Galiza terra irmã de Portugal,  
Que o mesmo oceano abraça longamente.

Instituto de Antropologia  
Fac. de Ciências  
Univ. do Porto

# Studi e ricerche sul rombo in Italia

PER

**Giovanni Tucci**

Libero Docente di Antropologia Culturale

Direttore della «Rivista di Etnografia»

Per quanto concerne lo studio del rombo in Italia possiamo dire che la relativa letteratura si è andata costituendo faticosamente.

Una prima, quasi sommersa informazione, la fornì il folklorista siciliano Giuseppe Pitrè nel suo libro *Giocchi fanciulleschi siciliani*, pubblicato a Palermo nel 1883. Questo cenno, pur mostrando l'accorta diligenza del raccoglitore, evidenzia lo stato della conoscenza di questo arcaico aggeggio decaduto allo stato ludico nel campo della Etnografia. Considerazione questa che scaturisce spontanea dall'esame della scarsa informazione che non mostra alcun interesse, nè alcun richiamo alla presenza degli strumenti similari in uso presso popolazioni primitive dell'Australia, dell'Africa e di altri territori (1). Da qui la necessità di considerare la notizia del Pitrè un prezioso elemento d'informazione, ma non altro, in quanto la prima seria valutazione di una ricerca approfondita sull'uso del rombo in Italia si ha con Raffaele Pettazzoni, il quale da conoscitore dell'Etnografia religiosa dei primitivi gettò le basi per una ricerca accurata e approfondita, onde potersi avere, anche se allo stato d'ipotesi, la dimostrazione di una continuità interpretativa dell'oggetto che ora costituiva solo un semplice diversivo del mondo infantile.

Il Pettazzoni si interessò della costumanza, definendola dapprima nel suo mondo originario (o comunque dove l'uso era vivo e significante) e poi ricercandone le sopravvivenze in Italia (2).

I risultati conseguiti dal Pettazzoni per quanto riguarda la sopravvivenza del rombo in Italia non furono soddisfacenti, in

quanto le informazioni reperite mostrarono una ricerca distratta; tuttavia, nel loro complesso, i contributi del Pettazzoni costituiscono il primo serio apporto alla conoscenza del rombo in Italia e alla sua importanza nel campo dell'indagine etnografica e soprattutto servirono da stimolo alle ulteriori ricerche, dalle quali si è potuto (e si può) stabilire l'area di diffusione dell'uso del rombo nonché la varia terminologia adoperata per designare il giocattolo.

Una prima informazione all'appello lanciato dal Pettazzoni si trova nella Rivista «Lares». Qui col titolo *Il rombo in Sardegna* venne pubblicata una breve, ma interessante nota <sup>(3)</sup>, nella quale, tra l'altro, si legge: «...se il rombo non è in Sardegna di uso puramente mistico come tra i greci antichi, gli Australiani, gli abitanti della Nuova Guinea, e di altre terre, ciò nondimeno esso riveste, pur sotto la scorza di un giocattolo infantile, un certo quale carattere sacro, usasi infatti durante la Quaresima, e più specialmente, nella Settimana Santa».

Il Pettazzoni aveva il programma di approfondire le ricerche per poter stabilire utili confronti sulla funzione che il rombo aveva tra noi, onde poter riandare alle origini e al vero, cioè all'autentico significato dell'uso. Da qui si spiegano i suoi contributi illustrativi sulle caratteristiche della costumanza presso i selvaggi dell'Australia (e di altri territori) e sia nel raccogliere le informazioni sulle sopravvivenze italiane dell'uso.

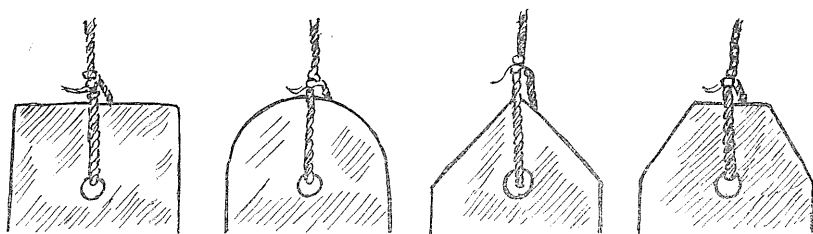
Certamente l'interesse del Pettazzoni per creare una letteratura sul rombo in Italia è notevole e anche se le sue informazioni raccolte sono scarse e limitate, ci resta particolare valore il fatto che egli creò il clima indispensabile per le future ricerche.

Le ricerche sul rombo furono riprese, limitatamente ai territori della Venezia e dell'Istria, nel 1925 da Raffaello Battaglia <sup>(4)</sup>. Il Battaglia arricchì l'informazione con intelligenti dettagli sull'uso del rombo raccolti a Venezia, a Trieste, nelle campagne friulane di Aquilea, Ronchi e Cervignano, a Capodistria.

Accanto alle informazioni raccolte sull'uso del rombo il Battaglia tentò un abbozzo di interpretazione e nell'insieme il suo studio costituisce, dopo gli scritti del Pettazzoni, un primo serio contributo allo studio del rombo in Italia.



Questo saggio rimase ancora senza seguito e solo nel 1954 fu da noi ripresa con una approfondita indagine compiuta in Calabria, durante la quale avemmo modo di raccogliere gli echi del gioco che ancora si mantenevano vivi in numerose località della regione. Nella letteratura folklorica in Italia non fu possibile trovare qualche cenno o riferimento che potesse illustrare il costume tradizionale, ma la ricerca diretta sul campo e a mezzo di corrispondenti fu benevola di larghi risultati,



Varie forme della «testa» dei rombi in uso in Calabria

sui quali ci soffermiamo in dettaglio, in quanto oltre alla documentazione della sopravvivenza dell'uso ci fu possibile registrare alcune importanti terminologie, dalle quali si possono trarre notevoli considerazioni comparative coll'uso corrente tra i primitivi. Sui primi materiali raccolti richiamammo l'attenzione degli studiosi con una comunicazione alla XLV Riunione della Società per il Progresso delle Scienze <sup>(5)</sup> e successivamente, alla luce di ulteriori informazioni, pubblicammo un articolo nel quale mettemmo in evidenza le nuove informazioni, ponendo l'accento su alcune denominazioni in uso in vari centri della Calabria, che, come vedremo, rappresentano una preziosa novità, che potrà orientare per una appropriata definizione dell'originario uso e significato del rombo <sup>(6)</sup>.

Ora, anche perchè l'indagine ci ha fruttato nuovi documenti sull'uso del rombo in diverse regioni italiane, riteniamo di presentare all'attenzione degli studiosi una sintesi di queste ricerche, auspicando altre indagini e nuove documentazioni, onde poter offrire un quadro completo ed armonico sull'uso del rombo in Italia in tutta

la sua estensione e poter affrontare con ricchezza di documentazione il problema del valore originario del rombo in Italia e del suo significato al tempo che l'oggetto non era ancora divenuto di carattere lusorio.

Per quanto riguarda la sopravvivenza dell'uso del rombo possiamo affermare che le nostre indagini dirette o a mezzo di corrispondenti, hanno stabilito che esse sono state rilevate nella provincia di Verona (principalmente nella valle d'Illasi), a Pofabro (nel Friuli), in provincia di Campobasso (Molise), a Pescopagano in provincia di Potenza (Lucania), nel Mantovano, nel Polesine, nelle Marche, nella Ciociaria, nel Napoletano e in Calabria invari paesi.

Le informazioni relative alla provincia di Verona ci furono cortesemente riferite, su nostra sollecitazione, da uno studioso locale <sup>(7)</sup>, il quale ci fornì anche alcuni rombi che noi conserviamo e le cui forme abbiamo pubblicato nel citato nostro articolo apparso sulla «Rivista di Etnografia». Il Solinas, nella informazione dell'uso del rombo nella regione montuosa del veronese e precisamente nell'alta valle dell'Illasi, opinava che il giuoco poteva essere stato importato dalle popolazioni tedesche di ceppo bavarese, che nel 1300 colonizzarono queste montagne. Il rombo in tali contrade viene chiamato «surla», termine col quale i veronesi denominano le cetonie e i maggiolini <sup>(8)</sup> e pertanto la denominazione si collega al caratteristico rumore che questi insetti producono volando. Accanto al tipo normale, cioè di assicella di cui fa cenno il Pitrè, si trova un altro tipo più complicato e che possiamo definire *rombo a braccio*. Per i due tipi si hanno due diverse denominazioni dialettali: l'una detta «surla a man» (rombo a mano) e l'altra «surla a brasso» (rombo a braccio).

A Pofabro (Friuli) l'informazione è stata raccolta da una insegnante e descritta dal Perusini con queste parole: il rombo (spatola) si usa specialmente durante la Settimana Santa nei campi e per le strade ma non si porta in chiesa. Si fa con qualsiasi legno, tagliato a forma di spatola e di qualunque dimensione; si fa volteggiare tenendo la corda con due dita <sup>(9)</sup>. Nella provincia di

Campobasso e a Pescopagano (Potenza) l'informazione sull'uso del rombo ci è stata fornita dalla cortesia di due corrispondenti <sup>(10)</sup>.

Nel Mantovano buon corrispondente ci è stato il folklorista Prof. Giovanni Tassoni, il quale si è avvalso anche della collaborazione del Parroco di Buzzoletto (Mantova), don Giuseppe Tinacci. Il rombo in questa località è di tipo speciale e si può classificare fra i rombi a rotella, secondo la denominazione usata dal Pettazzoni <sup>(11)</sup>.

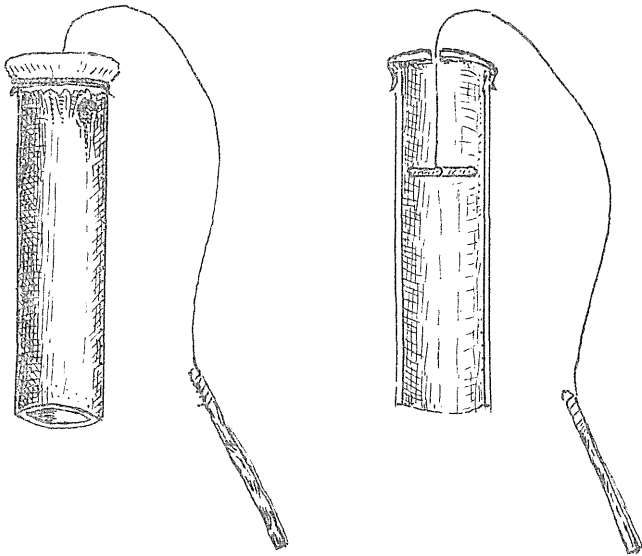
Interessanti informazioni sull'uso del rombo nel Polesine troviamo in un articolo di Cleto Corrain <sup>(12)</sup>. Il Corrain per le notizie di carattere generale sul rombo si riferisce al nostro articolo *Contributo allo studio del rombo*, sopra citato, e pertanto la sua ricerca si può considerare stimolata dal nostro interessamento dimostrato per l'approfondimento delle indagini sull'uso del rombo in Italia.

Nel Polesine il Corrain ha rilevato un tipo di rombo che si può accostare a quello denominato *cicala* (detto dai Tedeschi *Waldteufel*), che produce un suono simile al frinire delle cicale. A Costa di Rovigo, scrive il Corrain, ho osservato la forma; ramo di sambuco svuotato del midollo; lo spago è fissato mediante un nodo ad un restringimento nodale o verso l'interno o verso l'esterno <sup>(13)</sup>. Altri tipi di rombo si ricordano o si trovano ancora in vari territori della regione polesana soprattutto per quanto riguarda il tipo di rombo rotella: castagna vuota (particolarmente dell'ippocastano), osso forato con cordicella nel becco. Quest'ultimo tipo di rombo era largamente diffuso nel Polesine e ancora nel 1957 era corrente sotto la denominazione di *frullo*, *frulla*, *frull* nelle località di Lendinara, Ceneselli, Ficardo, Pincara, Fratta, Pontecchio, Ceregnano, Papazze, Villanova Marchesana <sup>(14)</sup>.

Nel Comune di Grignano (Rovigo) l'oggetto usato come rombo — rotella è detto anche *fombalo* ed è costituito, generalmente, da metatarsali di maiale o da tibie di anatre e di oche. Nel mezzo dell'osso viene praticato un foro (a volte due), nel quale viene fatto passare due volte un filo di spago legato ai due capi.

In altre località, specie dove è assente l'uso dell'osso (Bosaro, Canalnuovo), viene adoperata una sottile assicella di forma rettangolare.

Nella Bassa Padovana (Merlara, Urbana, Casale di Scodosia) era in uso un grosso cilindro di legno (*trainelo*) su cui era praticato un foro; una mano teneva fermo un capo della doppia corda, mentre l'altra manteneva in moto lo strumento con ritmiche trazioni <sup>(15)</sup>.



Forma di rombo complesso variamente denominato  
(«Cicala» — «Raganella» — ecc)

Questi diversi tipi di rombi, precisa ancora il Corrain vengono man mano sostituiti col tipo più accessibile costituito da un semplice bottone. Particolare importante è la presenza di rombi-rotella, con l'aggiunta di sonagli e di altri complicati aggeggi, nelle bancarelle dei venditori di giocattoli <sup>(16)</sup>.

Nelle Marche si ricordano (quando non sono ancora presenti) vari tipi di rombi, che vengono costruiti dai ragazzi che praticano il gioco. Il folklorista Giovanni Ginobili, in data 24 Dicembre 1961 in risposta ad una mia richiesta sull'uso del rombo nella sua regione, mi scriveva: «La *svèndola*, descritta nel Vol. «Echi tradizionali dei

fanciulli marchigiani» pagg. 30-31, nella mia infanzia era grandemente in uso a Petriolo, terra mia natale, e, 4-5 anni addietro, casualmente, l'ho rivista a Macerata, in contrada Vallebona.

È identica nella forma al rombo del Quesland <sup>(17)</sup>. Legata all'indice ovvero stretta tra il pollice e l'indice la funicella, cui è legata la tavoletta, il rombo si fa roteare in diverse direzioni, perfino sopra il capo di chi lo aziona. È vanto tra ragazzi saper ottenere maggior rumore.

Essi, nel costruirla, pongono particolare attenzione nel bucare la sottile tavoletta e perchè il forellino non sia seghettato, ciò che produrrebbe attrito e più romperebbe la cordicella, lo fanno, piuttosto largo, con un ferro di calza arroventato. Qualsiasi qualità di legno fa alla bisogna».

Come tutti i giochi fanciulleschi anche il rombo ha, nelle Marche, il suo tempo preferito per essere praticato; che è generalmente l'autunno.

Con altra comunicazione recente (25 Aprile 1969) il Ginobili mi informava di altre terminologie in uso a Fabriano (*svolància*) e a Macerata (*Vëndola*), mentre mi precisava che in altre località (Civitanova Marche, Montelupone, Sanginesio, Santangelo in Pontano) si ricordava l'uso del rombo ma non le sue denominazioni. Evidentemente il logorio del tempo è la causa di queste dimenticanze, che troviamo ancor più marcati in altre località (Ancona, Senigallia, Jesi, Cingoli, Tolentino e vari centri del Maceratese, del Fermano e dell'Anconitano), dove non sopravvive alcun ricordo del gioco.

A Petriolo e a Macerata si hanno anche notizie sull'uso del rombo di forma più complessa e cioè costituito da un cilindro di canna legato ad una frusta per mezzo di un crine di cavallo. Questo speciale tipo di rombo, che noi abbiamo riscontrato identico in Calabria, qui prende il nome di «racanella» (Petriolo) e «sgrasciola» (Macerata).

Nelle Marche è anche vivo il ricordo (l'uso è assai raro) del rombo-rotella variamente denominato: «Sdrèscene» e «Trilla» a Petriolo (terminologia, quest'ultima, usata anche a Macerata), «castagnòla» e «birarèlla» a Fabriano <sup>(18)</sup>.

Sulla presenza del rombo in Ciociaria si trova una scarsa informazione in un'opera di Arduino Carbone <sup>(19)</sup>, che trascriviamo integralmente: «Il gioco del rombo (*glie zu-zu*) è antichissimo, usato anche nelle cerimonie pagane di iniziazione: si ritaglia da una assicella un romboide o un rettangolo, lungo un palmo, largo due dita, si buca in punta, lo si lega ad uno spago, e si fa girare svelto, ogni tanto abbassandolo fino a urtare la terra.

Ne verrà fuori un misterioso rumore, ronzio o rombo a sirene, a lamento, miagolio, che, di notte, impressionava la fantasia della povera gente».

Successivamente, su nostra sollecitazione il Carbone aveva modo di allargare la ricerca sul rombo e con lettera del 15 Luglio 1967 ci comunicava le terminologie reperite nella zona: «Il rombo a Sora centro vien detto *mescone* (*je mescone*), in contrada Vallanito *uentaréglie*, in contrada Selva ha ben tre nomi *schiavéta* — *cucchiarèlla* — *lenguétta*, a Carnello un ragazzo andò a casa a prendere il giocattolo, legnetto, spago, tutto esatto, però... non ha un nome e si chiama genericamente *je pazzejaréglie* (il giocattolo). Nel vicino comune di Campoli Appennino viene usato e chiamato *la parruza*. Ad Arpino si chiama *zeuarèlla* (nome dello scarafaggio)» <sup>(20)</sup>.

Nel Napoletano si hanno notizie vaghe, comunque dalle informazioni qua e là raccolte il gioco sarebbe stato in uso ancora intorno agli anni quaranta. Una comunicazione, gentilmente fornitaci dal prof. Enea Latino, ci dice che il rombo sarebbe ancora in uso a Giugliano in Campania (Napoli) con la denominazione *fru-fru*, evidente richiamo onomatopeico del suono (fruscio) prodotto dalla tavoletta nel fendere l'aria.

Le informazioni raccolte in Calabria sono le più ampie e le più dettagliate. L'uso è stato riscontrato in tutte le tre provincie <sup>(21)</sup>, senza però uniformità di denominazioni. I vari materiali raccolti documentano in diversi centri della regione calabrese l'esistenza di diversi tipi di rombi. La forma più diffusa è quella primitiva, descrittaci dagli esploratori delle varie regioni australiane e di altri territori abitati da popolazioni primitive.

Viene generalmente costruito con legno leggero (pioppo, abete, pino) e in mancanza con legni propri della zona. Quando i piccoli non possono utilizzare le consuete assicelle di legno dovuto, fanno uso di qualunque pezzetto di legno a portata di mano; e così a volte si vedono rombi costruiti da aste di metri rotti (i falegnami, come i muratori, fanno uso di un metro costituito da cinque aste); da strisce di legno tolte dalle sedie impagliate nelle quali appunto queste strisce sono applicate ai pioli del sedile a protezione dei bordi, affinché, con l'attrito non si logori l'impagliatura, o infine da pezzi di legno di un buratto (fr. *bluteau*, *blutoir*) fuori uso.

La lunghezza della tavoletta varia dai 10 ai 12 cm.; la larghezza dai tre ai cinque e lo spessore al massimo può raggiungere i cinque millimetri. Le differenti misure sono in relazione all'età e alla forza rotatoria che il ragazzo sa imprimere all'assicella. Sono gli stessi ragazzi (dagli otto ai quattordici anni) che approntano il rombo lavorando di coltello. I meno ingegnosi e capaci ricorrono ai compiacenti giovani apprendisti delle botteghe dei falegnami e in mancanza alle persone adulte. Molta cura viene dedicata al «cuco» e alla forma della «testa» del rombo. Il buco non deve presentare smozzicature o sbavature di sorta, onde evitare che lo spago, che gli si attacca sempre un po' largo, non vi si impigli, ma vi scorra facilmente.

I migliori rombi presentano il buco praticato con un ferro rovente e quasi sempre viene usato uno dei ferri (di quelli che non presentano scanalure) che servi a formare la cupola di un vecchio ombrello. La testa richiede altrettanta cura e nelle sue varietà si presenta di quattro forme: *a*) piatta o lineare, *b*) curva o rotonda, *c*) a punta, *d*) smussata.

Il giuoco del rombo è in genere collettivo. I ragazzi si riuniscono lungo le strade della periferia o nelle piazze del paese, si dispongono a dovuta distanza l'uno dall'altro e, in linea o in cerchio, iniziano a giocare.

Le diverse informazioni relative alla regione calabrese definiscono anche stagionale il giuoco del rombo, venendo praticato tra la fine dell'inverno e il principio della primavera, cioè quando i ragazzi, dopo il cattivo tempo autunnale-invernale, che li costringe

sempre in casa possono uscire per le strade ormai sgombre di neve o di fango a cercarvi con i giuochi collettivi un tiepido sole che li renda più lieti e più dinamici.

In alcune località della provincia di Catanzaro (S. Andrea Ionio, San Sostene, Soverato) l'uso del rombo avrebbe un carattere funzionale nei riti della Settimana Santa (22).

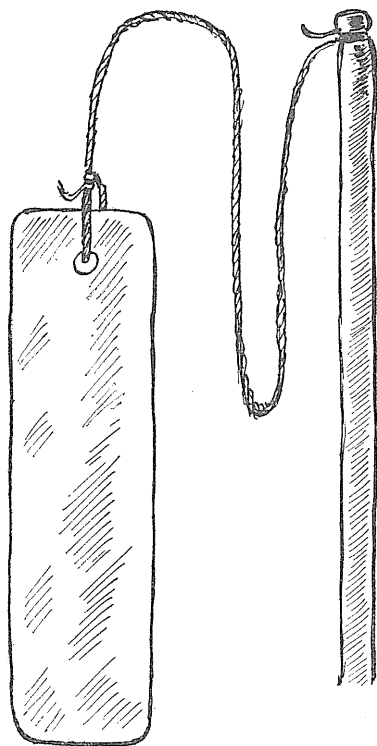
Le denominazioni del rombo in uso nelle varie località della Calabria sono diverse: alcune di carattere occasionale, altre con chiaro riferimento a fenomeni meteorici. Abbiamo in quest'ultimo caso le seguenti denominazioni: 1) *'u rumbu*, *'u rumbaturi* (il tuono); 2) *'u terrimutu* (il terremoto).

Queste denominazioni di chiaro significato storico-etnologico, danno modo di poter condurre su un piano concreto le argomentazioni sull'originario uso del rombo. Per la prima volta nella ricerca etnografica europea si riscontrano denominazioni che si riallacciano a fenomeni meteorici (tuono) o movimenti tellurici (terremoto), nella stessa significazione che si riscontra tra i primitivi dell'Australia e di altri territori etnologici. La sensazione acustica non richiama per associazione la voce di un animale ma, proprio quella del tuono che, come tra i primitivi, può essere interpretata come la voce dell'Essere Celeste. Inoltre, se teniamo presenti le indagini e le conclusioni degli studiosi sull'interpretazione dell'uso del rombo nella Grecia antica alla luce dei frammenti e degli scolii, che ci riportano alle religioni misteriche in genere e all'Orfismo in particolare, possiamo anche pensare che i nuovi materiali saranno di valido sostegno alla tesi o comunque elementi di ausilio ad una più organica deduzione. E ciò per il fatto che la ricerca è stata compiuta nelle regioni dove questi Misteri fiorirono e l'Orfismo trovò la sua sede di maggior sviluppo e di più lunga durata.

Accanto alla forma del rombo, che abbiamo definita primitiva, e sulle cui denominazioni ci siamo soffermati, sono stati riscontrati in Calabria altri tipi di rombi, di forme varie e più complesse che si ricollegano a forme anche esistenti presso popolazioni primitive. Queste speciali forme di rombo si possono enumerare come segue: 1) forma di rombo a tavoletta con lo spago legato ad una frusta o bastoncino; 2) forma di rombo a cilindro (in questo caso la tavo-



letta è sostituita da un cilindro di canna e il movimento rotatorio viene prodotto legando questo ad una frusta o bastoncino per mezzo di un crine di cavallo). Le due forme riscontrate contemporaneamente a Marzi (Cosenza) e per ciascuna i ragazzi usano una



Forma di rombo complessa in uso  
a Marzi (Calabria)

denominazione diversa. La forma di rombo che abbiamo detto a cilindro fu menzionata anche dal Pettazoni <sup>(23)</sup> rappresenta un tipo complesso di rombo che, alla luce delle comparazioni con quelli esistenti tra i primitivi, offre un prezioso elemento di valutazione critica per la definitiva valutazione dell'uso originario del rombo <sup>(24)</sup>.

Il Pettazzoni considerò di notevole importanza la coesistenza delle varie forme di rombo. Ora allo stato delle ricerche questa valutazione viene maggiormente avvalorata con i materiali acquisiti dalle successive indagini.

Inoltre a questo fattore positivo della ricerca si aggiungono le denominazioni cennate e infine la rilevazione della sopravvivenza (Calabria, Marche, Mantovano, Polesine) di tipi di rombi a rotella. Un insieme, tutto questo, che potrebbe portare lo studioso a pensare a quel prima e a quel poi cui il Pettazzoni accenna allorché si sofferma a ricercare l'analogia tra rombo-tavoletta e rombo-rotella, tra riti iniziatrici e scongiuri magici di ordine erotico. Un prima e un poi che oggi, dopo le varie ricerche compiute, si presenta più costruttivo in quanto i materiali ora raccolti offrono una documentazione più probatoria all'ipotesi avanzata col solo sostegno di qualche esemplificazione.

## Note

(1) G. Pitre, *Giochi fanciulleschi siciliani* (Bibl. delle Trad. pop. siciliane XIII), Palermo, 1883. Il pitrè fece cenno a un «balocco composto da una sottile assicella di legno, d'un terzo di metro circa, ad una estremità della quale nel mezzo è legato un filo di spago cha dal capo opposto viene preso in man da un fanciullo e girato rapidamente facendo mulinello. Dal rumore prodotto da questa assicella girando, molto simile al ronzio di una grossa ape, il trastullo è detto *lapuni* (apone)».

Il termine *lapuni*, per quanto riguarda la sua grafia, rispecchia il fenomeno della concrezione dell'articolo con il sostantivo. Questa forma è ormai presente in tutte le parlate siciliane.

(2) R. Pettazzoni, *Un rombo australiano*. «Arch. per l'Antropologia e la Etnologia». 41, 1911; 10. *Sopravvivenze del rombo in Italia*, «Lares», Boll. della Soc. di Etnografia Italiana, 1, 1912; ID., *Mythologie austrialeenne du Rhombe*, «Revue de l'histoire des religions», 65, 1912 (ristampato in *Saggi di storia delle religioni e di mitologia*, Roma, 1946). Dopo questi studi preliminari, che coprono settori e interessi diversi, l'eminente studioso consacrò al rombo un intero capitolo del suo volume *I Misteri* (Bologna, 1924), nel quale esaminò l'uso dell'assicella ronzante nel dominio dell'Etnografia, del Folklore e dell'Archeologia.

(3) G. Calvia Seechi, *Il rombo in Sardegna*, «Lares», 1913, pp. 89-90. In questa nota viene riferito che in Sardegna si trovano due specie di rombi: l'uno è la piccola ruota di terracotta o di legno traversata da una funicella in uso nell'antica Grecia, corrispondente al *buzz* americano e al *frullo* italiano; l'altro è il *waldteufel* dei tedeschi e più propriamente la *cicala* toscana, poichè consiste in una sezione di canna comune ridotta a cilindro, tal quale la descrive il professor V. Puntoni. Il primo appellasi *roda* a Mores, *rodetta* ad Orotelli *rodedda* ad Ussassai, *maudinu* ad Olzai, *gira gira* ad Ittiri Costialbu, *furriola* a Santo Lussurgiu e ad Osilo, *giolu* ad Oniferis, *furriajola* a Pattada. Il secondo vien detto *chiaula* a Mores, Ploaghe, Ittiri Cannedu, Padria, Suni, Bosa, Borore e *chiggula* a Sassari ed a Sorso, *furriola* a Bonorva, *furriajola* a Burgos, *serraja* a Thiesi, *muscone* a Pattada, *rana* ad Oschiri, *cantilana* a Florinas, *durralu* a Bitti, *iscoccu* a Santo Lussurgiu, *tirriaghe* ad Orotelli, *burriburri* ad Olzai, *buribburi* a Gavoi, *abiolu* a Lanusei». Interessanti referenze l'autore della nota dà anche per alcuni riscontri di voci similari a quelle sarde correnti in Sicilia e in Toscana.

(4) R. Battaglia, *Sopravvivenze del rombo nelle provincie venete*. Estratto da «Studi e Materiali di Storia delle Religioni», 1 (1925).

(5) Cd. «Diario della XLV Riunione della Società Italiana per il Progresso delle Scienze», 3, p. 12. Napoli, 18 ottobre 1954.

(6) G. Tucci, *Contributo allo studio del rombo*. Estratto della «Rivista di Etnografia», VIII-IX, 1954-155.

(7) Giovanni Solinas. Vd. G. Tucci, *Contributo allo studio del rombo*, cit., pp. 7-9 dell'estratto.

(8) Insetti del genere dei coleotteri. Le cetonie sono coleotteri lamelli-branchi a colori metallici; i maggiolini sono coleotteri lamellicorni (*melolontha vulgaris* e m. *hippocastani*).

(9) Vd. G. Perusini. *Feste ed usi calendariali friulani. Pofabro*. Udine, s. d., p. 4. Pofabro è una frazione del Comune di Frisanco nella valle del Torrente Colvera che sbocca in pianura a Maniago. Al Perusini fornì la notizia dell'uso del rombo a Pofabro l'insegnante Maria Roman Ros, «intelligente ed appassionata indagatrice del folklore del suo paese».

(10) Angela Rosella, insegnante di Pescopagano (mia allieva nei Corsi Superiori di Specializzazione Didattica, tennuti a Napoli presso l'Istituto Italiano per l'Africa) con lettera del 4 Marzo 1961 mi scrisse in questi precisi termini: «Ho chiesto a diverse persone e tutte mi hanno risposto che il gioco era esistito fino a pochi anni addietro col nome di *Sirena volante*».

(11) Il Tasso, con lettera del 12 Novembre 1960, mi scriveva che il giuoco era vivo e diffuso in tutto il territorio della provincia mantovana. Nel suo volume *Tradizioni popolari del Mantovano* (Firenze, 1964, p. 46) in una nota così chiariva questa presenza: A differenza del *lapuni* dei ragazzi siciliani (di legno come il *konos* usato dai greci per certi riti religiosi), *ál fùrlén* è ricavato dal metatarso d'una zampa anteriore di suino, nel cui mezzo perforato

passa una doppia cordicella che, volteggiata e tirata, lo fa frullare producendo un ronzio simile a quello del calabrone...». Con altra lettera del 4 Aprile 1961 il Tassoni mi forniva ancora ulteriori dettagli sul rombo della provincia di Mantova: «Sarà, da classificare fra i tipi più arcaici e singolari, venendo costruito esclusivamente con il falange di una zampa posteriore di suino. Sono gli stessi ragazzi, dagli 8 ai 12 anni, che approntano il rombo, la cui caratteristica fondamentale è il suono. È gioco stagionale, proprio del periodo della maialatura (dicembre-febbraio), andato, in disuso durante la II guerra mondiale».

(12) C. Corrain, *L'interesse etnografico di alcuni giochi dei fanciulli*. Dati desunti da osservazioni nella pianura veneta, «Arch. per l'Antr. e la Etnologia», 1957.

(13) C. Corrain, *loc. cit.*, p. 154.

(14) C. Corrain, *Ivi*, pp. 154-155.

(15) C. Corrain, *Ivi*, p. 156. Col termine *trainelo* viene denominato anche un oggetto simile usato come ferma nodi nel giogo lungo la corda che lo collega all'aratro.

(16) C. Corrain, *Ivi*, p. 156. Il Corrain conclude la sue informazioni con questa osservazione, che riportiamo integralmente: «Sarebbe interessante stabilire la passata reale diffusione dell'applicazione di ossa di maiale all'estremità dello spago del più tipico rombo-tavoletta, quale mi fu dato osservare a Ceneselli (Alto Polesine). Anche perchè si potrebbe collegarla ad una strana denominazione di questo strumento (la *morte*), che era diffusa una ottantina d'anni fa nel Comune di Badia. Polesine come mi risulta dalla sicura testimonianza d'un vecchio sacerdote, Don Bassiano Paiato. (*loc. cit.*, p. 156).

(17) Vd. G. Tucci, *Contributo allo studio del rombo*, citato, che precisa l'informazione utilizzata dal Pettazzoni, chiarendo che nel Queensland — secondo le notizie riportate da W. E. Roth, *Ethnological studies among the North-West-Central Queensland aborigines*, Brisbane, 1817 — il rombo che i ragazzi si divertono a far ronzare è costituito da pezzi di legno piatti, fissati ad una corda tenuta in mano per uno dei suoi capi oppure attaccata alla estremità di un bastoncino con cui si imprime il movimento.

(18) Del rombo-rotella a Fabriano ne fa menzione. O. Marcoaldi, *Guida e statistica della Città e Comune di Fabriano*, III, 1877, p. 101, che descrive il singolare gioco con le seguenti parole: «Si passa un filo in uno dei due buchi praticati nel mezzo del frutto, simbolo di fallace apparenza di ipocrisia e simulazione, la castagna, per apparir sovente di fuori bella e aver dentro la magagna, ovvero del frutto dell'albero a Giove dai Gentili consacrato, la ghianda; poi si passa anche nell'altro e si ricongiunge. Con la destra si ruota attorcendo il filo, quindi allentando e tirandolo, la castagna acquista un moto rotatorio alternativamente da destra a sinistra e da sinistra a destra, simile al movimento della funicella del trapano. Nel girare il fanciullo canterella una filastrocca che comincia: Bira, bira, castagnòla, bira fino a domattina».

(19) A. Carbone, *Vicalvi — Posta Fibreno — Il Fibreno*, Tip. dell'Abbazia di Casamari, Veroli (Frosinone), 1965. Su questo libro vd. G. Tucci, *Usi della Ciociaria*, «Avanti!», LXXI, 138 (Roma, 13 Giugno, 1967).

(20) Vd. G. Tucci, *Il rombo in Ciociaria*, «Rivista di Etnografia», XX, 1966, p. 135.

(21) Nel nostro menzionato articolo, *Contributo allo studio del rombo*, abbiamo registrato i vari informatori che ci hanno fornito indicazioni sull'uso del rombo nelle provincie calabresi. Precisiamo le località, suddivise per provincia: Reggio Calabria (Serrata, Polistena), Catanzaro (Chiaravalle, Borgia, Gagliano, Rombiolo, Soverato, San Sostene, S. Andrea Ionio); Cosenza (Castrovillari, Bisignano, Castiglione Cosentino, Cerisano, Serra Aiello, Rende, S. Giovanni in Fiore, S. Pietro in Guarano, Lappano, Rovito, Celico, Spezzano della Sila, Spezzano Piccolo, Serra Pedace, Magli Casole Trenta, Pedace Marzi).

(22) Su questo uso funzionale del rombo così ci scriveva da S. Andrea Ionio in data 25 Agosto 1954 il Dr. Nicodemo Giovinazzo: «... esso si riconnette ad antiche usanze per le quali dalla Messa del Giovedì Santo (più precisamente dal momento in cui l'Ostia Consacrata viene deposta sul Sepolcro) al Gloria del Sabato Santo (coincidente colla Resurrezione di Cristo), rimanendo sospeso il suono delle campane, i fedeli vengono invitati col rombo a recarsi in chiesa per assistere alle funzioni religiose della sera del Giovedì Santo, di tutto il Venerdì Santo fino all'inizio della benedizione del fuoco e dell'acqua, che si svolge il Sabato Santo Mattina. E col rombo si dà pure il segnale del mezzogiorno e dell'Ave il Giovedì e il Venerdì Santo».

(23) Il Pettazoni fece menzione di questo speciale tipo di rombo nel suo articolo *Sopravvivenze del rombo in Italia* (pp. 69-70) e successivamente nel saggio contenuto nel libro *I Misteri* (p. 15). Questo tipo di rombo, in uso nel Pisano, era detto *Cicala*. A Marzi (Cosenza), dove noi lo abbiamo registrato si usa la denominazione di Raganella (anfibia dal dorso per lo più verde-chiaro e ventre bianco; *hyla arborea*). La denominazione di «raganella» è registrata nel *Dizionario Enciclopedico Moderno* (Milano, 1937) con le seguenti parole: «Arnese stridulo che i ragazzi di campagna usano nella Settimana Santa» (IV, 3257).

(24) Sul complesso delle ricerche compiute in Calabria, oltre la comunicazione alla XLV Riunione SIPS e al nostro articolo citato, Vd. la comunicazione fatta al VI Congresso Internazionale delle Scienze Antropologiche ed Etnologiche, svoltosi a Parigi dal 30 Luglio al 6 Agosto 1960, col titolo *Premiers résultats d'une enquête sur le rhombe en Italie*.

# V Á R I A

---

## Silos de secção trapezoidal

### Elementos para o estudo da tecno-economia rural portuguesa

O tipo de silós de que nos ocupamos não é muito antigo e deve ter certa conexão, como presumimos, com os silos de superfície destinados a conservação de batata e que já tratámos noutra lugar (1).

As perspectivas de aceleração em que a lavoura portuguesa se encontra, relativamente à utilização de maquinaria e industrialização de produtos agrícolas, justificam o interesse que tomámos pelo assunto e a oportunidade de arquivar elementos que, desta forma, não ficam perdidos.

Destes silos escavados no solo, de secção trapezoidal, de paredes revestidas de argamassa e de topos fortalecidos com tijoleira, destinados a conservação de forragens verdes, conhecemos os dos Srs. Fernando Quintão Pereira e Francisco Silvestre Ferreira, localizados, respectivamente, em Selmes (Vidigueira) e Ferreira do Alentejo, e os das herdades das Almocrevas (Beja) e da Abóbada (Serpa), todos situados no distrito de Beja, onde prevalece um clima de temperaturas extremas.

Dadas as características e dimensões que apresentam, considerámos como protótipo os dois exemplares da Herdade das Almocrevas, que são objecto desta nota.

Situam-se a cerca de 50 metros da estrada que liga Beja a Almodôvar, de que distam, respectivamente, 6 e cerca de 74 quilómetros.

---

(1) A sair no próximo volume da revista *Ethnos*.

Procedemos ao estudo destes dois silos em 1965, tendo fotografado diversas fases da descarga dos mesmos, a fim de documentarmos a nota que subscrevemos, e assistimos à total remoção, arejamento, limpeza e caiação destes grandes reservatórios subterrâneos.

Verificámos que estes grandes silos de secção trapezoidal da Herdade das Almocrevas se destinam à conservação de aveia verde,

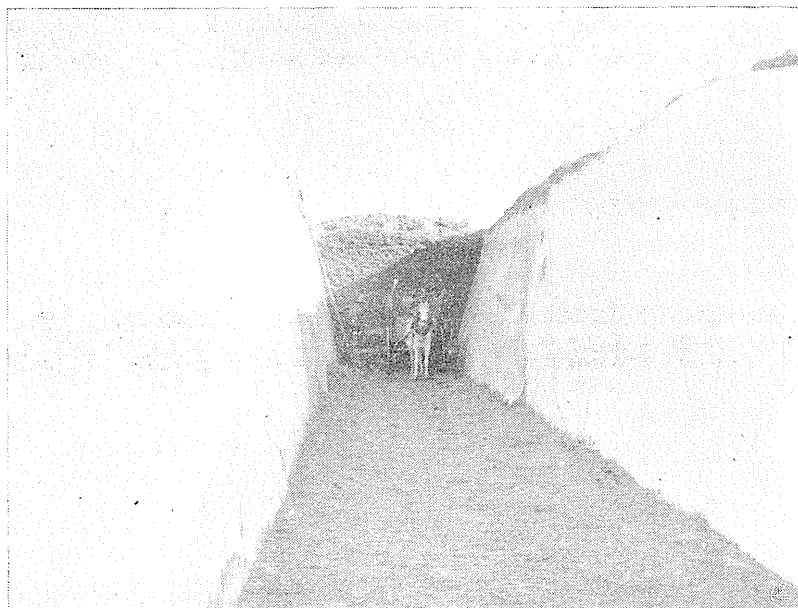


Fig. 1 — Final da descarga do silo I da Herdade das Almocrevas (Beja).

utilizada na alimentação do gado mear, cavalari e bovino, criado para serviços de carga e tracção, na dita Herdade, ou reservado para as promoções económicas tradicionais.

Foram cavados na terra saibrosa até à profundidade mínima de 3 metros, pois não se praticou o desmonte, nem se nivelaram as depressões. Apresentam as principais dimensões: 66 metros de comprimento e 4,5 de boca.

Cada silo pode armazenar cerca de 500 carros de forragem.

As paredes são concebidas com uma inclinação de 7 a 9 graus, formando com o plano da base um ângulo obtuso, a fim de assegurar a drenagem rigorosa do conteúdo. São revestidas com argamassa, obtida com a mistura de cal hidráulica, areia e água, e apresentam os topos e cimeiras fortalecidos e preservados com tijolos (Fig. 1).

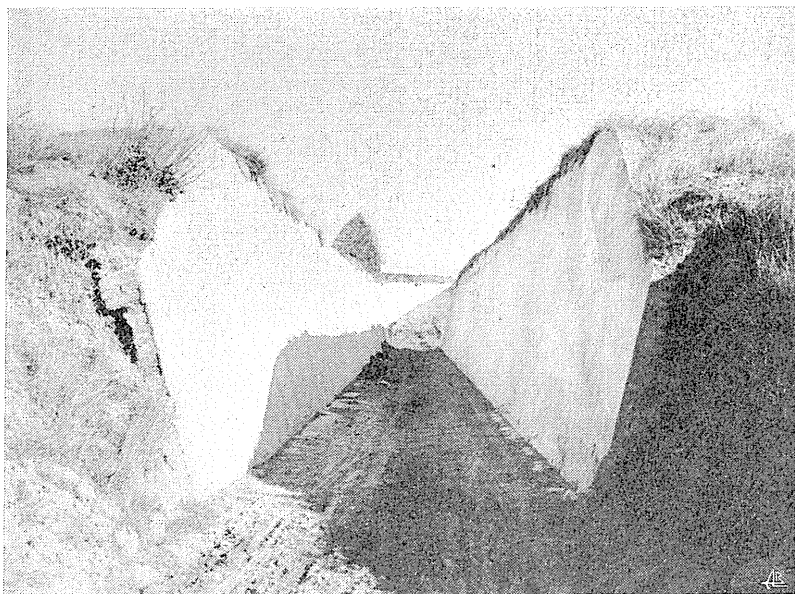


Fig. 2 – Silo II da Herdade das Almocrevas aguardando a limpeza do fundo e caiação das paredes.

A descarga faz-se parcelarmente pelo topo desprovido de parede (Fig. 2), o qual é protegido, em regra, depois da descarga, com uma armação desmontável, de madeira e outros materiais, procurados e adaptados na ocasião.

A percepção do conjunto pode tomar-se da planta e corte de um dos silos descritos e que constam do mapa adjunto (Fig. 3).

A aveia é ceifada antes de espigar, é cortada e ensilada por camadas, que se separam com palha, depois de bem comprimidas e



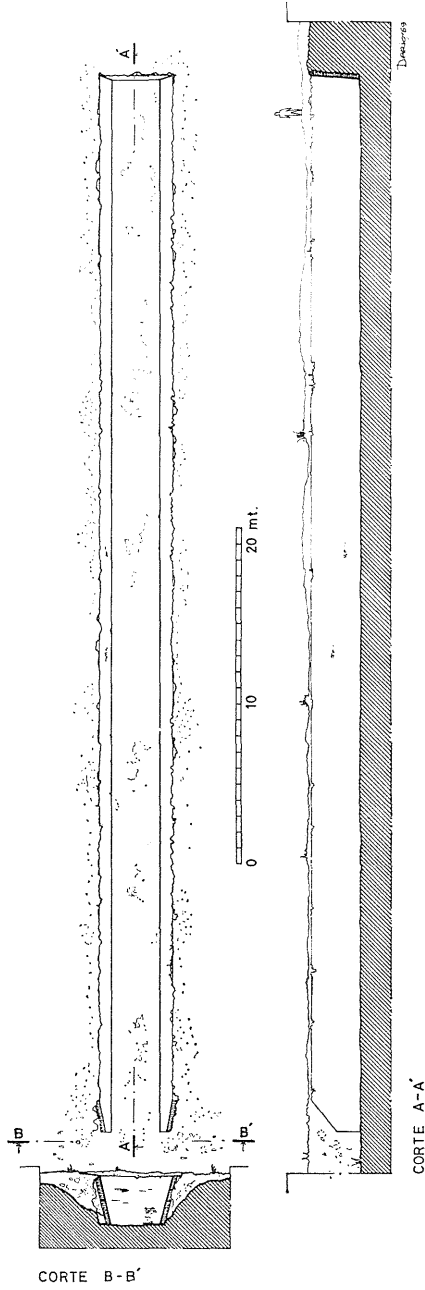


Fig. 3 — Planta e corte de um silo. (Herdade das Almocevas).

regadas com água salgada ou soro de leite, quando o há com abundância.

A camada superior é coberta de palha no sentido transversal e longitudinal, sendo depois comprimida e totalmente coberta de terra saibrosa.

O ensilamento tem por fim conservar a aveia tenra e fresca, o que se consegue mantendo-a ao abrigo da luz e do ar, pelo processo experimental das técnicas tradicionais e que consiste em favorecer, naquelas condições, as trocas gasosas que se realizam, durante alguns meses, através dos interstícios da palha e das camadas de forragem, que entumece, a despeito da compressão.

A calda salgada ou láctea impede a formação de bolores e, conseqüentemente, as fermentações pútridas.

A conservação da aveia destina-se à alimentação do gado, durante os meses mais frios e de intensas geadas.

É justamente a baixa temperatura que produz, passado algum tempo, o ácido láctico, que conserva a forragem e lhe aumenta o poder nutritivo.

Este princípio técnico, que o povo conhece empiricamente, contribuiu para a utilização deste tipo de silos, destinando-se a conservar, em larga escala, a quantidade de forragem que as condições mesológicas e o tipo de economia semipastoril do latifúndio aconselharam durante as últimas gerações.

Dadas as características mesológicas apontadas, cremos que este tipo de silos deverá ser utilizado até se operar uma mutação de técnicas que atinja e remodele as estruturas económicas e sociais do latifúndio.

Parece-nos chegado o momento de fazer análise histórica, mas preferimos deixar para melhor oportunidade essa análise e a óbvia e indispensável proposta de conclusões que, por agora, só poderíamos fazer teòricamente e baseados na simples analogia de características formais.

MARGARIDA RIBEIRO

Conservadora-Ajudante do Museu Nacional de Arqueologia  
e Etnologia (Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos)

### Escavações no Castro de Sabrosa em 1968

O Castro de Sabrosa, *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo* como é hoje vulgarmente conhecido, é o velho *Castelo da Sancha*, antiga designação caída em desuso e proveniente da sua vizinhança com a antiquíssima aldeia da Sancha: fica situado no extremo oriental da Serra do Criveiro, em termo do concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real.



Fig. 1 — Troço duma parede de suporte no ponto mais alto do Castro de Sabrosa, ou «torreão» como lhe chama o povo. Na fotografia vê-se o Sr. Joaquim Ervedosa que, com todo o entusiasmo tem acompanhado as escavações e, em parte, as tem subsidiado.

O Castro dista 2 kms a norte da vila de Sabrosa está sobranceiro à estrada que segue para a Balsa, e dela distante uns 400 metros.

No ano de 1968 prosseguiram as escavações ainda quase com a finalidade essencial de marcar o delineamento das muralhas e refazimento das mesmas com os materiais delas derruídos.

Visitei o Castro para orientação de trabalhos nas férias da Páscoa em 8 de Abril de 1968 e de novo em 19 do mesmo mês de Abril. Voltei em 1 de Agosto, depois em 14 de Outubro, pela quinta vez em 22 de Outubro e por último em 5 de Janeiro de 1969.

O Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa, proprietário local e delegado em Sabrosa da 2.<sup>a</sup> Subsecção (Arqueologia) da 1.<sup>a</sup> Secção (Belas-Artes) da Junta Nacional da Educação, tem sido o grande elemento das escavações em curso. Não só tem subsidiado do seu bolso algumas despesas com os trabalhadores, mas também, dado o prestígio que goza na região, tem conseguido participações monetárias e trabalho braçal gratuito de pessoas da terra, a quem transmite o seu entusiasmo pelas obras no Castro.

O Sr. Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, distinto professor primário e Delegado Escolar no concelho de Sabrosa, tem vivido com invulgar entusiasmo o ressurgimento daquele grande Castro, acompanhando os trabalhos com grande dedicação e acerto.

A tão dedicada colaboração que tem sido o braço direito do Sr. Joaquim Ervedosa, são devidos merecidos louvores.

No ano de 1968 prosseguiram os trabalhos da campanha anterior.

### **Muralhas**

Proseguiu o descobrimento das bases das muralhas nos pontos onde a sua destruição foi levada quase ao rés da terra, e cujo delineamento é quase sempre marcado por amontoados de pedregulhos e cascalheira, às vezes mascarados por vegetação arbustiva.

A muralha do lado ponte refez-se numa extensão de uns 50 a 60 metros. O seu alteamento fez-se com a pedra que havia caído junto dela, em parte soterrada, e mais pedras caídas e espalhadas pelo fosso subjacente.

No descobrimento do delineamento deste belo pano de muralha, que vem do coto cimeiro e se estende para sul, em dada altura desaparece a base ou alicerce da muralha. A escavação naquele sítio parou.

Os trabalhos naquele ponto têm que prosseguir cautelosamente.

Tratar-se-á duma destruição total da muralha para levar a pedra para construir casas na vila de Sabrosa, ou será solução de

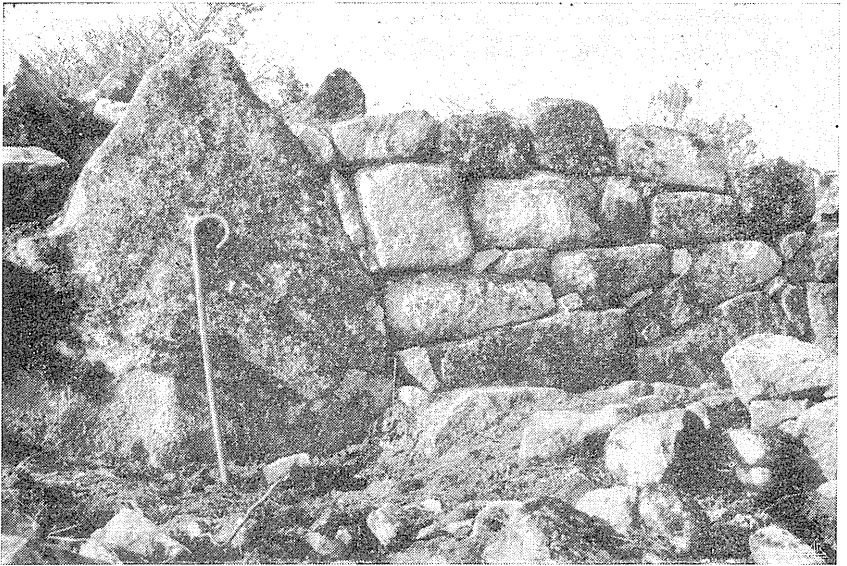


Fig. 2 — Porção da 1.<sup>a</sup> muralha ou muralha exterior, do lado leste.

continuidade correspondente a uma entrada ou porta? É assunto a esclarecer numa prospecção cuidada a realizar numa próxima campanha. A muralha da parte sul não foi ainda totalmente posta a descoberto. Na sua maior extensão deve ter sido destruída até ao rés da terra para levarem a pedra para fazer casas na vila de Sabrosa. A razão é simples. É que nesta parte do Castro era mais fácil o carregamento da pedra pelos muitos carros de bois que se empregaram no seu transporte.

**Coto cimeiro ou coruto a que o povo chama «torreão»**

No coruto do Castro há uma série de muretes e paredões que parecem constituir pelo menos duas fiadas em anel abraçando o ponto mais alto do recinto castrejo.



Fig. 3 — Vertente leste do Castro de Sabrosa. Ao fundo vê-se um troço da muralha reconstruído com pedras dela derruídas

Pelo que até agora se vê verificam-se dois tipos de construção desses muretes. Uns de pedras maiores e de afeição menos cuidado, são de construção rude, mais grosseira. Não se lhe distingue com nitidez a face interna de maneira que é de supor que sejam muros de suporte. Ao lado destes há muretes de pedras mais pequenas, de assentamento mais cuidado, que devem corresponder a uma outra fase de construção, provavelmente posterior. A desobstrução dos entulhos que revestiam o coruto, não foi feita completamente. Não pode ainda afirmar-se com segurança se aqueles muretes

bordejavam rampas de acesso ao ponto cimeiro, como parece deprender-se pelo que já se vê.

A continuação dos trabalhos naquele ponto tem que ser especialmente cautelosa.



Fig. 4 — Troço da muralha do lado poente. Na fotografia vê-se o Professor e Delegado Escolar Sr. Manuel Alfredo Marques, que, sob nossa orientação, tem dado seguimento às escavações.

### Espólio

Embora como atrás se refere, os trabalhos até agora realizados quase se tenham limitado a descobrir o alinhamento das muralhas e a alteá-las com as pedras que delas caíram, algum espólio tem aparecido ao desenterrar as pedras, umas mais outras menos soterradas. É de crer que quando se abrirem valas exploradoras dentro do recinto castrejo, com a cuidada crivagem das terras, apareçam as coisas próprias da cultura castrejas. Têm continuado a aparecer *tegulae* e *imbrices* bastante fragmentados. Tem-se recolhido

alguma cerâmica grosseira, micácea e granosa, porções geralmente pequenas de vasos de vários tamanhos. Alguns fragmentos cerâmicos, delgados e de pasta fina, estão também guardados numa espécie de museu incipiente, instalado num armazém que é propriedade do Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa. Faz parte do museuzinho do Castro numa estranha peça de ferro, um grande machado de forma oblonga sub-rectangular, com gume rectilíneo de 35 cm de comprimento e o peso de 4,5 kgs. É como que um machado guilhotina. Foi oferecido ao Sr. Joaquim Ervedosa pelos seus achadores que relataram assim o seu achamento. Há uns 20 anos trabalhavam em busca de estanho na vertente sul e a uns 20 metros da muralha exterior do Castro quando toparam com uma talha ou panela de barro, que imediatamente quebraram para, sôfregamente, ver o seu conteúdo. Nela nada encontraram, mas junto da mesma toparam com o machado de ferro que, pelas suas dimensões, forma estranha e grande peso faz lembrar uma guilhotina. Juntamente com o machado apareceram duas argolas ou arrecadas (brincos?) de metal. O machado guardaram-no. As argolas não se sabe onde param. Parece que as venderam.

Ao terminar este pequeno relatório não quero deixar de, mais uma vez, realçar a prestimosa colaboração que o Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa e o Sr. Professor Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, Delegado Escolar no concelho de Sabrosa, têm prestado às explorações arqueológicas que têm sido feitas no Castro de Sabrosa, o antigo *Castelo da Sancha* ou *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo* como vulgarmente lhe chama o povo da região.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Vogal da 1.<sup>a</sup> Subsecção da 2.<sup>a</sup> Secção da Junta  
Nacional de Educação



**Comunicações apresentadas e discutidas  
em sessões científicas da Sociedade**

**Em 1968**

*Os cromeleques dos Almendros e da Portela de Magos do concelho de Évora*, pelo Dr. Henrique de Leonor Pina; *Lagaretas e outros monumentos arqueológicos do concelho de Santa Comba Dão*, pelo Sr. José Luís Tocha Antunes; *Expressões da literatura popular mirandesa*, pelo P.<sup>o</sup> António Mourinho; *A submersão da Aldeia de Vilarinho das Furnas e o seu estudo integral*, pelo Prof. Santos Júnior; *Lápides lusitano-romanas inéditas da terra de Miranda*, pelo P.<sup>o</sup> António Mourinho; *Pedra singular da estação arqueológica de Numão*, pelo Dr. J. A. Pinto Ferreira; *Do carácter do trasmontano e sua fortaleza de corpo e alma*, pelo P.<sup>o</sup> António da Eira; *A festa do povo e dos artistas de Campo Maior*, pela D. Maria Helena Santana Curado; *Leyenda y realidad en la danza de alta cultura oriental*, pela D. Maria Helena Arizmendi; *As bodas à antiga em Barroso*, pelo P.<sup>o</sup> António Lourenço Fontes; *Rezas e crendices em Barroso*, pelo Sr. Barroso da Fonte; *Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) — Campanha de 1968*, pelo P.<sup>o</sup> Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida e *Espólio da Anta 1.<sup>a</sup> do Couto do Biscaia (Crato-Alto Alentejo)*, pelo Dr. Agostinho Isidoro.

**Em 1969**

*O notável monumento de Stonehenge*, pelo Dr. Henrique de Leonor Pina; *A danza iberoamérica*, pela D. Maria Helena Arizmendi e *A estação arqueológica de Benfica (Luanda)*, pelo Prof. Santos Júnior.

## Sócios da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

### SÓCIOS HONORÁRIOS

|   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| † Prof. Adolf Schulten, Alemanha          | Prof. Raymond Dart, Johannesburg  |
| † Prof. Guiseppe Sergi, Roma              | † Prof. Eugène Pittard, Suíça     |
| † Prof. Hugo Obermaier, Espanha           | Prof. Henri Vallois, França       |
| † Prof. José Leite de Vasconcelos, Lisboa | Prof. Julião de la Villa, Espanha |
| † Prof. Marcellin Boule, França           | Prof. Gilberto Freire, Brasil     |
| † Prof. Henri Breuil, França              | Prof. George Olivier              |
| Prof. Bosch-Gimpera, México               | † Prof. Émile Cartailhac, França  |
|   | † Prof. Salomon Reinach, França   |

### SÓCIOS CORRESPONDENTES

|   |  |
|---|--|
| † Dr. Ales Hrdlicka, Washington             | Prof. F. Fávero, Brasil                          |
| † Prof. Arthur Keith, Londres               | † Prof. F. J. Oliveira Vianna, Brasil            |
| Prof. Eduardo Hernandez Pacheco, Madrid     | † Prof. Fabio Frassetto, Itália                  |
| † Dr. Eugenius Frankowski, Cracovia         | † Dr. Falcone Lucifero, Itália                   |
| † Prof. Georges Hervé, Paris                | † Prof. Francisco de las Barras d'Aragon, Madrid |
| † Dr. H. ten Kate, Suíça                    | † Prof. G. Paul-Boncour, Paris                   |
| Prof. Manuel Anton y Ferrandiz, Madrid      | † Dr. George Leisner, Alemanha                   |
| † Prof. René Verneau, Paris                 | Dr. Henri Fischer, França                        |
| Prof. Sérgio Sergi, Roma                    | † Prof. J. Matiegka, Tchecoslováquia             |
| † Prof. Telesforo d'Aranzadi, Barcelona     | Prof. J. P. Kleiweg de Zwaan, Holanda            |
| † Prof. Vincenzo Guiffrida-Ruggeri, Nápoles | † Dr. Jean Beauvieux, França                     |
| † Prof. Yves Guyot, Paris                   | † Prof. Kazimierz Stobychwo, Polónia             |
| Prof. A. Bovero, Brasil                     | † Prof. Lucien Mayet, França                     |
| Prof. Alfredo Castellano, Argentina         | Prof. Luis Pericot y Garcia, Espanha             |
| Prof. Alfredo Niceforo, Roma                | † Prof. Mário Carrara, Itália                    |
| † Prof. Arturo Sabatini, Roma               | † Prof. Nello Puccioni, Itália                   |
| † Comte Bégouen, França                     | Prof. Otto Schlaginhaufen, Suíça                 |
| † Conde de la Vega del Sella, Espanha       | † Prof. Pedro Belou, Argentina                   |
| † Prof. E. Roquette Pinto, Brasil           | † Prof. Paul Rivet, França                       |
| † Prof. Eugen Fischer, Alemanha             | † Prof. Quintiliano Saldaña, Espanha             |
| † Prof. Egon Frhr. v. Eickstedt, Alemanha   | † Dr. Raymond Lantier, França                    |
|   | Dr. Renato Kehl, Brasil                          |
|   | † Prof. Th. Mollison, Alemanha                   |

- † Dr. Viktor Lebzelter, Áustria  
 Prof. Martin Almagro, Espanha  
 Prof. Santiago Alcobé, Espanha  
 Dr. José Carro Otero, Santiago de Compostela  
 Prof. Alberto Carlo Blanc, Roma  
 Dr. Jean Beauvieux, França  
 Prof. José Perez de Barradas, Espanha  
 Prof. J. A. Bauman, Suíça  
 Prof. Rodolph Antony Marie Bergman, Holanda
- † Dr. Álvaro de Las Cazas, Brasil  
 Dr. Pedro Calmon, Brasil  
 Prof. Gerardo A. de Carvalho, Brasil  
 Prof. Juan Comas, México  
 Prof. Victor Delfino, Argentina  
 Prof. D. António Fráguas Fráguas, Espanha  
 David Francis, Porto  
 Dr.<sup>a</sup> D. Denise Ferembache, França  
 Prof. Conte Vinigi L. Crotanilli, Itália  
 Prof. K. B. Lundborg, Suécia  
 Dr. António Castilho Lucas, Espanha  
 Eng.<sup>o</sup> Agustin Marin, Espanha  
 D. Bernardo Sáez Martin, Espanha  
 Prof. M. Martiny, Paris
- † Prof. Manuel Hidalgo Nieto, Espanha
- † Dr. Antonio Beltran Olartinez, Espanha
- Abbé Jean Roche, Paris  
 Prof. Râfael Jijema Sánchez, Argentina  
 Prof. Antonio Serrano, Argentina  
 Eng.<sup>o</sup> D. Primitvo Hernandez Sampalayo, Espanha  
 Prof. Julio Martinez Santa-Olalla, Espanha  
 Prof. José M.<sup>a</sup> Cordero Torres, Espanha
- † Prof. Dr. Karl Saller, Alemanha  
 Dr. José Filgueira Valverde, Espanha  
 Prof. Ramon Otero Pedrayo, Espanha  
 Dr. Fermin de Bouza-Brey, Espanha  
 Dr. Xaquim Lourenzo Fernandez, Espanha.  
 Prof. Alfredo Sachetti, Itália  
 Prof. Geovanni Tucci, Itália  
 Prof. Manuel Gomes-Tabanera, Espanha  
 D. Fernão Assunção, Uruguai  
 Prof. Mário Cappieri, Itália  
 Prof. Antonio Garcia y Bellido, Espanha.  
 Prof. Frois da Fonseca, Brasil  
 Prof. Juan Maloquer de Motes Espanha  
 Prof. José Pons, Espanha  
 Dona Maria Elena de Arizmendi, Espanha  
 Prof. Charles Wagley, U.S.A.

#### SÓCIOS EFECTIVOS

- † Prof. António Augusto Mendes Corrêa, Porto
- † Prof. Vergílio Corrêa, Lisboa  
 Prof. Eugénio Tamagnini, Coimbra
- † Prof. Henrique de Vilhena, Lisboa
- † Dr. Manuel Valadares, Lisboa
- † Dr. Cláudio Basto, Viana do Castelo
- † Prof. Joaquim Fontes, Lisboa
- † Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde, Porto
- † Dr. Eduardo de Sousa Soares Porto
- † Dr. José Álvares de Sousa Soares, Porto  
 Prof. António Corrêa da Costa e Almeida, Ermesinde
- † Visconde Guilhomil, Porto

- † Coronel António Leite de Magalhães, Lisboa
- † Prof. Joaquim Alberto Pires de Lima, Porto
- † Dr. António Simões Pina, Porto
- † Dr. Manuel Alves da Cunha, Luanda
- † P.º António de Miranda Magalhães, Luanda (Angola)
- † Dr. José Marques de Anciães Proença, Porto
- † Prof. Luís Bastos Viegas, Porto
- † Prof. Manuel Barbosa Soeiro, Lisboa
- † Prof. Hernâni Bastos Monteiro, Porto
- † Dr. Augusto de Carvalho e Almeida, Porto
- Major David Magno, Porto
- † Dr. Carlos Passos, Porto
- † Prof. J. Bettencourt Ferreira, Lisboa
- † Dr. Constâncio de Mascarenhas, Índia Portuguesa
- † Prof. João Gualberto de Barros e Cunha, Coimbra
- † Prof. Aarão Ferreira de Lacerda, Porto
- Dr. Simeão Pinto de Mesquita, Porto
- † Prof. José Pereira Salgado, Porto
- † Dr. Joaquim Pedro Victorino Ribeiro, Porto
- Dr. Humberto Pinto de Lima, Lisboa
- † Prof. Américo Pires de Lima, Porto
- † Dr. Artur de Magalhães Basto, Porto
- Prof. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, Maia
- † Prof. Domingos José Rosas da Silva, Porto
- † Prof. Aristides de Amorim Girão
- Prof. Amândio Joaquim Tavares, Senhora da Hora
- Arq.º Emanuel P. Vitorino Ribeiro, Porto
- Eng.º António Augusto Fortes de Lima, Porto
- Dr. Henrique Augusto Maia de Medina, Porto
- † Dr. José Augusto Castelo Branco e Castro, Porto
- † Dr. Vasco Nogueira de Oliveira, Porto
- † Prof. Alfredo Machado e Costa, Lisboa
- António Pereira Cardoso, Porto
- † José de Pinho, Amarante
- † Dr. Henrique d'Almeida Miranda, França
- † Eng.º Humberto E. Mendes Corrêa, Lisboa
- Eng.º Lerenó Antunes Barradas, Lourenço Marques
- † Dr. Luís António Rodrigues Lobo, Porto
- Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, Porto
- Prof. Álvaro A. Pinheiro Rodrigues, Porto
- Prof. António de Sousa Pereira, Porto
- Prof. Luís Jasé de Pina Guimarães, Porto
- Dr. Cláudio Flaviano Ferreira, África Oriental Portuguesa
- † Tenente-Coronel Manuel Afonso do Paço, Lisboa
- † Alberto Vieira Braga, Guimarães
- † Dr. Armando de Matos, Porto
- Coronel Mário Cardoso, Guimarães
- † Dr. Alexandre de Lima Carneiro, Santo Tirso
- † Abílio de Miranda, Penafiel
- Dr. Jaime Lopes Dias, Lisboa
- † Dr. Alberto Souto, Aveiro
- † P.º Eugénio Jalhay, Lisboa
- † António Santos Graça, Póvoa de Varzim
- † Dr. Augusto d'Oliveira, Lisboa
- Prof. Artur Ricardo Jorge, Lisboa
- † António Júlio Gomes, Chaves

- Prof. Fernando Frade Viegas da Costa, Lisboa
- † Dr. António Mesquita de Figueiredo, Lisboa
- Prof. Carlos Teixeira, Lisboa
- † Manuel Artur Dias Gaspar, Carapeços (Minho)
- † Dr. Ângelo Maia Mendes, Porto
- Dr.<sup>a</sup> D. Maria Irene Leite da Costa, Lisboa
- Prof. Arnaldo D. da Fonseca Rozeira, Porto
- Prof. Amilcar de Magalhães Mateus, Porto
- Dr. Jorge A. Martins d'Alte, Porto
- Dr. Justino Pinto d'Oliveira, Lamego
- † Conde d'Aurora, Porto
- Dr.<sup>a</sup> D. Leopoldina Ferreira Paulo, Porto
- † Prof. Fernão Couceiro da Costa, Porto
- Prof. Alberto Saavedra, Porto
- † Prof. Manuel de Melo Adrião, Porto
- † Dr. Casimiro de Morais Machado, Mogadouro
- Prof. João Manuel Coteló Neiva, Coimbra
- † Dr. João Espregueira Mendes, Porto
- Dr. António Barradas, Lourenço Marques
- † P.<sup>o</sup> José Monteiro de Aguiar, Termas de S. Vicente (Douro)
- Dr. António Paul, Porto
- Dr. António Liz Ferreira, U.S.A.
- P.<sup>o</sup> Avelino de Jesus Costa, Braga
- Dr. Alexandre Alberto Sarmiento, Lisboa
- Prof. António d'Almeida, Lisboa
- Prof. António José Adriano Rodrigues, Lisboa
- † D. Maria Clementina de Castro Pires de Lima Tavares de Sousa, Porto
- Prof. António Augusto Ferreira da Cruz, Porto
- Dr. Fernando Augusto de Barros Russell Cortez, Viseu
- † Dr. Luís da Silva Ribeiro, Açores
- Prof. Orlando da Cunha Ribeiro, Lisboa
- † Dr. António Nascimento Leitão, Lisboa
- Dr. António Francisco Fialho Pinto, Moura (Baixo Alentejo)
- Dr. Georges Zbyszewski, Lisboa
- † Maxime Vaultier, Lisboa
- † Jean Ollivier, Lisboa
- Prof.<sup>a</sup> D. Virgínia Rau, Lisboa
- † Dr. Joaquim Manuel Correia, Caldas da Rainha
- † Dr. Fernando da Silva Correia, Lisboa
- Leandro Quintas Neves, Neves (Carpalheiros)
- P.<sup>o</sup> António Maria Mourinho, Miranda do Douro
- António Vitor Guerra, Figueira da Foz
- † Fernando Alberto Guimarães Teixeira, Porto
- † Eduardo Santos, Porto
- † Dr. Álvaro E. Guimarães de Caires, Lisboa
- † Dr. Armando Tavares, Porto
- Dr.<sup>a</sup> D. Rosa Ferreira Lopes Castanho, Lisboa
- Eng.<sup>o</sup> Guilherme Felgueiras, Santo Amaro de Oeiras
- † Dr. José Formosinho, Lagos
- † Abel Viana, Beja
- Prof. António Jorge Dias, Lisboa
- † Dr. José Camarate de Andrade França, Lisboa
- Comandante Avelino Teixeira da Mota, Lisboa
- † Dr. Bertino Daciano, Porto
- Dr. Luciano José de Oliveira Ribeiro, Lisboa

- Dr. João Albino Pinto Ferreira, Porto
- Prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha, Lisboa
- Dr. João Manuel Bairrão de Oliveira e Silva Oleiro, Coimbra
- Eng.º Octávio da Veiga Ferreira, Lisboa
- Eng.º Luís d'Albuquerque e Castro, Porto
- Joaquim Norberto dos Santos, Maia
- Dr.ª D. Laura Peters Arriscado de Oliveira, Porto
- Fernando Barbedo Galhano, Lisboa
- Prof. Abel Sampaio Tavares, Porto
- Dr. Fausto José Amaral de Figueiredo, Estoril
- Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, Lisboa
- Dr. António Coelho de Sousa Machado, Porto
- Prof. D. Fernando de Almeida, Lisboa
- Prof. Almerindo Lessa, Lisboa
- Dr.ª D. Maria Emilia de Castro e Almeida Sousa Basto, Lisboa
- Dr.ª D. Maria Helena Serôdio Galhano, Porto
- Dr. João Maria Ribeiro Machado Cruz, Porto
- Dr. Eduardo da Cunha Serrão, Lisboa
- Eduardo Prescott Vicente, Lisboa
- Arqt.º Octávio Lixa Filgueiras, Porto
- prof. Manuel Correia Almeida Tavares, Viseu
- Dr. Carlos Lopes Cardoso, Lisboa
- Prof. Alberto Xavier da Cunha Marques, Coimbra
- Dr. Sérgio da Silva Pinto, Porto
- P.º António Simões Correia Serrão, Messjana (Baixo Alentejo)
- Eng.º Rui Freire de Andrade, Minas de Aljustrel (Baixo Alentejo)
- Dr. Agostinho Farinha Isidoro, Matosinhos
- Arqt.º Eduardo Martins Bairrada, Prof. Miguel Montenegro de Andrade, Porto.
- Dr. Manuel João Lemos e Sousa, Porto
- Dr. Adriano Vasco da Fonseca Rodrigues, Porto
- D. Domingos Pinho Brandão, Leiria
- Prof. Joaquim Pinto Machado Correia da Silva, Porto
- Benjamim Enes Pereira, Lisboa
- Prof. Arq. Rogério dos Santos Azevedo, Porto
- Dr. José Domingos Lampreia, Lisboa
- P.º António da Eira, Chaves
- † Elisero Fernandes Pinto, Vila do Conde
- Dr. António Augusto, Lourenço Marques
- João de Lemos Seixas Castelo Branco, Lisboa
- Dr. Levi Eugénio Pereira, Porto
- Dr. Eugénio Lapa Carneiro, Barcelos
- Dr. Carlos da Silva Lopes, Porto
- Prof. Manuel de Paiva Boléo, Coimbra.
- Dr. Manuel Luís de Macedo Farinha dos Santos, Lisboa
- Rafael Monteiro, Sesimbra
- José Rosa Araújo, Viana do Castelo
- Cronel Alberto de Sousa Machado, Viana do Castelo
- D. Margarida Ribeiro, Lisboa
- prof. José João Dias Mateus Rigaud de Abreu e Sousa, Porto
- P.º José Monteiro Vaz, Lisboa
- Joaquim Neves dos Santos, Matosinhos
- † Eng.º Porfírio Augusto Rebelo Boinito, Porto
- Olímpio Duarte Alves, Monte Real

- prof. Joaquim Ferreira Coelho, Porto  
 Dr. Osvaldo Alberto da Silva Freire, Porto  
 Dr. Mário de Castro Hipólito, Coimbra  
 Manuel Boaventura, Esposende  
 Dr. Jorge de Alarcão, Coimbra  
 Dr.<sup>a</sup> D. Adília Moutinho de Alarcão, Coimbra  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Manuela de Serpa Bettencourt e Silva, Sintra  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Arménia Gradim Dias, Matosinhos  
 Dr. Eduíno Borges Garcia, Caxias  
 Dr. António Cândido Ferreira de Abreu, Valongo  
 prof. Joaquim Roque, Lisboa  
 P.<sup>o</sup> António Alfaiate Marvão, Beringel  
 Dr.<sup>a</sup> D. Laura Elisa de Faria, Porto  
 Eng.<sup>o</sup> Germano dos Santos, Porto  
 Dr. Manuel Rodrigues Simões Júnior Arouca  
 Dr. Henrique Leonor Pina, Estarreja  
 Dr. Hírdino da Paixão Fernandes Bragança  
 Prof. Ferrand de Almeida, Coimbra  
 P.<sup>o</sup> Manuel de Magalhães dos Santos, Póvoa de Lanhoso  
 Dr. Ruy Acácio da Silva Luz, Leiria  
 Afonso Pinto de Magalhães, Porto  
 Albano Ferreira, Porto  
 Eurico Salles Viana, Castelo Branco  
 Dr. Flávio Gonçalves, Porto  
 Dr.<sup>a</sup> D. Teresa de Jesus Moura André, Valongo  
 Cônego Dr. Luciano dos Santos, Braga  
 Arqt.<sup>o</sup> Fernando Resende da Silva Magalhães Lanhos, Porto  
 Dr. Elvino José de Sousa Brito, Lisboa  
 Adélio Bernardino Marinho Macedo Correia, Barcelos  
 Feliciano Lopes Gomes, Barcelos  
 José António Oliveira Figueiredo, Barcelos  
 Dr. Gaspar Soares de Carvalho, Porto  
 prof. Manuel Vieira Dinis, Paços de Ferreira  
 Prof. José Fernando de Barros Castro Correia, Porto  
 Dr. Manuel Seabra, Matosinhos  
 George Edouard Marchand, Porto  
 Manuel Luís Campos de Sousa Real, Porto  
 Dr. António Tavares Simões Capão, Aveiro  
 P.<sup>o</sup> Joaquim Manuel Rebelo, Moncorvo  
 Carlos Manuel Nascimento Ervedosa, Luanda  
 António Augusto Montalvão, Chaves  
 Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Castelo da Maia  
 D. Maria Cristina Santos, Lisboa  
 P.<sup>o</sup> António Lourenço Fontes, Montalegre  
 Dr. João Barroso da Fonte, Chaves  
 Joaquim de Carvalho Ervedosa, Sabrosa  
 Manuel Alfredo de Sousa Castro Marques, Sabrosa  
 António Alberto Huet Bacelar Gonçalves, Porto  
 José Carlos Bernardo, Porto  
 Carlos Figueiredo Silva, Porto

## Índice

|  |     |
|--|-----|
| Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1918-1968) ... ..  | 5   |
| Sessão Solene Comemorativa do Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia ... ..  | 9   |
| O Professor Luís Viegas, 1.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia — Discurso do Prof. LUÍS DE PINA ... ..                         | 9   |
| O Professor Hernâni Monteiro, 3.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia — Discurso do Prof. ABEL TAVARES                            | 23  |
| O Professor Mendes Correia, fundador e 2.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia — Discurso do Prof. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR ... .. | 37  |
| ALEXANDRE SARMENTO e F. FIGUEIRA HENRIQUES — Contribuição para o estudo da Antropologia Física da Tribo Pombo (Angola) ... ..                                | 49  |
| ANTÓNIO DE ALMEIDA, MARIA EMÍLIA DE CASTRO E ALMEIDA e MIGUEL VIEIRA — Contribuição para o estudo do sistema ABO em Chineses de Macau ... ..                 | 57  |
| U. BOHNY et G. BAUMANN — Diagnostics typologiques sur profils ... ..   | 69  |
| FERMIN BOUZA-BREY y TRILLO — Las Noches de Tobías en las costumbres matrimoniales de Galicia ... ..  | 79  |
| MÁRIO CAPPIERI — The Mediterranean race in Asia before the iron age  | 85  |
| JUAN COMAS — Les types humaines au México d'après E. Domenech (1865) ... ..  | 107 |



|  |     |
|--|-----|
| RAYMOND A. DART — The bloodstone source of metallurgy ... ..   | 119 |
| DENISE FEREMBACHE — Deux crânes d'enfants provenant de Moita do Sebastião (Epipaléolithique, Portugal) ... ..                            | 131 |
| FERNANDO O. ASSUNÇÃO — Algo mas sobre los bailes populares de la region de Miranda do Douro: «O Galandum» y «O Pingacho»                 | 141 |
| GUILHERME FELGUEIRAS — O mundo vegetal no conceito popular. Fitopatologia, Práticas e crenças supersticiosas de feição dendrolátrica ... | 163 |
| AGOSTINHO FARINHA ISIDORO — Antas do concelho de Portalegre ... ..   | 181 |
| RAYMOND LANTIER — Peintures rupestres et vie prehistorique ... ..  | 193 |
| JAIME LOPES DIAS — Os Congressos de Folclore na Comunidade Luso-Brasileira ... ..  | 211 |
| JOÃO AMORIM MACHADO CRUZ — Regime Comunitário Pastoril na Serra Amarela (Ermida — Ponte da Barca) ... ..                                 | 215 |
| MARGARIDA RIBEIRO — Mulheres fumadoras ... ..  | 231 |
| P. <sup>o</sup> ANTÓNIO MOURINHO — Contribuição para o Rimanceiro Mirandês ...   | 243 |
| NUNO RODRIGUES GRANDE e A. CADETE LEITE — Variações musculares no membro superior em africanos de Angola ... ..                          | 267 |
| L. QUINTAS NEVES — Achegas para um possível e necessário rol dos achados da «Idade do Bronze», no distrito de Viana do Castelo           | 273 |
| P. <sup>o</sup> JOAQUIM MANUEL REBELO — Quadros do Folclore de Trás-os-Montes e Alto Douro ... ..  | 281 |
| JOSÉ JOÃO RIGAUD DE SOUSA — Novo molde de lucernas aparecidas em Braga ... ..  | 309 |
| ROGÉRIO AZEVEDO — As <i>Moiras</i> da Fonte de Numão ... ..  | 313 |
| ALFREDO SACCHETTI — La recherche demogénétique ... ..  | 323 |
| J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — Os «Cantares» de Rosalia de Castro e o povo galego em alguns aspectos da sua Etnografia de há cem anos ...     | 333 |
| GIOVANNI TUCCI — Studi e ricerche sul rombo in Italia ... ..   | 363 |

**Vária:**

|   |     |
|---|-----|
| Silos de secção trapezoidal (MARGARIDA RIBEIRO) ... ..                            | 379 |
| Escavações no Castro de Sabrosa em 1968 (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR)                 | 384 |
| Comunicações apresentadas e discutidas em sessões científicas da Sociedade ... .. | 390 |
| Sócios da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia ... ..                 | 391 |

